Danielle Steel

Autora de FINAL DE VERÃO e GALOPE DE AMOR

Um Amor Conquistado

2ª EDIÇÃO

MAIS DE 65 MILHÕES DE EXEMPLARES
DOS LIVROS DE DANIELLE STEEL
JÁ FORAM VENDIDOS EM TODO O MUNDO

Um AMOR CONQUISTADO

Danielle Steel

RECORD

Título original: Full Circle

Tradução: Aulyde Soares Rodrigues

Projeto gráfico: Noemi Reyes

1984 by Benitreto Productions, Ltd.

Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Realização: Sintagma

Para Alex Haley,

meu irmão,

meu amigo,

com muito, muito amor.

Para Isabella Grant, com amor e admiração e imensa gratidão.

E com amor especial e um muito obrigado a Lou Blau.

E sempre,

sempre,

para John,

com meu coração e

minha alma.

D.S.

Primeira Parte

OS PRIMEIROS ANOS

Capítulo 1

Na tarde de quartafeira, 11 de dezembro, o país estava ainda atordoado. A lista completa das baixas e os nomes dos mortos já tinham sido publicados, e lenta, lentamente,

nos últimos dias, o monstro da vingança erguia sua cabeça. Em quase todos os corações americanos pulsava algo até então desconhecido. Finalmente nos atingiram em

casa, e não era apenas uma questão do congresso declarar a guerra. Havia muito mais do que isso, muito, muito mais. Havia uma nação, um povo cheio de pavor, raiva,

e o medo súbito de que podia acontecer ali também. Aviões de combate japoneses podiam aparecer no céu a qualquer momento do dia ou da noite e lançar a destruição

em cidades como Chicago e Los Angeles, Omaha… Boston… Nova York… uma idéia apavorante. A guerra não estava mais acontecendo a “eles”, remota e distante, estava

acontecendo para nós.

E enquanto se dirigia apressadamente para o leste no vento gelado, Andrew Roberts, com a gola do sobretudo levantada, imaginava o que Jean iria dizer. Ele já sabia

há dois dias. Quando assinou seu nome não tinha nenhuma dúvida, contudo, ao voltar para casa e olhar para ela, as palavras ficaram presas na garganta. Mas agora

não tinha mais escolha. Teria de contar essa noite. Precisava. Dentro de três dias partiria para San Diego.

O trem da Terceira Avenida passou ruidosamente lá

em cima quando seus pés começaram a subir os degraus da casa estreita onde moravam. Estavam ali a menos de um ano e quase não notavam mais o barulho do trem. No

começo fora difícil, à noite abraçavam-se fortemente e riam, deitados na cama. Até os lustres estremeciam quando o trem passava rápido, mas agora estavam acostumados.

E Andy gostava do apartamento pequenino. Jean o mantinha impecavelmente limpo, levantando-se às vezes às cinco da manhã para fazer pãezinhos de geléia para ele e

deixava tudo limpo e arrumado antes de sair para o trabalho. Ela era mais maravilhosa do que Andy tinha imaginado e nesse momento, girando a chave na fechadura,

ele sorria satisfeito. Um vento gelado assobiava no corredor e duas lâmpadas estavam queimadas, mas assim que pôs os pés no apartamento, tudo era alegre e claro.

Havia cortinas brancas de organdi engomado feitas por Jean, um pequeno e bonito tapete azul, capas para os móveis que ela aprendera a fazer em um curso noturno.

E os móveis comprados de segunda mão brilhavam como novos sob os cuidados de suas mãos operosas. Ele olhou em volta, e subitamente sentiu a primeira pontada de arrependimento

desde que se alistara. Era uma dor quase visceral a idéia de contar a ela que ia sair de Nova York dali a três dias, e de repente seus olhos se encheram de lágrimas

e compreendeu que não sabia quando ia voltar… quando… ou se,., mas que diabo, essa não era a questão, disse para si mesmo. Se não fosse lutar contra os japas,

então quem iria? E se não lutassem, algum dia os filhos da mãe estariam voando sobre suas cabeças e bombardeando Nova York… e aquela casa… e Jean.

Sentou-se na poltrona que ela havia estofado com um pano verde-escuro

aconchegante, e se perdeu nos próprios pensamentos… San Diego… Japão… Natal… Jean…

não sabia há quanto tempo estava ali sentado quando de repente, sobressaltado, ergueu os olhos. Acabava de ouvir a chave na fechadura. Ela abriu toda a porta, os

braços carregados com sacolas do supermercado, e a princípio não o viu, então deu um pulo quando acendeu a luz e ele estava sorrindo para ela, o cabelo louro caindo

sobre um dos olhos como

sempre, os olhos verdes fixos nela. Era ainda tão bonito quanto no dia em que se conheceram. Andy tinha 17 anos na ocasião, e ela 15… seis anos… Andy tinha só

23.

- Oi, meu bem, o que está fazendo aqui?

- Vim para casa para ver você. - Aproximou-se dela e segurou as sacolas nos braços fortes, e ela voltou os olhos grandes castanho-escuros para ele com a mesma expressão

de encanto com que sempre o olhava. Ele a impressionava tanto, sempre fora assim, estava no segundo ano da faculdade, curso da noite, fazia parte da equipe de atletismo,

do time de futebol, durante alguns meses até machucar o joelho, e era uma das estrelas do basquete quando se conheceram no seu último ano. E não parecia menos heróico

agora para ela. Na verdade, parecia até mais, e Jean se orgulhava dele. Conseguira um bom emprego. Vendia Buicks na maior revendedora de Nova York e ela sabia que

chegaria a gerente… algum dia… ou talvez voltasse a estudar. Haviam conversado sobre isso. Mas por enquanto levava para casa um bom ordenado e combinado com

o que ele ganhava, viviam bem. Jean sabia como fazer um dólar se multiplicar. Há muito tempo fazia isso. Seus pais morreram em um acidente de carro quando tinha

18 anos, e desde então trabalhava para viver. Felizmente, já havia acabado o curso de secretariado e era uma moça inteligente. Há quase três anos trabalhava em uma

firma de advocacia. E Andy também se orgulhava dela. Era tão bonitinha quando

saía para o trabalho com suas roupas elegantes feitas por ela, e chapéus e luvas cuidadosamente

escolhidos, depois de verificar o estilo da loja e pedindo a opinião de Andy para garantir que tinha comprado a coisa certa. Ele sorriu para ela, enquanto Jean tirava

as luvas e jogava o chapéu preto na grande poltrona verde.

- Como foi o seu dia, beleza?

Gostava de brincar com ela, segurá-la nos braços, beijar seu pescoço, ameaçar tomá-la à força quando chegava do trabalho. Era sem dúvida algo muito diferente do

comportamento severo dela no trabalho. Certa vez ele a visitara no escritório e a atitude discreta e séria da mulher quase

o assustou. Mas ela sempre fora esse tipo de moça. E, na verdade, ficara muito mais descontraída depois do casamento. Estava começando a aprender a relaxar. Ele

beijou a nuca da mulher e Jean sentiu um arrepio na espinha.

- Espere, preciso guardar as compras… - Ela sorriu misteriosamente e tentou tirar uma das sacolas da mão dele, mas Andy não deixou e beijou-a nos lábios.

- Por que esperar?

- Andy… ora, vamos…

As mãos dele moviam-se ardorosamente pelo corpo da mulher, tirando o manto pesado, desabotoando o paletó do costume. As sacolas de compras há muito foram postas

de lado, e os dois de pé, lábios e corpos apertados um contra o outro, até Jean se afastar para respirar. Ela estava rindo, mas isso não desencorajou as mãos de

Andy.

- Andy… o que deu em você…?

Ele riu malicioso, temendo fazer alguma observação que a deixasse muito chocada.

- Não pergunte.

Com outro beijo impediu que ela falasse, acabou de tirar o casaco dela, o paletó, a blusa, tudo com uma só mão, e logo depois a saia caiu ao chão também, revelando

a cinta de meia de renda branca e a calcinha combinando, meias de seda com costura e um par de pernas absolutamente sensacionais. Passou a mão pelas nádegas dela,

apertando-a contra seu corpo, e Jean não resistiu quando o marido a fez deitar no sofá. Começou a tirar a roupa dele no momento em que o trem passou barulhentamente

e os dois começaram a rir.

- Droga de trem… - murmurou ele enquanto desabotoava o sutiã com uma das mãos, sorrindo.

- Sabe, eu até gosto do barulho agora…

Dessa vez era Jean quem o beijava e logo depois seus corpos estavam confundidos como suas bocas haviam estado, e horas pareceram ter passado antes que um deles falasse

quebrando o silêncio da sala. A luz da cozinha estava ainda acesa, mas a sala de estar continuava às escuras, bem como o pequeno quarto de dormir ao lado. Porém,

mesmo

no escuro, sentia que Jean olhava para ele.

- Está acontecendo alguma coisa, não está?

Jean sentira um aperto no estômago durante toda aquela semana. Conhecia muito bem o marido.

- Andy…?

Ele ainda não sabia o que dizer. Não era mais fácil agora do que há dois dias. E seria muito pior no fim da semana. Mas teria de dizer. Só queria que não fosse naquele

momento. Pela primeira vez em três dias, perguntava se tinha feito a coisa certa.

- Não sei o que dizer.

Mas intuitivamente ela sabia. Seu coração se apertou quando olhou para ele no escuro, os olhos muito abertos, o rosto já tristonho, como sempre. Jean era muito diferente

de Andy. Nos olhos dele havia sempre luz, sempre uma frase alegre nos lábios, uma piada, um pensamento divertido. Andy tinha olhos felizes e um sorriso fácil. A

vida sempre fora boa para ele. Mas não com Jean. Possuía o nervosismo tenso dos que enfrentaram dificuldades desde o nascimento. Filha de pais alcoólatras, com uma

irmã epilética que morrera aos 13 anos, na cama, ao lado de Jean, então com nove, órfã aos 18, lutando quase desde que nasceu e, apesar disso tudo, tinha um certo

estilo inato, uma alegria de viver que nunca pudera florescer e que Andy sabia desabrocharia com o tempo se fosse bem cuidada. E ele cuidava, de todos os modos possíveis.

Mas não podia facilitar as coisas para ela agora, e a antiga amargura que vira nos olhos dela quando se conheceram apareceu outra vez.

- Você vai partir, não vai?

Fez um gesto afirmativo e as lágrimas assomaram aos olhos escuros e profundos enquanto Jean deitava a cabeça no sofá onde acabaram de fazer amor.

- Não fique assim, benzinho, por favor…

Ela o fazia sentir-se um filho da puta e subitamente, incapaz de enfrentar o sofrimento da mulher, levantou-se e atravessou a sala para apanhar um maço de Camel

no bolso do paletó. Nervosamente bateu o cigarro no maço, acendeu e sentou na poltrona verde na frente do sofá. Jean

chorava abertamente agora, mas não pareceu surpresa.

- Eu sabia que você ia fazer isso.

- Tenho de fazer, meu bem.

Ela fez um gesto afirmativo. Parecia compreender, mas isso não aliviava a dor. Pareceu levar horas para ter coragem de perguntar o que queria saber, mas finalmente

perguntou:

- Quando?

Andy Roberts engoliu em seco. Foi a coisa mais difícil que já dissera em sua vida.

- Daqui a três dias.

Ela pareceu encolher-se e fechou os olhos outra vez, balançando a cabeça enquanto as lágrimas escorriam pelo seu rosto.

E nos três dias seguintes, nada mais foi normal. Ela não foi trabalhar e freneticamente procurava fazer tudo para ele, lavando sua roupa de baixo,

guardando as meias,

fazendo biscoitos para ele levar no trem. Suas mãos pareciam voar durante o dia todo, como se, mantendo-as ocupadas pudesse se manter controlada e ao mesmo tempo

segurar Andy. Mas não adiantava. No sábado à noite, ele a obrigou a deixar tudo, a parar de colocar na mala roupas que ele não ia usar, doces que não ia comer, tomou-a

nos braços e finalmente ela desmoronou.

- Oh, meu Deus, Andy… não posso… como vou viver sem você…?

Ele sentiu como se tivesse um imenso vazio no peito quando olhou nos olhos dela e viu o que fizera. Mas não tinha escolha… nenhuma escolha… era um homem… tinha

de lutar… seu país estava em guerra… e o pior era que, embora lamentando o que estava fazendo com ela, sentia uma excitação nova com a idéia de ir para a guerra,

como se fosse uma oportunidade que jamais teria, algo que tinha de fazer quase como um ritual místico, para ser um homem. E isso o fazia sentir-se culpado também.

Mais tarde, naquela noite, sua resistência chegou ao limite. Sentia-se tão indeciso entre as mãos possessivas de Jean e o que tinha de fazer que desejou que tudo

tivesse acabado e já estivesse no

trem, a caminho do seu destino. Devia se apresentar na estação Grande Central às cinco horas da manhã. Quando finalmente levantou-se no quarto pequenino para se

vestir, olhou para ela, mais calma agora, exaurida de lágrimas, mais resignada. Para Jean, de um certo modo terrível, desesperado e assustador era como a perda da

irmã ou dos pais outra vez. Andy era tudo o que lhe restava. E teria preferido morrer a perdê-lo. E de repente ele também a abandonava.

- Você vai ficar bem, não vai, amor? - Ele sentou-se na beirada da cama, olhando para ela, desejando desesperadamente uma certeza da parte dela, e Jean sorriu com

tristeza, estendendo a mão para a dele.

- Acho que tenho de ficar, não é mesmo? - Então sorriu novamente, um sorriso quase misterioso. - Sabe o que eu queria? - Os dois sabiam. Que ele não fosse para a

guerra. Ela leu os pensamentos do marido e beijou as pontas dos dedos dele. - Fora isso… queria ter engravidado nesta semana.

Com as emoções dos últimos dias, tinham ignorado as precauções. Andy estava consciente disso, mas havia tanta Coisa para pensar. Só esperava que não fosse a época

perigosa. Mas agora, olhando para ela, ficou em dúvida. Durante todo aquele ano foram tão cuidadosos. Desde o começo haviam concordado em não ter filhos por algum

tempo, pelo menos não no primeiro ano, até os dois conseguirem empregos melhores, ou talvez Andy voltasse à faculdade para mais dois anos. Não tinham pressa, eram

jovens, mas agora… naquela semana, toda a sua vida ficara de cabeça para baixo.

- Eu mais ou menos pensei no que podia estar acontecendo esta semana… Acha que poderia…? - Parecia preocupado. Não era de modo algum o que ele desejava. Não

queria que ela ficasse grávida sozinha, com ele Deus sabe onde, na guerra.

Jean ergueu os ombros.

- Pode ser… - Então sorriu outra vez e sentou-se na cama. - Eu aviso você.

- Ótimo. É só o que nos faltava. - Ele pareceu subitamente aborrecido e olhou nervoso para o relógio na mesa-de-cabeceira. Quatro e dez. Precisava ir.

- Talvez seja. - E então, apressada, como se achasse que devia contar antes que ele partisse. - Eu estava falando sério, Andy. Eu gostaria muito.

- Agora? - Parecia chocado e ela fez um gesto afirmativo com a cabeça, sua voz um murmúrio no pequeno quarto.

- Sim, agora.

Capítulo 2

O trem passou barulhento lá fora pelas janelas do apartamento de Jean Roberts, criando a única brisa que ela sentia há dias, sentada imóvel na frente das janelas

abertas. Era como se todo o prédio se tivesse transformado em um inferno, com o calor escaldante de agosto subindo das calçadas, queimando as paredes do prédio.

E às vezes à noite tinha de sair da cama e sentar ao lado da janela para aproveitar a brisa da passagem do trem. Ou sentava-se no banheiro enrolada em uma toalha

molhada. Parecia não conseguir se refrescar e o bebê piorava a situação. Era como se todo o seu corpo estivesse a ponto de explodir e quanto mais calor sentia, mais

o bebê dava pontapés, como se estivesse abafado também. Jean sorriu com a idéia. Mal podia esperar para ver o bebê agora… faltavam só quatro semanas… quatro

semanas par a ter seu filho… esperava que fosse parecido com Andy. Ele estava no Pacífico agora, fazendo exatamente o que queria fazer, “lutando contra os japoneses”,

como dizia nas cartas, embora de certa forma as palavras a magoassem. Uma das moças que trabalhava no seu antigo emprego era japonesa e fora muito boa para ela quando

soube que estava grávida. Procurou até protegêla quando, no começo, enjoava tanto a ponto de não poder fazer nada. Arrastava-se para o trabalho e ficava olhando

para a máquina de escrever, rezando para não vomitar antes de chegar ao banheiro. A firma a mantivera no emprego durante seis meses, o que tinha sido uma atitude

decente, mais do que as outras firmas faziam, Jean sabia, mas acharam que era a atitude patriótica certa, por causa

de Andy, como lhe contara em uma das suas cartas. Escrevia para ele quase todos os dias, embora raramente tivesse notícias mais de uma vez por mês. Geralmente ele

estava cansado demais para escrever, e as cartas levavam um tempo enorme para chegar. Bem diferente do que vender Buicks em Nova York, dissera Andy em uma carta,

fazendo Jean rir com suas observações sobre a comida e os companheiros. De um modo ou de outro, sempre conseguia fazê-la rir. Andy fazia com que tudo parecesse melhor

do que era, e depois de ler suas cartas, Jean nunca sentia medo. No começo, ficara apavorada, especialmente quando começou a enjoar. Quando soube que estava grávida

atravessou um período de agonizante conflito. Tinha parecido uma idéia tão boa a princípio, naqueles últimos dias antes da partida dele, mas quando teve certeza

entrou em pânico. Significava que teria de deixar o emprego, que estaria sozinha, e como ia se manter e ao bebê? Também tivera um medo desesperado da reação dele,

mas Andy pareceu tão entusiasmado que suas dúvidas desapareceram, e então já estava grávida de cinco meses, e não mais tão nervosa.

Nos últimos meses tivera tempo para transformar o pequeno quarto em quarto de criança. Tudo feito por ela mesma, em renda inglesa com fitas, costurando e fazendo

tricô, touquinhas, sapatinhos e casaquinhos. Pintou até lindos murais nas paredes e nuvens no teto, e uma das suas vizinhas a havia censurado por estar fazendo aquele

trabalho, em cima da escada. Mas Jean não tinha nada mais a fazer agora que deixara o emprego. Havia economizado cada centavo e estava recebendo o soldo de Andy

do exército. Ia precisar de tudo o que tinha para o bebê e, se pudesse, ficaria em casa durante os primeiros meses, depois disso, arranjaria uma babá e voltaria

a trabalhar. Esperava que a velha sra. Weissman do quarto andar ficasse com o bebê durante o dia. Era uma mulher carinhosa, com jeito de avó que morava há anos no

prédio e ficara muito entusiasmada quando soube que Jean ia ter um filho. Ela a visitava todos os dias e às vezes tarde da noite, sem poder dormir por causa do calor,

batendo de leve na porta quando

via que a luz estava acesa.

Mas, nessa noite, Jean não acendera a luz. Apenas sentou-se no escuro, sufocada pelo calor, ouvindo trem após trem, até pararem por algum tempo, recomeçando um pouco

antes do nascer do dia. Jean viu o sol nascer. Imaginava se voltaria a respirar normalmente e deitar na cama sem ter a impressão de que estava sendo sufocada. Certos

dias eram realmente muito difíceis e o calor e o trem não ajudavam muito. Eram quase oito horas da manhã quando bateram na porta e Jean pensou que fosse a sra. Weissman.

Vestiu o robe cor-de-rosa e foi para a porta descalça. Graças a Deus só faltavam quatro semanas. Começava a pensar que não agüentaria por muito mais tempo.

- Oi… - Abriu a porta com um sorriso cansado, esperando ver a amiga, e corou quando percebeu que era um estranho, um estranho de uniforme marrom e boné

com debrum

cor de mostarda, estendendo um envelope amarelo para ela. Jean olhou para ele, sem compreender, sem querer compreender porque sabia muito bem o que significava,

e o homem parecia sorrir maliciosamente. Era como se o rosto dele estivesse distorcido. Jean cambaleou com o choque e o calor, segurando o envelope e abrindo-o sem

dizer uma palavra. E lá estava, exatamente o que ela temia, olhou outra vez para o mensageiro da morte, fixando o olhar nas palavras escritas no seu uniforme, a

boca abrindo-se para um grito, e caiu aos pés dele silenciosamente, enquanto o homem, horrorizado, gritava por socorro. Tinha 16 anos e nunca estivera tão perto

de uma mulher grávida antes. Duas portas se abriram no corredor, pés correram no andar de cima e logo a sra. Weissman estava aplicando compressas frias na testa

de Jean, enquanto o rapaz recuava lentamente e depois voltando-se, disparava escada abaixo. Tudo o que queria era sair daquele prédio abafado. Jean começou a gemer,

e a sra. Weissman com duas outras senhoras a levaram para o sofá onde ela estava dormindo

agora. O mesmo sofá em que o bebê fora concebido, onde ela fizera amor com Andy… Andy… Andy…

“Sentimos informar… seu marido morreu a serviço da pátria… morto em ação em Guadalcanal… em ação… em ação…” Sua cabeça estava girando e ela não podia ver

os rostos das mulheres.

- Jean…? Jean…

Repetiam seu nome e havia alguma coisa fria no seu rosto. Elas se entreolhavam

e olhavam para ela. Helen Weissman leu o telegrama e rapidamente mostrou para as outras.

- Jean…

Ela voltou a si lentamente, mal podendo respirar. Elas a ajudaram a sentar-se no sofá e a obrigaram a tomar um pouco d'água. Olhou com expressão vazia para a sra.

Weissman e então se lembrou, e os soluços a sufocaram mais do que o calor, e não conseguia respirar, só podia chorar e se agarrar à mulher que a abraçava… ele

estava morto… como os outros… como mamãe e papai e Ruthie… desaparecera… ele tinha desaparecido… nunca mais o veria… Jean choramingava quase como uma

criança, sentindo no coração um peso que jamais sentira, nem pelos outros.

- Está tudo bem, querida, está tudo bem…

Mas todas sabiam que não estava e que nunca mais estaria, não para o pobre Andy.

As outras voltaram para seus apartamentos um pouco depois, mas Helen Weissman ficou. Não lhe agradava o olhar parado de Jean, aquele modo de ficar sentada imóvel,

olhos parados e subitamente começar a soluçar, ou o soluçar terrível que ela ouvira na noite passada quando, depois de deixar Jean por algum tempo, voltara, abrindo

a porta que não estava trancada, para ver como ela estava, como havia feito durante o dia todo. A sra. Weissman telefonou para o médico de Jean, antes dele sair

para o consultório. Ele disse que sentia muito o acontecido e avisou que Jean podia entrar em trabalho de parto por causa do choque, exatamente o que a sra. Weissman

temia, e exatamente o que suspeitou quando viu Jean apertar as costas com as mãos fechadas várias vezes naquela noite,

enquanto andava inquieta pelo pequeno apartamento, como se o espaço tivesse se tornado pequeno demais para ela nas últimas horas. Seu mundo havia desmoronado e não

tinha

para onde ir. Não havia nem mesmo um corpo para mandar para casa… somente a lembrança de um rapaz alto, louro e belo… e o bebê no seu ventre.

- Você está bem? - O sotaque de Helen Weissman provocou um leve sorriso em Jean. Estava no país há quarenta anos mas falava ainda com um pronunciado sotaque alemão.

Era uma mulher sensata e carinhosa e gostava de Jean. Perdera o marido há trinta anos e nunca mais se casou. Tinha três filhos em Nova York que a visitavam uma vez

ou outra, quase sempre para deixar com ela os netos, e um filho que tinha um bom emprego em Chicago. - Está sentindo alguma dor? - Observava Jean atentamente e esta

começou a balançar a cabeça negativamente. O corpo todo estava dolorido, depois de um dia inteiro chorando, mas por dentro parecia anestesiada. Não sabia o que estava

sentindo, apenas dores, calor e inquietação. Arqueou as costas para trás.

- Estou bem. Por que não vai dormir um pouco, sra. Weissman? - Sua voz estava rouca por ter chorado tanto. Olhou para o relógio da cozinha e notou que 15 horas haviam

se passado desde o recebimento do telegrama que falava de Andy… 15 horas, pareciam 15 anos… mil anos… começou a andar pela sala outra vez, enquanto Helen Weissman

a observava.

- Quer sair para andar um pouco? - O trem passou naquele momento e Jean balançou a cabeça. Estava muito quente para andar, embora fossem 11 horas da noite. E de

repente Jean sentiu mais calor do que havia sentido durante todo o dia.

- Acho que vou tomar alguma coisa gelada. Serviu um copo de limonada da jarra na geladeira, a

bebida deu-lhe uma sensação agradável, mas voltou quase que imediatamente. Jean correu para o banheiro e vomitou até não ter mais nada no estômago e depois voltou

para a sala muito pálida.

- Você deve se deitar.

Obedientemente ela concordou. Mas não se sentiu bem deitada. Era mais fácil ficar sentada, por isso, tentou novamente a poltrona verde confortável, mas após alguns

minutos percebeu que não podia fazer aquilo também. Sentia dores agudas nas costas e uma sensação estranha na barriga, e Helen Weissman deixou-a sozinha outra vez

à meianoite, depois de insistir para que a chamasse se tivesse algum problema. Mas Jean tinha certeza de que não ia precisar. Apagou as luzes e ficou sozinha no

apartamento silencioso, pensando no marido… Andy… nos grandes olhos verdes e no cabelo louro e liso… campeão de atletismo… ídolo do futebol… seu primeiro

e único amor… o rapaz pelo qual se apaixonara loucamente na primeira vez que o viu, e, pensando nele, sentiu uma pontada na barriga que se estendeu até as costas

e depois outra, e outra, e sim, outra, e agora mal podia respirar. Ficou de pé insegura, nauseada, foi até o banheiro, e durante quase uma hora com as dores pulsando

no seu corpo, os espasmos de vômito dilacerando sua alma, e finalmente, fraca, quase inconsciente, começou a chamar Andy. Foi ali que Helen Weissman a encontrou

a uma e meia da manhã. Resolvera dar mais uma olhada antes de se deitar. A

noite estava quente demais para dormir e por isso ela ainda estava acordada, contrariando

seus hábitos. E agradeceu a Deus por isso, quando encontrou Jean. Voltou ao seu apartamento, telefonou para o médico, e para o hospital que prometeu mandar uma ambulância

imediatamente. Rapidamente trocou a camisola por um vestido de algodão, agarrou a bolsa, ficou com as sandálias que estava usando e voltou para o apartamento de

Jean, para envolvê-la com um roupão de banho e dez minutos mais tarde ouviram a ambulância. Helen ouviu, mas Jean parecia não ouvir nada, chorando e com os espasmos

de vômito, e Helen tentou acalmá-la. Quando chegaram ao Hospital Nova York, Jean se contorcia de dores chamando por Andy, e o bebê não demorou para nascer. As enfermeiras

a levaram em uma maca móvel e não tiveram tempo de fazer mais nada. A menininha forte de 2,7 quilos e

cabelos negros com as mãozinhas fortemente fechadas apareceu chorando alto. Helen Weissman viu mãe e filha

uma hora depois. Jean misericordiosamente sedada, afinal,

a menininha cochilando tranqüila.

E voltou para seu apartamento naquela noite pensando nos anos de solidão que Jean Roberts tinha pela frente, criando sozinha a criança, viúva aos 22 anos. Helen

passou a mão pelo rosto enxugando as lágrimas quando o trem passou rugindo às quatro e meia daquela manhã. Helen sabia o tipo de devoção necessária para criar sozinha

uma criança, uma espécie de fanatismo religioso, uma ânsia solitária para fazer tudo por aquele bebê que jamais conheceria o pai.

No dia seguinte Jean olhou para o bebê quando o levaram para mamar pela primeira vez, olhou para o rostinho miúdo, o cabelo escuro e sedoso que, segundo as enfermeiras,

devia cair com o tempo, e instintivamente soube o que teria de fazer por ele. A criança não a assustou de modo nenhum. Era o que ela queria. A filha de Andy. Sua

última dádiva para ela e ela a protegeria com a própria vida, faria tudo o que fosse possível, daria a ela o que havia de melhor. Viveria, respiraria e trabalharia

para isso, e daria àquela menininha a própria alma.

A boquinha em forma de botão trabalhava ativamente e Jean sorriu à sensação diferente. Não podia acreditar que apenas 24 horas haviam se passado desde a notícia

da morte de Andy, quando uma enfermeira entrou no quarto para ver se tudo estava bem. Mãe e filha pareciam estar ótimas e o bebê nascera com bom tamanho, considerando

o fato de ter se adiantado quase quatro semanas.

- Parece que ela tem bom apetite. - A mulher com uniforme e touca engomados olhou para as duas. - O pai já viu? - Eles não podiam saber… ninguém sabia… exceto

Jean e Helen Weissman. Seus olhos se encheram de lágrimas e balançou a cabeça. A enfermeira bateu de leve no seu braço, sem compreender. Não, o pai ainda não a tinha

visto, e nunca a veria. - Que nome vai dar a ela?

O assunto fora discutido nas cartas e finalmente haviam concordado no nome para uma menina, embora ambos quisessem um menino. Engraçado, depois do primeiro momento

de surpresa e quase desapontamento, uma menina

parecia agora muito melhor, como se tivesse sido escolha dos dois o tempo todo.

A natureza às vezes faz bem as coisas. Se fosse menino teria o nome do pai. Mas Jean

havia descoberto um nome e com os olhos brilhando de orgulho, com a filha nos braços, disse:

- O nome dela é Tana Andréa Roberts. Tana… - Gostou do som e achou que combinava perfeitamente com a menininha.

A enfermeira sorriu e tirou a criança dos braços de Jean. Arrumou as cobertas com uma das mãos e olhou para Jean.

- Descanse um pouco agora, sra. Roberts. Trago Tana outra vez quando chegar a hora.

A porta se fechou e Jean arriou as pálpebras, tentando não pensar em Andy mas só na filha dos dois… não queria pensar em como ele morrera, no que tinham feito

com ele… se teria chamado seu nome… e um fraco soluço subiulhe aos lábios, enquanto se virava na cama, deitando-se de bruços pela primeira vez em muitos meses,

o rosto escondido no travesseiro, e ali ficou e soluçou por um tempo que lhe pareceu infinito, até dormir e sonhar com o rapaz louro que tinha amado… e com a menininha

que havia deixado para ela… Tana… Tana.

Capítulo 3

O telefone tocou na mesa de trabalho de Jean Roberts apenas uma vez. Ela atendeu com seu modo vivaz e eficiente, adquirido em longos anos na direção de um cargo

de grande responsabilidade. O emprego praticamente caíra no seu colo há 12 anos. Estava então com 28 anos, Tana com seis, e tinha a impressão de que sairia gritando

se tivesse de trabalhar mais um dia em outra firma de advocacia. Teve três empregos em seis anos, cada um mais tedioso do que o outro, todos em firmas de advocacia.

Mas o ordenado era bom e agora tinha Tana. Tana sempre vinha em primeiro lugar. Tana em quem o sol se erguia e punha para Jean.

- Pelo amor de Deus, deixe a garota respirar… - uma das suas companheiras de trabalho dissera certa vez, e Jean passara a tratá-la friamente desde então. Sabia

exatamente o que estava fazendo quando a levava ao teatro e ao bale, a museus, bibliotecas, galerias de arte e concertos sempre que podia, ajudando-a a inalar cada

gota de cultura. Quase cada centavo do que ganhava era usado para a educação, sustento e diversão de Tana. E tinha guardado toda a pensão de Andy. Com tudo isso,

a menina não era mimada. Mas Jean queria que ela tivesse as boas coisas da vida, as coisas que ela raramente tivera e que considerava importantes. Era difícil imaginar

agora se teriam tido esse tipo de vida se Andy estivesse vivo. Provavelmente ele teria alugado um barco para velejarem no Long Island Sound,

teria ensinado Tana a nadar muito cedo, a procurar mariscos, ou a correr no parque, andar de bicicleta… ele teria adorado a menininha loura que se parecia tanto

com ele. Alta, esbelta, loura, olhos verdes, com o mesmo sorriso cintilante do pai. E as enfermeiras do hospital estavam certas, o cabelo negro e sedoso tinha caído

sendo substituído por uma penugem dourada que, com o tempo, se transformou em uma cabeleira lisa da cor do trigo. Era uma jovem bonita, e Jean sempre se orgulhara

dela. Conseguira até tirar Tana da escola pública quando fez nove anos, matriculando-a na escola de miss Lawson. Significava muito para Jean e era uma esplêndida

oportunidade para Tana. Arthur Durning a havia ajudado, insistindo em que se tratava de um pequeno favor. Ele sabia o quanto era importante uma boa escola. Tinha

dois filhos, um na exclusiva escola Catedral e o outro na Williams, em Greenwich, e eram respectivamente dois e quatro anos mais velhos do que Tana.

O emprego aconteceu quase por acidente quando Arthur foi à firma de advocacia onde ela trabalhava para uma série de longas conferências com Martin Pope, um dos sócios.

Jean estava trabalhando há dois anos para Pope, Madison e Watson, e estava morta de tédio, mas o salário era mais do que podia esperar. Não podia se dar ao luxo

de procurar um “emprego interessante”. Precisava sempre pensar em Tana. Pensava nela dia e noite. Toda sua vida girava em torno da filha, como explicou para Arthur

quando ele a convidou para um drinque depois de vê-la durante mais de dois meses nas suas conferências com Martin Pope.

Arthur e Marie estavam separados nessa ocasião. Na verdade, ela estava em uma “instituição” na Nova Inglaterra. Ele aparentemente não gostava de falar no assunto,

e Jean não insistiu. Tinha os próprios problemas e responsabilidades. Não chorava nos ombros dos outros a perda do marido, a manutenção da filha, as responsabilidades,

os encargos, os temores. Sabia o que queria para Tana, o tipo de vida, a educação, os amigos. Daria a ela segurança, a qualquer custo, o tipo de vida que ela jamais

tivera. E sem que Jean precisasse dizer muito, Arthur compreendeu.

Ele era presidente de um dos maiores conglomerados do país, indústria de plástico, vidro, embalagens para alimentos e até interesses em petróleo no Oriente Médio.

Era um homem extremamente rico. Mas Jean gostava do seu modo tranqüilo e simples.

Na verdade, muita coisa em Arthur Durning a agradava, e quando ele a convidou para jantar, logo depois do primeiro encontro para um drinque, ela aceitou. Depois

saíram outras vezes e antes de um mês estavam tendo um caso. Ele era o homem mais interessante que Jean Roberts já conhecera. Uma aura tranqüila de poder quase palpável

o envolvia, era tão forte, e vulnerável ao mesmo tempo, e Jean sabia o que ele tinha sofrido com a mulher. Finalmente ele contou. Marie tornara-se alcoólatra logo

depois do nascimento do segundo filho, e Jean conhecia muito bem esse tipo de sofrimento, tendo visto os pais quase se matarem de tanto beberem e no fim, conseguindo,

bêbados, em um acidente na estrada coberta de gelo na véspera do Ano-Novo. Marie também tivera um acidente com o carro cheio de meninas, filhas das amigas que levava

para a escola. Ann e as amigas tinham dez anos e uma das meninas quase morreu. Marie Durning concordou em se internar depois disso, mas Arthur não tinha muita esperança

em sua cura. Marie estava com 35 anos e há dez era alcoólatra, e Arthur se sentia desesperadamente cansado de tudo aquilo. O bastante para se apaixonar por Jean.

Com 28 anos, Jean tinha uma dignidade que o agradava, e, ao mesmo tempo, uma expressão bondosa nos olhos. Parecia se importar realmente com tudo e especialmente

com a filha. Sua ternura básica veio à tona e era exatamente o que ele precisava naquele momento. A princípio, Arthur não sabia bem o que sentia por ela, nem o que

fazer com o que sentia. Ele e Marie estavam casados há 16 anos e Arthur tinha

42. Não sabia o que fazer com as crianças, com a casa… com sua vida… com Marie.

Naquele ano tudo parecia tão precário e era um modo de vida estranho para ele, um modo de vida que não gostava. Não levou Jean à sua casa, no começo, para não perturbar

os filhos, mas afinal estavam se encontrando quase

todas as noites e ela começou a cuidar das coisas para ele. Contratou duas novas empregadas, um jardineiro que ele nem teve tempo de conhecer, organizou alguns

dos pequenos jantares de negócios que ele gostava de dar, uma festa de Natal para as crianças, ajudou-o a escolher um novo carro. Tirou até alguns dias de folga

para breves viagens com ele. De repente era como se estivesse dirigindo a vida dele e ele não pudesse mais funcionar sem ela, e Jean se perguntava o que isso podia

significar, e bem no fundo do coração sabia a resposta. Estava apaixonada por ele e ele por ela e assim que Marie estivesse suficientemente bem para saber, ele se

divorciaria e se casaria com Jean.

Porém, em vez disso, depois de seis meses, Arthur lhe ofereceu um emprego, Jean hesitou. Não queria trabalhar para ele. Estava apaixonada e ele era maravilhoso,

mas pela sua descrição era como se estivesse abrindo uma janela para a paisagem com que há anos sonhava. Poderia fazer exatamente o que vinha fazendo há seis meses,

como amiga. Organizar reuniões, contratar empregados, providenciar para que as crianças tivessem as roupas adequadas, os amigos certos, as governantas certas. Arthur

achava que Jean tinha um gosto fabuloso e não sabia que tudo o que ela e Tana

usavam era feito por ela. Tinha até forrado os móveis do seu pequeno apartamento. Moravam

ainda no mesmo prédio pequeno, por onde antes passava o trem da Terceira Avenida e Helen Weissman ainda cuidava de Tana quando Jean estava trabalhando. Mas com o

emprego proposto por Arthur ela poderia mandar Tana para uma boa escola, podia até usar a influência dele para isso. Podia se mudar para um apartamento maior. Arthur

era dono de um prédio no Upper East Side. Não era Park Avenue, disse ele com um sorriso lento, mas muito melhor do que o lugar onde ela morava. Quando citou o salário,

Jean quase teve um ataque. E o trabalho seria tão fácil para ela.

Se não fosse por Tana talvez não tivesse aceito. Seria mais fácil não dever nada a ele, contudo era uma oportunidade maravilhosa de estarem juntos o tempo todo…

e quando Marie ficasse boa… Arthur tinha uma secretária executiva

na Durning International, mas havia um pequeno escritório isolado que dava para o salão de conferências ao lado do escritório luxuoso de Arthur. Ela o veria todos

os dias, estariam juntos, Jean seria praticamente essencial para ele, como já estava se tornando aos poucos. “Seria mais ou menos a mesma coisa”, disse ele, pedindo

a ela para aceitar, oferecendo maiores benefícios e salário ainda maior. Arthur já dependia dela, precisava dela, e, indiretamente, seus filhos também precisavam,

embora ela ainda não os conhecesse. Mas era a primeira pessoa em quem ele tinha confiado em muitos anos. Por quase duas décadas todos haviam dependido dele, e agora

havia alguém em quem podia confiar, que jamais o desapontaria. Arthur tinha pensado muito no assunto e queria Jean ao seu lado para sempre, ele disse, e

naquela

noite, na cama, pediu outra vez para que aceitasse o emprego.

Finalmente, embora tivesse na aparência lutado tanto, foi uma escolha fácil, e toda sua vida parecia um sonho agora quando ia para o trabalho, depois de ter passado

a noite com ele. Os filhos de Arthur estavam acostumados com o fato de o pai passar algumas noites na cidade. E a casa em Greenwich estava agora com um quadro completo

de empregados. Arthur não se preocupava mais com eles, embora Ann e Billy tivessem passado por um mau pedaço depois que Marie se foi, mas agora pareciam menos ansiosos

com a situação. E quando conheceram Jean foi como se há muito tempo fossem amigos. Ela os levava ao cinema com Tana freqüentemente, comprava brinquedos para eles,

roupas, fazia parte do revezamento para levar as crianças de carro ao colégio, ia à escola deles e às peças de teatro da escola quando Arthur estava viajando e tomava

conta dele melhor ainda. Arthur estava como um gato bem alimentado, lambendo as patas ao lado do fogo e sorrindo para ela naquela noite no novo apartamento que arranjara

para Jean. Não era suntuoso, mas para Tana e Jean era mais do que suficiente, dois quartos, sala de estar, sala de jantar, uma bela cozinha. O prédio era moderno

e bem construído e muito limpo, além de ter vista para o East River da

janela da sala. Não se comparava ao velho apartamento ao lado do elevado do trem.

- Quer saber de uma coisa? - Ela olhou para ele com um sorriso. - Nunca fui tão feliz em minha vida.

- Nem eu.

Mas isso foi apenas alguns dias antes de Marie Durning tentar o suicídio. Alguém contou a ela que Arthur estava tendo um caso, embora não tivesse dito com quem,

e depois disso a situação ficou delicada. Seis meses mais tarde, os médicos começaram a falar em mandá-la para casa e Jean já estava trabalhando para Arthur há mais

de um ano. Tana estava satisfeita na nova escola, na nova casa, na nova vida, e Jean também. E subitamente foi como se tudo tivesse parado. Arthur foi visitar Marie

e voltou para casa aborrecido.

- O que foi que ela disse? - Jean perguntou com os olhos arregalados de pavor.

Ela estava agora com trinta anos. Queria segurança, estabilidade, não um caso clandestino para o resto da vida. Mas jamais fizera objeção àquela vida porque sabia

o quanto Marie Durning estava doente e o quanto isso o preocupava. Mas na semana anterior Arthur falara em casamento. Agora, olhou para ela com uma expressão de

sofrimento que Jean nunca vira, como se não lhe restasse nenhuma esperança, nenhum sonho.

- Disse que se não puder voltar para casa, para nós, tentará o suicídio outra vez.

- Mas ela não pode fazer isso com você. Não pode continuar com ameaças pelo resto da sua vida. - Jean sentiu vontade de gritar, mas a verdade era que Marie podia

ameaçar e ameaçava.

Marie voltou para casa três meses depois disso, com um tênue controle de sua sanidade. No Natal daquele mesmo ano voltou ao hospital, para casa na primavera, e dessa

vez agüentou até o outono, quando começou a beber exageradamente nos almoços de bridge com as amigas. Isso continuou por mais de sete anos.

Quando saiu do hospital pela primeira vez, Arthur ficou tão transtornado que pediu a Jean para ajudá-la. “Ela

está tão indefesa, você não compreende… ela não é como você, querida. Não pode enfrentar as coisas comuns… mal consegue pensar.” E por amor a Arthur, Jean se

encontrou na posição pouco invejável da amante tomando conta da mulher. Passava dois ou três dias na semana em Greenwich, com Marie, tentando ajudá-la a dirigir

a casa. Marie tinha um medo desesperado dos empregados; todos eles sabiam que ela bebia. E os filhos também. A princípio eles a viam com desespero, e finalmente,

com desprezo. Ann era quem mais a odiava, Billy chorava quando via a mãe embriagada. Era um espetáculo de pesadelo e, como Arthur, depois de alguns meses, Jean estava

encurralada. Não podia deixar Marie… teria sido como abandonar seus pais. Era como se dessa vez ela tivesse de consertar as coisas. Apesar disso, no fim, Marie

teve morte quase igual à dos pais de Jean. Ia encontrar Arthur na cidade para o bale e Jean jurou que ela estava sóbria quando saiu de casa, pelo menos pensou que

estivesse, mas Marie devia ter uma garrafa com ela. Derrapou em uma camada de gelo na rodovia Merritt a caminho para Nova York e morreu instantaneamente.

Ambos ficaram gratos por Marie jamais ter sabido do Seu caso e o pior de tudo foi que Jean acabara gostando dela. No enterro, chorou mais do que os filhos, e só

depois de algumas semanas concordou em dormir com Arthur novamente. Estavam juntos há oito anos e agora ele teve medo do que as crianças poderiam dizer. - Em todo

caso, tenho de esperar um ano.

Jean não discordou e, de qualquer modo, passavam

muito tempo juntos, Arthur era atencioso e delicado. Jean

não tinha queixas. Mas era importante para ela que Tana

não suspeitasse do caso entre eles mas, finalmente, depois

de um ano da morte de Marie, ela acusou a mãe.

- Eu não sou boba, você sabe, mamãe. Eu sei o que está acontecendo.

Ela era alta e esbelta como Andy e tinha a mesma luz maliciosa nos olhos, como se estivesse sempre a ponto de sorrir, mas não desta vez. Sofrerá por muito tempo

e seus olhos soltavam faíscas.

- Ele trata você como lixo há muitos anos. Por que não se casa com você em vez de entrar e sair sorrateiramente no meio da noite?

Jean a esbofeteou, mas Tana não pareceu se importar. Tinha havido muitos dias de Ação de Graças que passaram sozinhas, muitos Natais com caixas de presentes caros,

mas só as duas, enquanto ele ia ao country clube na companhia de amigos. Mesmo no ano que Ann e Billy haviam passado as festas com os avós.

- Ele nunca está aqui quando sua presença seria importante! Não vê isso, mamãe? - Lágrimas enormes rolaram dos seus olhos e ela soluçou. Jean evitou olhar para a

filha. Sua voz estava rouca quando tentou responder por ele.

- Isso não é verdade.

- É sim. Ele sempre te deixa sozinha. E trata você como se fosse uma empregada. Você dirige a casa dele, leva os filhos dele para todo o canto, e ele te dá relógios

de brilhante, braceletes de ouro e bolsas, pastas para papéis e perfumes, e daí? Onde está ele! Isso é que importa, não é?

O que Jean podia dizer? Negar a verdade à filha? Seu coração se partiu vendo o quanto Tana sabia.

- Ele faz o que tem de fazer.

- Não, não faz. Faz o que quer. - Era muito observadora para uma menina de 15 anos. - Ele quer ficar em Greenwich com todos os amigos, ir a Bal Harbour no verão

e a Palm Beach no inverno, e quando vai a Dállas a negócios, leva você. Mas alguma vez a convidou para Palm Beach? Alguma vez nos convidou? Já deixou que Ann e Billy

soubessem o quanto você significa para ele? Não. Ele sai daqui sorrateiramente para que eu não saiba o que está se passando, pois bem, eu sei… droga… eu sei…

Todo seu corpo tremia de raiva. Vira a dor nos olhos de Jean muitas vezes durante todos aqueles anos e estava assustadoramente próxima da verdade, Jean tinha de

admitir. A verdade era que aquele arranjo era conveniente para ele, e Arthur não tinha forças suficientes para nadar contra a corrente e enfrentar os filhos. Tinha

pavor do que eles

podiam pensar do seu caso com Jean. Era um dínamo nos negócios, mas não podia lutar nas mesmas guerras em casa. Jamais tivera a coragem de desmascarar o blefe de

Marie e simplesmente deixá-la, atendera todos os seus caprichos de alcoólatra até o fim. E agora estava fazendo o mesmo com os filhos. Mas tinha suas preocupações

também. Não gostou do que Tana disse e tentou conversar com Arthur naquela noite, mas ele a interrompeu com um sorriso de desinteresse. Tivera um dia cansativo e

Ann estava lhe dando algum trabalho.

- Todos eles têm idéias próprias nessa idade. Que diabo, veja os meus.

Billy estava com 17 anos e fora detido por acusação de dirigir embriagado duas vezes naquele ano e Ann acabava de ser expulsa do primeiro ano de Wellesley, com 19

anos. Queria ir à Europa com amigos, enquanto Arthur queria que ela passasse algum tempo em casa. Jean a convidara para almoçar tentando convencê-la, mas ela não

lhe dera atenção e disse que ia conseguir o que queria do pai no fim do ano.

E conseguiu. Passou o verão no sul da França, conheceu um playboy francês de 37 anos e se casou com ele em Roma. Ficou grávida, perdeu a criança e voltou para Nova

York com olheiras profundas e quase viciada em drogas. Naturalmente o casamento aparecera na imprensa internacional e Arthur ficou horrorizado quando conheceu o

“rapaz”. Gastou uma fortuna para comprá-lo, mas conseguiu e deixou Ann em Palm Beach para se “recuperar”, como ele disse, mas ao que parece ela tratou de arranjar

muitos problemas lá também, andando a noite toda com rapazes da sua idade, ou com os pais deles, quando tinha oportunidade. Ann era uma moça decidida de um modo

que Jean não aprovava, mas tinha 21 anos e Arthur pouco podia fazer. Ela herdara muito dinheiro da mãe e tinha agora tudo o que precisava para fazer o que bem entendesse.

Voltou à Europa e fez o diabo antes de completar 22 anos. A única coisa que dava alguma alegria a Arthur era o fato de Billy ter conseguido ficar em Princeton naquele

ano apesar das

encrencas em que havia se metido.

- Pode-se dizer que eles não nos dão muita paz de espírito, não é mesmo, amor?

Agora passavam noites tranquilas em Greenwich, mas quase sempre ela insistia em voltar de carro para casa, por mais tarde que fosse. Os filhos dele não estavam mais

em casa, mas Jean tinha Tana e nem pensaria em passar a noite fora a não ser que a filha estivesse na casa de uma amiga ou esquiando em algum lugar no fim de semana.

Jean esperava poder manter certos padrões e isso atingia Arthur.

- Sabe de uma coisa, no fim eles fazem o que querem, de qualquer modo, Jean. Por melhor que seja o exemplo que você dá.

De certa forma era verdade, mas ele não discutia muito o assunto. Estava acostumado a passar as noites sozinho, o que valorizava as vezes em que acordavam lado a

lado na cama. Pouca paixão restava no relacionamento. Mas era confortável para ambos, especialmente para ele. Jean não pedia mais do que ele podia dar e Arthur sabia

o quanto era grata por tudo que tinha feito por ela durante todos aqueles anos. Tinha lhe dado uma segurança que Jean talvez jamais tivesse sem ele, um emprego maravilhoso,

uma boa escola para a filha, e pequenos extras sempre que podia, viagens, jóias, peles. Para ele eram pequenas extravagâncias, e embora Jean Roberts fosse ainda

muito hábil com agulha e linha, não precisava mais forrar os móveis nem fazer as próprias roupas, graças a ele. Tinha uma faxineira duas vezes por semana, um teto

confortável sobre a cabeça e Arthur sabia que ela o amava. Ele também a amava,

mas criara seus hábitos e nenhum dos dois falava em casamento há anos. Agora não era

mais necessário. Os filhos estavam crescidos, ele tinha 54 anos, seu império ia bem, e Jean era ainda atraente, embora com uma aparência de matrona já há alguns

anos. Arthur gostava dela assim, e parecia incrível que 12 anos tivessem se passado. Jean fizera quarenta anos naquela primavera. Arthur a levara para passar uma

semana em Paris. Era quase como um sonho. Jean comprou dezenas de pequenos tesouros para Tana e a encantou com infindáveis histórias, incluindo a do seu jantar de

aniversário no Maxim's. Era sempre triste voltar para casa depois de uma viagem como aquela, acordar

de manhã sozinha outra vez, procurar por ele no outro lado da cama e não encontrar ninguém, mas tinha vivido desse modo por tanto tempo que isso não incomodava muito,

ou pelo menos era o que dizia a si mesma, e depois daquele desabafo há três anos, Tana nunca mais a acusara de nada. A jovem ficara envergonhada mais tarde. Sua

mãe sempre fora boa para ela.

- Eu só quero o melhor para você… isso é tudo… quero que você seja feliz… que não esteja sozinha o tempo todo…

- Não fico sozinha, querida - as lágrimas encheram os olhos de Jean. - Eu tenho você.

- Não é a mesma coisa. - Abraçara-se à mãe então

o assunto proibido nunca mais foi mencionado. Mas não havia nenhuma afeição entre Tana e Arthur, o que sempre

perturbava Jean. Na verdade, teria sido difícil para ela se ele insistisse em se

casar por causa do que Tana sentia por

ele. Para ela, Arthur tinha usado sua mãe durante 12 anos

sem dar nada em troca.

- Como pode dizer isso? Devemos tanto a ele! - Lembrava-se do pequeno apartamento sob o trem elevado, do qual Tana não se lembrava, dos cheques insignificantes,

dos dias em que nem podia comprar carne para a filha, OU de quando comprava costeletas de carneiro e um pequeno bife de carne bovina para Tana e comia macarrão durante

três ou quatro dias.

- O que devemos a ele? O aluguel deste apartamento? Você trabalha, podemos ter um apartamento igual a este, mamãe. Poderia fazer muita coisa por nós sem ele.

Mas Jean não tinha tanta certeza. Teria medo de deixálo agora, deixar o emprego na Durning International, deixar de ser seu braço direito, não ter o apartamento,

o emprego, a segurança que ele representava… o carro, que ele

trocava de dois em dois anos para que ela pudesse ir a Greene voltar com facilidade. A princípio tivera uma perua

por causa do revesamento das mães no transporte das crianças para a escola. Mas os dois últimos foram menores, lindos Mercedes esporte que ele comprava e trocava

para ela. Era mais, muito mais que os presentes caros que a unia a ele. Algo como saber que Arthur estava sempre ali para ela, quando precisava dele. Ficaria apavorada

se não tivesse isso, e estavam juntos há tanto tempo! Não importa o que Tana pensasse, Jean não poderia deixar tudo aquilo agora.

- E o que vai acontecer quando ele morrer? - Tana perguntou certa vez

francamente. - Você ficará sozinha, sem emprego, sem nada. Se ele ama você, por que não se

casa, mamãe?

- Acho que é mais cômodo para nós assim.

Os olhos de Tana eram grandes, verdes e frios, como os de Andy quando não concordava com ela.

- Isso não é suficiente. Ele deve mais do que isso a você. É tão fácil para ele.

- É fácil para mim também, Tan. - Nessa noite não conseguiu discutir com a filha. - Não preciso me acostumar com as manias de ninguém. Vivo como quero. Faço minhas

próprias leis. E quando eu quero, ele me leva a Paris, Londres ou Los Angeles. Não é uma vida ruim.

Ambas sabiam que essa não era exatamente a verdade, mas não havia meio de mudar as coisas. Estavam habituados com a rotina, os dois. E enquanto arrumava os papéis

na mesa, de repente sentiu a presença de Arthur na sala. Sempre sabia quando ele estava presente, como se, há muitos anos um radar tivesse sido implantado no seu

coração especialmente designado para localizá-lo. Arthur entrara silenciosamente no escritório de Jean, que ficava perto do dele, e estava olhando para ela quando

ergueu os olhos.

- Alô - ela cumprimentou com o sorriso que só os dois compartilhavam por mais de 12 anos e era como um raio de sol no coração dele. - Como foi o seu dia?

- Melhor agora. - Não se viam desde o meiodia, o que não era comum para eles.

Sempre se encontravam diversas vezes durante a tarde, tomavam café juntos todas as manhãs e geralmente ele

a levava para almoçar. Tinha havido comentários aqui e ali durante todos aqueles anos, especialmente logo depois da morte de Marie, mas foram diminuindo e as pessoas

pensavam que eram amigos, ou, se fossem amantes, era um caso muito discreto e sem solução, portanto ninguém se deu ao trabalho de continuar comentando. Arthur sentou-se

na sua poltrona favorita na frente da mesa dela e acendeu o cachimbo. O cheiro do fumo era algo que Jean aprendera a gostar como parte dele e estava em todos os

lugares em que ele vivia, inclusive no quarto de Jean com vista para o East River.

- Que tal passar o dia em Greenwich comigo, amanhã, Jean? Por que nós dois não faltamos ao trabalho, para variar? - Ele raramente fazia isso, mas nas últimas sete

semanas tinha trabalhado arduamente em uma fusão comercial e Jean achou que um dia de folga ia lhe fazer bem, desejando ao mesmo tempo que pudessem fazer isso com

maior freqüência. Mas sorriu para ele com ar de desculpa.

- Gostaria de poder. Amanhã é nosso grande dia.

Ele sempre se esquecia dessas coisas. Mas, na verdade, Jean não esperava que Arthur se lembrasse da formatura de Tana. Ele pareceu não compreender e Jean disse sorrindo:

- Tana.

- Oh, naturalmente - ele sacudiu o cachimbo no ar e franziu a testa. Jean riu. - Que bobagem a minha. Ainda bem que você nunca depende de mim como eu dependo de

você, do contrário teria problemas o tempo todo.

- Duvido muito. - Sorriu carinhosamente e algo muito confortável passou entre

os dois outra vez. Era quase como se não precisassem mais das palavras. E apesar das

coisas que Tana dissera naqueles anos, Jean Roberts não precisava de nada além do que tinha agora. Ali sentada, ao lado do homem que amava há tanto tempo, sentia-se

completamente satisfeita.

- Ela está entusiasmada com a formatura? - Sorriu para Jean. Era ainda uma mulher muito atraente. O cabelo começava a ficar grisalho, os olhos eram grandes e escuros

e havia algo delicado e gracioso nos seus modos. Tana era mais esguia, mais alta, quase ousada, com uma beleza que faria os homens parar na rua nos próximos

anos. Ia estudar no Green Hill College no coração do sul, e conseguira entrar por seu próprio esforço. Arthur achava que era uma escolha estranha para uma moça do

norte, pois a universidade estava cheia de belezas do sul, mas tinha um dos melhores programas de linguagem dos Estados Unidos, excelentes laboratórios e um sólido

programa de belas-artes. Tana fizera a própria escolha, conseguira bolsa de estudos total com suas notas, e estava pronta para se lançar na vida. Tinha um emprego

em um acampamento de verão na Nova Inglaterra, e começaria a estudar em Green Hill no outono. E no dia seguinte teria seu grande dia - a formatura.

- Se o volume da sua vitrola é indicação do que está sentindo - sorriu Jean - então está praticamente histérica há um mês.

- Oh, meu Deus, não me faça lembrar disso… por favor… Billy e quatro amigos devem chegar na próxima semana. Eu me esqueci de dizer. Querem ficar na casa de hóspedes

e provavelmente vão incendiar tudo por lá. Telefonou ontem à noite. Graças a Deus vão ficar aqui só duas semanas, antes de seguirem seu caminho.

Billy Durning estava com vinte anos, mais rebelde do que nunca, a julgar pela correspondência que Jean lia da escola. Mas provavelmente estava reagindo à morte da

mãe, pensava ela. Fora difícil para todos. Especialmente para Billy. Tinha 16 anos quando a mãe morreu, uma idade difícil em qualquer circunstância e as coisas começavam

a melhorar agora.

- Por falar nisso, ele vai dar uma festa. No sábado, eu acho. Eu fui “informado” e ele pediu para avisar você.

- Farei a devida anotação - disse ela, sorrindo. - Algum pedido especial?

Arthur sorriu. Jean os conhecia bem.

- Uma orquestra, e pediu para nos prepararmos para trezentos convidados. A propósito, diga a Tana. Ela vai

gostar. Billy pode pedir a um dos seus amigos para apanhá-la na cidade.

- Vou dizer. Tenho certeza de que ficará satisfeita. Mas só Jean sabia que estava mentindo. Tana tinha

odiado Billy durante toda a sua vida, mas Jean a obrigava a ser atenciosa quando eles se encontravam, e pretendia recomendar a mesma coisa agora. Ela devia ser um

pouco gentil com Billy e aceitar o convite para a festa, depois de tudo o que o pai dele havia feito por elas. Jean não permitia que ela se esquecesse disso.

-…Não vou. - Tana olhou para Jean com ar obstinado, o estéreo em um volume ensurdecedor no seu quarto. Paul Anka murmurava Encoste a cabeça no meu ombro e Tana

já tocara o disco pelo menos sete vezes, para desespero de Jean.

- Já que ele foi delicado convidando, você pode pelo menos comparecer, nem que seja por pouco tempo. - Já haviam discutido o assunto antes, mas Jean estava

resolvida

a vencer desta vez. Não queria que Tana fosse pouco delicada.

- Como posso ir por pouco tempo? Leva quase uma hora para chegar lá, e outra hora para voltar… e daí, o que eu faço, fico dez minutos? - Jogou para trás os longos

cabelos cor de trigo com um ar de desespero. Sabia o quanto a mãe era insistente em qualquer coisa que se relacionasse com os Durning. - Ora, vamos, mamãe, não somos

mais crianças. Por que tenho de ir se não quero? Porque é indelicado dizer não? Não posso ter outros planos? De qualquer modo, vou para a universidade daqui a duas

semanas e quero ver meus amigos. Não temos nos vistos ultimamente… - Parecia aborrecida e Jean sorriu.

- Falamos disso depois, Tana.

Mas Tana sabia como eram essas conversas. Quase deixou escapar um gemido. Sabia que a mãe ia ser obstinada sobre a festa de Billy Durning e ele era horrível, na

opinião de Tana. Não se podia negar, e Ann era pior ainda. Esnobe, presunçosa e por mais que procurasse ser delicada com

Jean, parecia sempre complacente. Tana sabia que provavelmente Ann era uma prostituta, tinha visto como bebia demais em algumas das festas de Billy e o modo condescendente

com que tratava Jean dava a Tana vontade de esbofeteá-la. Mas Tana sabia também que qualquer comentário dos seus verdadeiros sentimentos provocaria uma briga outra

vez. Já acontecera antes, e não estava disposta naquela noite.

- Só quero que compreenda como me sinto agora, mamãe. Não vou à festa.

- Temos ainda uma semana. Por que decidir esta noite?

- Só estou dizendo… - Os olhos verdes estavam tempestuosos e ameaçadores e Jean sabia que era melhor não irritá-la nessas ocasiões.

- O que descongelou para o jantar hoje?

Tana conhecia a tática, a mãe era muito boa nisso, mas resolveu entrar no jogo e acompanhou a mãe até a cozinha.

- Tirei um bife para você. Vou jantar com alguns amigos.

Parecia um tanto encabulada. Por mais que quisesse ter a própria vida, detestava deixar Jean sozinha. Sabia o quanto a mãe lhe havia dado, quanto tinha se sacrificado

por ela. Era a coisa que Tana melhor compreendia. Devia tudo à mãe e não a Arthur Durning, ou aos seus filhos egoístas e mimados.

- Você se importa, mamãe? Não preciso sair. - Sua voz era suave e parecia ter mais de 18 anos. Havia algo muito especial entre as duas. Há tanto tempo estavam juntas

sem mais ninguém, tinham compartilhado os bons e maus tempos, a mãe jamais a desapontara, e Tana era uma filha carinhosa e atenciosa.

Jean sorriu.

- Quero que saia com seus amigos, querida. Amanhã é um dia muito especial para você.

Iam jantar no 21 na noite seguinte. Jean só ia a esse restaurante com Arthur, mas a formatura de Tana era uma ocasião bastante especial para esse tipo de extravagância,

e agora Jean não precisava ser tão econômica. Seu salário na Durning International era enorme, pelo menos comparado com o que ganhava como secretária há 12 anos,

mas era cautelosa por natureza, e sempre um pouco preocupada. Tivera muitas

preocupações naqueles 18 anos, desde a morte de Andy, e às vezes dizia a Tana que por

isso tudo tinha dado certo. Jean passara toda a sua vida se preocupando, um contraste completo com o modo descuidado de Andy, e Tana se parecia muito com ele. Havia

nela mais alegria do que na mãe, mais vivacidade, mais riso, mais descontração para com a vida, mas na verdade a vida fora mais fácil para ela com Jean para amá-la

e protegêla, e Tana sorriu vendo a mãe apanhar uma frigideira para fazer o bife.

- Mal posso esperar amanhã. - Ficou comovida ao saber que Jean ia levá-la ao 21.

- Eu também. Onde vocês vão esta noite?

- Ao Village, comer pizza.

- Tenha cuidado. - Jean franziu a testa. Sempre se preocupava com Tana, não importava onde ela fosse.

- Sempre tenho.

- Vão rapazes também para proteger vocês? - Ela sorriu. Às vezes era difícil saber se seriam proteção ou ameaça, e às vezes eles eram as duas coisas. Lendo a mente

da mãe, Tana riu e acenou afirmativamente.

- Vão sim. Agora vai ficar mais preocupada?

- Vou. Naturalmente.

- Você é uma boba, mas eu te amo mesmo assim. - Passou os braços pelo pescoço da mãe, beijou-a e desapareceu no quarto, aumentando mais ainda o volume da música.

Jean fez uma careta e surpreendeu-se cantando também. Sem dúvida ouvira o

disco vezes sem conta, mas quando finalmente desligou o aparelho e reapareceu com um vestido

branco de bolas negras grandes e cinto largo de verniz também negro, sapatos brancos, Jean subitamente percebeu como era agradável o silêncio. E no mesmo instante

pensou no quanto o apartamento ficaria silencioso quando Tana partisse, silencioso demais. Seria como um túmulo sem Tana.

- Divirta-se.

- Vou me divertir. Não volto tarde.

Não vou contar com isso. - A mãe sorriu.

Com 18 anos, Tana não tinha mais hora para chegar em casa. Jean sabia que isso seria impossível e Tana era bastante responsável na maior parte das vezes. Ouviu quando

Tana chegou naquela noite, mais ou menos às 11:30h. Bateu de leve na porta do quarto de Jean e murmurou “Estou em casa”. Foi para seu quarto, e Jean ajeitou-se na

cama e adormeceu.

O dia seguinte seria lembrado durante muito tempo por Jean Roberts. A longa fila de meninas com ar inocente ligadas por guirlandas de margaridas, os rapazes andando

solenemente atrás delas, todos cantando em uníssono, as vozes altas, tão jovens, tão fortes, tão poderosas, e todos tão novos e intactos como se estivessem para

nascer no mundo, um mundo repleto de política e golpes, mentiras e sofrimentos, e tudo isso lá fora, esperando para feri-los. Jean sabia que a vida nunca mais seria

simples para eles, e as lágrimas escorriam pelo seu rosto quando saíram lentamente em fila do auditório, as vozes cantando juntas pela última vez. Ficou embaraçada

por deixar escapar um soluço, mas não estava sozinha, e os pais choravam tanto quanto as mães, e subitamente tudo se transformou em pandemônio, e os formandos gritavam

e davam vivas no salão de entrada, beijando e abraçando, fazendo promessas impossíveis de serem cumpridas, de voltar, de viajarem juntos, de não esquecer jamais…

para sempre… sempre… no próximo ano… algum dia… Jean os observava em silêncio, e especialmente Tana, o rosto iluminado, os olhos quase da cor de esmeralda,

e todos tão entusiasmados, tão felizes, tão puros.

Tana estava ainda agitada quando chegaram ao 21 naquela noite, onde tiveram um excelente jantar e a surpresa de Jean, uma garrafa de champanhe. Geralmente não gostava

que Tana bebesse. A experiência com os pais e depois com Marie Durning ainda a assustava, especialmente em se tratando de uma pessoa tão jovem como Tana, mas o dia

de formatura era exceção. Depois do champanhe, entregou a Tana a pequena caixa, presente de Arthur. Ele pedira a Jean para escolher, como fazia com todos os presentes

que dava, até os dos filhos. Tana tirou o bracelete da caixa e colocou-o no pulso com um prazer discreto.

Muito delicado da parte dele, mamãe. - Mas não parecia muito entusiasmada. Ambas sabiam por quê, e Tana não falou no assunto. Não queria aborrecer a mãe. E, no fim

daquela semana, Tana perdera uma grande batalha para Jean. Não agüentava mais ouvir falar no assunto e finalmente concordou em ir à festa de Billy Durning.

- Mas esta é a última vez que vou a uma festa deles. Combinado?

- Por que tem que ser tão rígida, Tana? É muito delicado da parte deles convidar

você.

- Por quê? - Os olhos de Tana fuzilaram e sua língua foi rápida demais para ser controlada. - Por que sou filha de uma empregada? Isso faz com que seja um favor

especial dos poderosos Durning? Como convidar a empregada?

Os olhos de Jean encheram-se de lágrimas e Tana fechou-se no quarto, furiosa por ter perdido o controle. Mas não podia suportar mais o que sua mãe sentia pelos Durning,

não só por Arthur, mas por Ann e Billy. Era revoltante, como se cada palavra e cada gesto fossem imensos favores que deviam ser agradecidos. E Tana sabia muito bem

como eram as festas de Billy. Já sofrera muitas delas antes, bebida demais, muito agarramento, todo mundo perdendo o respeito, todos embriagados. Detestava essas

festas. E naquela noite nada seria diferente.

Chegou tão amolada quanto quando saíra do apartamento. Estava com um vestido de seda branca, sapatos brancos sem salto, e as pernas longas e esbeltas

pareciam especialmente graciosas quando desceu do carro

comprido, atirando o cabelo para trás, olhando em volta, sabendo que não encontraria nenhum conhecido. Quando era menina detestava as festas deles, quando todas

as crianças acintosamente a ignoravam, mas agora era mais fácil. Três rapazes com paletó xadrez dirigiram-se diretamente para ela, oferecendo para apanhar um copo

de gim-tônica, ou o que ela quisesse. Tana respondeu vagamente e conseguiu se perder na multidão, ansiosa para se livrar do rapaz que a levara de Nova York. Caminhou

pelo jardim durante meia hora desejando não ter ido, vendo grupinhos de moças

rindo histericamente, tomando cerveja ou gim-tônica, os rapazes observando-as. Um pouco

mais tarde começou a música, e os pares foram se formando. Em meia hora, a luz foi diminuída, corpos se esfregavam satisfeitos, e Tana notou até alguns pares saindo

para o jardim. Só então ela viu Billy Durning. Não estava em parte alguma quando ela chegou. Caminhou para ela e parecia estar fazendo uma fria avaliação. Já se

conheciam bastante, mas ele sempre a examinava, como se estivesse pensando em comprá-la. Isso irritava Tana sempre e essa noite não foi exceção.

- Como vai, Billy?

- Oi. Puxa, você está alta.

Como cumprimento não a entusiasmou, e além disso ele era muito mais alto, para que a observação? Mas notou então que ele olhava para seus seios e por um minuto teve

vontade de lhe dar um pontapé, e então, com os dentes cerrados, resolveu tentar ser delicada, por sua mãe, pelo menos.

- Muito obrigada por me convidar. - Mas seus olhos diziam que não estava sendo sincera.

- Podemos sempre usar mais moças. - Como gado. Tantas cabeças… tantos mamilos… pernas… virilhas…

- Obrigada.

Ele riu e ergueu os ombros.

- Quer ir lá fora?

Ia recusar, mas depois pensou, por que não? Ele era dois anos mais velho, mas geralmente agia como um garotinho de dez. Mas dez anos bebendo. Ele agarrou o braço

de Tana e, abrindo caminho entre tantos desconhecidos, chegaram ao bem cuidado jardim dos Durning que levava à casa ao lado da piscina onde Billy estava acampado

com os amigos. Já tinham queimado uma mesa e duas cadeiras

na noite anterior, e Billy tinha dito para se acalmarem ou seu pai os mataria. Porém Arthur, não podendo suportar a tortura da proximidade do filho, tinha se mudado

para o country clube por toda aquela semana.

- Precisa ver a desordem que estamos fazendo. - Ele deu um largo sorriso, mostrando a casa ao lado da piscina, à distância, e Tana foi tomada pela indignação, pensando

que competia à sua mãe substituir tudo o que eles destruíssem, arrumar tudo e acalmar Arthur quando ele voltasse e visse o que fizeram.

- Por que vocês não tentam agir diferente dos animais? - Tana olhou para ele suavemente, e por um momento Billy ficou chocado, mas então, algo maquiavélico brilhou

nos seus olhos e voltou-se para ela.

- Isso que você disse é uma burrice, mas acho que você sempre foi burra, não é mesmo? Se meu pai não tivesse pago para você estudar naquela escola grã-fina em Nova

York, provavelmente teria acabado em uma escola pública bordel no West Side, chupando o professor.

Por um momento Tana quase não conseguiu respirar de tão chocada, olhou para ele fixamente, e sem uma palavra se afastou, ouvindo a risada dele. Que cretino maldoso

ele era, pensou Tana, abrindo caminho de volta para a casa, notando que o número de pessoas tinha aumentado consideravelmente naquela última meia hora, e que a maioria

dos convidados eram mais velhos do que ela, especialmente as mulheres.

Viu o rapaz que a levara da cidade, um pouco mais tarde, a calça aberta, os olhos vermelhos, a camisa para fora, e uma moça freneticamente passando a mão pelo corpo

dele enquanto compartilhavam uma garrafa de scotch. Tana olhou para ele desesperada, sabendo que perdera a condução de volta para a cidade. De modo nenhum sairia

de carro com alguém bêbado daquele jeito. O que deixava a opção do trem, ou encontrar alguém sóbrio, o que, pelo menos

naquele momento, não parecia muito provável.

- Quer dançar?

Voltou-se surpresa, vendo Billy outra vez, os olhos mais vermelhos, a boca com um riso malicioso, olhando ainda para seus seios, sem poder desviar os olhos, o que

fez, afinal, em tempo de vê-la balançar a cabeça.

- Não, obrigada.

- Estão transando na casa da piscina. Quer ver?

O estômago de Tana ficou enjoado com a perspectiva, e se ele não fosse tão revoltante, ela teria rido. Era incrível como sua mãe era cega a respeito dos Durning.

- Não, obrigada.

- O que há? Ainda virgem? - A expressão dele era de dar enjôo, mas não queria que soubesse que estava certo. Preferia que pensasse que simplesmente sentia repulsa

por ele, o que também era verdade.

- Não sou dada a olhar.

- Merda, por que não? O melhor esporte que existe. Tana deu-lhe as costas e tentou desaparecer no meio

das pessoas, mas por alguma razão ele resolveu andar atrás dela naquela noite, e isso começava a ser incómodo. Tana olhou em volta outra vez, viu que Billy tinha

desaparecido, provavelmente ido para a casa da piscina para juntar-se aos amigos, e resolveu que já se tinha demorado bastante. Tudo o que tinha a fazer era chamar

um táxi, ir até a estação e voltar para casa. Não agradável, mas pelo menos nada difícil, e olhando por sobre o ombro para ter certeza de não estar sendo seguida,

foi na ponta dos pés até uma pequena escada que já conhecia e subiu até chegar ao telefone particular. Tudo muito simples, pediu informações, conseguiu o número

e chamou o táxi. Prometeram que estariam lá dentro de 15 minutos, e Tana sabia que ia dar muito tempo para apanhar o último trem. Então, pela primeira vez naquela

noite, sentiu-se aliviada, tendo escapado dos bêbados e dos atrevidos lá embaixo. Começou a andar lentamente sobre o tapete espesso do corredor olhando para as fotografias

de Arthur e Marie, Ann e Billy quando crianças, e de algum modo era como se a fotografia de Jean devesse

também estar ali. Ela fora parte importante deles, muito do seu bem-estar dependera dela, não parecia justo ser excluída, e então, sem pensar, Tana abriu uma porta.

Sabia que era da salinha de estar que sua mãe usava como escritório quando estava na casa. As paredes estavam cobertas de fotografias também, mas Tana não as viu

naquela noite. Quando abriu a porta lentamente, ouviu um grito: “Merda!… Ei!” e viu duas luas brancas saltando no ar, ouviu uma agitação embaraçada e fechou a

porta rapidamente. Então, saltou assustada ouvindo alguém rir atrás dela.

- Ah! - voltou-se e viu Billy olhando para ela com malícia. - Pelo amor de Deus… - Tana pensou que ele estivesse lá embaixo.

- Pensei que tinha dito que não gosta de olhar, senhorita Pureza.

- Eu estava só andando por aí e por acaso… - Ela corou até a raiz dos cabelos e ele deu um largo sorriso.

- Aposto que sim… para que veio aqui em cima, Tan? - Durante todos aqueles anos Billy ouvira a mãe chamála assim, mas Tana não gostava vindo dele. Era um apelido

íntimo e ele jamais fora seu amigo. Nunca.

- Minha mãe geralmente trabalha naquela sala.

- Nada disso. - Ele balançou a cabeça, como que surpreso com o engano dela. - Não é aí.

- É sim. - Tana tinha certeza. Olhou para o relógio de pulso. Não queria perder o táxi. Mas não tinha ouvido a buzina ainda.

- Vou mostrar onde ela trabalha, se quiser.

Ele começou a andar para o lado oposto do corredor, e Tana não sabia se devia ou não segui-lo. Não queria discutir, mas sabia que a mãe usava aquela pequena sala

íntima onde estavam. Porém, afinal a casa era dele e sentia-se constrangida ali parada, especialmente quando os gemidos começaram a ser ouvidos dali de fora. Faltavam

alguns minutos para o táxi chegar e como não tinha nada melhor a fazer, acompanhou Billy pelo corredor. Não era muito longe e ele abriu a porta de outro quarto.

- É aqui.

Tana foi até a porta e olhou para dentro, percebendo imediatamente que não era ali que a mãe trabalhava. A coisa mais dominante no quarto todo era a cama enorme,

coberta com veludo cinzento bordado em seda, com um cobertor também cinzento de pele de gambá e chinchila dobrado sobre uma espreguiçadeira. O carpete era cinzento

também e havia belas gravuras por toda parte. Tana voltou-se para ele aborrecida.

- Muito engraçado. É o quarto do seu pai, não é?

- Isso mesmo. E é aqui que sua velha trabalha. Uma porção de trabalho ela faz aqui, a velha Jean.

Tana teve vontade de agarrá-lo pelos cabelos e esbof eteá-lo, mas controlando-se para não dizer nada, voltou-se para sair do quarto. Billy agarrou o braço dela,

obrigando-a a voltar para dentro e fechou a porta com o pé.

- Me largue, seu merdinha! - Tana tentou livrar o braço, mas surpreendeu-se com a força dele.

Billy segurou-a brutalmente com os dois braços e atiroua contra a parede, fazendo Tana perder o fôlego.

- Quer me mostrar o tipo de trabalho que sua mamãe faz, sua cadelinha?

Ela deixou escapar um gemido abafado, ele a estava machucando e as lágrimas subiram aos olhos da moça, mais de raiva do que de medo.

- Vou sair daqui agora mesmo. - Tentou se libertar, mas ele a jogou agressivamente contra a parede outra vez, batendo a cabeça com força. E, subitamente, olhando

nos olhos dele, Tana ficou com medo. Havia uma expressão de loucura no seu rosto e ele estava rindo.

- Não seja idiota.

A voz de Tana tremeu, percebendo a loucura dele e a raiva que tinha dela.

Os olhos de Billy cintilaram maldosos, ele apertou os dois pulsos de Tana com uma das mãos e com a outra abriu o zíper da própria calça, expondo-se. E então, agarrando

uma das mãos dela, procurou fazer com que o tocasse.

- Agarre isso, sua putazinha.

Agora Tana estava apavorada, mortalmente pálida e

procurava se afastar dele, enquanto ele avançava, comprimindo-a contra a parede, e ela procurava se defender com todas as suas forças, sem nenhum resultado, e ele

ria. Então, de repente, com horror Tana compreendeu o que estava acontecendo, enquanto continuava a lutar contra ele, o pênis flácido que ele havia exposto começava

a ficar rígido e se encostava nela, como um toco de perna ou braço cheio de maldade, enquanto ele mais e mais a apertava contra a parede, e então, puxou o vestido

dela, rasgando-o de um lado, para expor a carne que ele queria ver, e subitamente suas mãos estavam em todo o corpo dela, no ventre, nos seios, nas cadeiras, ele

comprimia o corpo com força contra o dela, amassando-a, lambuzando seu rosto com a língua, o hálito cheirando a álcool, tocando-a, agarrando-a, era como se a quisesse

fazer em pedaços e de repente seus dedos a penetraram, entre as pernas, e ela gritou, mordendo-o no pescoço, mas Billy nem sequer recuou. Estendeu a mão e agarrou

um punhado dos cabelos louros e longos e o torceu entre os dedos até Tana sentir que ia arrancá-los e ele mordeu o rosto dela selvagemente. Tana agitava os braços,

lutanto mais pela vida do que pela virgindade, e então, chorando, soluçando, quase sem poder respirar, sentiu que ele a atirara no carpete cinzento e espesso, rasgava

seu vestido, da gola até a bainha, revelando o que restava revelar, rasgando as calcinhas de renda branca, deixando à mostra o corpo moreno e belo, e subitamente

Tana estava implorando, chorando, rilhando os dentes, quase histérica, vendo-o abaixar as calças, jogá-las para o lado, deitando com todo o peso sobre ela, comprimindo-a

contra o carpete, só se levantando um pouco para macerar sua carne outra vez, quase membro por membro, seus dedos penetrando-a, partindo sua carne, rasgando-a, e

chupando-a com a boca ávida enquanto ele gritava e urrava, e cada vez que ela tentava se afastar, Billy a atirava contra o chão outra vez até que finalmente, quando

ele a penetrou, Tana estava quase inconsciente. Ele a cavalgou com todas as suas forças, martelando, enquanto rios de sangue escorriam para o carpete cinzento, até

que, na última

glória orgiástica ele explodiu em cima da moça que nem tinha mais forças para chorar, que quase nem respirava mais, os olhos virados, um filete de sangue escorrendo

da boca, outro do nariz, e Billy Durning levantou-se, rindo, enquanto apanhava a calça do chão. Tana não se moveu. Parecia quase morta ali deitada com Billy de pé

olhando para ela.

- Obrigado.

E, nesse momento, a porta se abriu e um dos amigos de Billy entrou.

- Cristo, o que você fez com ela?

Tana estava ainda imóvel, embora pudesse ouvir as vozes, longe, muito longe.

- Nada demais. - Billy ergueu os ombros. - A velha dela é a prostituta paga do meu pai.

O outro rapaz riu.

- Parece que pelo menos um de vocês se divertiu um bocado. - Era impossível não ver o mar de sangue sob a moça no tapete cinzento. - Ela está menstruada?

- Acho que sim. - Billy parecia despreocupado fechando o zíper da calça enquanto Tana continuava ali, as pernas abertas como uma boneca de trapos, e o amigo dele

olhando para ela. Billy inclinou-se e a esbofeteou. - Vamos, Tan, levante-se.

Ela não se moveu, e ele foi até o banheiro, molhou uma toalha e a jogou em cima dela, como se ela soubesse o que fazer com aquilo, mas dez minutos se passaram antes

que ela lentamente se virasse de lado e começasse a vomitar. E Billy a agarrou pelos cabelos outra vez, enquanto o amigo observava, e gritou:

- Merda, não faça isso aqui, sua porcalhona.

Fez Tana ficar de pé com brutalidade e arrastou-a para o banheiro onde ela se inclinou sobre a pia, e finalmente estendendo o braço fechou a porta. Teve a impressão

de que horas haviam se passado até sentir-se reanimada e os soluços se comprimiam na sua garganta. O táxi devia ter ido embora há muito e perdera o último trem,

mas, pior do que isso, algo odioso acontecera com ela e sabia que jamais ia se refazer. Fora estuprada. Todo seu corpo tremia

violentamente, os dentes batiam, a boca estava seca, a cabeça doía e não tinha idéia de como sairia dali. O vestido estava rasgado, os sapatos sujos de sangue.

Sentada

no chão do banheiro, encolhida, viu a porta se abrir. Billy entrou e jogou alguma coisa para ela. Um vestido e um par de sapatos que ele apanhara entre as coisas

de Ann. Billy olhou para Tana, um tanto hesitante agora, e ela percebeu o quanto estava bêbado.

- Vista-se. Levo você para casa.

- E depois? - Ela gritou subitamente. - Como vai explicar isto ao seu pai? - Estava histérica e olhou para o quarto pela porta aberta.

- O tapete? - Billy estava nervoso agora, totalmente descontrolado.

- Sobre o que fez comigo!

- Não foi minha culpa, quem mandou me provocar! O horror do que ele estava dizendo fez Tana se sentir

pior ainda. Mas agora, tudo o que queria era sair dali nem que fosse para voltar a pé para Nova York. Com um gesto súbito empurrou Billy, segurando as roupas contra

o peito e correu para o quarto onde tudo tinha acontecido. Seus olhos estavam desvairados, o cabelo embaraçado, o rosto marcado pelas lágrimas e saiu nua do quarto

para colidir com o amigo dele que riu nervoso.

- Você e Billy se divertiram um bocado, não foi? Ele riu e Tana passou por ele correndo, entrando em

outro banheiro que conhecia. Vestiu as roupas que Billy lhe dera e correu para baixo. Tarde demais para tomar o trem, não adiantava chamar um táxi. Os músicos já

tinham ido embora. Correu pela entrada de carros na frente da casa, deixando o vestido rasgado e a bolsa na casa. Mas não importava. Tudo o que queria era sair dali.

Podia pedir carona, se fosse preciso, fazer parar um carro da polícia… qualquer coisa… as lágrimas haviam deixado marcas no seu rosto e respirava com dificuldade

quando começou a correr. Então, os faróis de um carro a iluminaram e Tana correu mais ainda pois sabia que ele vinha atrás dela. Ouvia os pneus na alameda de cascalho

e começou a correr entre

as árvores ao lado, chorando baixinho, as lágrimas rolando pelos cabelos enquanto ele buzinava e a chamava.

- Venha. Levo você para casa.

Tana não respondeu. Continuou correndo o mais rápido possível, mas ele não desistia. Vinha atrás dela, em ziguezague, acompanhando-a na estrada deserta até Tana

voltar-se a gritar histericamente:

- Me deixe em paz!

Ficou parada, o corpo dobrado, na beira da estrada, chorando, soluçando, segurando os joelhos, e lentamente ele saltou do carro e dirigiu-se para ela. O ar da noite

começava a aliviar os efeitos da bebida e Billy estava agora diferente, não mais enlouquecido, mas pálido e sombrio e acompanhado do amigo que observava em silêncio

de dentro do XKE verde-escuro grande e elegante.

- Eu levo você para casa. - Ele estava de pé, as pernas separadas, os faróis fantasmagóricos do carro atrás dele. - Venha, Tan.

- Não me chame de Tan. - Parecia uma menininha assustada. Billy jamais fora amigo e agora… e agora… queria gritar cada vez que pensava no que tinha acontecido,

mas nem isso mais podia fazer e também não tinha mais forças para fugir dele. Todo seu corpo estava dolorido, a cabeça latejava, havia manchas de sangue seco no

seu rosto e nas suas pernas e então olhou para ele com expressão vazia, vendo-o atravessar a estrada em sua direção, estendendo o braço para segurá-la e ela fugiu

outra vez, gritando. Billy ficou parado observando-a por um momento, depois voltou para o carro e foi embora. Tinha se oferecido para levála para casa, se ela não

queria ir, para o diabo então, e Tana continuou cambaleando pela estrada, uma dor só da cabeça aos pés. Em menos de vinte minutos ele voltou. Parou cantando os pneus

ao lado dela, saiu do carro e segurou-a pelo braço. Tana viu que o outro rapaz não estava mais no carro e imaginou se ele ia atacála outra vez. Uma onda de terror

a assaltou quando Billy a puxou para o carro e ela tentou escapar, mas desta vez ele torceu seu braço e gritou, e Tana sentiu o cheiro do uísque no hálito dele novamente.

- Que diabo, eu disse que vou te levar em casa. Entre nessa merda de carro; já!

Quase a atirou para o banco e Tana compreendeu que não adiantava resistir. Estava sozinha com ele, e Billy podia fazer o que quisesse. Já sabia disso. Sentou desanimada

ao lado dele no XKE e o carro disparou noite adentro, Tana esperando que ele a levasse a algum lugar para atacála outra vez. Tudo parecia tão sem esperança agora.

Mas ele entrou na estrada, pisou no acelerador até o chão e a brisa da noite aparentemente acalmou os dois. Billy olhou sorrateiro para ela várias vezes e apontou

para uma caixa de lenços de papel no chão do carro.

- É melhor se limpar antes de chegar em casa.

- Por quê? - Tana continuou olhando para a frente, para a estrada vazia. Já passava das duas horas e até seus olhos pareciam insensíveis. Poucos caminhões passavam

por eles rapidamente, desaparecendo na noite.

- Não pode ir para casa desse jeito.

Tana não respondeu e não olhou para ele. Temia ainda que ele parasse para novo ataque e dessa vez estava preparada. Sairia correndo tão depressa quanto possível

pela estrada se tivesse coragem e talvez um caminhão parasse para lhe dar carona. Não podia acreditar ainda no que Billy tinha feito, e pensava se de algum modo

a culpa não tinha sido sua, se não havia lutado suficientemente, se fizera alguma coisa para encorajá-lo… Pensamentos terríveis. Então percebeu que o carro estava

saindo da pista. Olhou para ele e viu que Billy estava cochilando na direção. Puxou a manga dele, Billy abriu os olhos sobressaltado.

- Para que diabo fez isso? Podia ter provocado um acidente.

Tana não podia desejar nada melhor para ele. Gostaria de vê-lo morto na beira da estrada.

- Você estava dormindo. Está bêbado.

- É mesmo? E daí? - Parecia mais cansado do que irritado, e durante algum tempo tudo correu bem até o carro começar a dançar outra vez, e antes que ela tivesse tempo

de puxar o braço dele ou acordá-lo, uma enorme carreta

passou a toda velocidade e o carro esporte saiu da pista. Com um apavorante ranger de freios o caminhão deu meiavolta e caiu de lado, enquanto que por um

milagre

o XKE passou por ele e se chocou contra uma árvore. Tana bateu com a cabeça quando o carro parou e então ouviu que alguém gemia baixinho ao seu lado. O rosto dele

estava coberto de sangue e ela não se moveu. Ficou ali sentada olhando e a porta se abriu e duas mãos fortes seguraram seu braço, então ela começou a gritar. De

repente os acontecimentos daquela noite infindável tomaram conta dela e Tana perdeu completamente o controle, soluçando e histericamente tentando se afastar do carro.

Dois caminhões pararam e os motoristas procuraram acalmá-la até a chegada da polícia, mas os olhos dela estavam desvairados e vazios. Tentavam conter o sangue da

cabeça de Billy e havia um corte profundo sobre um dos olhos. A polícia chegou logo depois com a ambulância, e as três vítimas foram levadas para o centro médico

do Hospital New Rochelle que ficava próximo. O motorista do caminhão foi medicado e saiu logo em seguida. Seu veículo fora mais avariado do que ele, milagrosamente.

Estavam suturando os ferimentos de Billy. Notaram também que estava dirigindo embriagado e, como era a terceira vez, ficaria sem carteira de habilitação durante

um ano, o que aparentemente o preocupou mais do que o ferimento no olho. O corpo todo de Tana parecia coberto de sangue, mas o pessoal do hospital notou com surpresa

que a maior parte era de sangue seco. Não conseguiram fazer com que ela explicasse o que tinha acontecido e ela gaguejava cada vez que tentava falar. Uma enfermeira

jovem e atenciosa a limpou enquanto Tana estava deitada na mesa de exame chorando. Deram um sedativo e, quando sua mãe chegou, às quatro horas, ela estava semi-adormecida.

- O que aconteceu…? Meu Deus! - Estava olhando para o curativo no olho de Billy. - Billy, você está bem?

- Acho que sim. - Ele sorriu timidamente e mais uma vez Jean notou como era bonito, embora muito mais parecido com a mãe do que com o pai.

Então, subitamente o sorriso desapareceu e ele parecia apavorado.

- Telefonou para o papai? Jean Roberts balançou a cabeça.

- Não quis assustá-lo. Disseram no telefone que você estava bem, e achei melhor ver vocês dois primeiro.

- Obrigado. - Ele olhou rapidamente para Tana adormecida e ergueu os ombros com um gesto nervoso.

- Eu sinto muito… por ter… por termos destruído o carro.

- O importante é que nenhum dos dois se feriu muito. - Jean franziu a testa olhando para o cabelo de Tana, mas não havia mais nenhum sinal de sangue e a enfermeira

tentou explicar como a moça estava histérica.

- Nós demos um sedativo. Ela vai dormir por algum tempo.

Jean Roberts franziu a testa.

- Ela estava embriagada? - Já sabia que Billy estava, mas ia haver o diabo se Tana estivesse também. A enfermeira balançou a cabeça.

- Acho que não. Mais assustada. Tem um galo na cabeça, nada mais. Não há sinais de concussão nem de chicotada, mas vou ficar de olho nela.

Quando a enfermeira acabou de falar, Tana, ouvindo vozes perto da cama, acordou e olhou para a mãe como se nunca a tivesse visto antes, depois, silenciosamente,

começou a chorar quando Jean a tomou nos braços murmurando palavras carinhosas.

- Está tudo bem, querida… tudo bem…

Tana sacudiu a cabeça violentamente, respirando fundo várias vezes.

- Não, não está… não está… ele…

Mas Billy estava ali olhando para ela com expressão maldosa, e ela não disse o que queria dizer. Era como se estivesse disposto a espancá-la outra vez, e Tana virou

o rosto, soluçando, sentindo ainda aqueles olhos fixos nos seus. Não podia olhar para ele… não queria vê-lo… nunca mais…

Com Tana recostada no banco traseiro do Mercedes e Jean na direção, levaram Billy para casa. E Jean ficou lá dentro com ele por um longo tempo. Puseram para fora

os últimos convidados, tirando muitos deles da piscina, dois casais da cama de Ann e mandaram que o grupo na casa da piscina se comportasse, depois Jean voltou para

o carro onde Tana ainda estava sabendo que ia ter muito trabalho na semana seguinte. Tinham destruído metade dos móveis, incendiado algumas plantas, estragado o

estofado das cadeiras, manchado os tapetes, e dentro da piscina havia de tudo, desde copos de plástico até abacaxis. Não queria que Arthur visse a casa antes de

pôr tudo em ordem. Entrou no carro com um suspiro longo e cansado e olhou para Tana imóvel no banco de trás. A filha parecia estranhamente calma agora. O sedativo

estava fazendo efeito.

- Graças a Deus não entraram no quarto de Arthur. Deu partida no carro e Tana balançou a cabeça silenciosamente, sem poder falar.

- Você está bem?

Isso era o que realmente importava. Os dois podiam ter morrido. Tinham

escapado por milagre. Foi só o que Jean pensou quando o telefone tocou às três horas. Já estava

extremamente preocupada e instintivamente adivinhou, quando ouviu o telefone tocar. Atendeu no primeiro sinal.

- Como está se sentindo?

Tudo o que Tana podia fazer era olhar fixamente para a mãe e balançar a cabeça.

- Quero ir para casa.

As lágrimas desceram pelo seu rosto outra vez e Jean pensou novamente se ela estaria embriagada. Sem dúvida fora uma noite infernal. Notou também que não estava

usando o vestido com que saíra de casa.

- Você foi nadar?

Tana sentou-se no banco, sentindo a cabeça girar, e fez um gesto negativo para a mãe que olhava para ela pelo retrovisor, percebendo o olhar estranho da filha.

- O que aconteceu com seu vestido?

Ela falou com voz fria e áspera que nem parecia a sua.

- Billy rasgou.

- Ele fez o quê? - Jean ficou surpresa, depois sorriu. - Ele jogou você na piscina?

Era a única idéia que fazia dele e tinha certeza de que era inofensivo, mesmo que estivesse um pouco bêbado. Só por sorte não tinha batido no caminhão. Uma boa lição

para os dois.

- Espero que tenha aprendido a lição esta noite, Tan. Tana começou a chorar outra vez, ouvindo o apelido

usado por Billy e Jean parou no acostamento.

- O que está acontecendo com você? Está bêbada? Tomou alguma droga? - A voz era acusadora, e aquele tom não tinha aparecido quando levou Billy para casa. Como a

vida era injusta, pensou Tana. Mas sua mãe não compreendia o que o Precioso Billy Durning havia feito. Olhou diretamente nos olhos da mãe.

- Billy me violentou no quarto do pai dele.

- Tana! - Jean Roberts estava horrorizada. - Como pode dizer uma coisa dessas? Ele nunca faria isso! - Sua zanga era contra a filha, não contra o filho do seu amante.

Não podia acreditar que Billy fizesse uma coisa daquelas, era o que estava escrito no seu rosto enquanto olhava severamente para a filha. - É uma coisa horrível

para você dizer.

Era uma coisa horrível para se fazer. Mas Jean apenas ficou olhando para ela.

Duas lágrimas rolaram pelo rosto de Tana.

- Ele fez. - Seu rosto se contraiu com a lembrança. - Eu… juro… - Estava ficando histérica outra vez. Jean ligou o motor e dessa vez não olhou mais para o banco

traseiro.

- Não quero nunca mais ouvir você dizer uma coisa dessas, de ninguém. - Naturalmente não de alguém que conheciam… um rapaz inofensivo que conheciam há tantos anos…

nem queria saber o que levava Tana a dizer aquilo, ciúmes talvez de Billy, de Ann ou de Arthur… - Nunca mais quero ouvir você dizer isso. Está bem claro?

Mas não houve resposta. Tana estava imóvel, sentada, os olhos vazios. Nunca mais diria aquilo. De ninguém. Algo dentro dela acabava de morrer.

Capítulo 4

Depois disso, o verão passou rapidamente para Tana. Esteve duas semanas em Nova York recuperando-se enquanto a mãe saía para o trabalho todos os dias. E Jean estava

preocupada com ela, mas de um modo estranho e constrangedor. Aparentemente não havia nada de errado com ela, mas ficava sentada, olhando para o espaço, sem ouvir

nada, sem procurar os amigos. Não atendia o telefone quando Jean ou outra pessoa qualquer telefonava. Jean chegou mesmo a mencionar o fato para Arthur no fim da

primeira semana. A casa de Greenwich estava quase arrumada outra vez e Billy fora com os amigos para Malibu visitar outros amigos. Tinham praticamente destruído

a casa da piscina, mas a pior destruição foi no tapete do quarto de Arthur que parecia cortado com faca. E Arthur repreendera severamente o filho por causa disso.

- Que espécie de selvagens são vocês? Eu devia mandar você para West Point e não Princeton, para aprender uma ou duas coisas sobre como se comportar. Meu Deus, no

meu tempo, nunca se ouviu falar de uma coisa dessas. Você viu o tapete? Eles tiraram um pedaço!

Billy ouviu com uma expressão de remorso.

- Desculpe, papai. As coisas ficaram um pouco fora de controle.

- Um pouco? E só por milagre você e Tana não se mataram.

Mas de um modo geral, ele estava bem. O olho o incomodava ainda quando partiu, mas os pontos já tinham sido retirados da sobrancelha. E continuou saindo todas as

noites até ir para Malibu.

- Droga de garotada selvagem… - Arthur resmungou para Jean. - Como vai Tana agora?

Várias vezes ela havia mencionado o estado de Tana e perguntava a si mesma se a pancada na cabeça não fora pior do que todos pensavam.

- Sabe, na primeira noite ela estava praticamente delirando. .. na verdade estava… - Lembrava-se ainda da história ridícula sobre Billy que Tana tinha inventado.

A moça não estava bem da cabeça e Arthur preocupava-se também.

- Mande Tana fazer outro exame médico.

Mas quando Jean insistiu, Tana recusou. Jean achava que talvez ela não estivesse em condição de ir para a Nova Inglaterra para seu emprego de verão, mas, na véspera

da sua partida, Tana silenciosamente fez as malas e na manhã seguinte apareceu para o café pálida, com expressão cansada mas, pela primeira vez em duas semanas,

quando Jean estendeu para ela o copo de suco de laranja, sorriu e a mãe quase chorou. A casa parecia um túmulo desde o acidente. Não havia o som de risos, música,

conversas alegres no telefone, nenhuma voz, só o silêncio de morte por toda parte. E os olhos sem vida de Tana.

- Senti sua falta, Tan.

Ouvindo o apelido familiar, Tana ficou com os olhos cheios de lágrimas. Fez um gesto de assentimento incapaz de dizer uma palavra. Não tinha nada mais para dizer.

Para pessoa alguma. Tinha a sensação de que sua vida se acabara. Nunca mais queria ser tocada por um homem e sabia que jamais seria. Ninguém mais faria com ela o

que Billy Durning tinha feito e a tragédia era que Jean não tinha coragem para

ouvir a verdade, nem mesmo para pensar nela. Em sua mente, era impossível, logo não

existia, não tinha acontecido. Mas o pior era que era verdade.

- Acha mesmo que está disposta a ir trabalhar no acampamento?

Tana tinha perguntado a si mesma. Sabia que era uma escolha importante. Podia passar o resto da vida escondendo-se ali, como uma aleijada, uma vítima, uma pessoa

sem vida, destruída, acabada, ou podia começar a se movimentar outra vez e optara pela segunda possibilidade.

- Sim, eu estou bem.

- Tem certeza?

Ela parecia tão quieta, tão abatida, tão subitamente adulta. Era como se a pancada na cabeça tivesse lhe roubado a mocidade. Talvez o medo tivesse feito isso. Jean

nunca vira uma mudança tão dramática em tão pouco tempo. E Arthur insistia em dizer que Billy estava bem, arrependido, mas quase o mesmo de antes quando partiu para

Malibu, o que naturalmente não era o caso de Tana.

- Escute, querida, se não se sentir bem, volte para casa. Precisa estar forte para começar a faculdade no outono.

- Eu estou bem. - Foi quase tudo o que disse antes de sair, levando a única mala. Tomou o ônibus para Vermont como já fizera duas vezes antes. Era um emprego de

verão que Tana adorava, mas nesse ano era diferente, e todos notaram. Ela estava mais quieta, procurava se isolar, e não ria mais. Só falava com os meninos acampados.

Os que a haviam conhecido antes observavam com tristeza, “deve haver alguma

coisa errada em casa…” “Será que está doente…?” “Puxa, parece outra pessoa…” Todos

notaram e ninguém sabia. No fim do verão, ela tomou o ônibus de volta para casa. Nesse ano não fizera novos amigos, a não ser entre as crianças, mas, mesmo com eles,

não parecia tão comunicativa quanto antes. Estava mais bonita do que nunca, mas até os meninos concordavam que “Tana Roberts está esquisita”. E Tana sabia o que

era.

Passou dois dias em casa com Jean, evitou todos os amigos, fez as malas para a universidade, e tomou o trem com uma sensação de alívio. De repente queria ir para

longe, longe de casa… de Arthur… de Jean… de Billy… de todos… até dos amigos da escola. Não era a mesma jovem despreocupada que tinha se formado três meses

antes. Era uma pessoa diferente, perseguida por uma lembrança, magoada, com cicatrizes na alma. Agora no trem, rumando para

o sul, começou a se sentir humana outra vez. Era como se precisasse ir para longe, longe deles, das mentiras, dos fingimentos, das coisas que não podiam ver, ou

que se recusavam a acreditar, os seus jogos… era como se desde que Billy Durning a violentara, ninguém mais pudesse vê-la. Ela não existia, porque eles não podiam

reconhecer o pecado de Billy… mas na verdade, era só Jean, pensou. Porém, quem mais havia? Se sua mãe não acreditava… não queria mais pensar no assunto. Não

queria pensar em nada. Estava indo para mais longe possível e talvez nunca mais voltasse para casa, mas sabia que isso também era mentira. As últimas palavras da

mãe, antes dela partir, foram: “Você volta para o dia de Ação de Graças, não volta, Tan?” Era como se Jean tivesse medo dela, como se tivesse visto nos olhos da

filha algo que não queria enfrentar, uma dor sangrenta, em carne viva, que não podia evitar e não queria ver. Tana não queria voltar para o dia de Ação de Graças,

não queria voltar nunca mais. Tinha escapado daquelas vidas mesquinhas, pequeninas… da hipocrisia… de Billy e seus amigos selvagens… Arthur e os anos e anos

em que vinha usando Jean… a mulher que ele havia enganado… e as mentiras que Jean contava a si mesma… e, de repente, Tana não podia mais suportar, e queria

estar o mais longe possível deles. Talvez nunca mais voltasse… nunca.

Gostava do barulho do trem e teve pena quando pararam em Yolan. O Green Hill College ficava a três quilômetros e meio e tinham mandado uma camioneta barulhenta para

apanhá-la, com um motorista negro e velho de cabelos brancos. Ele a cumprimentou com um sorriso caloroso, mas Tana o observou desconfiada enquanto o homem colocava

suas malas no carro.

- Muito tempo no trem, senhorita?

- Treze horas.

Quase não falou com ele no trajeto até a universidade, e se o homem tivesse sequer ameaçado parar o carro,

Tana teria saltado e começado a gritar. Mas ele percebeu e não foi indiscreto procurando qualquer forma de familiaridade. Assobiou durante parte do caminho e, quando

se cansou, cantou músicas do sul que Tana nunca ouvira e apesar de tudo quando

chegaram, sorriu para ele.

- Obrigada pela condução.

- Quando quiser, senhorita. É só ir ao escritório e perguntar por Sam. Eu a levo onde quiser ir. - Então ele riu, o riso caloroso dos negros. - Por aqui não tem

muito lugar para ir. - Tinha o sotaque do centro-sul e Tana já notara como tudo era bonito desde que desceu do trem. As árvores altas e majestosas, as flores coloridas

por toda a parte, a relva luxuriante, e o ar parado, pesado e quente. Dava vontade de sair andando tranqüilamente sem rumo. E quando viu a universidade pela primeira

vez, parou e sorriu. Era tudo o que havia desejado que fosse. No inverno passado pensara em visitar a universidade mas não teve tempo. Fora entrevistada pelo representante

no norte e se guiado pelos folhetos. Sabia que academicamente era uma das melhores, na verdade queria algo mais - a reputação da escola, e as lendas que ouvira sobre

sua excelente qualidade. Era antiquada, Tana sabia, mas de um modo que a atraía. Agora, olhando para os belos prédios brancos, muito bem cuidados, com altas colunas

e lindas janelas francesas dando para um pequeno lago, quase teve a impressão de ter chegado em casa.

Na recepção Tana preencheu algumas fichas, assinou o nome em uma lista comprida, informou-se sobre o prédio em que ia morar, e um pouco mais tarde Sam a estava ajudando

outra vez, colocando toda a bagagem em uma velha carreta. Era quase como uma viagem ao passado, e, pela primeira vez em muitos meses, Tana sentiu-se em paz novamente.

Não precisava enfrentar a mãe ali, não precisava explicar como se sentia ou como não se sentia, não teria de ouvir o nome odiado dos Durning nem ver a dor

velada

que Arthur infligia à sua mãe… ou ouvir falar de Billy… só o fato de estar na mesma cidade a sufocava e nos dois primeiros meses depois do estupro, só pensava

em fugir para

longe. Fora preciso usar toda a coragem que tinha para ir trabalhar no acampamento de verão e cada dia foi uma batalha. Sentia vontade de se esconder cada vez que

alguém se aproximava dela, especialmente os homens, mas até garotos a assustavam agora. Pelo menos ali não precisava se preocupar com isso. Era uma escola feminina

e não teria de ir a danças e formaturas nem a jogos de futebol. A vida social a agradava quando resolveu fazer o requerimento, mas agora não se importava mais com

isso. Não se importava com coisa alguma… ou pelo menos não tinha se importado durante três meses… porém, de repente… de repente… até o ar cheirava bem e

enquanto Sam empurrava a carreta, Tana olhou para ele com um leve sorriso e ele sorriu para ela.

- É um longo caminho de Nova York. - Os olhos dele pareciam dançar e o cabelo branco muito crespo parecia macio.

- Se é. Tudo é tão bonito aqui.

Olhou para o lago e depois outra vez para os prédios atrás dela, formando um leque, com outros prédios menores na frente. Parecia uma propriedade particular suntuosa,

o que na verdade tinha sido, tudo perfeita e imaculadamente tratado. Quase sentiu pena por a mãe não poder ver tudo aquilo, mas talvez ela ainda visse.

- Antigamente era uma fazenda, sabe? - Ele dizia isso para centenas de jovens todo ano. Gostava de contar a história para elas. Seu avô fora escravo ali, sempre

se gabava, e elas o fitavam com olhos arregalados. Eram tão jovens e educadas, quase como sua própria filha quando moça, mas ela já era uma mulher adulta, com filhos.

E aquelas meninas iam se casar e ter filhos muito em breve também. Ele sabia que todos os anos, na primavera, jovens voltavam de toda parte para se casar na bela

igreja dentro da universidade, e sempre havia pelo menos meia dúzia que se casavam logo no dia seguinte à formatura. Olhou para Tana que andava com passos largos

ao seu lado, imaginando quanto tempo essa ia demorar. Era uma das moças mais bonitas que já vira, com pernas longas e bem feitas, e aquele

rosto, aqueles cabelos louros, os enormes olhos verdes. Se já a conhecesse há algum tempo brincaria com ela dizendo que parecia uma estrela de cinema, mas ela era

também mais reservada do que a maioria. Já havia notado que era extremamente tímida.

- Já esteve aqui antes?

Ela balançou a cabeça, olhando para o prédio na frente do qual ele parou com a carreta.

- É um dos mais bonitos que temos. Casa Jasmim. Eu já trouxe cinco moças para cá hoje. Deve haver umas

25 mais ou menos ao todo, e uma governanta para tomar conta de vocês - ele sorriu - mas tenho certeza de que nenhuma precisa disso. - Riu com aquela risada profunda

e sonora, quase musical, e Tana sorriu, ajudando-o com a bagagem. Entraram em uma sala de estar lindamente decorada. Os móveis eram quase todos antigos, ingleses

e americanos, os tecidos com flores de cores vivas, e havia grandes buquês de flores em vasos de cristal sobre as mesas e em uma escrivaninha. A atmosfera era aconchegante

e a primeira impressão de Tana foi de refinamento. Tudo parecia correto e limpo, como uma pessoa com chapéu e luvas brancas, e Tana olhou para a saia escocesa

que

estava usando, os mocassins e meias até os joelhos e sorriu para a mulher que se dirigia para ela com um costume cinzento e discreto. Tinha cabelos brancos e olhos

azuis. Era a governanta. Tomava conta das meninas da Casa Jasmim há mais de vinte anos, falava com o sotaque arrastado do sul e Tana notou que usava um colar de

pérolas de uma só volta. Parecia tia de alguém e tinha linhas suaves de riso em volta dos olhos.

- Seja bem-vinda à Casa Jasmim, minha querida. - Havia outras 11 casas no campus iguais àquela, mas gostava de acreditar que “Jasmim era a melhor”. Sorriu amavelmente

e ofereceu chá para Tana, enquanto Sam levava a bagagem para cima. Tana aceitou a xícara com desenhos de flores e a colher de prata, recusou um prato com bolinhos

e olhou para o lago lá fora, pensando como a vida era estranha. Era como se tivesse aterrissado em outro universo. Tudo tão diferente de Nova York… de repente

estava muito longe de todos que conhecia, tomando chá e conversando com aquela mulher de olhos azuis e pérolas… quando três meses atrás estava deitada no chão

do

quarto de Arthur Durning sendo estuprada e espancada pelo filho dele. - … não acha, querida? - Tana olhou para a governanta com expressão vazia, sem saber ao certo

o que ela acabava de dizer, e fez um gesto afirmativo com a cabeça, sentindo-se subitamente muito cansada. Era muita coisa ao mesmo tempo.

Sim… sim… eu acho… - Não sabia com o que estava concordando e de repente tudo o que desejava era sair daquela sala. Finalmente terminaram o chá, colocaram

as xícaras na mesa e Tana sentiu vontade de rir, imaginando quanto chá a pobre mulher já teria tomado naquele dia, e ela, percebendo talvez a impaciência de Tana,

levou-a para o seu quarto. Ficava no alto de dois lances de uma escada curva em um longo corredor com gravuras de flores e fotografias de ex-alunas. O quarto de

Tana ficava no fim do corredor. As paredes eram rosas-pálido, cortinas e colcha de chintz. Havia duas camas estreitas, duas cômodas muito velhas, duas cadeiras,

e um pequeno lavatório no canto. Um quarto engraçado à moda antiga e o teto inclinava-se diretamente sobre as camas. A governanta a observava e pareceu satisfeita

quando Tana voltou-se para ela com um sorriso.

- É muito bom.

- Todos os quartos da Casa Jasmim são bons.

Ela saiu e Tana ficou olhando para as malas, sem saber o que fazer. Então, deitou na cama, olhando para as árvores lá fora. Imaginou se devia esperar por sua companheira

de quarto antes de escolher uma das cômodas e metade do espaço para pendurar as roupas. De qualquer modo, não estava com vontade de desfazer as malas. Estava pensando

em dar um passeio em volta do lago quando bateram na porta e o velho Sam apareceu. Tana sentou-se rapidamente na beirada da cama e ele entrou no quarto carregando

duas malas e com uma expressão estranha no rosto. Olhou para Tana, ergueu os ombros de leve e disse:

- Acho que esta é a primeira vez para nós.

O que é a primeira vez? Tana ficou confusa, ele ergueu os ombros novamente, saiu do quarto e ela olhou para as malas. Mas não parecia haver nada de notável nelas,

duas sacolas grandes de xadrez azul-marinho e verde com etiquetas de estações, uma frasqueira e uma caixa redonda de chapéus, igual à de Tana. Andou pelo quarto

lentamente, esperando a chegada da dona da bagagem. Esperava uma longa demora pensando no ritual do chá, mas foi surpreendida pela rápida chegada da jovem. A governanta

bateu na porta, depois abrindo-a deu passagem a Sharon Blake que pareceu flutuar para dentro do quarto. Era uma das moças mais espetaculares que Tana já tinha visto,

cabelos negros penteados para trás, olhos como ônix brilhante, dentes mais brancos do que marfim em um rosto cor de chocolate claro de traços tão perfeitos que pareciam

irreais. Sua beleza era tão marcante, seus movimentos tão graciosos, seu estilo tão definido que Tana ficou literalmente sem fôlego. Estava com um casaco vermelho

vivo, um chapeuzinho, e jogou os dois em uma das cadeiras do quarto, revelando um vestido tubinho de lã cinzenta, a mesma cor dos sapatos elegantes. Parecia mais

um anúncio de moda do que uma universitária, e Tana silenciosamente gemeu pensando nas roupas que tinha na mala. Coletes e calças compridas, velhas saias de lã,

das quais não gostava, uma porção de blusas simples, suéteres com decote em V e dois vestidos que Jean comprara no Saks um pouco antes de sua partida.

- Tana - o tom da governanta indicava que ela levava muito a sério a apresentação - esta é Sharon Blake. Ela é do norte também. Embora não tanto quanto você. Sharon

é de Washington, D.C.

- Como vai? - Tana olhou timidamente para a outra e Sharon, com um sorriso radiante, estendeu a mão.

- Como vai?

- Vou deixar vocês duas agora. - Parecia haver uma sugestão de sofrimento quando ela olhou para Sharon e imensa simpatia quando olhou para Tana. Cortava-lhe o coração

ter de fazer isso, mas alguém tinha de dormir no

mesmo quarto que Sharon, e Tana, afinal, era bolsista. Não deixava de ser justo. Tinha de dar graças a Deus pelo que conseguisse. E as outras não precisariam se

sujeitar a isso. Fechou a porta suavemente e desceu a escada com passos decididos. Era a primeira vez que acontecia isso na Casa Jasmim, ou a Green Hill, e Julia

Jones gostaria de ter tomado algo mais forte do que chá naquela tarde. Bem que precisava. Afinal de contas era uma tensão terrível.

Mas lá em cima no quarto, Sharon estava rindo, deixando-se cair em uma das cadeiras pouco confortáveis e olhando para os cabelos louros e brilhantes de Tana. O contraste

era interessante. Uma tão loura, a outra tão morena. Entreolharam-se com curiosidade e Tana sorriu, pensando o que Sharon estava fazendo ali. Teria sido

mais fácil

ir para uma universidade no norte. Mas Tana não conhecia Sharon Blake ainda. A moça era muito bonita, sem dúvida, e suas roupas eram caras. Notou isso mais uma vez

quando Sharon tirou os sapatos.

- Muito bem - o rosto delicado e moreno iluminou-se outra vez com um sorriso - o que acha da Casa Jasmim?

- Bonitinha, não é mesmo? - Tana sentia-se ainda um pouco constrangida, mas não havia nada que inspirasse piedade na jovem bonita. Havia sim algo rude e corajoso

e ousado no rosto perfeito.

- Elas nos deram o pior quarto, você sabe. Tana ficou chocada.

- Como você sabe?

- Eu olhei enquanto vinha pelo corredor. - Suspirou e tirou o chapéu cuidadosamente. - Eu já esperava. - Olhou outra vez para Tana avaliando-a. - E qual o pecado

que você cometeu para ficar no quarto comigo? - Sorriu gentilmente. Sharon sabia por que estava ali, era a única negra aceita em Green Hill e naturalmente era inédito.

Seu pai era um escritor famoso, detentor do prémio Nacional do Livro e do prémio Pulitzer, sua mãe advogada, atualmente trabalhando para o governo, portanto ela

seria diferente das outras negras. Pelo menos esperavam que fosse… embora nunca se possa ter certeza, naturalmente… e Míriam Blake dera à filha mais velha o

direito de escolha antes de ir para Green Hill. Podia ter ido para

qualquer ponto do norte, para a Universidade de Colúmbia, em Nova York, suas

notas eram muito boas, ou para Georgetown, mais perto de casa, havia a U.C.L.A. em Los

Angeles, se quisesse se dedicar à carreira teatral… ou havia algo importante que podia fazer, dissera sua mãe… “algo que vai significar muito para outras moças

mais tarde, Sharon”. Sharon olhou para a mãe, sem saber ao certo o que ela queria dizer. “Você pode ir para Green Hill.”

- No sul? - Sharon ficara chocada. - Nem iam me deixar entrar.

Míriam olhou severamente para ela.

- Você não compreende ainda, não é, meu bem? Seu

pai é Freeman Blake. Escreveu livros lidos no mundo inteiro. Acha mesmo que ousariam recusar sua entrada hoje?

Sharon naquele dia sorrira nervosamente.

- Que diabo, acho que sim, mamãe, eles iam me cobrir de pixe e penas antes mesmo que tivesse tempo de desfazer as malas.

A idéia a apavorava. Sabia o que tinha acontecido em Little Rock três anos antes. Lera nos jornais. Foram necessários tanques e a Guarda Nacional para manter as

crianças negras em uma escola de brancos. E não estavam falando de uma pequena e velha escola, falavam de Green Hill. O mais exclusivo curso preparatório feminino

do sul, onde filhas de deputados e senadores, para onde governadores do Texas, Carolina do Sul e Geórgia mandavam suas filhas para dois anos de preparação antes

de se casarem com rapazes da sua própria classe.

- Mamãe, isso é loucura!

- Se todas as jovens negras do país pensarem assim, Sharon Blake, daqui a cem anos estarão ainda dormindo em hotéis para negros, sentando nos últimos bancos

dos

ônibus e tomando água em bebedouros que fedem a urina de garotos brancos. - A mãe tinha olhado para ela zangada e Sharon fez uma careta. Miriam Blake pensava assim,

sempre havia pensado. Estudara em Radcliffe com bolsa de estudos, Faculdade de Direito Boalt na U.C., e desde então lutava por tudo o que acreditava, pelos desprivilegiados,

pelo homem comum, e lutava por seu povo. O marido a admirava. Tinha mais coragem do que qualquer pessoa que ele conhecia e certamente não ia parar agora. Mas Sharon

às vezes ficava assustada. Muito assustada. Como quando fez o requerimento para Green Hill.

- E se eles me aceitarem? - Era o que realmente a assustava, como disse o pai. - Não sou como mamãe… não quero provar nada… que posso ser aceita… só quero

ter amigos, me divertir… o que ela quer que eu faça é muito difícil…

Seus olhos se encheram de lágrimas e o pai compreendeu. Mas não podia mudar nenhuma das duas, Míriam e o que ela esperava deles todos, nem a jovem linda e alegre

que gostava de se divertir, muito menos parecida com Míriam do que com ele. Sharon queria ser atriz na Broadway algum dia. E queria ir para a U.C.L.A.

- Pode fazer os dois últimos anos na U.C.L.A., Shar

- disse a mãe - depois de pagar o que deve.

- Por que tenho de pagar alguma coisa? - gritou ela.

- Por que devo a alguém dois anos da minha vida?

- Porque você mora na casa do seu pai, em um confortável subúrbio de Washington e dorme na sua cama bonita e quente graças a nós e nunca soube o

que é uma vida difícil.

- Então, bata em mim. Trate-me como uma escrava, mas deixe que eu faça o que quero!

- Ótimo. - Os olhos negros da mãe faiscavam. - Faça o que quiser. Mas jamais vai andar orgulhosamente de cabeça erguida, garota, se só pensar em você. Pensa que

foi isso que fizeram em Little Rock? Eles caminharam cada passo com armas apontadas para suas cabeças e a Klan ávida por seus pescoços todos os dias. E quer saber

por quem fizeram isso, menina? Fizeram por você. E para quem você vai fazer isso, Sharon Blake?

- Para mim mesma! - gritara ela antes de subir correndo para o quarto e bater a porta com força. Mas as palavras estavam na sua cabeça. As palavras da mãe sempre

tinham esse efeito. Não era uma pessoa de fácil convivência,

nem para se conhecer, nem para se amar. Nunca procurava tornar as coisas confortáveis para pessoa alguma. Mas a longo prazo, fazia com que tudo ficasse bem. Para

todos.

Freeman Blake tentara demover a mulher naquela noite. Sabia o que Sharon estava sentindo, o quanto queria ir para a U.C.L.A.

- Por que não a deixa fazer o que quer, para variar?

- Porque ela tem uma responsabilidade. Assim como eu tenho e como você tem.

- Nunca pensa em outra coisa? Ela é jovem. Dê uma chance. Talvez ela não queira se consumir por uma causa. Talvez você faça isso por todos nós.

Mas ambos sabiam que não era exatamente verdadeiro. O irmão de Sharon, Dick, tinha 15 anos, mas era o retrato de Míriam, compartilhava de quase todas

as suas idéias,

mas com maior fúria, maior radicalismo. Ninguém jamais o empurraria para baixo, e Freeman se orgulhava disso, mas também reconhecia que Sharon era diferente.

- Deixe a menina em paz.

Deixaram e, no fim, o sentimento de culpa venceu, como contou para Tana, naquela noite.

- E assim, aqui estou.

Jantaram no refeitório e estavam no quarto outra vez. Sharon com uma camisola de náilon cor-de-rosa, presente de despedida de sua melhor amiga em Washington, e Tana

com uma camisola azul de flanela, o cabelo preso em um longo rabo-de-cavalo.

- Acho que vou para a U.C.L.A. quando terminar aqui. - Suspirou, olhando para o esmalte rosado que acabava de aplicar nas unhas dos pés e ergueu os olhos para Tana

novamente. - Ela espera demais de mim. - E tudo o que queria era ser bela e inteligente e uma grande atriz algum dia. Isso era tudo. Mas não para Míriam Blake.

Tana sorriu.

- Minha mãe também espera muito. Devotou toda a sua bendita vida para fazer o que é certo para mim, e tudo o que deseja é que eu estude aqui um ano ou dois e depois

me case com um “bom rapaz”. - Fez uma careta, sugerindo que a idéia não a agradava, e Sharon riu.

- Secretamente esse é o desejo de todas as mães, até da minha, desde que eu prometa continuar a cruzada depois de casada. O que diz o seu pai? Graças a Deus pelo

meu, ele me tira do anzol sempre que pode. Acha que todo esse negócio é uma grande bobagem.

- Meu pai morreu antes do meu nascimento. Por isso ela fica tão nervosa com as coisas. Morre de medo de que as coisas desmoronem, por isso agarra-se a qualquer segurança

que pode ter, e espera que eu faça o mesmo. - Olhou para Sharon de modo estranho. - Quer saber, na verdade, sua mãe parece mais o meu tipo.

As duas riram e só duas horas mais tarde apagaram a luz e, no fim da primeira semana em Green Hill, eram grandes amigas. Seus horários muitas vezes coincidiam e

almoçavam juntas, davam longas caminhadas em volta do lago, falando sobre a vida, sobre rapazes, sobre os pais e os amigos. Tana contou a Sharon o relacionamento

da mãe com Arthur Durning, mesmo quando ele estava ainda casado com Marie e disse o que ela sentia por ele. A hipocrisia, a visão estreita, a vida estereotipada

em Greenwich com filhos, amigos e sócios, todos bebendo demais, em uma casa toda feita para ser vista, enquanto sua mãe trabalhava como uma escrava dia e noite,

vivia para seus chamados, e depois de 12 anos não tinha nada realizado.

- É verdade, Shar, meu Deus, me deixa furiosa. E quer saber o pior? - Seus olhos pareciam pedras verdes incendiadas. - O pior é ela aceitar toda aquela merda da

parte dele. Tudo está bem para ela. Nunca vai abandonálo, nunca vai exigir mais. Vai ficar ali para o resto da vida, agradecida por todo o trabalho de empregada

que faz para ele, completamente inconsciente do fato de que ele nada faz por ela e insistindo em dizer que deve tudo a ele. Tudo o quê? Trabalhou como um cão durante

toda a vida por tudo o que tem, e ele a trata como uma peça de mobiliário… - … prostituta paga… as palavras de Billy soavam ainda nos seus ouvidos e pela décima

milionésima

vez tentou afastá-las da mente. - Não sei… ela vê as coisas de modo diferente, mas isso me deixa danada da vida. Não posso passar o resto da minha vida beijando

o traseiro dele. Devo muito à minha mãe, mas não devo coisa alguma a Arthur Durning, e nem ela, mas minha mãe não vê as coisas assim. Ela está sempre tão assustada…

Fico imaginando se ela era assim antes da morte do meu pai… - Sua mãe sempre lhe dizia que se parecia muito com o pai, e seu rosto se iluminava.

- Gosto mais do meu pai do que da minha mãe. - Sharon era sempre honesta em relação aos seus sentimentos, especialmente com Tana. No fim do primeiro mês tinham trocado

inúmeros segredos, embora Tana nunca tivesse se referido ao estupro. Não conseguia dizer a palavra, mas afinal, não era importante, mas alguns dias antes da primeira

festa programada para o Dia das Bruxas com uma escola próxima de rapazes, Sharon fechou os olhos e atirou-se na cama.

- E agora mais essa. O que eu faço? Vou de gato preto ou me cubro com um lençol branco como os membros da Klan?

As moças podiam ir desacompanhadas, pois o baile ia ser em Green Hill, o que era uma sorte, pois Tana e Sharon não tinham namorado. Nem amigas. Todas as outras estudantes

tinham muito cuidado em não se aproximar delas. Eram delicadas, não olhavam mais com insistência para Sharon e todas as professoras a tratavam com atenção, mas era

quase como se quisessem fingir que ela não estava ali, como se, ignorando sua existência, pudessem fazê-la desaparecer. E a única amiga que tinha era Tana, que ia

com ela a toda parte, e o resultado era que a única amiga de Tana era Sharon.

Todas a evitavam também. Se ela queria brincar com negros, ia brincar sozinha. Mais

de uma vez Sharon gritara para ela:

- Por que diabo não vai brincar com sua gente! Tentava parecer durona mas Tana compreendia.

- Ora, vá para o inferno.

- Você é uma perfeita idiota.

- Ótimo. Então somos duas. Por isso nos damos tão bem.

- Nada disso - dizia Sharon com um largo sorriso. - Nos damos bem porque você se veste como uma merda e se não tivesse minhas roupas e meu conselho experiente ia

parecer uma perfeita cretina.

- É isso - Tana sorria, satisfeita - tem razão. Mas, pode me ensinar a dançar?

Riam às gargalhadas e quase todas as noites suas risadas eram ouvidas no corredor. A energia, disposição e ânimo de Sharon fizeram com que Tana voltasse à vida e

às vezes ficavam sentadas, dizendo piadas e rindo até as lágrimas escorrerem pelos seus rostos e acabarem chorando. Sharon tinha também um aperfeiçoado senso de

estilo que Tana nunca vira antes, e as roupas mais bonitas do mundo. Tinham o mesmo tamanho e depois de algum tempo estavam guardando tudo nas mesmas gavetas e usando

o que estava mais à mão.

- Então… o que você vai ser na Festa das Bruxas, Tan? - Sharon estava pintando as unhas com esmalte laranja brilhante e o efeito era espetacular contra a pele

escura. Olhou para o esmalte úmido e depois para a amiga, mas Tana apenas

desviou os olhos.

- Não sei… vou pensar.

- O que quer dizer com isso? - Percebeu imediatamente algo estranho na voz de Tana, algo que não ouvira antes, a não ser uma ou duas vezes quando tivera a impressão

de ter atingido um ponto delicado, mas não tinha certeza do que se tratava, nem exatamente onde ficava esse ponto. - Você vai, não vai?

Tana levantou-se espreguiçando-se e olhou para o outro lado.

- Não, não vou.

- Pelo amor de Deus, por que não? - Estava atónita. Tana gostava de se divertir. Tinha muito senso de humor, era bonita, uma companhia alegre, inteligente. - Não

gosta do Dia das Bruxas?

- É legal… para crianças…

Era a primeira vez que Sharon via Tana daquele jeito e ficou surpreendida.

- Não seja desmancha-prazeres, Tan. Vamos, eu arranjo uma fantasia para você.

Começou a procurar no armário, tirando peças de roupa e jogando-as na cama, mas Tana não parecia divertida, e naquela noite, quando as luzes se apagaram, Sharon

perguntou outra vez:

- Afinal, por que não quer ir ao baile do Dia das Bruxas, Tan?

Sabia que Tan não tinha nenhum namorado, mas ninguém tinha ainda. Para Sharon era uma estrada especialmente solitária, como a única aluna negra, mas se conformara

com isso quando resolveu ir para Green Hill, e ninguém na escola conhecia rapazes. Somente algumas meninas de sorte tinham conseguido namorados, mas

sem dúvida iam

conhecer um bando de rapazes na festa e Sharon estava morrendo de vontade de ir a algum lugar.

- Você tem namorado firme em casa?

Tana não falara nada e Sharon achava pouco provável que não quisesse contar, embora muitas coisas não tivessem compartilhado ainda. Tinha evitado o assunto da virgindade,

ou da não virgindade, que Sharon sabia ser pouco comum na Casa Jasmim. Era como se todas estivessem ansiosas para falar sobre seus status nessa área mas percebera

a reticência de Tana e não estava ansiosa para falar sobre o assunto. Porém, agora, apoiada no cotovelo, olhou para Tana no quarto iluminado pelo luar.

- Tan…?

- Não, nada disso… É que não gosto de sair.

- Algum motivo especial? É alérgica a homem?… Fica tonta com saltos altos… vira vampiro depois da meianoite?… Embora, na verdade - ela sorriu com malícia isso

possa ser formidável para o Dia das bruxas.

Na outra cama, Tana riu.

- Não seja boba. Só não gosto de sair, é isso. Nada importante. Você vai. Apaixone-se por um cara branco e deixe seus pais malucos.

Riram com a perspectiva.

- Cristo, provavelmente iam me expulsar da escola. Se a velha sra. Jones pudesse escolher, ia me pôr ao lado do velho Sam.

A governanta várias vezes tinha olhado com ar condescendente para Sharon e depois para Sam, como se houvesse uma espécie de parentesco entre os dois.

- Ela sabe quem é seu pai?

Freeman Blake acabava de receber outro prêmio Pulitzer e todo o país conhecia seu nome, tivessem ou não lido seus livros.

- Acho que ela não sabe ler.

- Dê um livro autografado de presente para ela quando voltar dos feriados. - Tana deu um largo sorriso e Sharon caiu na gargalhada.

- Ela ia morrer…

Mas isso não resolveu o problema da festa do Dia das Bruxas. No fim, Sharon foi com uma fantasia de gato preto muito sexy, com malha preta, e rosto moreno no meio,

os olhos imensos, as pernas que pareciam nunca mais acabar, e depois de um momento inicial de tensão, alguém a convidou para dançar, e durante o resto da noite não

parou mais. Divertiu-se a valer, embora nenhuma das outras moças tivessem falado com ela e quando voltou, um pouco depois da uma hora, Tana estava dormindo profundamente.

- Tan?… Tana?… Tan…?

Tana ergueu a cabeça e abriu um olho, gemendo.

- Você se divertiu?

- Foi ótimo! Dancei a noite inteira! - Estava morrendo de vontade de contar tudo mas Tana já tinha se virado na cama.

- Fico satisfeita… boa noite…

Sharon olhou para as costas de Tana imaginando mais uma vez por que ela não fora à festa, mas nada mais foi dito, e quando Sharon, no dia seguinte, tentou tocar

no assunto, Tan deixou claro que não estava interessada. Depois da festa, as

outras moças começaram a sair. O telefone no corredor do primeiro andar tocava o tempo

todo

e só um rapaz telefonou para Sharon Blake. Convidoua para o cinema e ela foi, mas quando chegaram o bilheteiro não a deixou entrar.

- Não estamos em Chicago, amigos - disse olhando severamente para os dois e o rapaz corou angustiado. - Estão no sul agora. - Dirigiu-se para o rapaz. - Vá para

casa e arranje uma garota decente, filho.

Sharon procurou consolá-lo.

- Eu não queria mesmo ver o filme. É verdade, Tom, está tudo bem.

Mas no carro, de volta, o silêncio era doloroso e finalmente, quando chegaram à Casa Jasmim, ela se voltou para ele. Sua voz bonita e suave, os olhos bondosos, a

mão macia como veludo tocando a dele:

- Está tudo bem de verdade, Tom. Eu compreendo. Estou acostumada. - Respirou fundo. - Por isso vim para Green Hill. - Parecia uma coisa estranha e os olhos dele

voltaram-se para ela com curiosidade. Era a primeira jovem negra que convidava para sair e na sua opinião a criatura mais exótica que já vira.

- Você veio para cá para ser insultada por um cara de merda em um cinema de uma cidadezinha insignificante? - Ele fervia ainda por dentro, furioso por ela, embora

Sharon não estivesse.

- Não - respondeu com voz firme, pensando nas palavras da mãe. - Vim para cá para mudar as coisas, eu acho. Começa assim e continua por um longo tempo, e finalmente

ninguém se importa mais, moças negras e rapazes brancos vão ao cinema, dirigem carros, caminham nas ruas, comem hambúrgueres onde bem entendem.

Acontece em Nova

York. Por que não pode acontecer aqui? As pessoas podem olhar, mas pelo menos não expulsam a gente. E o único modo de chegar aí é começar com pequenas coisas, como

esta noite.

O rapaz olhou para ela, imaginando se fora usado, mas

tinha a impressão de que não se tratava disso. Sharon Blake não era desse tipo, e ele já sabia quem era o pai dela. Era impossível não se impressionar com uma pessoa

assim. E ele a admirou mais depois daquelas palavras. Para ele eram um tanto confusas mas sabia que continham alguma verdade.

- Sinto muito que não tenhamos entrado. Que tal tentar outra vez na próxima semana?

Sharon riu.

- Eu não quis dizer que a gente tem de mudar tudo de uma vez. - Mas gostou da disposição dele. O rapaz estava entendendo a idéia e talvez sua mãe não estivesse tão

errada. Talvez fosse certo servir uma causa, afinal de contas.

- Por que não? Mais cedo ou mais tarde aquele cara vai se cansar de expulsar a gente. Que diabo, podemos ir ao coffeeshop, ao restaurante no outro lado da cidade…

As possibilidades eram ilimitadas e Sharon estava rindo quando ele a ajudou a descer do carro e a levou até a Casa Jasmim. Ela ofereceu uma xícara de chá e pensaram

em conversar por algum tempo na sala de estar, mas os olhares dos outros casais eram tão agressivos que finalmente Sharon se levantou. Foi com ele lentamente até

a porta, e por um momento seu rosto ficou tristonho. Teria sido tão mais fácil na U.C.L.A., em Colúmbia, em qualquer lugar do norte… qualquer lugar, menos ali…

Tom percebeu o que ela estava pensando e murmurou ao lado da porta aberta.

- Lembre-se… não acontece da noite para o dia. - Tocou o rosto dela de leve e saiu.

Sharon viu o carro se afastar… naturalmente ele estava certo… não acontecia de um dia para o outro.

Subindo a escada, concluiu que a noite não fora de todo perdida. Gostava de Tom e imaginou se ele a convidaria outra vez. Era um rapaz decidido.

- Então? Ele se declarou? - Tana sorriu largamente quando Sharon entrou no quarto.

- Declarou. Duas vezes.

- Isso é ótimo. Que tal o filme? Sharon sorriu.

- Não pergunte a mim.

- Vocês não foram? - Parecia surpresa.

- Não nos deixaram entrar… você sabe… rapaz branco… moça escura… “Vá procurar uma moça decente, filho”… - Forçou um sorriso, mas Tana viu a dor nos seus

olhos e franziu a testa.

- Os merdas. O que Tom disse?

- Foi legal. Ficamos sentados lá embaixo por algum tempo, mas isso foi pior ainda. Deve ter umas sete Brancas de Neve sentadinhas com seus Príncipes Encantados,

todos com os olhos grudados em nós. - Suspirou e sentou-se, olhando para a amiga. - Merda… minha mãe e suas idéias brilhantes… por um minuto, do lado

de fora

do cinema eu me senti nobre, corajosa e pura, e quando chegamos aqui cheguei à conclusão de que foi tudo na verdade uma grande porcaria. Que diabo, não posso nem

comer um hambúrguer nesta cidade. Eu teria morrido de fome lá fora.

- Não se saísse comigo, aposto.

Não tinham saído ainda para comer, estavam confortavelmente instaladas e a comida da escola era muito boa. As duas engordaram um ou dois quilos, para grande desgosto

de Sharon.

- Não tenha tanta certeza, Tan. Aposto que vão criar um caso dos diabos se eu sair com você também. Negro é negro e branco é branco, não importa de que lado se olhe.

- Por que não tentamos?

Tana estava curiosa e na noite seguinte saíram. Caminharam lentamente para a cidade e pararam para comer um hambúrguer. A garçonete olhou para elas longa e agressivamente

e se afastou sem atendê-las, enquanto Tana olhava para ela chocada. Chamou a moça outra vez, mas ela fingiu não ter visto, até que finalmente Tana se aproximou dela

e perguntou se podiam pedir o jantar agora, então a garçonete pareceu magoada.

Falando em voz baixa para que Sharon não ouvisse, ela disse:

- Sinto muito, meu bem. Não posso servir sua amiga. Esperava que vocês duas percebessem.

- Por que não? Ela é de Washington - como se isso fizesse diferença… - sua mãe é advogada e o pai dela ganhou o prêmio Pulitzer duas vezes…

- Isso não faz nenhuma diferença aqui. Isto não é Washington. É Yolan.

Yolan, Carolina do Sul, berço de Green Hill.

- Tem algum lugar na cidade onde podemos comer? A garçonete olhou nervosa para a loura alta de olhos

verdes. Havia na voz da jovem uma aspereza que a assustou.

- Tem um lugar para ela no outro lado da rua… e você pode comer aqui.

- Quero dizer nós duas. - Os olhos de Tana eram como aço verde e pela primeira vez na vida sentiu alguma coisa estranha. Tinha vontade de bater em alguém. Uma sensação

nova para ela, uma raiva ilógica e incontrolável. - Existe algum lugar nesta cidade onde podemos comer juntas, sem tomar o trem para Nova York? - Tana olhou para

a garçonete furiosa e a moça lentamente balançou a cabeça. Mas Tana não estava disposta a ceder nem um centímetro. - Está certo, quero dois cheeseburgers e duas

Cocas.

- Não, não quer - um homem veio da cozinha atrás das duas. - Volte para aquela maldita escola elegante de onde veio. - Era fácil saber de onde eram, em Yolan. As

roupas de Sharon chamavam atenção em qualquer lugar. Estava usando uma saia e suéter compradas por sua mãe em Bonwit Teller, em Nova York. - E podem comer o que

quiserem lá. Não sei o que deu no pessoal da escola, mas se aceitam negros, então eles que os alimentem em Green Hill, não temos obrigação de alimentá-los aqui.

- Olhou para Tana e depois para Sharon, e era como se uma força imensa tivesse entrado no restaurante. Por um minuto Tana pensou que ele ia usar a força física para

expulsá-las. Desde o caso com Billy não se sentia tão furiosa e tão assustada.

Então, tranqüilamente, com seu modo refinado, com suas longas pernas elegantes, Sharon levantou-se.

- Vamos, Tan - Sua voz era um ronrom sexy e, por um momento, Tana viu os olhos do homem praticamente

a apalpando e teve vontade de esbofeteá-lo. Ele a fazia lembrar de algo que queria esquecer e, em seguida, saiu atrás de Sharon.

- Filho da puta… - Tana estava fervendo de raiva enquanto caminhavam lentamente de volta à escola, mas Sharon estranhamente calma. Era a mesma sensação da noite

anterior com Tom, quando não os deixaram entrar no cinema. Por um momento houve uma silenciosa força no ar, uma compreensão do motivo de sua presença ali, e depois

veio a depressão. Mas nesta noite a depressão não tinha se manifestado.

- A vida é estranha, não é? Se isto fosse Nova York ou Los Angeles, ou quase qualquer outro lugar, ninguém ia se incomodar. Mas aqui, é de grande importância eu

ser negra e você ser branca. Talvez minha mãe esteja certa. Talvez esteja na hora de uma cruzada. Não sei. Sempre pensei que, desde que eu estivesse bem, não importava

que coisas como essa estivessem acontecendo a alguém. Mas de repente esse alguém sou eu. - E então compreendeu por que a mãe havia insistido para que fosse para

Green Hill, e pela primeira vez, desde sua chegada, imaginou se ela não estaria certa. Talvez pertencesse àquela cidade, afinal. Talvez devesse a alguém por todo

o tempo em que vivera confortavelmente. - Não sei o que pensar, Tan…

- Nem eu… - Estavam andando lado a lado. - Acho que nunca me senti tão indefesa e tão furiosa… - Então, o rosto de Billy Durning apareceu em sua

lembrança, e

seu rosto se contraiu. - Bem… talvez já… uma vez…

Naquele momento sentiam-se mais unidas do que nunca. Tana quase teve vontade de abraçar Sharon para protegêla de mágoas maiores, quando a amiga olhou para ela com

um suave sorriso.

- Quando foi isso, Tan?

- Oh, há muito tempo… - Tentou sorrir - … cinco meses.

- Ah, sim, muito tempo…

Trocaram um sorriso e continuaram a andar. Um carro passou por elas, mas ninguém as incomodou e Tana não sentiu

medo. Ninguém jamais faria a ela o que Billy Durning fizera. Ela mataria quem tentasse. E quando Sharon olhou para ela viu nos olhos da amiga uma expressão dura

e estranha.

- Deve ter sido bem ruim.

- Foi.

- Quer falar a respeito? - Sua voz era suave como a noite cinza-carvão, e caminharam em silêncio por algum tempo, Tana pensando. Nunca teve vontade de contar para

ninguém antes, desde que tentara contar para a mãe.

- Não sei.

Sharon fez um gesto afirmativo, como se compreendesse. Todo mundo tem alguma coisa que não quer compartilhar. Ela também tinha um segredo desse tipo.

- Tudo bem, Tan.

Mas Tana olhou para ela e subitamente as palavras saíram, quase como com vontade própria.

- Sim, eu quero… - e depois - não sei… como se conta uma coisa dessas? - Começou a andar mais depressa como se quisesse fugir, e Sharon a acompanhou facilmente

com suas pernas longas e graciosas. Inconscientemente, Tana passou a mão pelo cabelo, nervosa, olhou para longe e parecia ofegante. - Não há muito para contar…

fui a uma festa depois da minha formatura em junho… na casa do patrão da minha mãe… ele tem um filho que é uma porcariazinha… e eu disse a minha mãe que não

queria ir… - Sua respiração estava entrecortada e Sharon sabia que Tana não estava notando enquanto continuavam a caminhar apressadas. Sabia que, fosse o que fosse,

era uma tortura para Tana e seria melhor que contasse. - Bem, ela disse que eu teria de ir de qualquer jeito… ela sempre diz isso… ela é assim, pelo menos quando

se trata de Arthur Durning e seus filhos… ela é cega, não vê como eles são… - as palavras pararam e continuaram a andar, depressa, depressa, como se Tana pudesse

ainda fugir, e Sharon a acompanhou, observando-a enquanto Tana lutava com as lembranças e então começou a falar outra vez… - Bem, um garoto idiota me apanhou e

chegamos lá… na festa, quero dizer… e todos ficaram bêbados… e o cara idiota que me levou ficou

bêbado e desapareceu e eu estava andando pela casa… e Billy… o filho de Arthur… perguntou se eu queria ver o quarto em que minha mãe trabalhava, e eu sabia

onde ficava… - As lágrimas corriam pelo seu rosto, mas Tana não as sentia andando contra o vento, e Sharon não disse nada. - E ele me levou para o quarto de Arthur

e tudo era cinzento… veludo cinzento, cetim cinzento… pele cinzenta… até o tapete no chão era cinzento - era tudo que ela podia lembrar, aquele campo infinito

cinzento e seu sangue no tapete depois e o rosto de Billy, e então o acidente, mal podia respirar lembrando-se, e Tana puxava o decote da blusa enquanto corria,

soluçando, e Sharon acompanhava de perto. Não estava mais sozinha, uma amiga corria através do pesadelo com ela e Tana parecia perceber isso - … e Billy começou

a me esbofetear e me empurrou para o chão… e tudo o que eu fiz… - lembrava-se outra vez de como se sentira indefesa, do desespero e subitamente no ar da noite

ela gritou e também de repente parou, escondendo o rosto nas mãos - … e não podia fazer nada para que ele parasse… não podia… - todo seu corpo tremia agora

e Sharon abraçou-a com carinho. - … e ele me violentou… e me deixou ali coberta de sangue… minhas pernas e meu rosto… e então eu vomitei… e mais tarde

ele me seguiu na estrada e me fez entrar no carro e quase bateu no caminhão - as palavras não podiam mais parar e ela chorava e Sharon chorava com ela - e batemos

na árvore e ele feriu a cabeça e ficou também coberto de sangue e eles nos levaram para o hospital e então minha mãe chegou… - Subitamente parou outra vez e com

o rosto desfeito pela lembrança do que tentava esquecer há cinco meses, olhou nos olhos de Sharon. - E quando tentei contar para ela, não acreditou em nada do que

eu disse… disse que Billy Durning jamais faria uma coisa daquelas. - Os soluços

eram profundos e dolorosos agora, e Sharon a abraçou em silêncio.

- Acredito em você - disse, afinal.

Tana fez um gesto afirmativo, e parecia uma menininha desolada.

- Não quero que ninguém jamais toque em mim. Sharon sabia exatamente o que Tana estava sentindo,

mas não pelos mesmos motivos. Ela não fora violentada. Dera alegremente ao rapaz que amava.

- Minha mãe nunca acreditou em nenhuma palavra minha. E nunca vai acreditar. Os Durning são bons para ela.

- O importante é que você está bem, Tana.

Sharon levou-a para um tronco de árvore caído, sentaram, ofereceu um cigarro e pela primeira vez Tana deu uma tragada.

- E você está bem, sabe disso, não sabe? Muito melhor do que pensa. - Sorriu gentilmente, profundamente comovida com a confidência, enxugou as lágrimas do rosto

de Tana e sorriu.

- Você não me acha horrível por causa disso?

- Que pergunta mais idiota. Nada disso se reflete em você, Tan.

- Não sei… às vezes penso que sim… é como se eu pudesse ter evitado se tentasse realmente. - Era bom dizer essas palavras, só para se livrar delas. Há meses

a perseguiam.

- Pensa mesmo isso, Tan? Pensa mesmo que podia ter evitado? Diga a verdade.

Tana pensou durante um longo tempo e então balançou a cabeça.

- Não.

- Então não se torture. Aconteceu. Foi horrível. Pior do que isso. Foi provavelmente a pior coisa de toda a sua vida, mas ninguém vai fazer isso de novo com você.

E não foi você que ele tocou. Ele não tocou na verdadeira Tana, não importa o que tenha feito. Tan, esqueça. Apague a lembrança. E vá em frente.

- É fácil dizer - Tana sorriu, cansada - mas difícil de fazer. Como a gente esquece uma coisa dessas?

- Você se obriga a esquecer. Não deixe que a destrua, Tan. É a única vez em que um cara como esse sai ganhando. Ele é doente. Você não é. Não fique doente por causa

do que ele fez. Por pior que tenha sido, tire da mente e vá em frente.

- Oh, Sharon… - Tana suspirou e levantou-se, olhando para a amiga ainda sentada. A noite estava linda. - O que a faz tão sensata para uma garota?

Sharon sorriu, mas seus olhos estavam sérios nessa noite, quase tristonhos.

- Tenho meus segredos também.

- O quê, por exemplo?

Tana estava calma agora, mais do que nunca, como se um animal furioso tivesse sido retirado de dentro dela, como se Sharon tivesse aberto a porta da jaula, libertando,

deixando Tana em paz outra vez. Sua mãe não fora capaz de fazer isso por ela há cinco meses, mas Sharon fizera e Tana sabia que, não importa o que acontecesse, seriam

sempre amigas.

- O que aconteceu com você? - Tana pela primeira vez notou que havia algo diferente nos olhos da amiga.

Sharon falou sem rodeios. Nunca contara a ninguém, mas era algo que estava sempre no seu pensamento e, na véspera de sua partida para Green Hill, tinha

comentado

o assunto com o pai. Ele havia dito o mesmo que Sharon dissera agora para Tana, que ela não podia deixar que o fato destruísse sua vida. Aconteceu. E agora estava

feito. E devia deixar como estava e continuar em frente, mas Sharon não tinha certeza de ser capaz.

- Tive um filho este ano.

Por um momento Tana prendeu a respiração e olhou para Sharon chocada.

- Um filho?

- É. Comecei a namorar firme aos 15 anos e quando fiz 16 ele me deu seu anel de formatura… eu não sei, Tan… parecia tudo tão bonito… ele parece um deus africano,

é inteligente paca e dança… - parecia mais bela e mais jovem pensando nele… - Está em Harvard - seus olhos se entristeceram - mas não falo com ele há quase um

ano. Fiquei grávida, contei a ele e ele entrou em pânico, eu acho. Queria que eu fizesse um aborto com um médico conhecido do

primo dele, e eu recusei… que diabo, tinha ouvido falar de mulheres que morreram… - Seus olhos se encheram de lágrimas com a lembrança e esqueceu que Tana estava

ao seu lado, de pé, olhando para ela. - Eu ia contar para minha mãe, mas… não tive coragem… contei ao meu pai… e ele contou para ela… e todo mundo enlouqueceu…

e eles telefonaram para os pais dele, todo mundo gritando e chorando, minha mãe o chamou de negro… e o pai dele me chamou de ordinária… foi a pior noite da minha

vida e, quando tudo acabou, meus pais me ofereceram uma escolha. Podia fazer o aborto com um médico indicado por minha mãe, ou podia ter o bebê e dá-lo a

alguém.

Eles disseram - respirou fundo, como se fosse essa a pior parte - que eu não podia ficar com ele… que ia arruinar minha vida - seu corpo todo tremia - ter um filho

com 17 anos… e eu não sei, mas resolvi ter o bebê, acho que esperava que Danny mudasse de opinião… ou meus pais… ou que acontecesse um milagre… mas nada

disso aconteceu. Fiquei em uma casa de repouso durante cinco meses e continuei com meu programa do último ano do curso e o bebê nasceu no dia 19 de abril… um menininho…

- Sharon tremia e Tana, em silêncio, segurou a mão dela. - Não queriam que eu o visse, mas eu vi uma vez… tão pequenino… meu trabalho de parto durou 19 horas

e foi horrível e ele pesava só três quilos… - Seus olhos estavam a quilômetros de distância pensando no menininho que jamais tornaria a ver, e então olhou para

Tana. - Ele se foi, Tana - choramingou, quase como uma criança e em muitas coisas ela era ainda uma criança. As duas eram. - Assinei os papéis finais há três semanas.

Minha mãe tratou de tudo… foi adotado por pessoas de Nova York… - Não podia controlar os soluços e abaixou a cabeça. - Oh, meu Deus, Tan, espero que sejam bons

para ele… eu não devia deixar que o levassem… e tudo para quê? Havia revolta agora nos seus olhos. - Para isto? Vir para esta escola idiota para provar alguma

coisa, para que outras jovens de cor possam vir também no futuro. E daí?

- Não tem nada a ver com isto. Eles queriam que você começasse de novo, com marido e família na hora certa.

- Estavam errados, e eu também. Nem pode imaginar o que senti… aquele vazio quando voltei para casa… sem nada… sem ninguém… nada jamais substituirá isso.

- Respirou fundo. - Não vejo Danny desde que fui para a casa de repouso em Maryland… e nunca vou saber onde está o meu filho… Eu me formei com minha classe…

- com um peso no coração - …e ninguém sabia o que eu estava sentindo…

Tana balançou a cabeça, observando a amiga. Eram mulheres agora. Dolorosamente ganho, dolorosamente conquistado, e era cedo demais para saber se as coisas iam melhorar

com o tempo, mas uma coisa ambas sabiam enquanto caminhavam lentamente de volta para a escola, era que cada uma delas tinha agora uma amiga. Tana tinha feito Sharon

se levantar e a abraçara, as lágrimas se misturando, cada uma sentindo a dor da outra, tanto quanto era possível.

- Eu te amo, Shar - Tana olhou para a amiga com um sorriso e Sharon enxugou os olhos.

- É… eu também te amo.

E voltaram para a escola de braços dados na noite silenciosa, voltaram para a Casa Jasmim, trocaram de roupa e se deitaram, cada uma em sua cama, cada uma com seus

pensamentos.

- Tan? - a voz de Sharon no quarto escuro.

- O que é?

- Obrigada.

- Por quê? Por ouvir? Para isso são os amigos… preciso de você também.

- Meu pai estava certo, sabe? A gente tem de seguir em frente.

- Acho que sim. - Mas como? - Ele sugeriu algum modo de fazer isso?

Sharon riu.

- Tenho de perguntar isso a ele - então, subitamente teve uma idéia. - Por que você mesma não pergunta? Por que não vem comigo nos feriados de Ação de Graças?

Tana pensou no assunto, com o esboço de um sorriso. Gostava da idéia.

- Não sei o que minha mãe vai dizer. - Mas de repente não estava certa de se importar, e se é que se importava, não era tanto quanto seria há cinco meses. Talvez

estivesse na hora de experimentar suas asas e fazer o que tinha vontade. - Vou telefonar para ela amanhã à noite.

- Ótimo - Sharon sorriu sonolenta e virou na cama, dando as costas para a amiga.

- Boa noite, Tan…

E logo depois estavam as duas adormecidas, mais tranqüilas do que tinham se sentido em meses, a mão de Tana numa posição infantil sobre os cabelos dourados, e Sharon

encolhida como uma bolinha negra ronronante. As longas pernas pareciam ter desaparecido e ela parecia um gatinho dormindo pacificamente.

Capítulo 5

Jean Roberts ficou desapontada quando a filha telefonou dizendo que não iria para casa nos feriados de Ação de Graças.

- Tem certeza? - Não queria insistir, mas teria preferido que Tana passasse os feriados em casa. - Você não conhece muito bem essa moça…

- Mamãe, eu moro com ela. Dormimos no mesmo quarto. Eu a conheço melhor do que já conheci qualquer pessoa em minha vida.

- Tem certeza de que os pais dela não vão se importar?

- Positivo. Ela telefonou para eles esta tarde. Eles têm um quarto para mim, e

Sharon disse que ficaram muito satisfeitos por ela estar levando uma amiga.

Naturalmente que estavam. Segundo Sharon, para Miriam era uma prova de que a filha podia ser feliz em Green Hill, mesmo sendo a única negra na escola e estava levando

uma “das outras” para casa, a prova definitiva de que tinha sido aceita. Não sabiam que Tana era sua única amiga, que não existia em Yolan um único lugar onde ela

fosse atendida, que não conseguira entrar em nenhum cinema desde a sua chegada e que até na lanchonete da escola as moças a evitavam. Mas, também segundo Sharon,

mesmo que soubessem, Míriam teria achado que era mais uma prova de que a presença de Sharon era necessária em Green Hill.

“Eles” teriam de aceitar os negros algum dia, e o tempo era agora. Era um bom desafio para Sharon, especialmente depois do ano anterior, isso a impediria de pensar

muito nos problemas pessoais, pensava Miriam Blake, ia obrigála a se ocupar com outras coisas, ou pelo menos era o que ela dizia.

- É verdade, mamãe, eles disseram que estava bem.

- Certo, então veja se a convida para os feriados de Natal. - Jean sorriu no telefone. - Na verdade, tenho uma pequena surpresa para você. Arthur e eu íamos contar

nestes feriados… - O coração de Tana parou. Será que ele ia finalmente se casar com sua mãe? Não conseguiu dizer nada e sua mãe continuou: - Arthur tornou possível

fazermos uma pequena festa de “apresentação” para você. Vai haver um pequeno cotilhão aqui na cidade… bem, não exatamente um cotilhão, mas um baile de debutantes

mais ou menos e Arthur colocou seu nome na lista, quero dizer, afinal de contas você estudou na escola da srta. Lawson e tudo o mais, querida, e… você vai ser

uma debutante, meu bem. Não é maravilhoso?

Por um momento nenhuma palavra ocorreu a Tana. Não parecia nada maravilhoso, e mais uma vez sua mãe estaria beijando os pés de Arthur Durning… casar com ela…

que piada. Como podia ter pensado nisso… uma “espécie de cotilhão”… merda…

- Por que não convida sua nova amiga para a festa? Tana quase sufocou. Porque minha nova amiga é preta, mamãe.

- Vou convidar, mas acho que ela vai viajar nos feriados.

Merda. Debutante. E quem seria seu acompanhante? Billy Durning? O filho da puta.

- Não parece muito entusiasmada, meu bem. - Havia desapontamento na voz de Jean Roberts, tanto porque Tana não estaria em casa nos feriados, quanto por não se mostrar

muito satisfeita com a festa arranjada por Arthur.

Ele sabia o quanto isso significava para Jean. Ann havia debutado no Baile Internacional quatro anos antes, naturalmente não uma pequena festa como seria a de Tana,

mas assim mesmo, na opinião de Jean, era uma experiência maravilhosa para a filha.

- Desculpe, mamãe. Acho que é a surpresa.

- Uma bela surpresa, não é?

Não. Na verdade, ela não se importava. Coisas desse tipo não eram importantes para ela. Nunca tinham sido. Todo aquele absurdo social do mundo dos Durning era irrelevante

para Tana, mas significava muito para Jean, sempre significara, desde que tinha se apaixonado por ele.

- Tem de pensar em um acompanhante para o baile. Eu estava pensando que Billy talvez pudesse - o coração de Tana disparou e sentiu um aperto no peito - mas ele vai

esquiar na Europa com amigos. Em Saint Moritz, o felizardo…

O felizardo… Ele me violentou, mamãe…

- Você terá de pensar em outra pessoa. Naturalmente uma pessoa adequada.

Naturalmente. Quantos outros estupradores conhecemos?

- É uma pena que eu não possa ir sozinha. - A voz de Tana parecia sem vida no outro lado da linha.

- Isso é ridículo - Jean parecia aborrecida. - Bem, de qualquer modo, não se esqueça de convidar sua amiga… essa com quem vai passar os feriados de Ação de Graças.

- Certo - Tana sorriu. Se ela soubesse. Jean Roberts morreria se Tana convidasse uma amiga preta para o pequeno baile de “debutantes” arranjado por Arthur. Era quase

divertido pensar na possibilidade, mas jamais se aproveitaria de Sharon desse modo. Eram todos um bando de arrogantes esnobes. Sabia que nem sua mãe estava preparada

para isso. - O que vai fazer no dia de Ação de Graças, mamãe? Tudo bem com você?

- Tudo bem. Arthur já nos havia convidado para passar o dia em Greenwich.

- Talvez agora que não estou aí, você possa passar a noite. - Um silêncio de morte no telefone e Tana se arrependeu do que havia dito. - Não quis dizer isso.

- Sim, foi exatamente o que quis dizer.

- Bem, que diferença faz? Tenho 18 anos agora. Não é segredo… - Tana sentiu náuseas lembrando do enorme quarto cinzento. - Desculpe, mamãe.

- Cuide-se bem - Jean se controlou. Ia sentir falta da filha, mas tinha muito que fazer agora e Tana estaria em casa dali a um mês. - E não se esqueça de agradecer

sua amiga pelo convite.

Tana sorriu. Era como se tivesse sete anos outra vez. Talvez nunca deixasse de ser assim.

- Não se preocupe. E um bom dia de Ação de Graças, mamãe.

- Vai ser bom. E vou agradecer a Arthur por você. - As palavras foram ditas secamente e Tana pareceu não entender.

- Agradecer o quê?

- O baile, Tana. O baile… Não sei se você compreende, mas é muito importante para uma moça, e eu nunca poderia ter conseguido sozinha. - Importante…? Importante

para quem…? - Não imagina o que isso significa. - As lágrimas encheram os olhos de Jean Roberts.

De certo modo era a realização de um sonho. A menina de Andy e Jean Roberts, a menininha que ele nunca conhecera, ia debutar na sociedade de Nova York, e embora

fosse na periferia dessa sociedade, era um acontecimento importante para as duas… para Tana… e especialmente para Jean… seria o momento mais importante da

sua vida. Lembrou-se do baile de Ann. Jean tinha planejado cada detalhe, sem pensar que um dia Tana estaria também debutando.

- Desculpe, mamãe.

- Deve mesmo se desculpar. E acho que devia escrever para Arthur. Diga a ele o que isso significa para você.

Tana teve vontade de gritar. Que diabo isso significa? Que algum dia ia

encontrar um marido rico, que podiam pôr uma marca no seu pedigree! Quem se importava? Que

tipo de realização era essa, fazer curvaturas em um baile idiota, observada por uma porção de bêbados boquiabertos? Nem

sabia com quem iria, e estremeceu só de pensar. Tinha saído com uma meia dúzia de rapazes nos dois últimos anos de escola, mas nada sério, e depois do que aconteceu

em Greenwich, em junho, não queria sair com ninguém.

- Preciso desligar, mamãe. - De repente queria acabar com a conversa, e voltou para o quarto deprimida. Sharon estava fazendo as unhas outra vez. Era um processo

eterno para as duas. Recentemente tinham tentado o esmalte bege, Straw Hat, de Fabergé.

- Ela disse não?

- Ela disse sim.

- Então? Parece que alguém estourou sua bola de gás.

- Acho que ela estourou. - Tana sentou-se na cama abruptamente. - Merda. Ela fez o seu maldito amigo me inscrever em um idiota baile de debutantes. Jesus Cristo,

Shar, eu me sinto como uma perfeita cretina.

Sharon olhou para ela e começou a rir.

- Quer dizer que vai ser uma debutante, Tan?

- Mais ou menos. - Tana ficou embaraçada e deu um gemido. - Como é que ela pode fazer isso comigo?

- Deve ser divertido.

- Para quem? E que diabo quer dizer isso? É como conduzir uma manada de

gado. Eles fazem a gente desfilar com vestido branco e mostram a gente para uma porção de

bêbados, e a gente deve encontrar um marido naquele bando. Uma beleza, não é? - Tana estava abatida e Sharon guardou seu esmalte.

- Quem vai com você?

- Não me pergunte. Ela queria que Billy Durning fosse meu par, naturalmente, e graças a Deus ele não vai estar na cidade.

- Dê graças por isso. - Sharon olhou atentamente para ela.

- Eu dou. Mas a coisa toda parece uma farsa.

- Como tantas coisas na vida.

- Não seja cínica, Shar.

- Não seja tão medrosa, Tan. Vai ser bom para você.

- Quem diz isso?

- Eu digo. - Sharon aproximou-se dela com ar severo. - Você vive como uma freira aqui.

- Você também. E daí?

- Eu não tenho escolha. - Tom nunca mais telefonou, era mais do que ele podia enfrentar, Sharon sabia, e, na verdade, compreendia. Não tinha esperado mais dele.

Mas isso não fazia a vida muito interessante em Green Hill. - Você tem.

- Deixe para lá.

- Tem de começar a sair.

- Não, não tenho. - Tana olhou-a nos olhos. - Não tenho de fazer droga nenhuma que não quero. Tenho 18 anos e sou livre como um pássaro.

- Um pato manco. - Sharon olhou fixamente para ela. - Vá lá para fora outra vez, Tan.

Mas Tana não respondeu. Foi para o banheiro compartilhado pelas duas, ao lado do quarto, trancou a porta, encheu a banheira e só saiu depois de uma hora.

- Eu estava falando sério - a voz de Sharon parecia abafada no quarto escuro, quando já estavam deitadas.

- Sobre o quê?

- Tem de começar a sair outra vez.

- Você também.

- Vou sair um dia destes. - Sharon suspirou. - Talvez nos feriados, em casa. Não tenho ninguém com quem sair aqui. - Então ela riu. - Diabo, Tan, não sei do que

estou me queixando. Pelo menos tenho você.

Tana sorriu e conversaram por mais alguns minutos antes de adormecerem.

Na semana seguinte, Tana foi para Washington com Sharon. O pai de Sharon, Freeman Blake, as esperava na estação e Tana ficou impressionada com a beleza dele. Era

um homem de porte majestoso, um rosto quase da cor do mogno, de traços marcantes, orgulhoso, ombros largos e as pernas infindáveis de Sharon. Seu sorriso era caloroso,

dentes brancos brilhantes, e imediatamente tomou a filha nos braços, apertando-a por algum tempo. Ele sabia o que Sharon passara no ano anterior, e que tinha enfrentado

tudo como uma campeã, como ele sabia que ela ia enfrentar e orgulhava-se imensamente dela.

- Oi, filhinha, como vai a escola?

Sharon olhou para o alto e voltou-se rapidamente para a amiga.

- Tana, este é meu pai, Freeman Blake. Papai, esta é Tana Roberts, minha companheira de quarto em Green Hill.

Ele apertou a mão de Tana vigorosamente e no caminho ela ficou encantada com a voz e com os olhos dele. Freeman contava para Sharon todas as novidades locais, a

promoção da mãe para um posto mais importante, o novo grande romance do irmão Dick, a reforma da casa, o novo bebê do vizinho, seu novo livro. Uma conversa calorosa

e amiga que tocou o coração de Tana, e sentiu inveja da vida de Sharon. Mais ainda no jantar naquela noite na bela sala de jantar estilo colonial. A casa era bonita

com um imenso gramado e quintal, três carros na garagem, um deles o Cadillac de Freeman Blake, apesar dos comentários dos amigos. Mas ele admitia que sempre quis

ter um Cadillac conversível e agora, depois de tantos anos, tinha um. Os quatro eram obviamente muito unidos e Tana achou Míriam mais do que impressionante. Era

tão inteligente e tão direta que deixava a gente sem fôlego, e parecia sempre esperar o máximo de todos. Nunca se estava a salvo das suas perguntas e do seu olhar

inquiridor.

- Viu o que eu queria dizer? - Perguntou Sharon quando estavam sozinhas lá em cima. - Jantar com ela é como sentar no banco das testemunhas.

Míriam quis saber tudo o que Sharon tinha feito nos últimos dois meses, e ficou muito interessada nos detalhes do incidente com Tom no cinema e na lanchonete com

Tana.

- É só porque ela se interessa tanto por tudo, Shar… por tudo!

- Eu sei. E isso me deixa louca. Papai é tão inteligente quanto ela, pelo amor de Deus, e é tão mais tolerante com tudo.

Era mesmo, contava histórias interessantes e engraçadas, e tinha o dom de deixar todos à vontade, de unir a todos formando um elo irresistível. Tana notara isso

durante toda a noite e achava que Freeman era o homem mais notável que já conhecera.

- É um homem incrível, Shar.

- Eu sei.

- Li um dos seus livros no ano passado. Quando voltar agora, vou ler todos.

- Eu dou todos para você.

- Só se forem autografados.

As duas riram e logo depois Miriam bateu na porta para saber se estavam bem.

- Vocês têm tudo de que precisam? Tana sorriu quase timidamente.

- Eu tenho. Muito obrigada, sra. Blake.

- Não tem de quê. Estamos muito satisfeitos com sua visita. - O sorriso era mais cintilante do que o de Shar e os olhos pareciam oniscientes, compulsivos, quase

assustadores, penetrando tão profundamente. - Você gosta de Green Hill?

- Gosto. Muito. Os professores são interessantes. - Mas Miriam notou a falta de entusiasmo na voz: dela.

- Mas?

Tana sorriu. Ela era atenta. Muito atenta.

- A atmosfera não é tão acolhedora quanto pensei que fosse.

- Por quê?

- Não sei. As alunas parecem se fechar em grupos.

- E vocês duas?

- Estamos juntas o tempo todo. - Sharon olhou para Tana e sorriu, e Miriam não pareceu ficar descontente.

Tana era uma moça inteligente, com enorme potencial. Muito mais do que a própria Tana sabia. Tinha raciocínio rápido, era inteligente, sabia fazer humor às vezes,

embora com cautela, controlado. Algum dia ia desabrochar e quando isso acontecesse só Deus sabia o que ia aparecer.

- Talvez esse seja então o problema de vocês. Tana, quantas outras amigas Você tem em Green Hill?

- Só Shar. Estamos juntas nas classes a maior parte

do tempo. Compartilhamos o mesmo quarto.

- E provavelmente está sendo punida por isso. Tenho certeza de que sabe. Se sua melhor amiga é a única negra da escola elas vão castigar você, sabe disso.

- Para quê?

- Não seja ingênua.

- Não seja tão cínica, mamãe. - Subitamente Sharon parecia aborrecida.

- Talvez esteja na hora de vocês duas crescerem.

- Que diabo quer dizer com isso? - Sharon perguntou agressiva. - Que diabo, estou em casa apenas há nove horas e já vem com seus discursos e suas cruzadas.

- Não estou fazendo discurso nenhum. Só estou falando de fatos. - Olhou para as duas. - Não podem se esconder da verdade, meninas. Não é fácil ser preto hoje em

dia… ou amiga de uma preta… vocês duas terão de compreender isso e estarem

decididas a pagar o preço se quiserem que a amizade seja duradoura.

- Não pode fazer nada sem transformar as coisas em uma cruzada política, mamãe?

Miriam olhou para ela e depois para Tana.

- Quero que façam uma coisa para mim, vocês duas, antes de voltarem para a escola domingo à noite. Um conhecido meu vai falar em Washington neste domingo. É um dos

homens mais extraordinários que já conheci, Martin Luther King, e quero que venham comigo para ouvi-lo.

- Por quê? - Sharon olhava ainda zangada para ela.

- Porque é algo que vocês jamais esquecerão.

E voltando no trem para a Carolina do Sul tarde da noite, Tana pensava ainda no que tinha ouvido. Miriam Blake estava certa. Era o maior visionário que Tana já vira

e ouvira. Fazia com que todos parecessem tolos e cegos, e só depois de muitas horas ela conseguiu falar no assunto. Simples palavras sobre ser negro e ser amigo

de um negro, sobre direitos civis e a igualdade de todos, e depois todos cantaram, acompanhando com o corpo o ritmo da música, braços enlaçados, mãos dadas. Uma

hora depois de saírem de Washington ela olhou para Sharon.

- Ele é impressionante, não é?

Sharon fez que sim com a cabeça, pensando nas palavras dele.

- Quer saber, me parece idiota voltar para a escola. Sinto que devia estar fazendo alguma coisa.

Sharon recostou a cabeça no banco com os olhos fechados e Tana olhou para a

noite escura que as levava para o sul. Isso parecia dar maior importância às palavras

dele. Era ali que tudo estava acontecendo, onde as pessoas estavam sendo magoadas, ignoradas, maltratadas. E pensou então na festa de debutantes que sua mãe tinha

arranjado, e era como se as duas coisas fossem tão diametralmente opostas que não pudessem estar em sua mente ao mesmo tempo. Quando Sharon abriu os olhos, Tana

estava olhando para ela.

- O que você vai fazer?

Era preciso fazer alguma coisa depois de ouvir aquele homem. Não havia escolha. O próprio Freeman Blake concordava.

- Não sei ainda. - Sharon parecia cansada mas estava pensando no assunto desde que saíram de Washington, sobre o que podia fazer para ajudar… em Yolan… em Green

Hill.

- E você?

- Não sei. - Tana suspirou. - Tudo que for possível, eu acho. Mas vou te dizer, depois de ouvir o dr. King, uma coisa eu sei… aquela festa que mamãe quer me obrigar

a ir em Nova York é a coisa mais idiota que já fiz.

Sharon sorriu. Não podia discordar agora, mas havia um outro lado também. Um lado humano em escala menor.

- Vai ser bom para você.

- Duvido muito.

Trocaram um sorriso e continuaram a viagem para o sul até Yolan, onde

tomaram um táxi para Green Hill.

Capítulo 6

O trem entrou barulhento na estação Pensilvânia no dia 21 de dezembro, logo depois das duas horas da tarde sob uma neve fina. Tudo parecia natalino e quase como

um conto de fadas, pensou Tana, mas depois de apanhar a bagagem, atravessar a estação repleta de gente a fazer sinal para um táxi lá fora, mais uma vez percebeu

o quanto estava deprimida com a volta para casa. Tinha uma sensação de culpa para com Jean e sabia que não estava sendo justa, mas preferia estar em qualquer outro

lugar e não a caminho de casa para seu baile de debutante. E sabia o quanto a mãe estava entusiasmada. Nas últimas duas semanas telefonara para Tana quase todas

as noites, falando sobre os convidados, as flores, a decoração da mesa, seu acompanhante, seu vestido. Jean escolhera o vestido de Tana, um belo modelo de seda branca

com guarnição de cetim e pequenas contas brancas bordadas formando desenhos de flores sobre a bainha. Custara uma fortuna e Arthur mandara pôr na sua conta no Saks.

“Ele é tão bom para nós, meu bem…” No táxi a caminho de casa Tana fechou os olhos e imaginou o rosto da mãe dizendo isso., por que, por que ela era eternamente

agradecida a ele? O que ele fizera senão permitir que ela trabalhasse incansavelmente, esperando por ele todas aquelas vezes em que ele não aparecia, quando Marie

estava viva… e mesmo agora, tudo parecia sempre ser mais importante

do que ela. E se Arthur a amava tanto, por que diabo não se casava com ela? Essa idéia também a deprimia. Tudo não passava de uma maldita farsa… sua mãe e Arthur,

como os Durning eram “bons” para elas, muito bons, como Billy tinha sido bom para Tana… e a festa que teria de agüentar na noite seguinte. Tana convidara um rapaz

que conhecia há anos e de quem não gostava, mas era o tipo exato para aquela função, Chandler George in. Tinha saído com ele

umas duas vezes e se aborrecido solenemente,

mas sabia que a sua mãe gostaria da escolha. Sabia também que ia ser uma chateação para ela, mas não podia fazer nada. O importante era que Chandler era inofensivo,

atencioso e não faria nada impróprio.

O apartamento estava às escuras quando ela chegou. Jean estava trabalhando. Tana olhou em volta. Tudo parecia na mesma, apenas menor e mais tristonho do que se lembrava.

E no mesmo instante achou que estava sendo injusta. Sabia o quanto a mãe se esforçava para que tivessem um lar agradável, e conseguira. Mas para Tana as coisas pareciam

diferentes, como se ela tivesse mudado imperceptivelmente e não se adaptasse ao cenário. Pensou na casa confortável dos Blake em Washington e o quanto tinha gostado

de estar ali. Não era pretensiosa como a dos Durning, mas era cheia de calor, bonita e real. E sentia falta dos Blake também, especialmente de Sharon. Tana a vira

descer do trem com a sensação de estar perdendo sua melhor amiga e Sharon voltou-se uma vez acenando com um largo sorriso, e então se foi, e o trem seguiu para o

norte e agora ali estava, com vontade de chorar enquanto colocava as malas no

quarto.

- É a minha filhinha?

A porta da frente bateu e a voz de Jean ecoou enquanto Tana se voltava com um olhar assustado. E se a mãe adivinhasse seus pensamentos, percebesse como estava se

sentindo pouco à vontade em casa? Mas Jean não viu nada disso, via apenas a filha que amava, e abraçou-a por um instante, antes de recuar um passo.

- Menina, você está ótima!

Jean também estava. O rosto corado de frio, beijos de geada nas pontas dos cabelos, olhos grandes e escuros. Estava tão excitada que antes mesmo de tirar o casaco,

correu para seu quarto e voltou com o vestido de Tana. Parecia lindo no cabide forrado de cetim. Era quase um vestido de noiva, e Tana sorriu.

- Onde está o véu? A mãe sorriu também.

- Nunca se sabe. Isso vem depois. Tana riu balançando a cabeça.

- Não vamos ter pressa. Tenho só 18 anos.

- Isso não quer dizer nada, querida. Pode encontrar o homem dos seus sonhos amanhã à noite, você sabe. Aí depois disso, quem sabe?

Tana olhou para a mãe, incrédula. Algo nos olhos de Jean dizia que falava sério.

- Está mesmo falando sério, mamãe?

Jean Roberts sorriu outra vez. Era maravilhoso ver Tana e agora, vendo-a ao lado do vestido, sabia como ia ficar maravilhosa. Uma vitória completa.

- Você é muito bonita, Tana, e qualquer homem vai ficar muito feliz em se casar com você.

- Mas você não ficaria aborrecida se eu o encontrasse nesse momento?

- Por quê? - Aparentemente não compreendia e Tana ficou atônita.

- Mas tenho 18 anos. Não quer que eu faça um curso superior e seja alguém na vida?

- Já está fazendo isso.

- Mas é só o começo, mamãe. Quando terminar meus dois anos em Green Hill, quero fazer mais alguma coisa.

Jean franziu a testa.

- Não há nada de errado em se casar e ter filhos.

- Então é esse o negócio? - Subitamente Tana sentiu-se mal. - Essa bobagem de debutar… é assim como um leilão de escravas, não é?

Jean Roberts ficou chocada.

- Tana, que coisa horrível está dizendo.

- Bem, é verdade, não é? Todas aquelas garotas enfileiradas, fazendo curvaturas como idiotas, e um bando de homens examinando. - Apertou os olhos, como se as moças

estivessem na sua frente. - …vejamos, eu fico com… aquela ali. - Abriu os olhos outra vez, com ar perturbado. - Que diabo, deve haver algo mais na vida do que

isso.

- Você faz com que tudo pareça doentio, mas não é. É uma bela tradição que significa muito para todos.

Não, não significa, mamãe, não para mim… só para você… Mas não teve coragem de dizer isso. Jean parecia infeliz.

- Por que está dificultando tanto as coisas? Ann Durning debutou há quatro anos e se divertiu muito.

- Ótimo para ela. Mas não sou Ann.

Tana lembrou também que Ann fugira para a Itália com um aventureiro que fora finalmente comprado por seu pai.

Jean suspirou e sentou-se, olhando para Tana. Não via a filha há três meses e já sentia a tensão crescendo entre as duas.

- Por que não relaxa e procura se divertir, Tana? Nunca se sabe, pode encontrar alguém que lhe agrade.

- Não quero encontrar alguém que me agrade. Nem mesmo quero ir, mamãe.

Os olhos de Jean se encheram de lágrimas e Tana não pôde suportar a expressão da mãe.

- Eu só queria que você… queria que tivesse… Tana ajoelhou-se e a abraçou com força.

- Desculpe, mamãe. Eu sinto muito… sei que vai ser lindo.

Jean sorriu entre as lágrimas e beijou o rosto de Tana.

- Uma coisa é certa, você vai estar linda, meu bem.

- Tenho que usar esse vestido. Deve ter gasto uma fortuna.

Estava comovida, mas parecia uma despesa tão inútil. Seria preferível comprar roupas para usar na escola. Estava sempre pedindo emprestadas as de Sharon.

Mas Jean sorria para ela.

- Foi presente de Arthur, meu bem.

O estômago de Tana se apertou. Outro motivo para ser “grata”. Estava farta de Arthur e dos seus presentes.

- Ele não devia ter feito isso. - Tana estava evidentemente muito pouco entusiasmada e Jean não compreendia por quê, a não ser pelo fato de Tana sempre ter tido

ciúmes dele.

- Ele queria que você tivesse um lindo vestido.

E era lindo. Na frente do espelho na noite seguinte, o cabelo artisticamente despenteado e todo para cima, como o cabelo de Jackie Kennedy que sua mãe vira na Vogue,

com o lindo vestido de seda, parecia uma princesa de contos de fada, com seus cabelos dourados e grandes olhos verdes. Muito fina. Momentos depois Chandler George

chegou e Jean saiu com eles. Arthur dissera que ia tentar comparecer, mas não deu certeza. Tinha um jantar naquela noite e ia fazer o “possível”. Tana não disse

nada para Jean no táxi, a caminho da festa, mas já tinha ouvido aquela história antes e sabia que não significava coisa alguma. Servia para o Natal, Dia de Ação

de Graças e para os aniversários de Jean. Geralmente, fazer o “possível” significava que não ia aparecer, mas que mandaria muitas flores, ou um telegrama ou um pequeno

bilhete. Tana lembrava-se do ar desapontado da mãe em todas aquelas vezes, mas não nessa noite. Jean estava muito excitada com Tana para se preocupar com Arthur.

Parecia uma galinha protegendo os filhotes, quando se juntou ao grupo das mães em uma extremidade do grande bar. Os pais tinham se agrupado também, e havia os grupos

dos conhecidos e velhos amigos das famílias, mas a maior parte do salão estava cheia de jovens da idade de Tana, meninas com vestidos cor-de-rosa, ou cetim vermelho,

ou verde vivo, e só umas dez com vestidos brancos comprados pelos pais para aquela noite. A maioria era um grupo variado de adolescentes, com rostos que levariam

anos ainda para adquirir a forma definitiva, bem como as linhas das cinturas. Havia algo de estranhamente igual nas meninas daquela idade, e por isso Tana sobressaía.

Era alta e esbelta e mantinha a cabeça erguida.

Jean a observava com orgulho do outro lado do salão. Quando chegou o grande momento, e a chamada levou quase metade da noite, cada moça conduzida pelo pai fazendo

uma mesura para os convidados, lágrimas de orgulho

assomaram aos olhos de Jean. Tinha esperado que Arthur Durning estivesse presente então, até mesmo ousado pensar que se oferecesse para apresentar Tana. Mas naturalmente

ele não tinha conseguido chegar a tempo. Já fizera muito por elas, não podia exigir mais. Tana parecia nervosa e estava muito corada quando fez a reverência de braço

dado com Chandler George. Curvou-se graciosamente, olhos baixos, e desapareceu entre o grupo, e a música começou logo depois. Tinha acontecido, estava feito. Tana

“fora apresentada” oficialmente. Logo depois ela olhou em volta sentindo-se uma perfeita idiota. Nenhuma grande alegria, nenhum suspense, nenhum arrepio romântico

percorrendo sua espinha. Fizera aquilo porque sua mãe queria que fizesse e estava acabado agora, Sentia-se grata pela confusão que se seguiu, permitindo que se perdesse

entre o povo por algum tempo. Chandler parecia ter se apaixonado loucamente por uma menina gorducha de cabelos vermelhos, um sorriso doce e um vestido de veludo

branco muito trabalhado, e Tana desapareceu discretamente, deixando-o livre para ir atrás de sua escolhida. Tana entrou em uma alcova e sentou-se exausta em uma

poltrona. Recostou a cabeça no espaldar, fechou os olhos e suspirou, grata por estar livre, longe da música, do povo, de Chandler, que ela não suportava, e do olhar

desesperadamente solitário e orgulhoso da mãe. Suspirou outra vez, só de pensar em Jean e então levantou-se de um salto ouvindo uma voz ao seu lado.

- Não pode ser tão ruim.

Abriu os olhos e viu um jovem de cabelos negros, forte, com olhos verdes como os seus. Havia alguma coisa de devasso nele, mesmo com o smoking, o modo casual com

que olhava para ela, segurando um copo e sorrindo com ironia, uma mecha de cabelos negros caindo sobre um dos olhos.

- Aborrecida, beleza?

Sua expressão era um misto de sarcasmo e divertimento, e Tana acenou afirmativamente um pouco embaraçada e começou a rir.

- Você me pegou. - Olhou para ele e sorriu. Tinha a impressão de já tê-lo visto em algum lugar, mas não sabia onde. - O que posso dizer? É uma chateação.

- Quanto a isso não há dúvida. A exposição de gado. Eu faço a ronda todos os anos. - Mas não parecia que estivesse fazendo aquilo há muito tempo. Apesar de toda

a sofisticação, não parecia ter muita idade.

- Há quanto tempo?

Ele deu um largo sorriso de garoto.

- Meu segundo ano. Na verdade, devia ser o primeiro, mas eles me convidaram por engano no ano passado. E para todos os outros bailes de debutantes. Então eu fui.

- Olhou para o alto com um sorriso. - Que chateação.

- Então olhou para ela com interesse e tomou um gole de scotch. - E como foi que você veio parar aqui?

- De táxi. - Sorriu suavemente e ele deu um largo sorriso.

- Muito interessante seu par. - O sarcasmo envolvia suas palavras e Tana riu. - Já estão noivos?

- Não, obrigada.

- Isso demonstra um mínimo de bom senso de sua parte. - Ele falava com voz preguiçosa, com o sotaque da classe alta, mas parecia estar rindo de tudo aquilo e Tana

o achou divertido. Havia algo de chocante no rapaz, embora estivesse muito bem vestido e seus modos fossem convencionais. Uma estranha irreverência que combinava

perfeitamente com o estado de espírito dela.

- Então, conhece Chandler? O jovem sorriu outra vez.

- Estivemos juntos dois anos no mesmo colégio interno. Ele joga muito bem squash, é péssimo no bridge, comporta-se bem na quadra de tênis, foi reprovado em matemática,

história e biologia e não tem absolutamente nada entre as orelhas.

Tana riu, apesar de tudo. Não gostava de Chandler,

e a descrição era quase cirurgicamente precisa, embora pouco generosa.

- Parece correto. Não agradável, mas certo.

- Não me pagam para ser agradável. - Tomou outro gole da bebida com um olhar malicioso, obviamente avaliando o decote de Tana e a cintura estreita.

- Pagam a você para fazer alguma coisa?

- Na verdade, ainda não. - Sorriu com benevolência. - E se eu tiver sorte nunca pagarão.

- Onde está estudando?

Ele franziu a testa, como se tivesse se esquecido de alguma coisa em algum lugar, e então olhou para ela com expressão vaga.

- Quer saber… acho que não me lembro. - Sorriu outra vez, enquanto Tana tentava compreender. Talvez não estivesse estudando, embora não parecesse do tipo que não

faz nada. - E você?

- Green Hill.

O sorriso malicioso apareceu outra vez e ergueu uma das sobrancelhas.

- Muito fino. Que curso está fazendo? Fazendas sulinas ou como servir o chá?

- Os dois. - Com um largo sorriso, Tana se levantou. - Pelo menos estou estudando.

- Dois anos. E depois o quê, princesa? Ou esta noite é a solução? A Grande Caçada ao Marido Número Um. - Fingiu falar em um megafone. - Os candidatos, por favor,

alinhem-se contra a parede. Todos os homens brancos jovens e saudáveis com pedigree… tenham à mão os diplomas dos seus pais, queremos também saber onde estudam,

tipo sangüíneo, se sabem dirigir, qual o valor da sua herança pessoal e quando tomam posse dela… - Ele continuou e Tana riu. Então, o rapaz abaixou a voz. - Já

viu algum provável candidato ou está loucamente apaixonada por Chandler?

- Loucamente. - Ela começou a andar na direção do salão de baile e ele a seguiu, bem na hora de ver Chandler beijando a ruiva gorducha no outro lado da sala.

O jovem alto, moreno e bonito voltou-se para Tana com ar compungido.

- Tenho más notícias. Acho que está para ser abandonada, princesa.

Tana ergueu os ombros e olhou para os olhos verdes tão parecidos com os seus.

- A oportunidade é deles, eu acho. - Havia riso nos seus olhos. Não ligava a mínima para Chandler.

- Quer dançar?

- Quero.

Ele a conduziu com perfeição. Havia algo muito ousado e experiente naquele rapaz que parecia negar sua juventude. Era como se conhecesse muito da vida, embora Tana

não pudesse dizer exatamente o quê, ou o que ele era, uma circunstância que ele remediou no fim da primeira dança.

- A propósito, como se chama, princesa?

- Tana Roberts.

- Meu nome é Harry. - Olhou para ela com um sorriso de garoto e Tana sorriu e então, inesperadamente, ele desfechou o golpe. - Harrison Winslow IV, na verdade. Mas

Harry serve.

- Devo me mostrar impressionada? - Ela estava, mas não queria demonstrar.

- Só se costuma ler as colunas sociais regularmente. Harrison Winslow in geralmente faz papel de idiota em todas as cidades do mundo… Paris e Londres a maior parte

do tempo, Roma, quando tem tempo, Gstaad, Saint Moritz… Munique, Berlim e Nova York quando não pode evitar e quando precisa discutir com os curadores fiduciários

encarregados dos bens deixados por minha avó. Mas ele não gosta muito dos Estados Unidos, nem de mim, pensando bem. - Falava com voz monótona e inexpressiva e Tana

o observava, imaginando o que estaria se passando no íntimo dele, mas não tinha ainda nenhuma pista. - Minha mãe morreu quando eu tinha quatro anos. Não me lembro

dela, às vezes alguma coisa vem como uma onda… um perfume… um som, seu

riso nas escadas quando eles saíam…

um vestido que me faz lembrar dela, mas isso provavelmente é impossível. Ela cometeu suicídio. “Extremamente instável”, como dizia minha avó, “mas uma coisinha

bonitinha”. E meu pobre pai desde então está lambendo suas feridas… Esqueci de mencionar Mônaco e Cap d’Antibes. Lambe suas feridas lá também. Com companheiras,

naturalmente. Existe uma fixa que ele instalou em Londres, uma muito bonitinha em Paris… outra com quem ele esquia… uma garota chinesa em Hong Kong. Ele costumava

me levar quando eu não estava na escola, mas afinal eu me tornei muito desagradável, por isso ele desistiu. Isso, e… - os olhos ficaram vagos - … outras coisas.

Seja como for - a expressão voltou ao seu rosto e ele sorriu com cinismo outra vez - isso é Harrison Winslow, ou pelo menos, um deles.

- E você? - Sua voz era suave, os olhos tristonhos. Ele havia contado mais do que pretendia. Mas estava

na sua quarta dose de scotch, e embora isso não tivesse prejudicado seus pés para dançar, soltara sua língua. Não que ele se importasse. Todo mundo em Nova York

sabia quem era Harry Winslow, pai e filho.

- Você é igual a ele? - Mas Tana duvidava. Para começar, não tivera tempo de desenvolver todas as habilidades do pai. Não podia ser muito mais velho do que ela,

afinal.

Harry ergueu os ombros.

- Estou trabalhando para isso. - Então, sorriu. - Cuidado, bela menina, cuidado! - Dizendo isso, tomou-a nos braços e levou-a para a pista de dança, e Tana viu que

sua mãe os observava. Ela os observou por longo tempo, depois perguntou a alguém quem ele era e não pareceu descontente.

- Você vê sempre o seu pai? - Pensava ainda no que ele havia dito, enquanto dançavam. Parecia uma vida solitária… colégios internos… a mãe cometendo suicídio

quando tinha quatro anos… o pai viajando a maior parte do tempo, e obviamente um libertino.

- Na verdade, não. Ele não tem tempo. - Por um segundo, parecia um garotinho, e Tana teve pena dele, mas

Harry se refez rapidamente. - E você? Qual é a sua história, Tana Roberts, além de seu deplorável mau gosto na escolha de homens? - Olhou na direção de Chandler

George que apertava a ruivinha com força, e os dois riram.

- Solteira, 18 anos e estudo em Green Hill.

- Jesus. Que chatice. O que mais? Grandes amores? O rosto dela se fechou e Harry percebeu.

- Não.

- Descanse. Eu quis dizer outros que não Chandler, naturalmente. - Ela ficou menos tensa. - Embora tenha de admitir que ele é difícil de ser vencido. - Pobre cara,

estavam sendo horríveis com ele, mas Chandler era o rapaz mais maçante que Tana conhecia e alvo fácil para o desprezo dos rapazes da sua idade. - Vejamos, o que

mais? Pais? Filhos ilegítimos? Cães? Amigos? Passatempos? Espere - bateu nos bolsos como se procurasse alguma coisa.

- Devia estar aqui, em algum lugar… - Os dois riram.

- Tudo citado acima…? Nada do citado acima…?

- Uma mãe, cachorros não, nenhum filho ilegítimo. Ele fez uma cara triste.

- Estou desapontado. Pensei que fosse melhor do que isso. - A música estava quase no fim e Harry olhou em volta. - Que bando de chatos. Quer ir comer um hambúrguer

ou beber alguma coisa?

Ela sorriu.

- Eu gostaria, mas levamos Chandler conosco? - Ela riu e Harry fez uma curvatura.

- Deixe comigo. - Desapareceu e voltou com um largo sorriso malicioso.

- Meu Deus, o que você fez?

- Disse que você estava aborrecida com o comportamento dele esta noite com aquela ruiva desclassificada, e que eu vou levar você ao seu psiquiatra…

- Você não disse isso!

- Disse. - Fez uma cara inocente e então riu. - Na verdade, eu disse que você viu a luz e me escolheu. Ele mandou dar os parabéns por seu bom gosto, e saiu correndo

com a amiguinha gorducha.

Fosse o que fosse que Harry dissera, Chandler estava acenando satisfeito para eles e saindo com a outra debutante, portanto tudo estava bem.

- Preciso falar com minha mãe antes de saírmos. Você se importa?

- De modo nenhum. Bem, na verdade, eu me importo, mas acho que não tenho escolha.

Porém, ele se comportou adequadamente quando Tana o apresentou a Jean, para satisfação de Tana, e saíram do baile. Jean voltou para casa sozinha, desejando que Arthur

tivesse visto tudo aquilo. Uma bela noite, e sem dúvida Tana tinha se divertido.

E agora estava saindo com Harry Winslow IV. Jean sabia quem ele era, ou pelo menos

conhecia o nome.

- E o que me diz do seu velho? - Ele se acomodou no táxi, depois de dar o endereço do 21 ao motorista. Era seu lugar preferido quando estava na cidade, e Tana ficou

impressionada. Sem dúvida muito mais divertido do que sair com Chandler George. E fazia tanto tempo que não saía com um rapaz que até tinha esquecido a sensação,

e seus acompanhantes jamais foram como Harry. Geralmente iam em grupo comer umapizza na Segunda Avenida. E isso fora antes da sua formatura… antes de Billy Durning.

- Meu pai morreu na guerra, eu não tinha nascido ainda.

- Muito respeitável da parte dele. Assim, fica mais fácil do que quando eles ficam por perto durante alguns anos. - Tana imaginou por que a mãe dele cometera suicídio,

mas jamais teria coragem de perguntar. - Sua mãe se casou de novo?

- Não - Tana balançou a cabeça hesitante, e então disse: - Ela tem um amigo.

Harry era o tipo de pessoa a quem se contam coisas como essa. Havia algo nos seus olhos. Algo que fazia confiar nele e gostar dele imediatamente.

Harry ergueu uma das sobrancelhas outra vez.

- O amigo é casado? - Era compreensivo também. Tana corou mas ele não percebeu.

- Por que pensa isso?

- Esperteza, eu acho. - Era realmente impossível e se não fosse ao mesmo tempo tão garoto e simpático merecia ser esbofeteado. Sua impertinência era tão aberta que

de certo modo não ofendia. - Estou certo?

Normalmente, Tana não teria admitido, mas admitiu agora.

- Sim, ou pelo menos foi durante um longo tempo. Há quatro anos está viúvo, e não se casou com ela. Na verdade, é um filho da mãe egoísta. - A coisa mais forte que

já havia dito sobre Arthur publicamente. Nem para Sharon, na escola, usara palavras tão fortes.

Mas Harry não pareceu perturbado.

- Quase todos os homens são. Precisa conhecer meu velho. Ele as deixa sangrando na beira da estrada pelo menos quatro vezes por semana, só para manter a forma.

- Parece muito agradável.

- Ele não é. - Os olhos de Harry estavam frios. - Só se interessa por uma coisa. Ele mesmo. Não é de admirar que ela tenha se matado.

Harry nunca perdoara o pai por isso, e o coração de Tana sofreu por ele. O táxi parou na frente do 21, Harry pagou e saíram. Logo foram envolvidos pelo movimento

do restaurante. Tana estivera no 21 somente uma ou duas vezes, como na noite da sua formatura, e adorava os adornos pendurados no bar, as pessoas bem vestidas, reconheceu

até mesmo duas estrelas de cinema, e o chefe dos garçons recebeu Harry com satisfação, obviamente feliz por vê-lo. Era sem dúvida seu lugar favorito. Ficaram no

bar por algum tempo, e depois foram para a mesa, onde Harry escolheu steak tartare e Tana ovos Benedict, e enquanto tomavam champanhe Roederer ele fez o pedido e

viu o rosto dela se contrair, e momentos depois bateu de leve na mão dela.

- Deixe-me adivinhar… um antigo amor? Estava surpreso porque o homem era mais velho. Tana não parecia ser desse tipo.

- Não meu. - E ele adivinhou.

- O amigo da sua mãe?

- Ele disse que tinha um jantar de negócios esta noite.

- Talvez seja.

- Não parece. - Seus olhos estavam frios. - O que mais me irrita é que ela não vê nenhum defeito nele. Sempre arranja desculpas para tudo o que ele faz. Fica sentada

esperando e é tão agradecida a ele.

- Há quanto tempo estão juntos?

- Doze anos. Harry fez uma careta.

- Jesus, é muito tempo.

- É. - Tana olhou para Arthur furiosa. - E ao que parece não prejudica em nada seu estilo.

A presença de Arthur a fez lembrar de Billy e virou a cabeça, como que procurando evitar a lembrança, mas Harry percebeu a dor nos olhos dela.

- Não sofra com isso, princesa. - Sua voz era suave e Tana olhou para ele.

- É a vida dela, não a minha.

- Certo. Não esqueça isso. Pode fazer sua escolha para a sua vida. - Sorriu. - E isso me faz lembrar que não respondeu a todas as minhas perguntas deselegantes.

O que vai fazer depois de Green Hill?

- Só Deus sabe. Talvez Colúmbia. Não sei. Quero continuar.

- Não se casar e ter quatro filhos? - Os dois riram.

- Não por algum tempo, muito obrigada, embora seja o sonho mais querido da minha mãe. - Então ela se voltou com expressão curiosa. - E você, onde estuda?

Ele suspirou e colocou a taça de champanhe na mesa.

- Na verdade, Harvard. Parece um castigo, não acha? - Por isso não tinha dito antes.

- É verdade?

- Infelizmente sim. - Deu um largo sorriso. - Mas há esperanças. Posso ser reprovado até o fim do ano. Estou trabalhando para isso.

- Não pode ser tão ruim se conseguiu entrar em Harvard.

- Um Winslow não entrar? Não seja absurda, minha cara. Nós sempre entramos. Praticamente construímos a escola.

- Oh… - Tana não parecia impressionada. - Compreendo. E você não queria estudar lá?

- Não especialmente. Queria ir para algum lugar do oeste. Pensei em Stanford ou U.C., mas meu pai teve um ataque e não valia a pena discutir por causa disso… assim,

lá estou eu, incomodando todo mundo e fazendo com que se arrependam amargamente por terem me deixado entrar.

- Deve ser um problema sério para eles. - Tana riu e notou que Arthur Durning e seu grupo acabavam de sair. Ele não a vira e Tana não tinha certeza se devia ficar

satisfeita ou não com isso.

- Você precisa ir me visitar algum dia, talvez nos feriados da primavera.

Ela riu e balançou a cabeça.

- Duvido muito.

- Não confia em mim? - Tinha uma expressão divertida e parecia muito experiente para um rapaz de 18 anos.

- Para falar a verdade, não. - Ela tomou outro gole de champanhe e os dois riram.

Tana estava sentindo vontade de rir à toa agora e se divertia com ele. Era o primeiro rapaz de quem gostava há muito tempo, e gostava dele como amigo. Era divertido

e podia dizer coisas a ele que recentemente não podia para mais ninguém, exceto Shar. Então teve uma idéia.

- Talvez eu vá se puder levar uma amiga.

- Que tipo de amiga? - perguntou ele desconfiado.

- Minha companheira de quarto em Green Hill. - Contou sobre Sharon Blake e Harry ficou intrigado.

- A filha de Freeman Blake. Isso é diferente. Ela é tão maravilhosa quanto você diz?

- Mais ainda. - Contou então de quando não foram servidas na lanchonete em Yolan e da palestra de Martin Luther King e ele parecia se interessar por tudo.

- Gostaria de conhecê-la um dia. Acha mesmo que poderia ir a Cambridge nos feriados da primavera?

- Talvez, tenho de perguntar a ela.

- O que vocês duas são, siamesas? - Olhou para Tana apreciadoramente. Era uma das jovens mais bonitas que já vira e valia a pena aceitar a companhia de mais alguém

só para estar com ela.

- Mais ou menos. Eu visitei a família dela no dia de Ação de Graças e quero voltar.

- Por que ela não está aqui?

Uma longa pausa e então Tana olhou para ele.

- Minha mãe ia ter um ataque se soubesse que Sharon é negra. Eu contei tudo, menos isso.

- Grande - Harry sorriu. - Eu já contei que minha avó materna era negra, não contei?

Por um momento ele pareceu tão sincero que Tana quase acreditou, mas então Harry começou a rir e ela fez uma careta.

- Engraçadinho… por que não falo à minha mãe sobre você?

- À vontade.

E no dia seguinte ela falou quando Harry telefonou marcando um almoço para daí a dois dias. Antes disso tinham de agüentar o Natal.

- Não é o rapaz que você conheceu ontem à noite?

Era sábado de manhã e Jean estava lendo descansadamente. Desde a véspera não tinha notícias de Arthur e estava ansiosa para contar a ele tudo sobre o baile, mas

não queria incomodá-lo. Geralmente esperava o telefonema dele. Um hábito de quando Arthur estava ainda casado com Marie. E afinal de contas, era Natal. Ele devia

estar ocupado com Billy e Ann.

- É sim. - Tana explicou à mãe para que Harry tinha telefonado.

- Ele parece um bom rapaz.

- Ele é. - Mas não do modo que Jean aprovava, Tana sabia disso. Era irreverente e descontraído e bebia demais, e era obviamente cheio de vontades, mas tinha se portado

muito bem quando a levou em casa. Harry disse boa-noite sem provocar nenhuma luta livre. Tana estava nervosa, pensando nisso, mas não precisava se preocupar. E dois

dias depois, quando foi apanhá-la para o almoço usava blazer, gravata e calça esporte cinzenta, mas

assim que desceram do elevador, ele colocou patins nos pés e um chapéu maluco e começou a agir como um doido enquanto caminhavam para a cidade, Tana rindo o tempo

todo.

- Harry Winslow, você é completamente biruta, sabia?

- Sabia, madame. - Ele sorriu e revirou os olhos e insistiu em entrar no Oak Room de patins. O maítre não ficou muito satisfeito mas sabia quem ele era e não pensou

em mandálo sair. Harry pediu uma garrafa de champanhe Roederer e tomou uma taça inteira assim que foi aberta, depois, colocou a taça vazia na mesa e sorriu para

Tana.

- Acho que sou viciado nessa coisa.

- Quer dizer, um bêbado.

- Isso aí. - Respondeu ele com orgulho, pediu o almoço para os dois e depois andaram pelo Central Park e pararam no Wollman Rink onde ficaram observando as pessoas

esquiando no gelo e conversando sobre a vida, e Harry percebeu uma estranha reticência em Tana. Ela não se oferecia, no sentido romântico, era cautelosa e fechada,

ao mesmo tempo inteligente e afetuosa. Importava-se com pessoas, causas e coisas. Mas não estendia a mão. Harry sabia que tinha ganho uma nova amiga e nada mais,

e Tana fez o possível para que ele entendesse isso, o que o deixava curioso.

- Está envolvida com alguém perto de Green Hill? Ela balançou a cabeça e seus

olhos se encontraram.

- Não, não é nada disso. Não quero me envolver com ninguém agora. - Ele ficou surpreso com essa honestidade. E naturalmente era um desafio também, que ele de modo

nenhum podia resistir.

- Por que não? Tem medo de ser magoada como sua mãe?

Tana nunca havia pensado nisso. Por isso Harry dissera que não queria ter filhos. Não queria magoar ninguém como fora magoado. E Tana acabara de contar que mais

uma vez, nesse ano, Arthur não aparecera no Natal.

- Não sei. Talvez. Isso e outras coisas.

- Que tipo de “outras coisas”?

- Nada que eu queira falar a respeito.

Tana desviou os olhos e Harry tentou imaginar o que a havia marcado daquele modo. Ela mantinha uma distância segura entre eles, e mesmo quando riam e brincavam,

ele percebia as mensagens silenciosas, “não se aproxime muito de mim”. Esperava que não houvesse nada de estranho com ela, com suas tendências sexuais, mas não achava

que fosse isso. Ela parecia estar se escondendo dentro de uma concha protetora, e Harry não sabia por quê. Alguém a fizera se refugiar ali e ele gostaria de saber

quem.

- Já houve alguém importante em sua vida, antes?

- Não. - Ela o olhou nos olhos. - Não quero falar nisso.

A expressão de Tana o fez desistir imediatamente. Era fúria, dor e algo que ele não conseguia definir, mas tão forte que quase o deixou sem fôlego e Harry não

se

assustava com facilidade. Mas dessa vez compreendeu. Até um cego teria compreendido.

- Desculpe.

Mudaram de assunto e voltaram a falar de coisas mais fáceis. Harry gostava muito dela e a viu várias vezes durante os feriados de Natal. Jantaram e almoçaram juntos,

esquiaram no gelo no parque, foram ao cinema uma noite, e ela até o convidou para jantar com Jean. Mas foi um erro e Tana percebeu imediatamente. Jean fez um interrogatório

como se Harry fosse um candidato forte à mão da filha, perguntando sobre seus planos para o futuro, seus pais, os objetivos de sua carreira, suas notas. Tana mal

via a hora de Harry ir embora e, assim que ele saiu, voltou-se gritando para Jean.

- Por que fez isso com ele? Só veio aqui para jantar, não para pedir a minha mão.

- Você tem 18 anos, tem de começar a pensar nessas coisas agora.

- Por quê? - Tana estava furiosa. - Ele é só um amigo, pelo amor de Deus. Não haja como se eu tivesse de me casar na próxima semana.

- Muito bem, quando quer se casar, Tana?

- Nunca, que diabo! Por que tenho de casar, afinal?

- O que vai fazer pelo resto da vida? - Os olhos da mãe a perseguiam, a encurralavam empurrando-a com violência e Tana odiava isso.

- Não sei o que vou fazer. Tenho de resolver agora? Neste momento? Esta noite? Esta semana? Merda!

- Não fale assim comigo! - Agora Jean também estava zangada.

- Por que não? O que está tentando fazer comigo?

- Quero que tenha alguma segurança, Tana. Não quero que esteja na minha situação quando fizer quarenta anos. Você merece mais do que isso.

- Você também. Já pensou nisso? Detesto ver você assim, esperando por Arthur o tempo todo, como sua escrava. É isso que tem sido todos esses anos, mamãe. A concubina

de Arthur Durning. - Teve vontade de contar que o vira com outra mulher no 21 mas não podia fazer aquilo com a mãe. Não queria provocar tanta dor. Tana se controlou

mas Jean estava furiosa.

- Não é justo e não é verdade.

- Então, por que não quer que eu seja como você? Jean deu as costas à filha para que ela não visse suas

lágrimas, e então, subitamente, voltou-se para ela, e 12 anos de sofrimento estavam nos seus olhos, e uma vida inteira antes disso.

- Quero que tenha todas as coisas que não tive. Será pedir muito?

O coração de Tana se comoveu e ela voltou atrás. Foi com voz suave que falou.

- Mas talvez eu não queira as mesmas coisas que você queria.

- O que há para não querer? Um marido, segurança, um lar, filhos… o que há de errado nisso? - Parecia chocada.

- Nada. Mas sou muito moça para pensar em tudo isso. E se eu quiser uma carreira?

Jean Roberts ficou chocada.

- Que tipo de carreira?

- Não sei. Estou falando teoricamente.

- É uma vida solitária, Tana. - Olhou em volta, preocupada. - Ficaria muito melhor se casando.

Mas para Tana não tinha importância e ela pensou no assunto enquanto voltava de trem para o sul e, na primeira noite na Casa Jasmim, ela e Sharon discutiram o assunto.

- Jesus, Tan, parece até a minha mãe… de modo diferente, naturalmente. Mas todas elas querem para nós o que desejavam para si mesmas, não importa quem somos, ou

o quanto somos diferentes delas, o que pensamos ou o que sentimos. Meu pai compreende, mas minha mãe… só ouço falar em escola de direito, e protestos de rua e

a “responsabilidade” de ser negra. Estou tão farta de ser “responsável” que sinto vontade de gritar. Por isso vim para cá, para Green Hill. Eu queria ir para outro

lugar onde houvesse outros negros. Que diabo, aqui nem tenho com quem sair, e ela me diz que tenho ainda muito tempo para isso. Quando? Quero sair agora, quero me

divertir, quero ir a restaurantes, cinemas e jogos de futebol.

Tana se lembrou e sorriu no escuro.

- Quer ir a Harvard comigo nos feriados da primavera?

- Como? - Sharon ergueu-se um pouco apoiada no cotovelo com entusiasmo. E Tana então contou sobre Harry Winslow. - Parece perfeito. Você se apaixonou por ele?

- Não.

- Por que não?

Um silêncio, que ambas entenderam.

- Você sabe por quê.

- Não pode deixar que isso a estrague pelo resto da vida, Tana.

- Agora, está falando como minha mãe. Ela quer que eu fique noiva de alguém

na próxima semana, desde que ele esteja disposto a se casar comigo, me comprar uma casa

e me dar filhos.

- É mil vezes melhor do que tomar parte em protestos e ficar com o cabelo cheio de ovos quebrados. Isso parece divertido?

Tana sorriu.

- Não muito.

- Seu amigo de Harvard parece ótimo.

- Ele é. - Tana sorriu novamente. - Gosto um bocado dele, como amigo. É a pessoa mais honesta, mais sincera que já conheci.

O telefonema dele no fim daquela semana reforçou todos os motivos pelos quais Tana gostava dele. Harry telefonou fingindo ser o proprietário de um laboratório em

Yolan, dizendo que precisavam de moças para certas experiências.

- Estamos tentando encontrar moças tão inteligentes quanto os rapazes - disse ele, disfarçando a voz. - Naturalmente sabemos que elas não são, entretanto… - e

um pouco antes de Tana ter um acesso de fúria, reconheceu a voz dele.

- Seu merda!

- Oi, garota. Como vai a vida no sul?

- Nada má.

Ela o fez falar com Sharon e as duas ficaram ao lado do telefone, passando o fone de uma para a outra, e finalmente Sharon subiu para o quarto e Tana falou com ele

durante horas. Sem nada de romantismo, ele era como um irmão, e depois de dois meses de telefonemas, além de Sharon, Harry era seu melhor amigo. Ele esperava vê-la

nos feriados da primavera e Tana tentou convencer Sharon a ir com ela, mas sem resultado. Resolveu enfrentar a mãe e convidar Sharon para a casa delas, mas Míriam

Blake falara com Sharon no telefone quase todas as noites. Ia haver um enorme comício de negros em Washington com uma vigília à luz de velas pelos direitos civis,

na semana da Páscoa, e ela queria que Sharon estivesse presente. Achava que era uma parte importante das suas vidas, e não era hora de uma viagem de férias. Sharon

estava deprimida quando ambas saíram de Green Hill.

- Tudo o que tinha a fazer era dizer não, Shar. - Tana olhou para a amiga balançando a cabeça e por um momento algo furioso brilhou nos olhos escuros da jovem negra.

- Assim como você disse não ao seu baile de debutantes, não é Tan?

Depois de um momento de silêncio, Tana assentiu com a cabeça lentamente. A amiga não estava muito errada. Era difícil lutar contra elas o tempo todo. Ergueu os ombros

com um sorriso constrangido.

- Certo, você ganhou. Desculpe. Vamos sentir sua falta em Nova York.

- Vou sentir falta de você também.

Sharon deu um sorriso cintilante e conversaram e jogaram cartas no trem. Sharon desceu em Washington e Tana continuou para Nova York. Estava úmido e quente quando

chegou e tomou um táxi, e o apartamento estava como sempre, e de algum modo, por alguma razão que não conhecia, era deprimente estar de volta. Havia uma mesmice

em tudo. Nada crescia, nada mudava. Nunca novas cortinas, novas plantas, flores maravilhosas, nada excitante acontecia. Era a mesma coisa, a mesma vida, o

mesmo

sofá gasto, as mesmas plantas tristonhas ano após ano. Não tinha parecido tão mal quando ela morava ali, mas agora que ia e vinha, tudo parecia diferente. Tudo era

prosaico, e o apartamento parecia ter encolhido. A mãe estava trabalhando, e Tana levou as malas para o quarto exatamente quando o telefone tocou. Voltou para a

sala para atender, olhando em volta.

- Alô?

- Winslow falando. Como vão as coisas, garota? Tana deu um largo sorriso. Era como uma lufada de

ar fresco na sala com cheiro de bolor.

- Alô.

- Quando chegou?

- Há uns quatro segundos. E você?

- Vim de carro a noite passada com alguns amigos. E - olhou preguiçosamente para o apartamento do pai no Pierre - aqui estou. Mesmo velho buraco, mesma velha cidade.

- Mas parecia um garoto quando sorriu do outro lado da linha a Tana entusiasmou-se com a perspectiva de vê-lo outra vez. Tinham aprendido tanto um sobre o outro

naqueles quatro meses de telefonemas que era como se fossem velhos amigos agora. - Quer vir tomar um drinque?

- Naturalmente. Onde você está?

- No Pierre.

Não parecia impressionado com o lugar e Tana sorriu.

- Muito fino.

- Não tanto. Meu pai mandou redecorar o apartamento no ano passado. Parece o refúgio de uma bicha agora, mas pelo menos está sempre desocupado quando venho a Nova

York.

- Seu pai está aqui? - Tana estava curiosa, e Harry riu zombando.

- Não seja ridícula. Acho que está em Munique esta semana. Gosta de passar a Páscoa lá. Os alemães são muito sentimentais sobre as festas cristãs. E a Oktoberfest.

- Tana não entendeu. - Deixe pra lá. Venha até aqui e vamos enlouquecer o pessoal do serviço de quarto. O que você quer? Vou pedir alguma coisa agora e levam duas

horas para aparecer.

Tana estava impressionada.

- Não sei… um hambúrguer e uma Coca? Acha que está bom?

Havia algo muito sofisticado em tudo aquilo mas Harry parecia à vontade quando ela chegou, deitado no sofá, de jeans e descalço assistindo a um jogo de futebol na

TV. Ele a ergueu do chão com um apertado abraço, e era evidente que estava feliz por vê-la, muito mais do que Tana podia imaginar. Todo seu corpo se arrepiou quando

deu um beijo de leve no rosto dela. E houve um momento embaraçoso, quando começaram a levar para a vida real a intimidade que tinham tido no telefone, mas no fim

da tarde eram como dois velhos amigos e Tana detestou a idéia de voltar para casa.

- Então fique. Vou me calçar e vamos ao 21.

- Assim? - Ela olhou para a saia xadrez, tênis e meias de lã, e balançou a cabeça. - Tenho de ir para casa. Há quatro meses não vejo minha mãe.

- Estou sempre me esquecendo desses rituais. - Sua voz estava inexpressiva e ele parecia mais bonito ainda, mas nada se aqueceu no coração de Tana por ele, a não

ser a amizade que continuava a crescer, nada além disso, e estava certa de que ele também só tinha sentimentos platónicos por ela.

Olhou para ele, enquanto apanhava a capa de chuva da cadeira.

- Você alguma vez vê seu pai, Harry? - Sua voz era suave e seus olhos tristonhos. Sabia o quanto ele se sentia sozinho. Passara os feriados sozinho, como sempre,

tinha dito, ou com amigos, ou em casas vazias ou hotéis, e só mencionava o pai no contexto de piadas de mau gosto sobre as mulheres dele, os amigos e o fato de estar

sempre se divertindo em várias partes do mundo.

- Vejo uma vez ou outra. Nós nos encontramos por acaso uma ou duas vezes por ano. Geralmente aqui ou no sul da França.

Parecia muito sofisticado, mas Tana sentia o quanto Harry se sentia sozinho. Por isso se abrira tanto com ela. Algo dentro dele pedia para ser tocado e amado. E

havia algo parecido nela também. A parte que só tivera Jean e queria mais, um pai, irmãs e irmãos, uma família… algo mais do que uma mulher solitária que passava

a vida esperando por um homem que não dava valor a ela. E Harry não tinha nem isso. Tana detestava o pai dele, mesmo sem conhecer.

- Como é ele?

Harry ergueu os ombros outra vez.

- Bem apessoado, eu acho. Pelo menos é o que as mulheres dizem… elegante… frio… - Olhou diretamente para os olhos dela. - Ele matou minha mãe, como

pensa que

ele é?

Alguma coisa se encolheu dentro dela vendo os olhos do amigo e Tana não sabia o que dizer. Arrependeu-se de ter perguntado, mas Harry passou o braço pelos ombros

dela e levou-a até a porta.

- Não deixe que isso a aborreça, Tan. Aconteceu há muito tempo.

Mas Tana estava triste por ele. Havia algo de tão solitário em Harry, ele era tão alegre, tão decente, tão bom, não era justo… e era também cheio de vontades,

auto-indulgente e malicioso. Quando o primeiro garçom apareceu com o serviço de quarto pedido, ele falara com forte sotaque britânico, para o segundo fingiu ser

francês e depois, ele e Tana quase morreram de rir. Ela imaginou se ele sempre agia assim e suspeitava que sim. Quando tomou o ônibus de volta para o centro, subitamente

sentiu que não se importava mais com o pequeno e deprimente apartamento que compartilhava com Jean. Melhor do que a decoração suntuosa e gelada da suíte dos Winslow

no Hotel Pierre. Os quartos eram grandes, e tudo era cromado e vidro e branco, naturalmente dispendioso, havia dois enormes e fabulosos tapetes brancos e quadros

e objetos caríssimos por toda a parte, mas isso era tudo. Não havia ninguém à espera dele quando voltava do colégio, e não ia haver ninguém naquela noite nem na

noite seguinte. Só Harry, uma geladeira cheia de bebidas e de Coca-Cola, um guarda-roupa com roupas caras e uma TV.

- Oi… Estou em casa…! - Disse Tana quando entrou e Jean correu para ela, abraçando-a com felicidade.

- Oh, meu bem, você está ótima!

Tana pensou em Harry outra vez, e em tudo o que ele não tinha apesar do seu dinheiro, das casas, do nome importante… ele não tinha isto. E de algum modo Tana queria

compensá-lo. Jean olhava para ela agora com tanto prazer que na verdade sentiu que era bom estar em casa.

- Vi suas malas. Onde foi?

- Fui ver um amigo no outro lado da cidade. Pensei que você fosse se demorar.

- Saí mais cedo, esperando que você chegasse logo.

- Desculpe, mamãe.

- Quem foi ver? - Jean sempre gostava de saber o que Tana fazia, quem ela via. Mas Tana não estava mais acostumada a esse tipo de perguntas e hesitou por um momento

antes de dizer sorrindo.

- Fui ver Harry Winslow no Pierre. Não sei se lembra dele.

- Naturalmente que sim. - Os olhos de Jean se iluminaram. - Ele está na cidade?

- Ele tem um apartamento aqui. - A voz de Tana era tranqüila e pelos olhos de Jean passaram imagens variadas. Era bom que ele fosse suficientemente maduro e tivesse

bastante dinheiro para ter um apartamento, mas por outro lado, podia ser perigoso.

- Ficou sozinha com ele? - Jean parecia preocupada. Dessa vez Tana riu.

- Naturalmente. Comemos um hambúrguer e assistimos televisão. Tudo perfeitamente correto, mamãe.

- Ainda assim… Acho que não devia. - Observou os olhos de Tana e o rosto da jovem ficou tenso.

- Ele é meu amigo, mamãe.

- Mesmo assim, é um rapaz, e nunca se sabe o que pode acontecer em uma situação dessas.

- Sim, eu sei. - Seus olhos subitamente ficaram frios. Ela sabia muito bem. Só que tinha acontecido na casa do precioso Billy Durning, no quarto do pai dele, com

centenas de garotos e garotas lá embaixo. - Eu sei em quem posso confiar.

- Você é muito jovem para saber julgar essas coisas, Tan.

- Não. Não sou. - O rosto de Tana parecia talhado em pedra. O ato violento de Billy Durning tinha mudado toda a sua vida. Sabia tudo sobre essas coisas e se sentisse

qualquer ameaça na atitude de Harry, jamais teria ido ao hotel, nem ficado lá com ele. Mas instintivamente sabia que ele era seu amigo e que não corria perigo em

sua companhia, ao contrário do que acontecia com o filho do amante da mãe. - Harry e eu somos apenas amigos.

- Você está sendo ingénua. Não existe esse negócio de amizade entre rapazes e moças, Tan. Homens e mulheres não podem ser amigos.

Tana arregalou os olhos. Não podia acreditar que sua mãe estivesse dizendo aquilo.

- Como pode dizer uma coisa dessas, mamãe?

- Porque é verdade. E se ele está convidando você

para o hotel é porque pretende alguma coisa, quer você acredite ou não. Talvez ele esteja só fazendo hora. - Então ela sorriu. - Acha que ele pode sentir alguma

coisa séria por você, Tan?

- Séria? - Tana parecia a ponto de explodir. - Sena? Eu acabei de dizer, somos só

amigos.

- E eu já disse que não acredito nisso. - Havia algo quase insinuante no seu sorriso. - Você sabe, Tan, ele é um partido e tanto.

Mas era demais para Tana. Levantou-se de um salto e olhou para a mãe com desprezo.

- Pelo amor de Deus, você fala como se ele fosse uma mercadoria. Não quero um bom partido. Não quero me casar. Não quero dormir com ninguém. Tudo o que quero é ter

alguns amigos e estudar. Não pode entender isso? - Havia lágrimas nos seus olhos e nos de Jean também.

- Por que tem de reagir com tanta violência a tudo, Tan? Você não era assim. - A voz de Jean era tão triste que Tana sentiu um aperto no coração, mas não podia controlar

o que sentia e nem o que dizia.

- Você não costumava me pressionar o tempo todo.

- Quando é que eu pressiono? - Parecia chocada. - Nem vejo você mais. Eu a vi duas vezes em seis meses. Isso é pressionar?

- Aquele baile de debutantes foi pressão e o que acaba de dizer sobre Harry é pressão, e falando sobre bons partidos, e casamento, isso é pressão. Pelo amor de Deus,

mamãe, tenho 18 anos!

- Quase 19. E daí? Quando vai pensar a respeito, Tan?

- Não sei, mamãe. Talvez nunca, que tal? Talvez eu nunca me case. E daí? Se estiver feliz, o que importa?

- Eu me importo. Quero ver você casada com um bom homem, belos filhos e uma bela casa… - Jean estava chorando abertamente agora. Era o que sempre desejara… porém,

estava sozinha… com duas noites por semana com o homem que amava, e uma filha que estava para partir… Abaixou a cabeça e soluçou. Tana a abraçou com força.

- Ora vamos, mamãe, pare de chorar… sei que quer

o melhor para mim… mas deixe que eu resolva as coisas sozinha.

A mãe ergueu para ela os olhos grandes, escuros e tristes.

- Você sabe quem é Harry Winslow? A voz de Tana estava suave.

- Sei. É meu amigo.

- O pai dele é um dos homens mais ricos dos Estados Unidos. Perto dele, Arthur Durning é pobre.

Arthur Durning, a medida básica para tudo na vida de Jean.

- E daí?

- Já pensou na vida que poderia ter com ele? Tana olhou para a mãe com pena e subitamente sentiu

pena de si mesma. A mãe não estava entendendo, e provavelmente nunca havia entendido. Por outro lado, havia dado tanto a ela. E Tana sentia que devia muito a ela

agora. Mas, apesar disso, quase não viu a mãe nas duas semanas que passou em Nova York. Saía com Harry quase todos os dias, embora não dissesse a Jean. Estava ainda

furiosa com o que a mãe tinha dito. Você sabe quem ele é? Como se isso fizesse diferença para ela. Imaginava quantas pessoas pensavam nele desse modo. Parecia horrível,

ser avaliado pelo sobrenome.

Cautelosamente, perguntou a Harry, certo dia, quando estavam fazendo piquenique no Central Park:

- Isso não incomoda você, Harry? Quero dizer, todo mundo querendo conhecer você por causa de quem você é?

A idéia ainda parecia horrível para ela, mas Harry só ergueu os ombros e mastigou o pedaço de maçã deitado na grama.

- Acho que as pessoas são assim. É estimulante para elas. Eu via fazerem isso com meu pai o tempo todo.

- Ele não fica irritado?

- Acho que na verdade não se importa. - Harry sorriu. - Ele é tão insensível, acho que não sente coisa nenhuma.

Tana observou os olhos de Harry.

- Será que é tão ruim mesmo?

- Pior.

- Então como é que você é tão bom? Ele riu.

- Pura sorte, acho. Ou talvez a herança de minha mãe.

- Lembra dela ainda?

Era a primeira vez que perguntava isso e Harry desviou os olhos.

- Às vezes… um pouco… não sei, Tan. - Olhou para ela outra vez. - Às vezes, quando eu era pequeno, fingia para meus amigos que ela estava viva, fazendo compras

ou qualquer outra coisa, quando iam brincar na minha casa. Eu não queria ser diferente deles. Mas eles sempre descobriam. Suas mães contavam, ou coisa assim, e então

eles me achavam estranho, mas eu não me importava. Era bom ser normal por algumas horas. Eu falava como se ela tivesse saído… ou estivesse lá em cima… - Tan

viu as lágrimas nos olhos dele, mas logo Harry olhou para ela quase zangado. -

Uma grande bobagem, não é, ficar preso a uma mãe que nem conheci?

Tana procurou alcançá-lo com o coração e com palavras e a suavidade da voz.

- No seu lugar eu teria feito a mesma coisa.

Ele ergueu os ombros e olhou para longe, e logo depois foram andar um pouco e falaram sobre outras coisas, Freeman Blake, Sharon, as aulas de Tan em Green Hill e

então, sem nenhum aviso, Harry segurou a mão dela.

- Obrigado pelo que você disse há pouco.

Tana imediatamente compreendeu do que ele estava falando. Tinham esse tipo de empatia, desde o começo da sua amizade.

- Tudo bem. - Ela apertou a mão dele e continuaram a andar, Tana pensando como se sentia bem com ele. Harry não a pressionava nem um pouco, não perguntou mais por

que ela ficara tanto tempo sem sair com ninguém. Parecia aceitá-la como ela era, e Tana era grata por isso. Era grata a ele por muitas coisas, pelo modo que ele

via a vida, pelo muito que se divertiam juntos, pelo senso de

humor que sempre a fazia rir. Era maravilhoso ter alguém para compartilhar os pensamentos.

Ele era quase como uma caixa acústica para tudo o que Tana tinha na mente, e sentiu-se especialmente agradecida por isso quando voltou para Green Hill. Quando viu

Sharon outra vez, teve a impressão de que a família havia enviado outra pessoa. Todas as suas idéias políticas moderadas tinham desaparecido. Sharon participara

de alguns comícios e protestos com a mãe e os amigos dela, e subitamente ficou tão fanática quanto Míriam Blake. Tana mal podia acreditar na mudança e, finalmente,

depois de ouvir Sharon durante dois dias, voltou-se para ela e gritou:

- Pelo amor de Deus, Shar, o que aconteceu com você? Este quarto parece um comício político desde que voltamos. Desça do palanque, garota. Que diabo aconteceu com

você?

Sharon ficou parada, olhando para ela, e subitamente as lágrimas encheram seus olhos e ela abaixou a cabeça, os soluços a sufocaram, os ombros tremiam e só depois

de quase uma hora conseguiu falar, enquanto Tana a observava atónita. Algo terrível acontecera, mas Tana não sabia o quê. Abraçou a amiga e a acalentou, e finalmente

Sharon falou, e Tana sentiu um aperto no coração.

- Eles mataram Dick na véspera da Páscoa, Tan… eles o mataram… ele tinha 15 anos… e foi enforcado…

Tana sentiu-se mal. Não podia ser. Isso não acontecia a pessoas que ela conhecia… a ninguém… mas via no rosto de Sharon que era verdade, e, naquela noite, quando

telefonou para Harry, ela chorou contando a ele o acontecido.

- Oh, meu Deus… ouvi falar alguma coisa a respeito na faculdade, que o filho de um negro importante foi morto, mas não liguei uma coisa com a outra… merda…

Era o irmão de Sharon, e pouco mais do que uma criança.

- É. - O coração de Tana estava pesado como chumbo. E quando sua mãe telefonou mais tarde naquela semana, ela ainda estava deprimida.

- O que aconteceu, meu bem? Você e Harry brigaram?

Estava tentanto uma nova atitude, ia fingir para ela mesma e para Tana que havia um romance e talvez a idéia pegasse, mas Tana não demonstrou nenhuma

paciência e

foi brusca.

- O irmão da minha companheira de quarto morreu.

- Oh, isso é horrível… - Jean parecia horrorizada.

- Um acidente?

Uma longa pausa, enquanto Tana pesava o que ia dizer… Não, mamãe, ele foi enforcado, você sabe, ele era negro…

- Mais ou menos isso. - A morte não era sempre um acidente? Quem a esperava?

- Diga a ela que eu sinto muito. É a família com quem você passou os feriados de Ação de Graças, não foi?

- Sim - a voz de Tana estava inexpressiva, sem vida.

- É realmente terrível.

Tana não podia mais continuar a falar com ela.

- Tenho de desligar agora, mamãe.

- Telefone daqui a alguns dias…

- Vou tentar.

Tana desligou. Não queria falar com ninguém, mas ela e Sharon conversavam novamente até tarde da noite. Subitamente tudo na vida de Sharon tinha mudado. Ela entrara

em contato com a igreja negra local e ajudou a organizar protestos nos fins de semana, até o fim da primavera.

- Acha que deve fazer isso, Shar? Sharon olhou para ela zangada.

- E acha que tenho escolha agora? Sei que não tenho. Havia raiva agora em sua alma, uma fúria que nada

podia abater, um fogo que nenhum amor poderia apagar. Eles mataram o garotinho que vivera junto dela.

- … e ele era sempre um chato… - Ela riu através das lágrimas, uma noite quando conversavam no escuro.

- …Ele era tão parecido com mamãe e agora… e agora…

- Controlou os soluços e Tana foi sentar na cama dela. Era assim todas as noites, falando sobre passeatas em algum lugar do sul, protestos na cidade, ou no dr. Martin

Luther King, era como se Sharon já não estivesse mais ali, e

quando chegaram os exames do meio do ano ela entrou em pânico. Não tinha estudado nada. Era inteligente, mas estava com um medo desesperado de ser reprovada. Tana

ajudou na medida do possível, marcando o que devia estudar, mas não tinha muita esperança, e a mente de Sharon estava no protesto que organizara em Yolan para a

próxima semana. As pessoas da cidade tinham feito queixas dela duas vezes ao diretor de Green Hill, mas, por causa do seu pai, só a haviam chamado e conversado.

Compreendiam que ela estava sob tensão, depois do… acidente com o irmão, mas devia se comportar mesmo assim e não queriam que criasse mais problemas na cidade.

- Acho melhor desistir, Shar. Vão expulsar você da escola se não parar.

Tana a avisou mais de uma vez, mas não podia mudar nada mais agora. Não tinha escolha. Era algo que tinha de fazer, e, na noite anterior ao protesto em Yolan, antes

de apagarem a luz, voltou-se para Tana e havia algo tão intenso nos seus olhos que a amiga se assustou.

- Alguma coisa errada?

- Quero te pedir um favor, e não fico zangada se disser não. Eu prometo, portanto, faça o que achar melhor. Combinado?

- Certo. Do que se trata? - Tana esperava que Sharon não lhe pedisse para dar cola em uma das provas.

- Estive conversando com o reverendo Clarke noutro dia, na igreja, e acho que faria uma grande diferença se houvesse brancos envolvidos no protesto de amanhã na

cidade. Vamos entrar na igreja dos brancos.

- Puxa vida. - Tana ficou chocada, e Sharon deu um largo sorriso.

- É isso aí. - As duas trocaram um sorriso. - O dr. Clarke vai ver quem ele pode arranjar e eu… não sei… talvez esteja errada, mas pensei em falar com você.

Mas se não quiser, Tan, não vá.

- Por que iam ficar aborrecidos se eu entrasse na igreja deles? Eu sou branca.

- Se entrar conosco, não é mais. Isso fará de você

lixo branco ou coisa pior. Se entrar segurando minha mão, e com o reverendo Clarke do outro lado, ou outro negro… é diferente, Tan.

- É. - Sentiu um frio de medo no estômago, mas queria também ajudar a amiga. - Acho que entendo.

- O que acha? - Sharon olhou-a nos olhos.

- Honestamente? Estou com medo.

- Eu também. Sempre tenho medo. - E então suavemente. - Dick também tinha medo. Mas ele foi. E eu vou também. Pretendo ir sempre que puder, até o fim da minha vida,

até as coisas mudarem. Mas é a minha luta, Tana, não a sua. Se for, irá como minha amiga. E se não for, gosto de você do mesmo jeito.

- Obrigada. Posso pensar no assunto esta noite?

Sabia que haveria repercussões se soubessem na escola e não queria prejudicar sua bolsa para o ano seguinte. Telefonou para Harry tarde, naquela noite, mas ele não

estava, e na manhã seguinte Tana acordou de madrugada, pensando nas vezes em que fora à igreja quando era pequena e no que sua mãe lhe dizia sobre todos serem iguais

aos olhos de Deus, os ricos, os pobres, os brancos, os negros, todos, e então pensou em Dick, o irmão de Sharon, um menino de 15 anos, enforcado, e quando Sharon

acordou, com o nascer do sol, Tana estava esperando por ela.

- Dormiu bem?

- Mais ou menos. - Sentou-se na beirada da cama e se espreguiçou.

- Está se levantando? - Havia uma pergunta nos olhos de Sharon e Tana sorriu.

- Estou. Vamos à igreja hoje, não vamos? Sharon deu um largo sorriso. Levantou-se de um salto, abraçou Tana e beijou-a com expressão vitoriosa.

- Estou tão contente, Tan.

- Eu não sei se estou, mas acho que é a coisa certa.

- Eu sei que é.

Ia ser uma longa e sangrenta luta, mas Sharon estaria lá, e Tana, só essa vez. Escolheu um vestido simples de algodão da cor do céu, escovou os longos cabelos louros,

fez

um rabo de cavalo, calçou os mocassins e foram a pé para a cidade, lado a lado.

- Vão à igreja, meninas? - perguntou a governanta sorrindo e elas disseram que iam.

Sabiam que a governanta queria dizer igrejas diferentes, mas Tana foi com Sharon para a igreja negra onde se encontraram com o dr. Clarke e um pequeno grupo de 95

negros e 11 brancos. Foram aconselhados a ficarem calmos, para sorrir se achassem conveniente, mas não se o sorriso pudesse provocar alguém, e para permanecerem

em silêncio fosse o que fosse que ouvissem. Deviam entrar solenemente na igreja de mãos dadas, com todo respeito, em grupos de cinco. Sharon e Tana ficariam juntas.

Havia outra ativista branca com elas, e dois homens negros, ambos altos e fortes, e a caminho da igreja disseram a Tana que trabalhavam na fábrica. Eram pouco mais

velhos do que as moças, mas ambos casados, um tinha três filhos, o outro quatro e não pareciam estranhar a presença dela. Eles a chamaram de irmã e um pouco antes

de entrar na igreja os cinco companheiros trocaram sorrisos nervosos. Então, silenciosamente entraram. Era uma pequena igreja presbiteriana na parte residencial

da cidade, com muitos fiéis todos os domingos, uma escola dominical com muitas crianças e quando os rostos negros começaram a entrar em fila, todas as cabeças se

voltaram. Homens e mulheres pareciam extremamente chocados, o órgão parou de tocar, uma mulher desmaiou, outra começou a gritar, e em poucos minutos abriram-se as

portas do inferno, o pastor começou a berrar, alguém correu para chamar a polícia e só os voluntários do dr. Clarke permaneceram calmos, de pé contra a parede, sem

criar nenhuma perturbação, enquanto as pessoas se voltavam e zombavam, insultavam, embora estivessem na igreja. Logo chegou o pequeno contingente de polícia especializada

na cidade. Recentemente haviam sido treinados para enfrentar os protestos que começavam a ocorrer e eram em sua maior parte patrulheiros de estrada, mas começaram

a empurrar e a dar trancos, arrastando para fora os negros relutantes que amoleciam o corpo e se deixavam

levar, e subitamente Tana compreendeu o que estava acontecendo. Agora era a sua vez, aquilo não estava acontecendo a pessoas distantes, estava acontecendo conosco,

e com ela, e subitamente dois policiais enormes a agarraram brutalmente pelos braços sacudindo os cassetetes na frente do seu rosto.

- Devia se envergonhar… lixo branco!

Os olhos de Tana se arregalaram quando a arrastaram para fora e com tudo o que tinha queria bater, morder e dar pontapés, pensando em Richard Blake e no modo que

tinha morrido, mas não teve coragem. Eles a jogaram para a parte de trás do caminhão, com grande parte do grupo do dr. Clarke, e meia hora depois foi fichada e estava

na cadeia. Ficou sentada na cela o dia todo, com mais 15 ativistas, todas negras, e via Sharon no outro lado do corredor. Cada uma teve permissão para um telefonema,

pelo menos as brancas, as negras estavam ainda sendo “processadas”, segundo os tiras, e Sharon gritou para que ela chamasse sua mãe, o que Tana fez. Ela chegou a

Yolan à meianoite e soltou Tana e Sharon ao mesmo tempo, dando os parabéns a elas. Tana notou que ela parecia mais decidida e mais distante do que há seis meses,

mas parecia satisfeita com o que as duas tinham feito. Nem se aborreceu quando Sharon deu a notícia no dia seguinte: estava sendo expulsa de Green Hill efetiva e

imediatamente. Suas coisas já tinham sido postas na mala pela governanta da Casa Jasmim e devia deixar o compus antes do meiodia. Foi um choque para Tana, e quando

foi chamada ao escritório do diretor já sabia o que a esperava. Exatamente como tinha pensado. Pediram que deixasse a escola. Não haveria bolsa de estudos no ano

seguinte. Na verdade, não haveria ano seguinte. Como para Sharon, tudo estava acabado para ela. A única diferença era que, se quisesse ficar a título probatório,

só permitiriam até o fim do ano, o que significava que pelo menos poderia fazer as provas finais e se candidatar a outra escola. Mas qual? Sentou-se no quarto em

estado de choque depois que Sharon foi embora. Sharon ia voltar para Washington com a mãe, e já estavam

falando em passar algum tempo como voluntárias do movimento do dr. King.

- Sei que papai vai ficar zangado porque quer que eu estude, mas sabe, Tan, francamente, eu estou farta de escola. - Olhou para Tana com ar de pena e disse: - Mas

e você?

Estava aborrecida por causa do preço que a amiga teria de pagar. Nunca fora presa antes, embora fossem avisadas da possibilidade antes do protesto na igreja, mas

Sharon não esperava que se concretizasse.

- Talvez seja melhor assim. - Tana tentou animar a amiga, e estava ainda em estado de choque quando Sharon foi embora e ficou sentada no quarto sozinha até o anoitecer.

Sua probação significava que devia comer sozinha na Casa Jasmim, ficar no quarto à noite, e evitar todas as atividades sociais incluindo a formatura do primeiro

ano. Era uma espécie de pária, mas sabia também que o curso terminaria em poucas semanas.

O pior foi que, conforme a ameaçaram, informaram Jean. Ela telefonou naquela noite, histérica, soluçando no telefone.

- Por que não me disse que aquela cadelinha era negra?

- Que diferença faz sua cor? Ela é minha melhor amiga.

Mas os olhos de Tana se encheram de lágrimas e as emoções dos últimos dias a dominaram subitamente. Todos na escola olhavam para ela como se tivesse cometido um

crime, e Sharon fora embora. Não sabia para que escola iria no ano seguinte, e sua mãe estava gritando com ela… era como ter cinco anos e estar ouvindo dizer que

foi uma menina muito má, muito má, mas sem saber exatamente por quê.

- Chama isso de amiga? - A mãe riu no meio das lágrimas. - Ela te custou a bolsa de estudos, e a expulsão

da escola. E pensa que vai ser aceita em qualquer lugar depois disso?

- Naturalmente que vai, sua boba - garantiu Harry entre os soluços dela no dia seguinte. - Merda, existem milhões de radicais na U.B.

- Não sou radical - ela chorou mais ainda.

- Sei disso. Tudo o que fez foi tomar parte em um protesto pacífico, pelo amor de Deus. É culpa sua por ter ido para aquela escola cheia de não me toques de

brancos

ignorantes? Quero dizer, que droga, você não está nem entre gente civilizada naquele lugar. Por que diabo não vem para o norte?

- Acha mesmo que vão me aceitar?

- Com suas notas, está brincando? Eles vão deixar você dirigir a escola.

- Você está tentando me consolar. - Começou a chorar outra vez.

- Você está é me chateando um bocado, Tan. Por que não deixa que eu faça um requerimento para ver o que acontece?

E o que aconteceu, para espanto de Tan, e desgosto de sua mãe, foi que a aceitaram.

- Universidade de Boston? Que tipo de escola é essa?

- Uma das melhores do país, e eles até me deram uma bolsa.

Harry fizera o requerimento, fez a recomendação em seu nome, o que pareceu a Tan uma coisa maluca e o que a tocou profundamente e no dia primeiro de julho tudo estava

resolvido. No outono iria para a Universidade de Boston.

Estava ainda traumatizada pelos acontecimentos de dois meses atrás e Jean continuava discutindo com ela.

- Acho que devia arranjar um emprego por algum tempo, Tan. Não pode estudar pelo resto da vida.

Tana ficou horrorizada.

- Que tal mais três anos, até eu ter um diploma superior?

- E depois o quê? O que vai fazer então, Tana, que não pode fazer agora?

- Conseguir um emprego decente.

- Podia ir trabalhar na Durning International hoje mesmo. Falei com Arthur na semana passada.

Tana tinha a impressão de que passava o tempo todo gritando com a mãe, mas Jean não queria compreender.

- Pelo amor de Deus, não me condene a isso pelo resto da minha vida.

- Condenar você! Condenar você! Como se atreve a dizer isso? Você foi presa, expulsa da escola e acha que tem algum direito no mundo. Tem muita sorte que um homem

como Arthur Durning concorde em te dar um emprego.

- Ele tem sorte por eu não ter processado seu filho no ano passado! - As palavras saíram dos lábios de Tana antes que ela pudesse impedir e Jean Roberts olhou para

ela espantada.

- Como se atreve a dizer isso?

Com voz tranqüila e tristonha, Tana respondeu:

- É verdade, mamãe.

Jean deu as costas à filha como para se proteger do olhar de Tan, para não ouvir.

- Não quero ouvir você dizer essas mentiras. Tana saiu da sala silenciosamente e alguns dias depois

foi embora.

Hospedou-se na casa do pai de Harry em Cape Cod, e os dois jogavam ténis, velejavam, nadavam e visitavam os amigos dele, e Tana nem uma vez se sentiu ameaçada por

ele. Os sentimentos de Harry eram diferentes dos de Tana, mas ele os mantinha sob controle. Ela escreveu várias vezes para Sharon, mas as respostas eram sempre breves,

uns rabiscos evidentemente escritos às pressas. Nunca estivera tão ocupada em sua vida, nem tão feliz. A mãe estava certa, e tinha agora um maravilhoso emprego como

voluntária do dr. Martin Luther King. Era espantoso como suas vidas tinham mudado em um ano.

E quando Tana começou seu ano letivo na Universidade de Boston, ficou atônita com a diferença. Era um ambiente aberto, interessante, moderno. Gostava das classes

mistas também. Assuntos interessantes estavam sempre sendo discutidos e ela ia bem em todas as matérias.

E Jean, secretamente, estava orgulhosa da filha, embora seu relacionamento com Tana não fosse o mesmo de antes. Disse a si mesma que era uma fase passageira. Tinha

outras coisas em que pensar. No fim do primeiro ano de Tana na universidade, Ann Durning ia se casar novamente. A grandiosa cerimónia seria na igreja episcopaliana

de Cristo em Greenwich, Connecticut, e a recepção, organizada por Jean, na casa dos Durning. No escritório, sua mesa estava abarrotada de listas, fotografias, listas

de bufês e Ann telefonava para ela pelo menos 14 vezes por dia. Era como se sua filha estivesse para se casar, e depois de 14 anos como amante e braço direito de

Arthur Durning, sentia-se possessiva em relação aos filhos dele. E estava satisfeita com a escolha de Ann dessa vez. Era um homem solitário com

32 anos, divorciado, sócio da firma Sherman e Sterling, advogados, de Nova York, e por tudo o que Jean Roberts tinha ouvido, um advogado muito promissor e com muito

dinheiro. Arthur estava também satisfeito e deu a Jean um bracelete de ouro de Cartier como agradecimento por tudo o que ela fizera para que o casamento de Ann fosse

um sucesso.

- Você é mesmo uma mulher maravilhosa, sabe? - Ele estava na sala de estar de Jean, tomando scotch, olhando para ela, perguntando a si mesmo por que nunca havia

se casado com Jean. Às vezes ele se sentia assim, embora, a maior parte do tempo, achasse que estava muito bem sozinho. Estava acostumado.

- Obrigada, Arthur. - Ofereceu um prato com os hors d'oeuvres preferidos dele, salmão da Nova Escócia com fatias finas de pumpernickel da Noruega, bolinhos de steak

tartare com torrada de pão branco, as nozes que Jean sempre tinha em casa para as visitas dele, além do seu scotch favorito, biscoitos… sabonete, água-de-colônia…

tudo o que Arthur gostava. Era mais fácil estar sempre pronta para ele quando Tana não estava em casa. Por um lado, isso havia ajudado seu relacionamento, mas, por

outro, não. Jean estava mais livre agora, mais acessível, sempre pronta para

ele a qualquer hora que aparecesse, mas ao mesmo tempo sentia-se muito mais sozinha sem Tana, mais ansiosa pela companhia dele. Sentia-se mais vazia, solitária

e menos compreensiva quando duas semanas se passavam sem que Arthur dormisse com ela. Sabia que devia ser grata a ele por continuar com ela e por facilitar tanta

coisa na sua vida, mas queria muito mais dele, sempre quis, desde que se conheceram.

- Tana vem para o casamento, não vem? Arthur comeu mais um pouco de steak tartare e Jean

tentou parecer reticente. Há poucos dias telefonara para Tana falando sobre o casamento. Tana não respondera ao convite enviado por Ann, e Jean a censurou por isso,

dizendo que não era delicado, e que seus modos na Universidade de Boston não se aplicavam ao caso, o que não contribuiu em nada para aquecer o coração de Tana.

- Vou responder logo que puder, mamãe. Estou em provas agora. O convite só chegou na semana passada.

- Só precisa de um minuto para responder.

O tom da mãe irritou Tana, como sempre acontecia, e disse com voz seca:

- Ótimo. Diga a ela que não.

- Não vou fazer nada disso. Você vai responder ao convite. E eu acho que deve vir.

- Bem, isso não me surpreende. Outro comando do clã dos Durning. Quando vamos começar a dizer não a eles? - Estremecia ainda cada vez que se lembrava de Billy. -

Acho que estou muito ocupada.

- Podia fazer um esforço por mim, pelo menos.

- Diga a eles que você não tem mais controle sobre mim. Que estou impossível, que estou escalando o Everest. Diga o que quiser!

- Então, você não vai mesmo? - Jean parecia chocada, como se aquilo fosse impossível.

- Não tinha pensado ainda no caso, mas agora que você mencionou acho que não.

- Você sabia o tempo todo.

- Ora, pelo amor de Deus… escute, não gosto de Ann

e nem de Billy. Apague isso. Não gosto de Ann, e odeio Billy. Arthur é seu caso, se me perdoa o trocadilho. Por que tem de me envolver nisso tudo? Estou adulta,

eles também, e nunca fomos amigos.

- É o casamento dela e Ann quer que você compareça.

- Bobagem. Provavelmente está convidando todos os seus conhecidos e a mim só como um favor a você.

- Não é verdade.

Mas ambas sabiam que era. E Tana ficava cada vez mais forte com o passar do tempo. De certo modo, devido à influência de Harry. Harry tinha idéias definitivas sobre

quase tudo o que estimulava em Tana uma reação semelhante. Ele a fazia pensar sobre o que pensava e o que sentia sobre tudo, e estavam mais unidos do que nunca.

Ele tinha acertado também com a escolha da U.B. A mudança para Boston fora ótima para ela, muito melhor do que sua ida para Green Hill. E, de certo modo, Tana tinha

crescido muito mais nesse último ano. Estava com quase vinte anos.

- Tana, não entendo por que você age desse modo. O casamento outra vez e sua mãe a estava deixando

louca.

- Mamãe, podemos falar de outra coisa. Como vai você?

- Estou bem, mas gostaria de pensar que você ia pelo menos considerar…

- Está bem! - Tana gritou no telefone. - Vou pensar. Posso levar alguém? - Talvez fosse mais suportável se Harry estivesse com ela.

- Eu estava esperando isso. Por que você e Winslow não seguem o exemplo de Ann e John e ficam noivos?

- Por que não nos amamos. Esse é o principal motivo.

- Acho difícil acreditar depois de todo esse tempo.

- A realidade é mais estranha do que a ficção, mamãe. - Falar com a mãe sempre

a deixava maluca e tentou explicar para Harry no dia seguinte.

- É como se ela passasse o dia inteiro pensando no que vai me dizer para me irritar ao máximo, e nunca falha. Ela atinge o ponto crítico sempre.

- Meu pai tem o mesmo dom. É um pré-requisito.

- Para quê?

- Para ser pai ou mãe. Você tem de passar no teste. Se não for suficientemente irritante, tem de tentar outra vez até conseguir. Então, depois que o filho nasce,

tem de renovar a prova com intervalos de alguns anos, assim, depois de 15 anos, consegue realmente dominar o filho.

Tana riu e olhou para ele. Estava mais bonito ainda do que quando se conheceram e todas as moças ficavam loucas por ele. Estava sempre ocupado com uma meia dúzia

delas, mas sempre tinha tempo para Tana. Ela vinha em primeiro lugar, era sua amiga, na verdade, era muito mais do que isso, mas Tana nunca o compreendeu. “Você

vai estar por aqui por muito tempo, Tana. Elas vão desaparecer na semana que vem.” Harry não levava a sério nenhuma delas, por mais desesperadamente que o desejassem.

Não enganava ninguém, tinha cuidado para não magoá-las, era sensato em relação ao controle da natalidade.

- Nada de acidentes provocados por mim, Tan. A vida é curta demais para isso e já existe muito sofrimento sem que precisemos inventar mais para nossos amigos.

Mas não fingia também. Harry Winslow queria se divertir, e nada mais. Nada de eu te amo, nada de alianças de noivado, nada de esperanças, apenas algum divertimento,

muita cerveja e bons momentos, se possível, na cama. Seu coração estava comprometido, embora secretamente, mas outras partes dele muito interessantes

não estavam.

- Elas não querem mais do que isso?

- Naturalmente que querem. Todas têm mães como a sua. Só que a maior parte delas dão mais ouvidos às mães do que você. Todas querem se casar, deixar os estudos o

mais depressa possível. Mas eu aviso para não contarem comigo para conseguir isso. E se não me acreditam no começo, logo acabam acreditando. - Deu aquele sorriso

de garoto e Tana riu.

Sabia que as moças caíam como moscas quando viam os dois. Ela e Harry tinham sido inseparáveis durante todo o ano e Tana era a inveja das amigas. Não conseguiam

acreditar que nada havia entre eles, ficavam tão intrigadas quanto sua mãe, mas o relacionamento permanecia casto. Agora Harry a compreendia e não ousava escalar

os

muros que Tana erguera em volta do sexo. Uma ou duas vezes ele tentou fazer com que ela se interessasse por um dos seus amigos, em encontros amigáveis, mas Tana

não queria saber de nada daquilo. O companheiro de quarto de Harry tinha perguntado se ela era lésbica, mas Harry tinha certeza de que não era esse o caso. Sentia

que algo a havia traumatizado, mas Tana nunca falou no assunto nem mesmo com ele. Ela saía com Harry ou amigos da U.B., ou sozinha, mas não havia nenhum homem em

sua vida no sentido romântico. Nunca. Harry tinha certeza.

- É um desperdício danado, você sabe, garota. - Ele tentava às vezes, em tom de brincadeira, mas Tana encerrava o assunto.

- Você faz bastante por nós dois.

- Isso não adianta muito para você. Ela riu.

- Estou reservando para minha noite de núpcias.

- Uma causa nobre. - Fingiu que a atacava e os dois riram.

Todos em Harvard e na U.B. estavam acostumados a vê-los, divertindo-se, brincando, pregando peças um no outro e nos amigos. Harry comprou uma bicicleta para dois

em uma loja de artigos usados num fim de semana e pedalavam por Cambridge, Harry com um imenso gorro de peles nos meses de inverno e um chapéu de palha quando fazia

calor.

- Quer ir ao casamento de Ann Durning comigo? Estavam passeando pelo Harvard Quad, no dia seguinte

ao telefonema explosivo de Jean.

- Não especialmente. Acha que pode ser divertido?

- Nem pensar. - Tana sorriu angelicamente. - Minha mãe acha que eu devo ir.

- Tenho certeza de que você já esperava isso.

- Ela acha também que nós devemos ficar noivos.

- Isso eu aprovo.

- Ótimo. Então vamos fazer uma cerimônia dupla. Falando sério, quer ir?

- Por quê?

Havia uma expressão tensa nos olhos dela e Harry queria saber por quê. Conhecia muito bem Tana, mas uma vez ou outra ela parecia se esconder dele, embora não com

muito sucesso.

- Não quero ir sozinha. Não gosto de nenhum deles. Ann é uma garota mimada, e já foi casada antes, mas o papai dela parece estar fazendo muito barulho com este casamento.

Acho que ela acertou desta vez.

- O que quer dizer isso?

- O que você acha? Significa que está se casando com um cara de dinheiro.

- Quanta sensibilidade. - Harry sorriu angelicamente e Tana deu uma risada.

- É sempre bom saber quais são os valores das pessoas, não é? O casamento vai ser logo depois do fim das aulas, em Connecticut.

- Eu pretendia ir para o sul da França nessa semana, Tan, mas posso adiar por alguns dias, se isso ajuda você.

- Não vai ser uma grande chateação?

- Vai. Mas por você, qualquer coisa. - Sorriu com sinceridade, fez uma mesura e ela riu, Harry deu uma palmada na nádega dela, subiram na bicicleta para dois e ele

a deixou no dormitório da U.B. Harry tinha um grande encontro naquela noite. Já investira quatro jantares na garota e esperava que ela desse os dividendos nessa

noite.

- Como pode falar assim! - Tana censurou rindo, antes de entrar no dormitório.

- Não posso ficar alimentando a menina para sempre, sem receber alguma coisa em troca. Além disso, ela gosta daqueles bifes enormes com cauda de lagosta. Minha mesada

está sofrendo com isso mas… - Ele sorriu, pensando nos órgãos mamários da garota - … depois eu conto o que aconteceu.

- Acho que não quero saber.

- Tem razão… ouvidos virgens… oh, está bem… Acenou e saiu pedalando a bicicleta.

Naquela noite Tana escreveu para Sharon, lavou a cabeça e lanchou às dez horas da manhã com Harry no dia seguinte. Ele não havia conseguido nada com a moça. “A devoradora”,

como ele a chamava agora. Tinha devorado não só o seu bife, mas grande parte do dele também, sua lagosta e a dele e depois disse que não estava se sentindo bem e

precisava ir para casa estudar para os exames. A única coisa que Harry conseguiu com todo o seu esforço foi uma conta enorme no restaurante e uma noite de sono tranqüilo

e reparador sozinho na cama.

- Isso é o fim dela. Cristo, o trabalho que a gente tem para conseguir uma transa hoje em dia.

Mas Tana sabia que na maior parte das vezes ele se dava bem, e o provocou falando desse caso o tempo todo da viagem para Nova York, em junho. Harry a deixou no apartamento

de Jean e foi para o Píer ré. Quando a apanhou no dia seguinte para irem ao casamento, Tana teve de admitir que ele estava espetacular. Calça de flanela branca,

blazer de casemira azul, camisa de seda creme que o pai mandara fazer para ele em Londres no ano anterior e gravata Hermes azul-marinho.

- Cristo, Harry, se a noiva for sensata, vai jogar fora o cara e fugir com você.

- Esse é um problema de que não preciso. E você também não está nada mal, Tan.

Ela estava com um vestido de seda verde, quase da cor dos seus olhos, o cabelo solto nas costas, brilhantemente escovado e seus olhos cintilavam quando olhou para

ele.

- Obrigada por ter vindo. Sei que vai ser chato, mas agradeço.

- Não seja boba. Não tenho mesmo nada para fazer. Só vou para Nice amanhã à noite.

E de Nice ia de carro para Mônaco, onde seu pai o esperava no iate de um amigo. Harry ia passar duas semanas com ele e depois ficaria sozinho na casa de Cap Ferrat,

enquanto o pai continuava a viagem com os amigos.

- Posso pensar em destinos muito piores, Tan.

Ele estava sugerindo o quanto ia se divertir com as garotas do sul da França, sozinho em casa, mas para ela parecia muito solitário. Não teria com quem conversar

a maior parte do tempo, ninguém que realmente se importasse com ele. Por outro

lado, Tana ia passar o verão sendo sufocada pela mãe. Num momento de fraqueza, sentindo-se

culpada pela independência conquistada com tanto esforço, concordara em arranjar um emprego de verão na Durning Interliill national. E Jean estava encantada.

- Tenho vontade de me matar cada vez que penso nisso. - Gemia ela para Harry sempre que falavam no assunto. - Eu devia estar louca. Mas tenho pena dela às vezes.

Está tão sozinha agora. E pensei que seria bom fazer isso para ela, mas Cristo, Harry… o que foi que eu fiz?

- Não vai ser tão horrível, Tan.

- Quer apostar?

Sua bolsa de estudos fora aprovada para o ano seguinte e ela queria ter algum dinheiro para gastar. Pelo menos isso ajudaria. Mas era extremamente deprimente pensar

em um verão inteiro em Nova York, morando com Jean e vendo-a beijar os pés de Arthur todos os dias. Só a idéia a deixava doente.

- Vamos para Cape por uma semana quando eu voltar.

- Graças a Deus!

Trocaram um sorriso no carro, a caminho de Connecticut, e logo depois estavam na igreja episcopaliana de Cristo com os outros convidados, sob o calor extremo do

ar abafado de junho, e finalmente terminou e foram para a casa dos Durning, passando pelos imensos portões, enquanto Harry observava Tana. Era a primeira vez que

ela entrava ali depois do pesadelo de dois anos atrás. Na verdade, dois anos exatos. E um tênue véu de suor formou-se sobre seu lábio lembrando-se daquela noite.

- Você não gosta mesmo daqui, não é Tan?

- Não muito.

Olhou pela janela do carro com expressão vaga enquanto Harry observava sua nuca. Mas mesmo dali percebeu que algo ficara tenso nela e piorou quando parou o carro

e os

dois desceram. Entravam na fila dos cumprimentos e disseram as coisas adequadas. Tana apresentou Harry a Arthur, à noiva e ao noivo e então, enquanto pedia uma bebida,

viu Billy olhando fixamente para ela. Ele a observava com atenção e Harry observava Billy, e quando ele se afastou, Tana pareceu ter ficado em estado de choque.

Dançou várias vezes com Harry, com outros rapazes que não conhecia, conversou com a mãe uma ou duas vezes, e então subitamente, no meio de uma calmaria, encontrou-se

frente a frente com Billy.

- Como vai? Estava imaginando se você viria. Tana sentiu um impulso viplento de esbofeteá-lo, mas

apenas virou as costas. Só de olhar para ele ficava sem poder respirar. Não o via desde aquela noite, e ele parecia tão maldoso quanto naquele tempo, tão fraco,

mau e cheio de vontades como sempre. Tana lembrou-se de como ele a espancara, e então…

- Fique longe de mim - ela falou em voz quase inaudível.

- Não fique tão nervosa. Que diabo, é o casamento da minha irmã. Um acontecimento romântico.

Tana percebeu que ele estava mais do que um pouco alto. Sabia que tinha se formado em Princeton há alguns dias e provavelmente estava bebendo sem parar desde então.

Ia trabalhar na firma da família, assim poderia transar à vontade e perseguir as secretárias. Tana teve vontade de perguntar quem ele havia violentado recentemente,

mas apenas procurou se afastar e Billy agarrou o braço dela.

- É uma atitude muito pouco delicada.

Tana voltou-se para ele, os dentes cerrados, os olhos ferozes.

- Tire suas mãos de mim ou jogo esta bebida no seu rosto. - Tana sibilou como uma serpente e subitamente Harry apareceu ao seu lado, observando-a, vendo algo que

nunca vira antes e notando também a expressão nos olhos de Billy Durning.

Billy Durning murmurou uma só palavra, “puta”, com um olhar malevolente, e, com

um único gesto, Harry agarrou o braço dele e o torceu nas costas até Billy gemer e tentar se livrar, mas ele não queria fazer uma cena e Harry murmurou no ouvido

dele, agarrando a gravata

de Billy com a outra mão, quase o estrangulando.

- Percebeu a cena, cara? Ótimo, então por que não desaparece agora mesmo?

Billy soltou o braço e sem uma palavra se afastou, enquanto Harry observava Tana. Ela tremia da cabeça aos pés.

- Você está bem?

Ela fez que sim com a cabeça, mas ele não se convenceu. Tana estava com uma palidez de morte e seus dentes batiam apesar do calor.

- Afinal, do que se trata? Um velho amigo?

- O adorável filho do sr. Durning.

- Pelo que vejo vocês já se encontraram antes. Ela fez um gesto afirmativo.

- De modo não muito agradável.

Ficaram mais algum tempo depois disso, mas era evidente que Tan estava ansiosa para ir embora, por isso Harry foi o primeiro a sugerir que saíssem. Não

disse nada

durante algum tempo quando voltaram para a cidade e via que Tana aos poucos ficava menos tensa à medida que se afastavam da casa dos Durning. Teve de perguntar então.

Algo tão violento estivera no ar que Harry ficou temeroso por ela.

- Afinal, o que representa tudo isso, Tan?

- Nada de mais. Um ódio antigo, é só.

- Baseado em quê?

- Ele é um completo canalha, é isso.

Palavras fortes para ela e Harry ficou surpreso, além disso, não havia nenhum humor na voz de Tana.

- Um miserável filho da mãe. - As lágrimas queimavam seus olhos e suas mãos tremiam quando acendeu um cigarro, ela que raramente fumava.

- Deu para perceber que não são os melhores amigos do mundo. - Harry sorriu, mas Tana não correspondeu. - O que foi que ele fez para você o odiar tanto, Tan? - Harry

tinha de saber. Por ela e por ele.

- Não é importante agora.

- É sim.

- Não, não é!

Estava gritando com ele e as lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto. Nada tinha sido curado naqueles dois anos porque Tana não permitira que nenhum ar penetrasse

naquele compartimento. Não tinha contado a ninguém, exceto Sharon, não tinha se apaixonado por ninguém, não tinha saído com rapazes.

- Não importa mais.

Harry esperou que ela terminasse de falar.

- Está tentando me convencer ou a você mesma? - Deu um lenço para ela e Tana assoou o nariz, enquanto as lágrimas continuavam a descer.

- Desculpe, Harry.

- Não tem nada para desculpar. Lembra-se de mim? Sou seu amigo.

Tana sorriu entre as lágrimas e bateu de leve com os dedos no rosto dele, mas algo terrível voltara para atormentá-la outra vez.

- Você é o melhor amigo que já tive.

- Quero que me conte o que aconteceu com ele.

- Por quê? Ele sorriu.

- Por que assim posso voltar e matar o cara se você quiser.

- Certo. Vá em frente. - Ela riu, pela primeira vez em muitas horas.

- Falo sério, acho que precisa tirar esse peso do seu coração.

- Não, não preciso. - Isso a assustava mais do que viver com a lembrança. Não queria falar sobre o assunto agora.

- Ele tentou alguma coisa com você, não foi?

- Mais ou menos. - Ela estava olhando pela janela do carro outra vez.

- Tana… fale comigo…

Ela voltou-se para ele com um sorriso gelado.

- Porque quer saber disto?

- Porque eu me importo.

Parou o carro no acostamento, desligou o motor e olhou para ela. Percebeu que estava quase abrindo uma porta hermeticamente fechada, mas sabia que por ela tinha

de abri-la.

- Conte o que ele fez com você.

Tana olhou-o nos olhos e procurou negar sem dizer palavra. Tentou balançar a cabeça mas Harry não ia deixar que escapasse agora, segurou as mãos dela carinhosamente

e afinal Tana disse:

- Ele me violentou há dois anos. Dois anos amanhã à noite, para ser exata. Feliz aniversário.

Harry ficou enojado.

- O que quer dizer isso? Você saiu com ele? Ela balançou a cabeça.

- Não. - Sua voz começou como um murmúrio. - Minha mãe insistiu para que eu fosse a uma festa na casa de Greenwich. Festa dele. Fui com um dos seus amigos, que ficou

bêbado e desapareceu, e Billy me encontrou andando pela casa. Perguntou se eu queria ver o quarto em que minha mãe trabalhava. E como uma perfeita idiota eu disse

que queria, e antes que soubesse o que estava acontecendo, ele me arrastou para o quarto do pai, me jogou no chão

e me espancou. Ele me violentou e bateu em mim durante horas, e depois me levou para casa e bateu com o carro. - Começou a soluçar lentamente, sufocando-se com

as próprias palavras, sentindo-as sair rapidamente, quase como uma força física independente. - Tive um ataque histérico no hospital… depois que a polícia chegou…

minha mãe chegou… e ela não quis acreditar em mim, pensou que eu estava bêbada… e, para ela, o garotinho Billy não podia fazer nada errado… tentei contar em

outra ocasião… - Escondeu o rosto nas mãos e Harry a tomou nos braços, acalentando-a como ninguém jamais a havia acalentado, mas a história partiu seu coração.

Por isso Tana nunca saía com ninguém, desde que se conheceram, por isso era tão fechada e parecia tão assustada.

- Pobre menina… pobre Tan…

Levou-a de volta para a cidade então, foram jantar em um lugar tranqüilo e depois voltaram para o Pierre e conversaram durante horas. Tana sabia que a mãe ia ficar

em Greenwich naquela noite para certificar-se de que tudo corria bem. E depois de deixá-la em casa, Harry perguntava a si mesmo se as coisas iam mudar para Tana

agora, até mesmo se mudariam entre eles. Era a garota mais notável que conhecia, e se tivesse permitido a si mesmo estaria completamente apaixonado. Mas tivera bom

senso naqueles dois anos e lembrava-se disso agora. Não queria estragar o que eles tinham, para quê? Uma transa? Tinha muito disso, e ela significava muito mais

para ele. Ia levar ainda um longo tempo para curar, se é que poderia ser curado algum dia, e ele a ajudaria mais como amigo do que tentando satisfazer suas próprias

necessidades e indo para a cama com ela, bancando o terapeuta.

Telefonou no dia seguinte antes de partir para o sul da França e encomendou flores para o outro dia com um cartão que dizia “Que se dane o passado. Você está bem

agora. Amor, H.” E telefonou da Europa sempre que tinha tempo e vontade. Seu

verão foi muito mais interessante do que o dela, e compararam notas quando ele voltou

umas semanas depois do Dia do Trabalho, e Tana deixou o emprego de verão e foi para Cape Cod com ele. Era um alívio sair afinal da Durning International. Fora um

erro, mas Tana tinha aguentado até o fim.

- Algum grande romance enquanto estive fora?

- Nada. Lembra-se de mim? Estou reservando para minha noite de núpcias.

Mas agora ambos sabiam por quê. Estava ainda traumatizada pela violência e ambos sabiam também que tinha de se libertar disso. E depois de ter falado com ele, antes

da sua partida, tudo parecia um pouco menos doloroso. Finalmente, a cura começava.

- Não vai haver noite de núpcias se não sair com alguém, sua boba.

- Parece minha mãe, outra vez. - Ela sorriu. Era

tão bom ver Harry outra vez.

- A propósito, como vai sua mãe?

- Na mesma. Escrava dedicada de Arthur Durning. Me deixa doente. Não quero ser assim com ninguém, nunca.

Ele estalou os dedos com uma expressão de desespero.

- Droga… e eu que estava esperando isso…

Eles riram e a semana passou rapidamente como sempre quando estavam juntos, e havia uma certa magia em estarem em Cape Cod. Mas, apesar dos sentimentos secretos

de Harry por ela, o relacionamento continuou como antes. E ambos voltaram para suas respectivas faculdades para o último ano, que também passou voando.

No verão

seguinte, Tana ficou em Boston para trabalhar, Harry foi para a Europa outra vez, e quando ele voltou, foram para Cape Cod, e os dias fáceis estavam para acabar.

Tinham apenas mais um ano para entrarem na vida real. E cada um a seu modo, tentavam afastar a realidade.

- O que você vai fazer? - ela perguntou sombriamente uma noite.

Ela concordara em sair com um amigo de Harry, mas as coisas iam muito devagar e Tana não estava realmente interessada. No íntimo, Harry ficou satisfeito. Mas achava

que alguns encontros superficiais seriam bons para ela.

- Ele não é meu tipo.

- Como você sabe? Não saiu com ninguém durante três anos.

- Pelo que posso ver não perdi nada.

- Sua boba. - Ele deu um largo sorriso.

- Falo sério. Que diabo vamos fazer no ano que vem? Já pensou em curso de graduação?

- Meu Deus, não! Era só o que me faltava. Já tive o bastante deste lugar para o resto da vida. Vou dar o fora.

- E fazer o quê? - Tana tinha se atormentado com essa pergunta nos últimos dois meses.

- Não sei. Acho que vou ficar por uns tempos na casa de Londres. Meu pai parece que está sempre na África do Sul ultimamente, assim não vou incomodá-lo. Talvez Paris…

Roma, depois volto para cá. Só quero me divertir, Tana.

E estava fugindo de algo que queria e que não podia ter. Não ainda.

- Não quer trabalhar? - Ela parecia chocada e Harry deu uma gargalhada.

- Por quê?

- Ora, isso é incrível!

- O que há de incrível? Há anos os homens da minha família não trabalham. Como posso estragar a tradição? Seria sacrilégio.

- Como pode admitir isso?

- Porque é verdade, são um bando de vagabundos ricos e preguiçosos. Como o meu velho.

Mas havia muito mais do que isso neles, especialmente em Harry. Muito, muito mais.

- É isso que quer que seus filhos digam de você? - Ela parecia horrorizada.

- Naturalmente, se eu for bastante idiota para ter algum, o que duvido.

- Agora está falando como eu.

- Deus me livre. - Os dois sorriram.

- Falando sério, não vai ao menos fingir que trabalha?

- Por quê?

- Pare de dizer isso.

- Quem se importa se eu trabalho ou não, Tan? Você? Eu? Meu velho? Os colunistas?

- Então por que foi para a universidade?

- Não tinha nada melhor a fazer, e Harvard foi divertido.

- Bobagem. Você se acabou de estudar para os exames. - Tana jogou os fartos cabelos dourados sobre o ombro ansiosamente. - Você foi um bom aluno. Para quê?

- Para mim mesmo. E você? Por que está estudando?

- A mesma coisa. Mas agora não sei que diabo vou fazer.

Porém, duas semanas antes do Natal a escolha foi feita para ela. Sharon Blake telefonou e perguntou se estava disposta a tomar parte em um protesto com o dr. King.

Tana pensou durante uma noite, e telefonou para Sharon no dia

seguinte, com um sorriso cansado.

- Você me pegou outra vez, garota.

- Viva! Eli sabia! - Explicou os detalhes. A passeata seria três dias antes do Natal, em Alabama, e o risco era relativamente pequeno. Tudo parecia ótimo e elas

conversaram como nos bons tempos. Sharon não tinha voltado a estudar, para desgosto do seu pai, e estava apaixonada por um advogado negro. Falavam em se casar na

primavera. E Tana ficou entusiasmada por ela quando desligaram e contou para Harry sobre a passeata na tarde seguinte.

- Sua mãe vai ter um ataque.

- Não preciso contar para ela, pelo amor de Deus. Ela não precisa saber de tudo o que eu faço.

- Vai saber quando você for presa outra vez.

- Eu telefono para você e pode pagar minha fiança. - Tana estava séria, mas ele balançou a cabeça.

- Não posso. Vou estar em Gstaad.

- Droga.

- Acho que não deve ir.

- Não perguntei.

Mas quando chegou o momento, Tana estava de cama com quarenta graus de febre e uma gripe virulenta. Tentou se levantar e fazer as malas na véspera, mas estava doente

demais, e telefonou para Sharon e Freeman Blake atendeu.

- Então, você soube… - A voz dele parecia vir do fundo de um poço, envolta em tristeza.

- Soube do quê?

Ele mal podia pronunciar as palavras. Apenas começou a chorar, e sem saber por quê, Tana chorou também.

- Ela está morta… eles a mataram ontem à noite… com um tiro… minha menina, minha garotinha…

Ele estava completamente descontrolado e Tana soluçou com ele, assustada e histérica, até Míriam Blake pegar o telefone. Ela parecia abatida, mas estava mais calma

do que o marido. Disse a Tana quando seria o enterro. E Tana tomou um avião para Washington, com febre e tudo, na manhã da véspera de Natal. O corpo tinha demorado

para chegar em casa e Martin Luther King ia estar presente e falar sobre Sharon.

A imprensa nacional estava lá, tentando entrar na igreja, o sflashes espoucando em todos os rostos, e Freeman Blake completamente apático. Perdera os dois filhos,

pela mesma causa, e mais tarde, Tana passou algum tempo com eles e alguns amigos chegados.

- Faça alguma coisa útil na vida, menina. - Freeman Blake olhou desanimado para ela. - Case, tenha filhos. Não faça o que Sharon fez.

Ele começou a chorar outra vez e o dr. King e outro amigo o levaram para cima.

Então, Míriam sentou-se ao lado de Tana. Todos tinham chorado durante o dia todo e

Tana sentia-se exausta pela emoção e por causa da gripe.

- Eu sinto tanto, sra. Blake.

- Eu também… - Seus olhos pareciam rios de dor. Vira tudo, mas estava ainda de pé e sempre estaria. Era esse tipo de mulher, e de certo modo, Tana a admirava.

- O que vai fazer agora, Tana?

Não sabia ao certo o que Miriam queria dizer.

- Ir para casa, eu acho.

Ia tomar o último avião naquela noite para passar o Natal com Jean. Como de hábito, Arthur tinha viajado com amigos, e Jean ia ficar sozinha.

- Quero dizer quando terminar os estudos.

- Não sei.

- Já pensou em trabalhar para o governo? É disso que o país precisa.

Tana sorriu. Quase podia ouvir a voz de Sharon. A filha acabava de morrer e ela estava de volta às suas cruzadas. Era assustador, mas ao mesmo tempo admirável.

- Podia fazer direito. Você pode mudar as coisas, Tana. É esse tipo de pessoa.

- Não tenho muita certeza.

- Mas você é. Você tem coragem. Sharon também tinha mas não tinha seu intelecto. De certo modo, você é como eu.

Era uma idéia assustadora porque, para Tana, Miriam sempre parecera fria e ela não queria ser assim.

- Sou? - Parecia um tanto espantada.

- Você sabe o que quer e procura conseguir. Tana sorriu.

- Às vezes.

- Nem fez uma pausa quando foi expulsa de Green Hill.

- Foi por sorte que um amigo sugeriu a U.B.

- Se ele não tivesse sugerido, você teria aterrissado de pé de qualquer modo. - Ela se levantou com um suspiro. - Seja como for, pense nisso. Não existem muitos

advogados como você, Tan. Você é o que este país precisa.

Era uma coisa perturbadora para ser dita a uma jovem de 21 anos, e no avião, de volta à casa, as palavras soavam em sua mente, porém, mais do que isso, Tana via

o rosto de Freeman, ouvia seu choro… ouvia as coisas que Sharon dissera em Green Hill… nas vezes em que iam a pé até Yolan… as lembranças a envolviam, e ela

enxugava os olhos constantemente, pensando no bebê que Sharon tinha dado há quatro anos, imaginando onde ele estaria, o que teria acontecido com ele. E imaginava

se Freeman não estaria também pensando nele. Não tinham mais ninguém agora.

Ao mesmo tempo, Tana pensava nas palavras de Míriam. Este país precisa de você… sugeriu a idéia à sua mãe antes de voltar para a universidade, mas Jean Roberts

ficou apavorada.

- Direito? Já não estudou bastante? Vai ficar na universidade pelo resto da vida?

- Só se for bom para mim.

- Por que não arranja um emprego? Assim, talvez conheça alguém.

- Oh, pelo amor de Deus, deixa pra lá.

Era só no que ela pensava… conhecer alguém… casar… ter filhos… Mas Harry não se entusiasmou muito com a idéia quando Tana tocou no assunto na semana seguinte.

- Jesus Cristo, por quê?

- Por que não? Pode ser interessante! e talvez eu seja boa nisso.

Seu entusiasmo crescia e de repente teve certeza de que era o que devia fazer. Dava sentido, objetivo à sua vida.

- Vou me inscrever na Boalt, na Universidade de Berkeley.

Estava resolvida. Ia se inscrever em outras duas faculdades também, mas a Boalt era sua primeira escolha. Harry olhou para ela. — Fala sério?

- Falo.

- Acho que está biruta.

- Quer vir também?

- Diabo, não! - Deu um largo sorriso. - Eu já disse. Vou me divertir… só me divertir por aí.

- É um desperdício de tempo.

- Mal posso esperar.

Ela também não. Em maio teve a resposta. Fora aceita na Boalt. Teria uma bolsa parcial, o resto Tana já tinha economizado.

- Estou de partida. - Sorriu para Harry no gramado na frente do dormitório.

- Tan, tem certeza?

- Nunca estive tão certa na minha vida.

Trocaram um longo sorriso. Seus caminhos iam ser diferentes muito em breve. Tana foi à formatura dele em junho, em Harvard, e chorou copiosamente por Harry, por

ela mesma, por Sharon Blake que não existia mais, por John F. Kennedy que fora assassinado sete meses atrás, pelas pessoas que tinham conhecido e por aqueles que

jamais conheceriam. Uma era chegava ao fim para os dois. E Tana chorou na própria formatura também. Como chorou Jean Roberts, dessa vez na companhia de Arthur Durning.

E Harry, sentado na última fila, fingia preocupado em conquistar as calouras.

Mas seus olhos estavam em Tana, seu coração cheio de orgulho por ela e logo em seguida apertado pensando na separação. Sabia que inevitavelmente seus caminhos se

cruzariam outra vez. Ele se encarregaria disso. Mas para ela era ainda cedo demais. E, de todo coração, desejou boa sorte a ela, desejou que ficasse bem e em segurança

na Califórnia. Ficava nervoso só em pensar que Tana estaria tão

longe dele. Mas tinha de deixar que ela fosse por agora… por agora… seus olhos se encheram de lágrimas quando ela desceu os poucos degraus com o diploma

na mão. Parecia tão jovem e inocente, os olhos verdes muito grandes, o cabelo dourado e brilhante… e os lábios que ele desejava desesperadamente beijar durante

quatro anos… os lábios que roçaram seu rosto quando lhe deu os parabéns novamente e por um momento, só um momento, sentiu que ela o abraçava, e Harry quase parou

de respirar.

- Obrigada, Harry. - Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

- Obrigada por quê? - Harry esforçava-se para não chorar.

- Por tudo.

E então chegaram os outros e o momento passou. Suas vidas separadas estavam

começando e Harry sentiu como se a estivessem arrancando dele.

Segunda Parte

COMEÇA A VIDA

Capítulo 7

A viagem para o aeroporto pareceu interminável. Tana tomou um táxi e Jean insistiu em acompanhá-la. Silêncios infinitos, pausas, palavras soltas súbita e rapidamente,

como rajadas de metralhadoras no inimigo que desaparecia no meio do mato, e finalmente estavam lá. Jean insistiu em pagar o táxi, como se fosse sua última oportunidade

de fazer alguma coisa por sua filha, a única que teria, e era evidente que estava procurando não chorar enquanto despachavam as malas de Tana.

- Isso é tudo, querida?

Voltou-se para Tana, nervosa, que sorriu com um gesto afirmativo. Fora uma manhã difícil para ela também. Não adiantava mais fingir. Não voltaria mais para casa,

por um longo, longo tempo. Alguns dias, uma semana, uma viagem rápida. Mas se conseguisse ir bem em Boalt, provavelmente nunca mais moraria com Jean. Quando foi

para Green Hill não teve de enfrentar essa realidade, ou para a U.B., mas agora estava pronta para partir. O pânico era evidente no rosto de Jean. A mesma expressão

de quando Andy Roberts partira para a guerra há 23 anos. Aquele olhar de quem sabe que nada será o mesmo outra vez.

- Não se esqueça de telefonar esta noite, está bem, querida?

- Não vou esquecer, mamãe. Mas depois disso não posso prometer. - Tana sorriu.

- Se o que tenho ouvido

for verdade nos próximos seis meses não vou ter muita oportunidade de vir à tona para respirar.

Já avisara que não estaria em casa para o Natal. A viagem era muito cara. E Jean tinha se resignado. Tinha pensado na possibilidade de Arthur lhe comprar uma passagem,

mas nesse caso não poderia esperar passar o Natal com ele. A vida às vezes não era fácil. Para certas pessoas, nunca era fácil.

Tomaram chá observando o movimento dos aviões enquanto Tana esperava a chamada do seu vôo e mais de uma vez percebeu que a mãe a observava demoradamente. Vinte e

dois anos de cuidados chegavam oficialmente ao fim e era difícil para as duas. Então, subitamente, Jean segurou a mão de Tana e seus olhos se encontraram.

- É isso que realmente quer, Tana? Tana respondeu tranqüila.

- É isso que eu quero, mamãe.

- Tem certeza? Tana sorriu.

- Tenho. Sei que pode parecer estranho para você, mas é realmente o que eu quero. Nunca estive tão certa de alguma coisa, por mais difícil que seja.

Jean franziu a testa e balançou a cabeça antes de olhar para Tana outra vez. Era um momento inadequado para tocar no assunto, um pouco antes da partida, e um lugar

estranho, com milhares de pessoas em volta, mas era ali que estavam e Jean tinha de dizer o que estava no seu coração:

- Parece mais uma carreira para homens. Eu nunca pensei…

- Eu sei. - Tana disse com tristeza. - Você queria que eu fosse como Ann.

Ann estava morando em Greenwich, perto do pai, e acabava de ter seu primeiro

filho. O marido era sócio de Sherman e Sterling. Ele tinha um Porsche e Ann um Mercedes

esporte. O sonho de qualquer mãe.

- Mas isso tudo não é para mim. Nunca foi, mamãe.

- Mas por que não? - Jean não compreendia. Talvez tivesse errado em alguma coisa. Talvez fosse sua culpa.

Mas Tana balançou a cabeça.

- Talvez eu precise de mais do que isso. Talvez eu queira me realizar e não deixar isso para meu marido. Não sei, mas acho que não seria feliz vivendo como Ann.

- Acho que Harry Winslow está apaixonado por você, Tan. - A voz de Jean era suave, mas Tan não queria ouvir aquelas palavras.

- Está errada, mamãe. - Voltavam ao assunto. - Nós nos amamos ternamente, como amigos, mas ele não está apaixonado por mim nem eu por ele.

Era o que Tana queria. Queria Harry como irmão amigo. Jean fez um gesto afirmativo e não disse nada mais e então chamaram o vôo de Tana. Era como se estivesse fazendo

uma última tentativa para mudar os planos de Tana, mas não havia nada para estimular essa mudança, nenhum estilo de vida, nenhum homem, nenhum presente fabuloso,

e, de qualquer modo, nada disso poderia fazer com que ela mudasse. Tana olhou para a mãe, abraçou-a longamente e murmurou:

- Mamãe, isto é o que eu quero. Tenho certeza. Eu juro.

Quando se despediu era como se estivesse indo para a África. Como se fosse para um mundo diferente, levar uma vida diferente, e de certa forma era verdade. Jean

parecia tão abatida que Tana teve pena dela e as lágrimas corriam livremente

pelo seu rosto enquanto acenava adeus para a filha que subiu no avião e gritou:

- Telefono hoje à noite!

- Mas nunca mais será a mesma coisa - murmurou Jean, vendo a porta do avião se fechar, a escada ser retirada, o pássaro gigantesco taxiar e, finalmente, levantar

vôo. E então, no fim, era apenas um pontinho no céu e, sentindo-se muito pequena e muito só, Jean saiu do aeroporto, chamou um táxi e voltou para o escritório onde

Arthur Durning precisava dela. Pelo menos alguém ainda precisava dela, mas temia voltar para casa naquela noite. E por todas as noites dos anos seguintes.

Capítulo 8

O avião aterrissou no aeroporto de Oakland e Tana achou o lugar pequeno e acolhedor. Menor do que Boston e Nova York e muito, muito maior do que Yolan, que nem tinha

aeroporto. Tomou um táxi para o compus da Berkeley com toda a sua bagagem, foi para o quarto alugado para ela, como parte da bolsa, desfez as malas e olhou em volta.

Tudo era diferente, estranho e novo. O dia estava lindo e ensolarado e as pessoas pareciam descontraídas, as roupas variadas, desde osjeans, às cordas e os vestidos

soltos. Viu muitas túnicas estilo indiano, muitos shorts e camisetas, sandálias, ténis, mocassins, pés descalços. Ao contrário da Universidade de Boston, as princesas

judias de Nova York não se destacavam ali, com suas lãs caras e casimiras de Bergdorfs. Na Califórnia era estritamente “venha como está” e era ótimo. Mas havia também

uma excitação no ar, e Tana a sentiu imediatamente. Um entusiasmo que

perdurou até as aulas começarem e durante o primeiro mês, enquanto ela corria de uma classe

para outra todos os dias, e depois para casa a fim de estudar a tarde e a noite toda. O único outro lugar que visitava era a biblioteca e sempre que possível comia

no quarto ou a caminho das aulas. Perdeu três quilos que não precisava perder no primeiro mês. E a única coisa boa nesse horário apertado era o fato de não sentir

tanta falta de Harry quanto esperava sentir. Durante três anos foram como irmãos siameses, embora em universidades diferentes, e agora, de repente, ele não estava

mais ali, embora telefonasse nas horas mais estranhas. E no dia 5 de outubro ela

estava no quarto quando bateram na porta dizendo que havia uma chamada para ela no telefone público. Tana pensou que devia ser a mãe outra vez e não estava com vontade

de descer. No dia seguinte tinha uma prova de lei contratual e um trabalho para entregar de outra matéria.

- Pergunta quem é. Posso telefonar depois?

- Certo, um minuto. - A moça voltou. - É de Nova York.

Sua mãe outra vez.

- Telefono depois.

- Ele disse que você não pode.

Ele? Harry. Tana sorriu. Por ele interromperia seu trabalho.

- Vou agora mesmo. - Apanhou uma calça jeans amassada das costas da cadeira e vestiu enquanto corria para o telefone.

- Alô?

- Que diabo você está fazendo? Transando com algum cara no décimo quarto

andar? Estou aqui esperando há uma hora, Tan.

Parecia amolado e bêbado também. Tana o conhecia bem.

- Desculpe. Estava no quarto, estudando, e pensei que era minha mãe.

- Pois não teve sorte. - Parecia estranhamente sério.

- Você está em Nova York? - Tana sorria, feliz por ouvir de novo a voz dele.

- É, estou.

- Pensei que só ia voltar no mês que vem.

- Eu ia. Voltei para ver meu tio. Aparentemente pensa que precisa da minha ajuda.

— Que tio? - Tana ficou confusa. Harry nunca mencionara um tio.

- Meu tio Sam. Lembra-se dele, o cara dos posters com a roupa ridícula vermelha e azul com a longa barba branca?

Estava definitivamente bêbado e Tana começou a rir, mas o riso morreu nos seus lábios. Ele estava falando sério. Oh, meu Deus…

- Que diabo está dizendo?

- Fui convocado, Tan.

- Oh, droga. - Ela fechou os olhos.

Só se ouvia falar nisso. Vietnã… Vietnã… Vietnã… todos tinham alguma coisa a dizer… acabe com eles… fique fora disso… lembre-se do que aconteceu com

os franceses… vá lutar… fique em casa… ação policial… guerra… era impossível saber o que estava acontecendo, mas fosse o que fosse, não era bom.

- Por que diabos você voltou? Por que não ficou onde estava?

- Eu não quis. Meu pai até se ofereceu para pagar, se pudesse, o que eu duvido. Certas coisas, nem mesmo o dinheiro Winslow não compra. Mas esse não é o

meu estilo,

Tan. Não sei, talvez no íntimo eu quisesse ir e ser útil por algum tempo.

- Você está biruta. Meu Deus… É muito pior do que isso. Você pode ser morto. Não entende isso? Harry, volte para a França. - Tana estava gritando, de pé no corredor,

gritando com Harry em Nova York. - Por que diabo não vai para o Canadá, ou dá um tiro no pé… faça alguma coisa, resista à convocação. Estamos em 1964, não em 1941.

Não seja tão nobre, não há nada para ser nobre agora, seu cretino. Volte. - Seus olhos se encheram de lágrimas e Tana tinha medo de perguntar o que queria saber.

Mas tinha de perguntar. Precisava saber. - Para onde vão mandar você?

- San Francisco. - O coração de Tana se aliviou. - Primeiro. Por mais ou menos cinco horas. Quer se encontrar comigo no aeroporto, Tan? Podemos almoçar ou coisa

assim. Tenho de ir a um lugar chamado Fort Ord às dez horas da noite e devo chegar às três. E alguém me disse que são duas horas de carro de San Francisco… - Ele

não completou a frase. Os dois estavam pensando a mesma coisa.

- E então o quê? - A voz de Tana estava rouca.

- Vietnã, eu acho. Lindo, não é?

- Não, não é lindo, seu idiota filho da mãe. Devia ter vindo estudar direito comigo. Mas quis se divertir e transar em todos os bordéis da França e agora veja, vai

para o Vietnã para levar um tiro nos ovos… - As lágrimas rolavam pelo rosto dela e ninguém ousava passar pelo corredor.

- De qualquer modo, você faz a coisa parecer interessante.

- Você é um bobo.

- Qual é a outra novidade? Já se apaixonou?

- Quem tem tempo? Tudo o que faço é estudar. A que horas seu avião chega?

- Três horas, amanhã.

- Estarei lá.

- Obrigado.

Parecia tão jovem outra vez quando disse essa palavra e, quando ela o viu no dia seguinte, achou que estava pálido e cansado. Não estava tão bem como em junho e

a visita breve foi nervosa e tensa. Tana não sabia o que fazer com ele. Cinco horas não eram muito tempo. Ela o levou ao seu quarto na Berkeley e depois foram almoçar

em Chinatown, andaram um pouco e Harry consultava o relógio a todo instante. Tinha de tomar um ônibus. Resolvera não alugar um carro para ir a Fort Ord afinal, mas

isso diminuía o tempo que tinham para ficar juntos. Não riram tanto como de hábito e estavam aborrecidos.

- Harry, por que está fazendo isto? Podia ter comprado sua isenção.

- Não é o meu estilo, Tan. Já devia saber disso. E talvez, no íntimo, eu ache que estou fazendo a coisa certa. Existe um patriotismo em mim que eu desconhecia.

O coração de Tana se apertou.

- Isso não é patriotismo nenhum, pelo amor de Deus. Não é nossa guerra.

Achava horrível ele não lançar mão do meio que podia usar para sair. Era um aspecto de Harry que jamais vira. Harry, o despreocupado, tinha crescido, e Tana via

nele

um homem desconhecido. Obstinado e forte, e, embora o que estivesse fazendo o assustasse, era evidente que queria fazer.

- Acho que logo vai ser nossa guerra, Tan.

- Mas por que você?

Ficaram longo tempo em silêncio e o dia passou muito depressa. Quando se despediram ela o abraçou com força e o fez prometer telefonar sempre que pudesse. Mas isso

só foi possível seis semanas depois, quando terminou o treinamento básico. Harry esperava voltar a San Francisco para vê-la, mas em lugar de ser mandado para o norte,

foi para o sul.

- Vou para San Diego esta noite - era sábado. - E Honolulu, no começo da semana.

E Tana tinha exames de meio do ano e não podia ir para San Diego por um ou dois dias.

- Droga. Vai ficar algum tempo em Honolulu?

- Aparentemente não.

Tana percebeu que ele não estava dizendo o que ela queria saber.

- O que quer dizer isso?

- Quer dizer que vou ser mandado para Saigon no fim da próxima semana.

Sua voz estava fria e dura, quase como aço e não parecia Harry falando. Tana imaginou como aquilo tinha acontecido com ele, algo que Harry vinha imaginando todos

os dias há seis semanas. “Sorte, eu acho”, ele tinha dito brincando para os

amigos, mas não era nenhuma brincadeira e, quando entregaram as ordens definitivas, o

ar podia ser cortado com uma faca. Ninguém tinha coragem de dizer nada, muito menos os que tinham se saído bem, com medo de que os outros não tivessem tido sorte.

Harry foi um dos mal-aquinhoados.

- É uma droga, Tan, ma é isso.

- Seu pai sabe?

- Telefonei na noite passada. Ninguém sabe onde ele está. Em Paris, pensam que está em Roma. Em Roma acham que está em Nova York. Tentei a África do Sul e depois

pensei que se foda o filho da mãe. Mais cedo ou mais tarde vai descobrir onde estou.

Por que diabo ele não tinha um pai que podia ser encontrado? Tana teria até telefonado por ele, mas sempre tivera a impressão de que era o tipo de homem que não

queria saber.

- Escrevi para o endereço de Londres e deixei um recado no Pierre, em Nova York. É o melhor que posso fazer.

- Provavelmente mais do que ele merece, afinal. Harry, posso fazer alguma coisa?

- Pode rezar.

Parecia estar falando sério e ela ficou chocada. Não era possível. Harry, Seu melhor amigo, seu irmão, praticamente gémeo, e o estavam mandando para o Vietnã. Tana

teve uma sensação de pânico que nunca sentira antes e não podia fazer absolutamente nada.

- Vai me telefonar outra vez antes de partir?… e de Honolulu…? - Seus olhos estavam cheios de lágrimas… e se acontecesse alguma coisa a ele? Mas nada ia acontecer,

ela apertou os dentes, não ia pensar nisso. Harry Winslow era invencível e pertencia a ela. Dele era um pedaço do seu coração. Mas Tana sentiu-se perdida nos dias

seguintes, esperando constantemente seus telefonemas. Harry ligou duas vezes de San Diego antes de partir.

- Desculpe a demora, mas estava tendo uma transa, provavelmente peguei blenorragia, mas que diabo.

Harry estava bêbado a maior parte do tempo e mais ainda no Havaí, e telefonou duas vezes de lá também; depois disso ele se foi, para o silêncio, para as selvas e

os abismos do Vietnã. Tana constantemente o imaginava correndo perigo e então começou a receber cartas incríveis descrevendo a vida em Saigon, as prostitutas, as

drogas, os hotéis, antes maravilhosos, as mulheres exóticas, o uso constante do francês e ela começou a ficar menos tensa. O bom e velho Harry, nada tinha mudado,

de Cambridge para Saigon, ele era o mesmo. Tana conseguiu passar o período dos exames, os feriados de Ação de Graças e de Natal, que ia passar no seu quarto com

uma pilha de livros, quando alguém

bateu na porta às sete horas certa noite.

- Telefone para você.

Sua mãe telefonava à beça, mas Tana sabia por quê, embora nenhuma das duas admitisse. Os feriados eram difíceis para Jean. Arthur nunca passava muito tempo com ela

e Jean sempre esperava que ele passasse. Havia desculpas, motivos e festas às

quais não podia levá-la e Tana suspeitava que provavelmente havia outras mulheres também,

e agora havia Ann, o marido e o filho, e talvez Billy estivesse também em casa e Jean não era família, não importava quantos anos estivesse com eles.

- Estou indo - disse Tana, vestindo o roupão.

O corredor estava frio e ela sabia que lá fora a neblina envolvia tudo. Era raro a neblina chegar até ali, mas às vezes chegava, nas noites de mau tempo.

- Alô? - Esperava a voz da mãe e ficou chocada ao ouvir a de Harry. Estava rouco e parecia muito cansado, como se tivesse passado a noite em claro, o que era compreensível,

se estava na cidade. Parecia estar estranhamente perto. - Harry?… - as lágrimas subiram imediatamente aos seus olhos. - Harry? É você?

- Diabo, sim sou eu, Tan. - Foi quase um resmungo e Tana podia sentir a barba crescida no rosto dele.

- Onde você está? Uma pausa mínima.

- Aqui. San Francisco.

- Quando chegou? Cristo, eu teria ido esperar você, se soubesse. - Que presente de Natal! Harry de volta!

- Acabo de chegar. - Era mentira, mas mais fácil do que explicar por que demorara tanto para telefonar.

- Graças a Deus você não ficou muito tempo por lá.

Tana estava tão feliz por ouvir a voz dele que não podia conter as lágrimas. Ria e chorava ao mesmo tempo, e ele também. Harry jamais imaginou que ia ouvir a voz

dela outra vez e a amava mais do que nunca. Não tinha certeza de poder continuar escondendo por mais tempo. Mas precisava, por ela e por ele.

- Por que deixaram você voltar tão depressa?

- Acho que dei um bocado de trabalho a eles. A comida fedia, as mulheres tinham piolho. Merda, peguei chatos duas vezes, e o pior caso de blenorragia que já

tive. - Harry tentou rir, mas a dor era muito forte.

- Seu doido. Você nunca se comporta direito?

- Não, se puder escolher.

- Então, onde está agora? A pequena pausa outra vez.

- Estão me limpando no Letterman.

- Hospital?

- É.

- Por causa da blenorragia?

Tana falou tão alto que duas moças se voltaram no outro lado do corredor e começaram a rir.

- Sabe, você é impossível, Harry. A pior pessoa que conheço, Harry Winslow IV, ou seja lá quem você for. Posso visitar você ou vou pegar essa coisa também?

Tana continuava a rir e Harry continuava com voz cansada e rouca.

- É só não usar o mesmo vaso que eu.

- Não se preocupe, não vou usar. Também não vou apertar sua mão antes que seja bem escaldada. Só Deus sabe por onde ela andou. Olhou para o relógio. - Posso ir agora?

- Não tem nada melhor a fazer numa noite de sábado?

- Estava pensando em fazer amor com uma pilha de livros de direito.

- Você continua engraçada como sempre, pelo que vejo.

- É, mas sou muito mais inteligente do que você, seu bobo, e ninguém me mandou para o Vietnã.

Houve uma estranha pausa de completo silêncio e Harry não estava rindo quando respondeu.

- Graças a Deus, Tan.

Tana sentiu algo estranho na voz dele e uma sensação de medo pôs arrepios na sua espinha.

- Você quer mesmo vir esta noite?

- Naturalmente que sim. Pensou que eu não iria? Só

não quero pegar blenorragia, é só isso. Ele sorriu.

- Prometo me comportar. - Mas precisava dizer alguma coisa para ela, antes que ela chegasse, não era justo.

- Tan… - Era quase impossível. Não tinha dito nada a ninguém ainda. Nem tinha falado com o pai. Não tinham conseguido localizá-lo em lugar nenhum, embora Harry

soubesse que estaria em Gstaad no fim de semana. Ele sempre passava o Natal ali, com Harry ou sem ele. A Suíça significava Natal para ele. - Tan… tenho um pouco

mais do que blenorragia…

Um frio estranho percorreu o corpo dela e Tana fechou os olhos.

- É, bobão, o que, por exemplo? - Queria fazê-lo rir, fazer com que ficasse bem, se não estivesse, mas era tarde demais… para evitar a verdade e as palavras…

- Me deram alguns tiros.

Tana ouviu a voz dele falhar e sentiu uma dor súbita no peito, contendo um soluço.

- É mesmo? E como foi deixar que isso acontecesse?

- Procurava conter as lágrimas e ele também.

- Nada melhor para fazer, eu acho. As mulheres eram realmente horríveis - sua voz ficou triste e suave - .. .comparadas com você, Tan.

- Jesus, acho que o tiro foi no seu cérebro. - Ambos riram um pouco e Tana ali descalça teve a impressão de que seu corpo era uma pedra de gelo. - Letterman. Certo?

- É.

- Estou aí em meia hora.

- Não se apresse. Não vou a parte alguma.

E não iria por muito tempo. Mas Tana não sabia quando vestiu ajeans, calçou os sapatos, nem notou que tipo, enfiou uma suéter de gola alta pela cabeça, passou um

pente no cabelo e apanhou a japona dos pés da cama. Precisava vê-lo agora, saber o que tinha acontecido… me deram alguns tiros. Era só o que Tana ouvia repetindo-se

na sua cabeça quando tomou o ônibus para a cidade e depois um táxi

para o Hospital Letterman no Presídio. Era duas vezes mais distante do que ele havia dito, mas Tana tinha se apressado e 55 minutos depois de ter desligado o

telefone entrou no hospital perguntando pelo quarto de Harry. A recepcionista perguntou em que seção ele estava internado e ela teve vontade de dizer “seção de blenorragia”

mas não estava se sentindo disposta a brincar e sua preocupação aumentou enquanto percorria os corredores da seção de neurocirurgia, rezando para que ele estivesse

bem. Seu rosto, de tão pálido, estava acinzentado, como o rosto que viu quando entrou no quarto. Um respirador estava ao lado da cama e Harry deitado de costas com

um espelho no teto. Viu suportes e tubos e uma enfermeira tomando conta dele. A princípio pensou que estivesse paralisado. Nada se movia, mas então percebeu movimento

em uma das mãos dele e seus olhos se encheram de lágrimas, mas estava quase certa. Harry estava paralisado da cintura para baixo. Como explicou para ela naquela

noite, o tiro fora na espinha. Finalmente ele podia falar com ela, chorar com ela, dizer como se sentia. Sentia-se como lixo. Queria morrer. Pensava em morrer desde

que fora levado para o hospital.

- É isso… - Ele mal podia falar e as lágrimas escorriam pelo seu rosto, pelo pescoço, molhando o lençol. - Cadeira de rodas daqui em diante… - Soluçava sem se

conter. Pensou que jamais a veria, e de repente ali estava ela, tão linda, tão boa, tão loura… como sempre fora. Tudo estava como antes. Ninguém sabia nada sobre

o Vietnã. Sobre Saigon, Da Nang ou o Vietcongue, que nunca sequer tinham visto. Eles atiravam nas costas dos soldados dos seus esconderijos na copa das árvores,

muitas vezes meninos de nove anos, ou pelo menos pareciam ter essa idade. Mas ali ninguém se importava.

Tana olhava para ele, tentando não chorar. Agradecia por ele estar vivo. Pela história que tinha contado, de quando ficou cinco dias na selva, sob a chuva, deitado

de bruços na lama, era um milagre que tivesse sobrevivido. Não podia andar mais, e daí? Estava vivo, não estava? E aquilo que Miriam Blake vira em Tana há tanto

tempo começava a desabrochar.

- É isso que acontece para quem fica transando com prostitutas baratas, seu

bobo. Agora, pode ficar aí deitado por algum tempo, mas quero que saiba desde já que

não vou agüentar muito dessa conversa. Entendeu? - Tana se levantou e não puderam conter as lágrimas, mas segurou a mão dele com força. - Vai tratar de se levantar

e fazer alguma coisa. Está claro? - Harry olhou para ela como quem não pode acreditar no que está ouvindo, e a coisa mais doida era que Tana falava sério. - Está

claro? - A voz dela tremeu e seu coração pareceu crescer dentro do peito.

- Sabe, você é uma garota doida. Sabe disso, Tana?

- E você é um filho da mãe preguiçoso, portanto, não fique muito entusiasmado com essa vida descansada, porque não vai durar muito. Entendeu bem, seu bobão?

- Entendi, madame.

Harry fez continência para ela e logo depois uma enfermeira aplicou uma injeção para a dor e Tana ficou ali vendo-o mergulhar no sono, segurando sua mão, as lágrimas

descendo pelo seu rosto, e chorou silenciosamente, murmurando suas preces e seu agradecimento. Ficou ao lado dele durante horas, sem largar a mão, e finalmente beijouo

no rosto, nos olhos e saiu do hospital. Passava da meianoite e tudo o que conseguia pensar no ônibus, de volta para Berkeley, era “Obrigada, meu Deus”. Obrigada

por ele estar vivo. Graças a Deus ele não morreu naquela selva esquecida de Deus, naquele inferno. Vietnã tinha para ela um novo significado. Era um lugar onde as

pessoas iam para serem mortas. Não era apenas alguma coisa lida nos jornais, um assunto para ser discutido entre as aulas, com professores e amigos. Era real para

ela agora. Sabia exatamente o que significava. Significava que Harry Winslow jamais poderia andar outra vez. E quando desceu do ônibus em Berkeley, naquela noite,

as lágrimas inundando ainda seu rosto, enfiou as mãos nos bolsos e caminhou para seu quarto alugado, sabendo que nenhum dos dois seria o mesmo outra vez.

Capítulo 9

Tana ficou ao lado dele durante dois dias, saindo somente para ir até em casa, dormir algumas horas, tomar banho, trocar de roupa e voltar para o hospital, para

segurar a mão dele, falar com ele quando estava acordado, sobre os anos em que esteve em Harvard e ela na U.B., sobre a bicicleta para dois, as férias em Cape Cod.

Eles o mantinham à base de sedativos a maior parte do tempo, mas às vezes estava tão lúcido que era doloroso olhar para ele e compreender o que estava pensando.

Harry não queria passar o resto da vida paralisado. Queria morrer, disse para Tana repetidamente. E ela gritava com ele e o chamava de filho da mãe. Mas tinha medo

de deixálo sozinho à noite, temendo que atentasse contra a própria vida. Avisou as enfermeiras sobre o que ele estava pensando, mas elas estavam acostumadas e não

ficaram muito impressionadas. Elas o vigiavam de perto e havia casos piores do que o dele, como o garoto no fim do corredor que perdera os dois braços e todo o rosto

quando outro de 16 anos entregara uma granada de mão para ele.

Na manhã da véspera de Natal, Jean telefonou quando Tana estava de saída para o hospital. Eram dez horas em Nova York, tinha passado pelo escritório e pensou em

telefonar para Tana. Até o último momento esperara que a filha mudasse de idéia e passasse o Natal com ela, mas há meses Tana vinha dizendo que não seria possível.

Tinha

pilhas e pilhas de trabalhos para fazer. E dissera também que não adiantava Jean ir a Berkeley. Mas parecia um modo muito triste de passar os feriados de Natal,

quase tão deprimente como o modo que Jean o estava passando. Arthur marcou um Natal em família em Palm Beach, com Ann, Billy, o genro e o neto. Jean não fora incluída.

Naturalmente ela compreendia que seria embaraçoso para ele.

- Então, o que está fazendo por aí, querida?

Há duas semanas Jean não telefonava. Estava muito deprimida e não queria que Tana percebesse. Pelo menos quando Arthur passava os feriados em Nova York havia sempre

a esperança de que aparecesse por algumas horas, mas nesse ano nem isso existia, e Tana estava longe…

- Estudando como esperava?

- Sim… eu… não…

Estava ainda com sono. Ficara com Harry até as quatro horas da manhã. A temperatura dele havia subido muito na noite anterior e Tana tinha medo de deixálo, mas,

às quatro da manhã, as enfermeiras insistiram para que ela fosse para casa dormir um pouco. Ia ser uma longa e difícil jornada para ele e se ela não poupasse as

próprias forças, não poderia fazer nada mais tarde, quando ele realmente ia precisar.

- Não tenho estudado. Pelo menos não nos últimos três dias. - Quase gemeu de cansaço e sentou-se na cadeira que ficava ao lado do telefone. - Harry voltou do Vietnã.

- Seus olhos se encheram de lágrimas. Era a primeira vez que falava com alguém sobre Harry, e o que tinha a dizer a fazia sentir-se mal.

- Tem estado com ele? - Jean já estava aborrecida.

- Pensei que precisava estudar. Se eu soubesse que ia ter tempo para se divertir, Tana, eu não ficaria aqui sozinha… se tem tempo para se divertir com ele, o mínimo

que podia fazer era…

- Pare com isso! - Tana gritou no corredor vazio.

- Pare com isso! Ele está no Letterman. Ninguém está se divertindo, pelo amor de Deus!

Fez-se silêncio no outro lado da linha. Jean nunca vira Tana daquele jeito. Havia um desespero histérico na sua voz, um assustador desespero.

- O que é o Letterman? - Pensou que fosse um hotel, mas imediatamente algo lhe disse que estava errada.

- O hospital militar daqui. Ele levou um tiro na espinha. .. - Começou a respirar fundo para não chorar, mas não adiantou. Nada adiantava. Tana chorava o tempo todo

quando não estava com ele. Não podia acreditar no que tinha acontecido. E quase se encolheu na cadeira, como uma criança assustada. - Ele está paraplégico, mamãe…

talvez nem sobreviva… teve uma febre terrível na noite passada…

Tana ali sentada, chorando, todo seu corpo tremendo, sentiu que precisava desabafar, enquanto Jean olhava para a parede do seu escritório chocada, pensando no rapaz

que vira tantas vezes. Tão confiante, afável, rindo o tempo todo, era divertido, inteligente e irreverente e essa atitude a perturbava, e agora dava graças a Deus

por Tana não ter se casado com ele… imagine como seria sua vida.

- Oh, meu bem… eu sinto tanto…

- Eu também. - Parecia a Tana pequenina lamentando a morte do cãozinho de estimação e o coração de Jean se apertou. - E não posso fazer nada, a não ser ficar ali

sentada, olhando.

- Não devia fazer isso. É muito deprimente para você.

- Eu tenho de estar lá. Não compreende? - Sua voz ficou áspera. - Sou tudo o que ele tem.

- E a família?

- O pai não apareceu ainda e provavelmente nem vai aparecer, aquele filho da mãe, e Harry está lá no hospital, entre a vida e a morte.

- Bem, você não pode fazer nada. E acho que não devia estar vendo essas coisas, Tana.

- Oh, não? - Estava beligerante agora. - O que devia estar vendo, mamãe? Jantares no East Side, noites em Greenwich com o clã dos Durning? É a maior besteira que

já ouvi. Meu melhor amigo é ferido no Vietnã e você acha que eu não devo ver essas coisas. O que acha que devia acontecer com ele, mamãe? Que eu deveria riscar seu

nome da

minha lista porque ele não pode mais dançar?

- Não seja cínica, Tana - Jean Roberts disse com voz firme.

- Que diabo, por que não? Em que espécie de mundo nós vivemos afinal? O que há de errado com todos? Por que ninguém vê o que está acontecendo no Vietnã? - Para não

mencionar Sharon e Richard Blake ou John Kennedy e tudo o mais que estava errado no mundo.

- Isso não depende de mim nem de você.

- Por que ninguém se importa com o que pensamos…? Com o que eu penso… com o que Harry pensa… Por que ninguém quis saber sua opinião antes de mandálo para

lá? - Estava soluçando outra vez e não conseguiu continuar.

- Controle-se, Tana. - Jean esperou um momento e depois disse: - Acho que devia vir para casa nos feriados, Tan, especialmente se vai passar os dias no hospital

com aquele rapaz.

- Não posso ir para casa agora. - Sua voz ficou áspera e subitamente os olhos de Jean se encheram de lágrimas.

- Por que não? - Agora era ela que parecia uma criança.

- Não quero deixar Harry nesse momento.

- Como é que ele pode significar tanto para você…? - Mais do que eu…

- Ele significa. Não vai passar o Natal com Arthur, ou pelo menos uma parte dele? - Tana assoou o nariz e enxugou os olhos, mas no outro lado da linha Jean balançou

a cabeça.

- Não este ano, Tan. Ele vai para Palm Beach com os filhos.

- E não convidou você. - Tana estava chocada. Ele era mesmo o maior filho da mãe egoísta, perdendo só para o pai de Harry, talvez.

- Seria embaraçoso para ele.

- Por quê? A mulher dele morreu há oito anos e você não é mais nenhum segredo. Por que não podia convidar você?

- Não importa. De qualquer modo, tenho muito que fazer aqui.

- É. - Tana ficava danada com aquela subserviência da mãe e com sua devoção. - Trabalha para ele. Por que não manda Arthur às favas um destes dias, mamãe? Você está

com 45 anos, podia ainda arranjar alguém, e ninguém ia tratá-la como Arthur a trata.

- Tana, isso não é verdade! - Ficou logo ofendida.

- Não? Então como é que está passando o Natal sozinha?

A língua de Jean era rápida e ferina.

- Porque minha filha não quer vir para casa. Tana teve vontade de desligar o telefone na cara dela.

- Não venha com essa besteira, mamãe.

- Não fale assim comigo. E é verdade, não é? Quer que ele esteja por perto para não ter responsabilidade. Muito bem, nem sempre funciona assim. Você pode não querer

vir para casa, mas não pode fingir que está certa.

- Estou na faculdade de direito, mamãe. Tenho 22 anos. Sou adulta. Não posso estar com você o tempo todo.

- Ele também não. E as responsabilidades dele são maiores do que as suas.

Jean estava chorando baixinho e Tana balançou a cabeça. Quando falou outra vez foi com voz calma.

- Você devia estar zangada com ele, mamãe, não comigo. Sinto muito não poder estar com você, mas realmente não posso.

- Eu compreendo.

- Não, não compreende. E eu sinto muito por isso também.

Jean suspirou.

- Acho que não posso fazer nada. E creio que você está fazendo a coisa certa. - Fungou - Mas por favor, meu bem, não passe o tempo todo no hospital. É muito deprimente

e não pode fazer muito pelo rapaz. Ele vai sair dessa sozinho.

A atitude da mãe fazia Tana se sentir mal, mas não disse nada.

- Certo, mamãe.

Cada uma tinha seu modo de pensar e não iam mudar agora. Tarde demais. Seguiam caminhos separados e Jean sabia disso. Pensava em como Arthur tinha sorte por ter

ainda os filhos ao lado dele o tempo todo. Ann sempre queria a ajuda do pai, financeiramente ou não, e o marido dela praticamente beijava os pés de Arthur, e agora

até Billy estava em casa. Era maravilhoso para ele, pensou Jean, desligando o telefone. E isso significava que Arthur raramente tinha tempo para ela. Entre seus

afazeres de negócios, os velhos amigos que tinham sido muito íntimos de Marie para aceitar Jean e Billy e Ann, mal sobrava tempo para ela. Contudo, havia ainda algo

especial entre eles e Jean sabia que sempre ia haver.

Valia todas as horas que passava sozinha. Pelo menos era o que dizia a si mesma enquanto arrumava a mesa de trabalho e voltava para o apartamento para olhar demoradamente

o quarto vazio de Tana. Tão dolorosamente arrumado, tão vazio e abandonado agora. Tão diferente do quarto que ela ocupava em Berkeley, com tudo espalhado pelo chão,

onde ela apanhava as coisas, desesperada para voltar para Harry. Telefonara para o hospital depois de falar com a mãe e disseram que a temperatura tinha subido outra

vez. Ele estava dormindo, acabava de tomar uma injeção, mas Tana queria estar lá antes que ele acordasse. E enquanto passava o pente nos cabelos e vestia a calça

jeans, pensava nas coisas que a mãe tinha dito. Era injusto Jean culpar Tana por sua solidão. Que direito tinha de esperar que Tana estivesse sempre com ela? Era

seu modo de absolver Arthur das suas responsabilidades. Durante 16 anos Jean arranjara desculpas para ele, dando satisfações a Tana, a si mesma, aos amigos, às companheiras

de trabalho. Quantas desculpas se pode inventar para um homem?

Tana tirou o casaco do cabide e desceu correndo as escadas. Levou meia hora para atravessar a ponte Bay no ônibus, e mais vinte minutos para chegar ao Letterman,

tranqüilamente aninhado no presídio. O tráfego estava pior do que nos últimos dias, mas era a manhã da véspera de

Natal e Tana esperava isso. Tentou não pensar na mãe. Jean podia tomar conta de si mesma, pelo menos melhor do que Harry, agora. Só pensava nisso enquanto subia

para o quarto no terceiro andar e entrava silenciosamente. Harry dormia ainda, e as cortinas estavam fechadas. O dia de inverno lá fora estava ensolarado e claro,

mas nada daquela luz e daquele ar de alegria entrava no quarto. Tudo era penumbra, silêncio e tristeza. Tana sentou na cadeira ao lado da cama e olhou para o rosto

dele. Harry estava mergulhado em um sono profundo, sedado, e não se mexeu durante as duas horas seguintes, e depois apenas para se ajeitar um pouco na cama. Tana

saiu para o corredor e começou a andar de uma extremidade a outra, tentando não olhar para dentro dos quartos, nem para os aparelhos, para os rostos dos pais que

iam ver os filhos, ou o que restava deles, as ataduras, os meios-rostos, os membros amputados. Era quase mais do que podia suportar. Chegou ao fim do corredor e

subitamente viu um homem que a fez prender a respiração. Era o homem mais alto e mais bonito que já vira. Cabelos negros, olhos azuis brilhantes, bronzeado de sol,

ombros largos, pernas longas, quase sem fim, um impecável terno azul e sobretudo de pêlo de camelo no braço. A camisa era perfeita, tão branca que parecia um póster

de anúncio. Tudo nele era lindo, imaculada e perfeitamente cuidado. Usava um anel de sinete na mão esquerda e seus olhos pareciam perturbados. Ele olhou para Tana

por uma fração de segundo e ela olhou para ele.

- Sabe onde fica a seção de neurocirurgia?

Ela fez um gesto afirmativo, sentindo-se muito infantil e muito boba a princípio, e depois sorriu timidamente para ele.

- Fica no fim do corredor.

Apontou para a direção de onde viera e ele sorriu, mas só com os lábios, não com os olhos. Havia algo de desesperadamente triste naquele homem, como se acabasse

de perder a única pessoa que amava, e essa era a verdade, pelo menos em parte.

Mas Tana perguntava a si mesma o que ele estaria fazendo ali. Devia ter uns cinqüenta anos, embora parecesse mais jovem e era sem dúvida o homem mais espetacular

que ela já vira. O cabelo negro entremeado de

fios brancos o fazia mais bonito ainda e ele passou por ela rapidamente; Tana o seguiu com passos lentos, voltando de onde tinha vindo, viu quando ele virou para

a esquerda, para a sala das enfermeiras das quais tantos ali dependiam. Voltou a pensar em Harry e achou que estava na hora de voltar. Não saíra do quarto há muito

tempo, mas ele podia ter acordado e tinha muita coisa para dizer, coisas em que pensara durante toda a noite, idéias sobre o que podiam fazer. Estava disposta a

fazer o que tinha dito antes, não ia deixar que ele ficasse ali deitado sem fazer nada. Tinha uma vida inteira pela frente. Duas enfermeiras sorriram para ela e

Tana entrou no quarto de Harry na ponta dos pés. O quarto estava ainda escuro e o sol lá fora já começava a se pôr. Viu imediatamente que Harry estava acordado.

Parecia meio atordoado, mas reconheceu Tana e não sorriu. Seus olhos se encontraram e ela sentiu algo estranho quando entrou no quarto, como se alguma coisa estivesse

errada, alguma coisa mais errada do que tudo aquilo, se é que isso era possível. Tana olhou em volta à procura de uma pista, e o viu ali parado, em um canto, expressão

sombria, o belo homem grisalho de terno azul, e ela quase deu um pulo. Nem lhe ocorrera… e então, subitamente adivinhou… Harrison Winslow in… o pai de Harry…

ele finalmente estava ali.

- Oi, Tan. - Harry parecia infeliz e constrangido. Tinha sido mais fácil quando o pai não estava ali. Agora, tinha de enfrentar o pai e o sofrimento. Tana era uma

companhia muito mais descontraída, sempre compreendia o que ele estava sentindo. Seu pai não.

- Como está se sentindo?

Por um momento ambos ignoraram o homem mais velho, como procurando adquirir forças um do outro primeiro. Tana nem sabia o que dizer.

- Estou bem.

Mas não parecia nada bem. Então olhou para o homem bem vestido.

- Papai, esta é Tana Roberts, minha amiga.

O Winslow mais velho disse muito pouco mas estendeu a mão. Olhou para ela quase como se Tana fosse uma intrusa. Queria saber os detalhes da ida de Harry para o hospital.

Chegara a Londres, da África do Sul, na véspera, lera os telegramas e voara imediatamente para San Francisco, mas até chegar ao hospital não sabia ao certo do que

se tratava. Estava ainda se refazendo do choque. Harry acabava de lhe dizer que ficaria confinado à cadeira de rodas pelo resto da vida, um pouco antes de Tana entrar

no quarto. Não hesitara para dizer e não fora cuidadoso. Mas não precisava de nada disso, na sua opinião. Eram as suas pernas, e se não iam funcionar mais era seu

problema e de mais ninguém e podia falar no assunto como bem entendesse. Não pretendia escolher as palavras.

- Tana, este é meu pai, Harrison Winslow - uma expressão sarcástica nos olhos - terceiro.

Nada mudara entre eles. Nem mesmo agora. E o pai parecia magoado.

- Preferem ficar sozinhos? - Os olhos de Tana foram de um para o outro e era fácil perceber que Harry não queria, mas o pai gostaria. - Vou tomar uma xícara de chá.

- Olhou para o pai de Harry cautelosamente. - Aceita chá?

Ele hesitou, depois fez um gesto afirmativo.

- Sim. Muito obrigado.

Ele sorriu e era impossível não notar o quanto era bonito, mesmo ali, no hospital, no quarto do filho, sabendo da triste notícia. Havia uma incrível profundidade

nos olhos azuis, uma força na linha do queixo, algo delicado e firme nas mãos. Era difícil vê-lo como o vilão descrito por Harry, mas Tana tinha de acreditar no

amigo. Contudo, dúvidas começaram a aparecer em sua mente enquanto ia à lanchonete apanhar o chá. Voltou depois de mais ou menos meia hora, imaginando se ele iria

embora para voltar no dia seguinte, ou mais tarde naquela noite. Tana precisava estudar, mas quando voltou viu uma expressão obstinada nos olhos de Harry, como se

quisesse ser libertado da presença

do pai, e a enfermeira percebeu quando entrou e sem saber o que estava provocando o desconforto de Harry, ou quem, pediu aos dois para sair. Tana inclinou-se

para beijar Harry e ele murmurou no seu ouvido.

- Volte esta noite… se puder…

- Certo.

Beijou o rosto dele, pensando em telefonar primeiro para a enfermeira. Mas, afinal, era véspera de Natal e talvez Harry não quisesse ficar sozinho. Imaginou também

se os dois teriam discutido. O pai olhou para Harry, suspirou tristemente e saíram do quarto, caminhando lado a lado pelo corredor. Com a cabeça baixa, ele olhava

para os sapatos muito bem engraxados e Tana não tinha coragem de dizer nada. E sentia-se como uma verdadeira desleixada com seus mocassins e a calça jeans, mas não

esperava encontrar ninguém no hospital, muito menos o lendário Harrison Winslow in. Sobressaltou-se quando ele disse:

- O que acha do estado dele?

Tana respirou profunda e rapidamente.

- Não sei ainda… é muito cedo… acho que ainda está em choque.

Harrison Winslow fez um gesto afirmativo. Estava certa. Harrison falara com o médico antes de subir para o quarto e não podiam fazer absolutamente nada. A coluna

vertebral de Harry fora muito danificada, o neurocirurgião explicou, e ele nunca mais andaria. Fizeram algumas correções e precisaria de mais cirurgia nos próximos

seis meses, e estava satisfeito com outras coisas. Já tinham dito para Harry, mas era cedo demais para que ele desse atenção. A melhor notícia era que ele poderia

fazer amor, com algumas instruções, mas aquela parte do seu sistema nervoso estava funcionando, até certo ponto, e embora não tivesse sensação completa e nem completo

controle, era grande ainda sua sensibilidade naquela área. “Pode até ter filhos”, o médico dissera ao pai, mas outras coisas ele jamais faria, como andar ou dançar,

correr ou esquiar… os olhos do pai se encheram de lágrimas e então lembrou-se da moça ao seu lado. Era bonita, tinha notado no corredor e ficara impressionado

com a expressão do rosto dela, com os imensos olhos verdes, os movimentos graciosos e ficara surpreso ao vê-la entrar no quarto de Harry.

- Pelo que vejo você e Harry são amigos íntimos? Era estranho. Harry nunca lhe falara sobre ela, mas

na verdade, Harry nunca lhe dizia muita coisa.

- Somos. Há quatro anos.

Harrison resolveu não usar de rodeios, quando chegaram ao saguão do Hospital Letterman. Mas queria saber o que tinha de enfrentar e aquele parecia o melhor momento.

O quanto Harry estava envolvido com ela, se era outro caso passageiro, um amor secreto, talvez uma esposa secreta? Precisava pensar nas finanças de Harry, embora

o filho fosse bastante suficiente para se defender sozinho.

— Está apaixonada por ele?

Os olhos do homem fixaram-se nos dela e Tana por um momento ficou atônita.

- Eu… não… eu… quero dizer - não sabia ao certo por que ele estava perguntando, -r-Eu o amo muito… mas nós… eu não estou “envolvida com ele” fisicamente,

se é isso que quer saber. - Corou até a raiz dos cabelos e parecia estar se desculpando.

- Eu sinto muito por perguntar isso, mas você conhece bem Harry, sabe como ele é. Eu nunca sei afinal o que está acontecendo e espero saber de repente que ele tem

mulher e três filhos.

Tana riu. Era pouco provável, mas não impossível. O mais certo seria três amantes. E então percebeu que estava l achando difícil não gostar dele tanto quanto Harry

queria, na verdade, não desgostava nem um pouco.

Era obviamente um homem poderoso e não tinha medo de perguntar o que queria saber. Olhou para ela, consultou o relógio e depois olhou para a limusine que o esperava

lá fora.

- Gostaria de uma xícara de café comigo em algum lugar? No meu hotel, talvez? Estou no Stanford Court, mas posso mandar o motorista levá-la depois. Que tal?

Na verdade, parecia uma traição, mas Tana não sabia

o que dizer. O pobre homem tinha passado por um mau pedaço também e viera de muito longe.

- Eu… realmente deveria voltar… preciso estudar. Ela corou e ele pareceu ficar ofendido, e subitamente

Tana teve pena dele. Elegante e bonito como era, havia ao mesmo tempo algo vulnerável naquele homem.

- Desculpe… não quis ser indelicada. Só que…

- Eu sei. - Olhou para ela com um sorriso que derreteu o coração de Tana. - Ele já contou que tipo de filho da mãe eu sou. Mas é véspera de Natal, você sabe. Seria

bom para nós dois conversarmos um pouco. Para mim foi um choque dos diabos, e para você também.

Tana assentiu com um gesto tristonho e os dois se dirigiram para o carro. O motorista abriu a porta, ela entrou e Harrison sentou-se ao seu lado no assento de veludo

cinzento. Ele olhava pensativamente para a cidade que passava lá fora e logo chegaram a Nob Hill, seguiram para o lado leste da colina e para a entrada para carros

do Stanford Court.

- Harry e eu temos tido dificuldades durante todos esses anos. Não sei por quê,

mas nunca conseguimos acertar as coisas…

Parecia estar falando para si mesmo e Tana o observava. Não parecia tão insensível

como Harry dizia. Na verdade, não parecia nada insensível. Parecia solitário

e triste, muito, muito sozinho. Harrison olhou diretamente para Tana então.

- Você é uma moça muito bonita… por dentro também, eu imagino. Harry tem sorte em ter você como amiga.

E a coisa mais estranha a respeito de Tana era algo que Harry não podia saber. Ela parecia demais com a mãe dele naquela idade. Era espantoso, tinha pensado Harrison,

vendo-a saltar graciosamente do carro e entrar no hotel. Foram ao restaurante Potpourri e sentaram-se em um reservado. Ele parecia observá-la constantemente, como

que tentando compreender quem era ela e o que significava para o filho. Achava difícil acreditar que fosse apenas “amiga”, como dizia, porém, ela insistia em dizer

isso e não tinha motivo para mentir para ele.

Tana sorriu olhando para os olhos dele.

- Minha mãe também pensa como o senhor, sr. Winslow. Está sempre dizendo que “rapazes e moças não podem ser amigos” e eu digo que ela está errada. É exatamente o

que somos, Harry e eu… ele é o melhor amigo que tenho no mundo… é como um irmão para mim… - Seus olhos se encheram de lágrimas e ela olhou para longe pensando

no que tinha acontecido com ele - …farei qualquer coisa para ajudar Harry. - Olhou para Harrison Winslow com expressão desafiadora, não zangada com ele, mas com

o destino que fizera aquilo com seu filho. - Eu farei, vai ver… Não vou deixar que fique lá sentado com o traseiro - corou, mas continuou — vou fazer Harry se

levantar e continuar a vida e não vai ser fácil. - Olhou para ele com uma expressão estranha. - Tenho

uma idéia, mas preciso primeiro falar com Harry.

Ele ficou intrigado. Talvez afinal ela tivesse planos a respeito do seu filho, mas já não sabia se isso seria mau para ele agora. Além de bonita, era evidentemente

inteligente e tinha um bocado de coragem. Quando falava, seus olhos se iluminavam como fogo verde, e Harrison sabia que Tana falava sério.

- Que tipo de idéia? - Estava intrigado e se não fosse a preocupação com o filho, acharia divertido.

Ela hesitou. Provavelmente vai pensar que sou louca, especialmente se tivesse tão pouca ambição quanto Harry tinha dito.

- Não sei… provavelmente vai achar uma loucura, mas pensei… não sei… - Era embaraçoso contar para ele. - Pensei que talvez pudesse convencer Harry a entrar

para a faculdade de direito comigo. Mesmo que nunca exerça a profissão, acho que seria bom para ele, especialmente agora.

- Fala sério? - Seus olhos se franziram com uma expressão divertida. - Faculdade de direito? Meu filho? - Bateu de leve na mão dela com um largo sorriso. Era uma

menina extraordinária, uma bola de fogo, e não duvidava de que pudesse conseguir qualquer coisa, inclusive aquilo.

- Se conseguir convencê-lo… - seu rosto ficou sério de repente - então é muito mais notável do que pensei.

- Vou tentar quando ele estiver bem para me dar atenção.

- Acho que isso vai demorar.

Os dois fizeram um gesto afirmativo e em silêncio ouviram alguém cantando músicas de Natal lá fora. Então, Tana olhou para ele.

- Por que vê tão pouco seu filho? - Precisava perguntar. Não tinha nada a perder e se ele ficasse zangado, podia ir embora. Ele não podia fazer nada. Mas Harrison

não parecia zangado quando olhou para Tana.

- Honestamente? Porque Harry e eu temos sido uma causa perdida até agora. Tentei durante um longo, longo tempo, mas não consegui nada. Ele me odeia desde garotinho

e o ódio tem crescido à medida que o tempo passa. Depois de algum tempo, não adiantava nos infligir novos ferimentos mútuos. O mundo é grande, tenho muito que fazer,

ele tem sua própria vida - as lágrimas apareceram nos seus olhos e ele virou a cabeça - …pelo menos tinha, até então…

Tana tocou a mão dele de leve.

- Terá outra vez. Eu prometo… se ele viver… oh, Deus… se ele viver… oh, Deus, não permita que ele morra. - Seus olhos também se encheram de lágrimas e ela

as enxugou com a mão. - Ele é tão maravilhoso, sr. Winslow, o melhor amigo que já tive.

- Gostaria de poder dizer o mesmo. - Parecia muito triste. - Somos quase estranhos agora. Hoje, naquele quarto, sentime como um intruso.

- Talvez porque eu estava lá. Devia ter deixado os dois sozinhos.

- Não teria feito nenhuma diferença. Ele se afastou muito, por muito tempo. Somos estranhos agora.

- Mas não precisam ser. - Falava com ele como se o conhecesse, e, de algum modo, Harrison não lhe parecia tão distante agora, por mais bonito, sofisticado e experiente

que fosse. Era apenas outro ser humano, com um devastador problema nas mãos e um filho muito doente. - Poderiam se tornar amigos.

Harrison Winslow balançou a cabeça, e, depois de um momento, sorriu. Tana era uma moça notavelmente bela e subitamente ele imaginou outra vez qual seria a história

dela e do seu filho. Harry era por demais libertino à sua moda para deixar passar uma oportunidade daquelas, a não ser que gostasse dela muito mais do que Tana sabia…

talvez fosse isso… talvez Harry estivesse apaixonado por ela… tinha de estar. Não podia existir entre eles só o que ela dizia. Era impossível.

- É muito tarde, minha amiga. Muito tarde. E aos olhos dele meus pecados não podem ser perdoados. - Suspirou. - Acho que eu sentiria o mesmo no lugar dele. - Olhou

para ela. - Pensa que eu matei a mãe dele, você sabe. Ela cometeu suicídio quando Harry tinha quatro anos.

As palavras custaram a sair.

- Eu sei.

E a expressão nos olhos dele era devastadora, de dor ilimitada que vivia ainda em sua alma. Seu amor por ela jamais morrera, nem seu amor pelo filho.

- Ela estava morrendo de câncer e não queria que ninguém soubesse. No fim, a doença a desfigurou e ela não podia suportar isso. Já fora operada duas vezes antes

de morrer… e… - ele quase parou, mas continuou - …foi terrível para ela… para todos nós… Harry sabia que ela estava doente, mas não se lembra mais. Não

importa realmente. Ela não podia viver com as operações, com a dor, e eu não suportava mais vê-la sofrer. O que ela fez foi uma coisa horrível, mas eu sempre compreendi.

Era tão jovem, tão linda. Parecia muito com você, na verdade, e era quase uma

criança… - Não estava envergonhado das lágrimas e Tana olhou para ele, horrorizada.

- Por que Harry não sabe disso?

- Ela me fez prometer que jamais contaria.

Recostou-se na banqueta como se tivesse levado um golpe. O desespero da perda da mulher nunca o abandonara. Tentou fugir durante anos, primeiro com Harry, com mulheres,

com moças, com qualquer pessoa, e finalmente, sozinho. Estava com 52 anos e descobria agora que havia um limite para aquela fuga, e não podia ir muito

longe. As lembranças estavam com ele, a dor, a perda… e Harry poderia partir também… não podia suportar a idéia, olhando para aquela jovem tão bonita, tão cheia

de vida, tão repleta de esperança. Era quase impossível explicar tudo para ela, tudo acontecera há tanto tempo.

- Naquele tempo as pessoas viam o câncer de modo diferente… era quase como algo de que devíamos nos envergonhar. Não concordei com ela então, mas fazia questão

que Harry nunca soubesse. Deixou uma longa carta para mim. Tomou uma superdose de pílulas quando fui a Boston por uma noite para visitar minha tia-avó. Ela queria

que Harry se lembrasse dela leve, bonita e romântica e não devastada pela doença, e assim ela se foi… para ele ela é uma heroína. - Sorriu com tristeza. - E foi

uma heroína para mim. Um modo triste de morrer, mas teria sido muito pior. Eu nunca a culpei pelo que fez.

- E deixou que ele acreditasse que era sua culpa. - Tana estava horrorizada e seus olhos verdes pareciam imensos.

- Eu nunca pensei que ele pudesse me culpar, e quando compreendi já era tarde.

Eu viajava muito quando ele era pequeno, como que procurando fugir da dor de perdêla.

Mas as coisas não funcionam assim. O sofrimento vai conosco, como um cão vira-lata, sempre esperando do lado de fora do nosso quarto, arranhando a porta, ganindo

aos nossos pés, não importa nossas roupas, nosso encanto, nosso trabalho, quantos amigos nos rodeiam, está sempre ali, mordendo nossos calcanhares, mastigando nossos

punhos… e assim foi… mas quando Harry tinha oito ou nove anos ele chegou à própria conclusão a meu respeito, e durante um tempo era tamanho o seu ódio que tive

de mandálo para o colégio interno e ele resolveu ficar, e então eu não tinha nada mais, e comecei a correr mais do que antes… e - ergueu os ombros filosoficamente

- ela morreu há quase vinte anos, e aqui estamos… ela morreu em janeiro… - Seus olhos ficaram vagos por um momento, depois se

focalizaram em Tana outra vez, mas isso não ajudou. Tana parecia demais com ela, era como olhar para o passado, era como vê-la. - E agora Harry está desse jeito…

a vida é tão podre, tão estranha, não é?

Tana assentiu com a cabeça, não tinha muito a dizer. Ele tinha lhe dado muito que pensar.

- Acho que devia dizer alguma coisa a ele.

- Sobre o quê?

- Sobre como a mãe morreu.

- Não posso fazer isso. Fiz uma promessa a ela… a mim mesmo… seria estar servindo meus interesses contar agora…

- Então, por que me contou?

Estava chocada com a revolta da própria voz, com o que sentia, com o desperdício que certas pessoas permitiam em suas vidas, momentos perdidos em que podiam ter

se amado, como esse homem e seu filho. Tantos anos gastos que poderiam ter sido compartilhados. E Harry precisava dele. Precisava de todo mundo.

Harrison olhou para ela com ar de quem se desculpa.

- Acho que não devia ter contado tudo isso a você. Mas precisava falar com alguém… e você… está tão perto dele. - Olhou-a nos olhos. - Eu queria que soubesse

que amo meu filho.

Tana sentiu um aperto na garganta e não sabia se queria esbofeteá-lo ou beijá-lo, ou talvez as duas coisas. Nunca sentira isso por nenhum outro homem antes.

- Por que diabo não conta a ele?

- Não ia adiantar.

- Pode ser. Talvez esta seja a hora.

Olhou para ela pensativamente e depois para as mãos, e finalmente nos olhos verdes de Tana outra vez.

- Talvez seja. Mas eu não o conheço… não saberia por onde começar…

- Assim mesmo, sr. Winslow. Assim como me contou. Ele sorriu e Tana sentiu o intenso calor que emanava

dele. Era como Harry, de certo modo, e era muito mais, e com embaraço Tana compreendeu que se sentia atraída

por ele. Era como se toda a sensação amortecida durante anos, desde a noite com Billy, tivesse voltado à vida.

- Em que está pensando? Tana corou e balançou a cabeça.

- Algo que nada tem a ver com tudo isto… desculpe… estou cansada… há dias que não durmo…

- Vou levar você em casa, assim poderá descansar. Pediu a conta e depois olhou para ela com um sorriso

carinhoso. Tana sentiu a falta do pai que nunca teve, que não conhecera. Esse era o tipo de homem que gostaria que Andy Roberts tivesse sido, não Arthur Durning

que entrava e saía da vida de sua mãe quando tinha vontade. Este homem era muito menos egoísta do que Harry queria que ela pensasse, ou insistia em pensar ele mesmo.

Dispendera muita energia odiando aquele homem durante tantos anos e Tana instintivamente sabia que ele estava errado, muito errado, e imaginava se Harrison não estaria

certo, era tarde, tarde demais.

- Obrigado por falar comigo, Tana. Harry é muito feliz por ter uma amiga como você.

- Eu sou feliz por ter Harry como amigo. Harrison colocou uma nota de vinte dólares sob a conta

do restaurante e olhou para ela outra vez.

- Você é filha única?

Harrison suspeitava que fosse, e Tana sorriu fazendo um gesto afirmativo.

- Sou. E não conheci meu pai, ele morreu quando ainda não era nascida, na guerra.

Já havia dito isso milhares de vezes em sua vida, mas parecia ter um novo significado agora. Tudo parecia adquirir novo sentido e ela não sabia por quê. Algo estranho

estava acontecendo com ela ali conversando com aquele homem e imaginava se

não seria por estar tão cansada. Ele a levou até o carro e para surpresa de Tana entrou

também.

- Vou com você.

- Não precisa fazer isso.

- Não tenho nada para fazer. Estou aqui para ver Harry e acho que ele estará melhor descansando por algumas horas.

Tana concordou e conversaram enquanto o carro atravessava a ponte. Ele disse que nunca estivera em San Francisco antes. Achava a cidade interessante, mas parecia

preocupado. Tana achou que devia estar pensando no filho, mas na verdade pensava nela e estendeu a mão quando chegaram.

- Vejo você no hospital. Se precisar de condução, telefone para o hotel que mando o carro.

Tana tinha dito que estava indo e voltando de ônibus e isso pareceu preocupá-lo. Afinal ela era jovem e bonita e qualquer coisa podia acontecer.

- Muito obrigada por tudo, sr. Winslow.

- Harrison. - Ele sorriu, o sorriso de Harry, não tão garoto, mas jovial também. - Nos veremos em breve. Procure descansar.

Ele acenou com a mão e a limusine partiu enquanto ela subia lentamente a escada, pensando em tudo o que ele tinha dito. Como a vida era injusta às vezes. Tana adormeceu

pensando em Harrison… e em Harry… e no Vietnã… e na mulher que tinha se matado, que no sonho de Tana não tinha rosto, quando acordou estava escuro e sentou-se

sobressaltada no pequeno quarto. Eram nove horas e ela pensou em Harry. Telefonou e disseram que a temperatura tinha abaixado, que ele ficara acordado

algum tempo

e estava cochilando outra vez, mas não o tinham preparado ainda para a noite. Não tomara ainda o medicamento e provavelmente não o tomaria por algum tempo. Então,

Tana ouviu as canções na rua e lembrou-se que era véspera de Natal e que Harry precisava dela. Tomou um banho de chuveiro rápido e resolveu se vestir para ele. Escolheu

um bonito vestido de malha, sapatos de saltos altos, um casaco vermelho e um cachecol que não usava desde o inverno passado em Nova York e tinha pensado que jamais

o usaria na Califórnia. Mas afinal tudo parecia realmente Natal e Tana achou que podia ser importante para ele. Pôs perfume, escovou o cabelo e foi para a cidade

de ônibus, pensando outra vez no pai de Harry. Chegou ao Letterman às dez e meia e havia em tudo uma sensação de feriado sonolento. Arvorezinhas piscavam com pequenas

luzes, havia figuras de Papai Noel de plástico aqui e ali. Mas ninguém parecia estar com espírito natalino, casos

urgentes de desesperados continuavam a acontecer e, quando Tana chegou ao quarto de Harry, bateu de leve na porta e entrou na ponta dos pés, esperando encontrá-lo

adormecido, mas Harry estava olhando para a parede com os olhos cheios de lágrimas. Sobressaltou-se quando a viu, mas não sorriu.

- Estou morrendo, não estou?

Tana ficou chocada com as palavras, o tom de voz, o olhar sem vida e subitamente franziu a testa, aproximando-se da cama.

- Não, a não ser que queira morrer. - Sabia que precisava ser dura com ele. - Depende muito de você. - Ficou muito perto, olhando-o nos olhos e Harry não estendeu

a mão para ela.

- Isso é uma bobagem. Não foi idéia minha levar um tiro no traseiro.

- Naturalmente que foi. - Tana parecia despreocupada e por um momento Harry se irritou.

- Que diabo quer dizer com isso?

- Que você podia ter ido para a faculdade. Mas preferiu se divertir. Então acabou com o pior. Você jogou e perdeu.

- É. Só que não perdi alguns mangos, perdi minhas pernas. Não exatamente uma pequena aposta.

- Tenho a impressão de que suas pernas ainda estão aí. - Olhou para os membros inúteis e Harry quase rosnou.

- Não seja cretina. Para que servem agora?

- Estão com você e você está vivo e pode fazer muita coisa. E, segundo as enfermeiras, pode até ficar teso - nunca fora tão áspera com ele e era um áspero discurso

de Natal, mas Tana sabia que era hora de começar a empurrá-lo, especialmente se Harry pensava que ia morrer. - Que diabo, olhe para o lado bom, pode até pegar blenorragia

outra vez.

- Você me deixa doente. - Virou o rosto.

Sem pensar, Tana segurou o braço dele e Harry olhou para ela outra vez.

- Escute, que diabo, é você que me deixa doente. Metade dos rapazes no seu batalhão foi morta e você está vivo, portanto não fique aí choramingando por aquilo que

não tem. Pense no que pode fazer. Sua vida não acabou, a não ser que você queira que se acabe, mas eu não quero. - As lágrimas encheram seus olhos. -

Quero que desgrude

esse traseiro da cama, nem que eu tenha de arrastá-lo pelos cabelos pelos próximos anos para fazer com que se levante e viva outra vez. Endendeu? - As lágrimas escorriam

pelo rosto dela. - Não vou largar de você. Nunca! Está compreendendo?

E lenta, lentamente… viu um sorriso nascer nos olhos dele.

- Você é uma mulher maluca, sabia, Tan?

- É, talvez eu seja, mas vai descobrir de verdade o quanto sou louca se não começar a facilitar a vida para nós dois resolvendo fazer alguma coisa.

Tana enxugou as lágrimas do rosto e ele deu um largo sorriso e pela primeira vez em muitos dias ela viu o Harry que conhecia.

- Você sabe o que é?

- O quê? - Tana parecia confusa. Estava vivendo os dias mais cheios de emoção de sua vida e nunca se sentira tão exausta.

- Tudo isso é energia sexual recalcada em você, é o que dá a tudo o que faz essa força especial. Às vezes você é uma grande chateação.

- Obrigada.

- Sempre às ordens. - Sorriu e fechou os olhos por um instante, abrindo logo a seguir. - Por que está toda vestida? Vai a algum lugar?

- Vou. Aqui. Ver você. É véspera de Natal. - Seus olhos se suavizaram e ela sorriu para ele. - Bem-vindo à raça humana.

- Gostei do que você disse antes.

Estava sorrindo ainda e Tana percebeu que a maré tinha mudado. Se ele se apegasse ao desejo de viver poderia ficar bem, dentro das circunstâncias. Era a opinião

do neurocirurgião.

- O que foi que eu disse…? que ia te dar um pontapé nos fundilhos para que faça alguma coisa da sua vida?… está mais do que na hora. - Tana estava satisfeita.

- Não, sobre ficar teso e pegar blenorragia outra vez.

- Merda. - Olhou para ele com desprezo total. Uma das enfermeiras entrou no quarto e eles começaram a rir e então, por alguns momentos, tudo foi como antes; o pai

de Harry chegou e os dois pareciam garotos nervosos, o riso cessou, e Harrison Winslow sorriu. Queria desesperadamente conquistar a amizade do filho e já sabia o

quanto ele gostava de Tana.

- Não deixem que eu interrompa o divertimento. Do que estavam rindo?

Tana corou. Era difícil falar com uma pessoa tão cosmopolita, mas, afinal, tinham conversado a tarde toda.

- Seu filho estava sendo grosseiro, como de hábito.

- Isso não é novidade. - Harrison sentou em uma das cadeiras do quarto e olhou para os dois. - Embora fosse de esperar que fizesse um esforço para ser mais delicado

na véspera de Natal.

- Na verdade ele estava falando sobre as enfermeiras e…

Harry corou e começou a negar, Tana riu e subitamente o pai de Harry estava rindo também. Havia algo muito ténue no quarto e nenhum deles parecia completamente à

vontade, mas conversaram durante meia hora até Harry demonstrar cansaço. Tana levantou-se.

- Eu vim só para te dar um beijo de Natal, pensei que nem estivesse acordado.

- Eu também. - Harrison Winslow levantou-se. - Voltaremos amanhã, filho.

Estava observando o olhar de Harry para Tana e pensou ter compreendido. Tana ignorava o que Harry sentia por ela e por algum motivo ele estava mantendo o segredo.

Harrison não compreendia por quê. Havia um mistério que

ele não entendia. Olhou outra vez para o filho.

- Precisa de alguma coisa antes de irmos?

Harry pareceu triste por um momento, depois balançou a cabeça. Precisava de uma coisa, mas nada que eles pudessem dar. A dádiva das pernas. O pai compreendeu e tocou

no braço dele de leve.

- Vejo você amanhã, filho.

- Boa noite. - As palavras de Harry não tinham nenhum calor, mas seus olhos se iluminaram quando olhou para a linda loura. - Comporte-se, Tana.

- Por quê? Você nunca se comporta. - Sorriu, mandou um beijo na ponta dos dedos e murmurou: - Feliz Natal, seu bobão.

Harry riu e Tana saiu com o pai dele.

- Acho que ele parece melhor, não?

A desgraça que se abatera sobre Harry os fazia amigos.

- Acho. Creio que já passou o pior. Agora começa a longa e lenta escalada colina acima.

Harrison assentiu com a cabeça e tomaram o elevador para descer. Havia uma sensação de familiaridade, como se já tivessem feito aquilo dezenas de vezes, quando,

na verdade, aquela era a segunda. Mas a conversa daquela tarde os havia aproximado muito. Harrison abriu a porta para ela e Tana viu a mesma limusine prateada da

véspera.

- Gostaria de comer alguma coisa?

Tana ia dizer que não, mas lembrou-se de que não tinha jantado ainda. Estava pensando em assistir à missa da meianoite, mas realmente não queria ir sozinha. Olhou

para ele, imaginando se teria algum significado para Harrison, especialmente agora.

- Acho que sim. Será que poderia interessá-lo a ir na missa da meianoite, depois?

Harrison assentiu com um ar muito sério e mais uma vez Tana ficou impressionada com a beleza dele. Comeram um hambúrguer, falaram sobre Harry e os seus dias em Cambridge.

Tana contou algumas das coisas absurdas que os dois costumavam fazer e ele riu com ela, intrigado ainda com aquele estranho relacionamento. Como Jean, ele

não conseguia entender. Depois foram à missa da meianoite e as lágrimas desceram pelo rosto de Tana quando cantaram Noite feliz. Ela pensava em Sharon, sua

adorada amiga, e em Harry e na sorte que ele tinha por estar vivo. Olhou para o pai dele, alto e orgulhoso ao seu lado, e viu que ele chorava também. Quando sentaram,

Harrison assoou discretamente o nariz. Depois levou-a de volta a Berkeley e Tana notou como se sentia bem com ele. Estava quase cochilando no carro. Desesperadamente

exausta.

- O que vai fazer amanhã?

- Ver Harry, eu acho. E um dia destes preciso começar a estudar. - Tinha esquecido completamente os estudos naqueles últimos dias.

- Posso convidá-la para almoçar antes de ir ao hospital?

O convite a comoveu e Tana aceitou, imediatamente pensando no que iria vestir, mas nem teve tempo para resolver quando chegou no quarto. Estava tão exausta que tirou

a roupa, jogou-a no chão, subiu na cama e imediatamente adormeceu. Ao contrário da sua mãe em Nova York, que estava acordada, sozinha, sentada em uma cadeira e chorando

o tempo todo. Tana não tinha telefonado, nem Arthur, que estava em Palm Beach, e Jean passou aquelas horas lutando com o lado mais sombrio da sua alma, pensando

em algo que nunca se julgara capaz.

Foi à missa da meianoite, como costumava fazer com Tana, e a uma e meia estava em casa. Assistiu um pouco de TV.

Às duas horas envolveu-a a mais desesperada solidão que já sentira. Estava pregada na cadeira, incapaz de se mover, quase incapaz de respirar. E pela primeira vez

na vida pensou em cometer suicídio e às três horas era um impulso quase irresistível. Meia hora depois, foi até o banheiro e apanhou um vidro de pílulas para dormir

que nunca havia usado e tremendo, com um grande esforço, recolocou o vidro no armário. Queria tomar as pílulas mais do que tudo no mundo, mas ao mesmo tempo não

queria. Desejava que alguém a impedisse, dizendo que tudo ia ficar bem. Mas

quem ia lhe dizer isso agora? Tana fora embora, e provavelmente nunca mais ia morar com ela, e Arthur tinha sua própria vida, na qual só a incluía quando lhe convinha.

Tana tinha razão, mas era por demais doloroso admitir essa verdade para a filha. Por isso defendia tudo o que Arthur e seus filhos egoístas faziam, aquela rameira

da Ann, sempre tão grosseira para Jean, e Billy, tão bonzinho quando garoto mas agora… estava bêbado o tempo todo e Jean se perguntava se Tana não teria

razão,

se ele não era o tipo de homem que ela pensava que fosse, mas se era verdade… a lembrança do que Tana dissera há quatro anos voltou violentamente. E se fosse verdade…?

se ele tivesse… se ela não tivesse acreditado… era uma idéia insuportável… como se toda a sua vida estivesse desmoronando à sua volta e Jean não podia suportar,

ali sentada, olhando para as pílulas que tinha na mão. Parecia a única coisa a fazer e imaginou o que Tana diria quando lhe dessem a notícia na Califórnia. Imaginou

quem encontraria seu corpo… o síndico do prédio, talvez… um dos empregados… se fossem esperar que Arthur a encontrasse, poderia demorar semanas. Era mais deprimente

ter de aceitar o fato de que não havia ninguém para descobrir seu corpo logo. Pensou em escrever alguma coisa para Tana, mas seria por demais melodramático e não

tinha mais nada a dizer, exceto o quanto amara a filha, o quanto tinha procurado fazer a coisa certa. Chorou pensando no tempo que Tana morava com ela, nos seus

encontros com Arthur, na esperança de que se casasse com ela… toda sua vida parecia estar passando ante seus olhos enquanto segurava o vidro de pílulas e a noite

ia passando em agonia. Não tinha idéia da hora quando o telefone tocou finalmente. Eram cinco horas da manhã e Jean ficou chocada quando olhou para o relógio. Tana,

talvez o amigo tivesse morrido… Com mão trêmula apanhou o fone e a princípio não reconheceu a voz que se identificou como John.

- John?

- John York. O marido de Ann. Estamos em Palm Beach.

- Oh. Naturalmente.

Mas estava ainda atordoada e as emoções daquela noite a haviam deixado exausta. Colocou o vidro com as pílulas sobre a mesa. Podia tratar disso mais tarde. Não entendia

por que ele estava telefonando, mas John York não tardou em explicar.

- É Arthur. Ann achou que devia telefonar. Ele teve um enfarte.

- Oh, meu Deus. - O coração de Jean disparou e ela começou a chorar. - Ele está bem? Ele está… ele…

- Está bem agora. Mas passou muito mal. Aconteceu há algumas horas e ainda corre perigo, por isso Ann achou que eu devia telefonar.

- Oh, meu Deus… oh, meu Deus!

Ali estava ela pensando em suicídio e Arthur quase morrendo. E se tivesse… estremeceu só de pensar.

- Onde ele está?

- No Hospital Mercy. Ann achou que você talvez queira vir até aqui.

- Naturalmente. - Levantou-se de um salto, sem largar o telefone, apanhou lápis e papel, derrubando sem querer o vidro com as pílulas, e ficou olhando para elas.

Estava controlada outra vez. Era incrível pensar no que quase tinha feito, e agora Arthur precisava dela. Graças a Deus não fizera nada daquilo. - Dê-me os detalhes,

John. Vou tomar o primeiro avião.

Escreveu o nome e endereço do hospital, o número do quarto, perguntou se eles precisavam de alguma coisa de Nova York e então desligou e fechou os olhos, pensando

nele, e quando os abriu seu rosto estava molhado de lágrimas, pensando em Arthur, e no que poderia ter sido.

Capítulo 10

No dia seguinte, Harrison Winslow mandou o carro apanhar Tana em Berkeley ao meiodia e foram almoçar no Trader Vics. A atmosfera era festiva e a comida boa. Harrison

fora informado no hotel de que era um bom restaurante. E sentiu imenso prazer na companhia dela. Conversaram outra vez sobre Harry e muitas outras coisas. Ficou

impressionado com a inteligência de Tana e ela contou sobre Freeman Blake, e a amiga que tinha morrido, e Miriam que a convencera a estudar direito.

- Só espero que possa sobreviver. É mais difícil do que eu pensei. - Tana sorriu.

- E pensa realmente que Harry poderia fazer um curso como esse?

- Ele pode fazer o que quiser. O problema é que sempre preferiu se divertir. - Tana corou e Harrison riu.

- Concordo. Ele gosta de se divertir. Para ele é algo congênito. Mas, na verdade, fui muito mais sério quando jovem e meu pai era um homem muito culto. Escreveu

dois livros de filosofia.

Conversaram por algum tempo e foi para Tana um interlúdio agradável como há muito, muito tempo não tinha. Finalmente, consultou o relógio com sensação de culpa e

saíram apressados para o hospital, levando um saco de biscoitos da sorte para Harry. Tana insistiu em levar alguma bebida para ele. Compraram uma imensa garrafa

de Escorpião com uma gardênia flutuando dentro e Harry tomou um gole e deu um largo sorriso.

- Feliz Natal para vocês também.

Mas Tana percebeu que não estava satisfeito por ver que ela e o pai tinham se tornado amigos e, finalmente, quando Harrison saiu para telefonar, olhou para Tana

zangado.

- Por que está com essa cara tão satisfeita?

Era bom para ele ficar zangado. Tana não se importava. Isso o ajudaria a voltar à vida.

- Você sabe o que eu sinto por ele, Tan. Não deixe que ele a engane com suas maneiras delicadas.

- Não está me enganando. Não estaria aqui se não se importasse com você. Não seja tão teimoso e dê uma chance a ele.

- Oh, pelo amor de Deus. - Teria saído do quarto e batido a porta, se pudesse. - Que besteira de merda é essa? É isso que ele está dizendo?

Tana não podia contar tudo o que Harrison lhe dissera, porque sabia que ele não queria que contasse, mas também sabia o que ele sentia pelo filho e estava convencida

da sua sinceridade. A cada minuto que passava mais se afeiçoava a ele, e gostaria que Harry tentasse dar uma oportunidade ao pai.

- Ele é um homem decente. Dê uma oportunidade.

- Ele é um filho da puta e eu o odeio.

Nesse momento Harrison Winslow entrou no quarto e ouviu as últimas palavras de Harry. Tana empalideceu. Os três se entreolharam e Harrison rapidamente procurou acalmá-la.

- Não é a primeira vez que ouço isso. E tenho certeza de que não será a última.

Harry virou-se na cama e olhou furioso para o pai.

- Por que diabo não bateu na porta?

- Incomoda-se mesmo que eu ouça? E daí? Já disse isso antes e quase sempre diretamente para mim. Está ficando mais discreto agora? Ou menos corajoso?

A voz de Harrison estava agressiva e os olhos de Harry cheios de fogo.

- Você sabe o que penso a seu respeito. Nunca estava presente quando precisei de você. Sempre em algum outro maldito lugar qualquer,

com uma mulher, numa estação

de águas, alguma montanha, com seus amigos… - Virou o rosto. - Não quero falar nisso.

- Sim, você quer. - Harrison aproximou a cadeira da cama e sentou-se. - E eu também. Tem razão. Eu não estava presente e você também não. Estava nos internatos que

escolheu e fazia uma cena de grosseria cada vez que nos víamos.

- E por que não?

- Foi uma decisão sua. E jamais me deu oportunidade desde que sua mãe morreu. Quando você tinha seis anos, compreendi que me odiava. Naquela época consegui aceitar.

Mas agora, na sua idade, Harry, era de esperar que tivesse mais bom senso, ou pelo menos que fosse mais compassivo. Não sou realmente tão ruim como você imagina,

sabe disso.

Tana teve vontade de sumir parede adentro. Era embaraçoso estar ali, mas ninguém parecia se importar. E, enquanto ouvia, lembrou-se de que havia esquecido de telefonar

para a mãe outra vez. Anotou mentalmente que telefonaria logo que saísse do hospital, talvez até mesmo de um dos telefones do térreo, mas não podia sair do quarto

naquele momento, com a terceira guerra mundial em andamento.

Harry olhou furioso para o pai.

- Afinal, por que diabos está aqui?

- Porque você é meu filho. O único que tenho. Quer que eu vá embora? - Harrison Winslow levantou-se e disse em voz baixa: - Vou quando você quiser. Não vou infligir

minha presença a você, mas não vou permitir que continue enganado a meu respeito, pensando que não me importo. É um bonito conto de fadas, o pobre menino rico e

tudo o mais, mas como diria sua amiga aqui, é uma besteira. Acontece que eu te amo muito - sua voz ficou embargada mas ele continuou, lutando com as emoções e as

palavras, e o coração de Tana voltou-se para ele. - Eu te

amo muito, Harry. Sempre amei e sempre amarei. - Aproximou-se então, beijou o filho de leve no alto da cabeça e saiu do quarto, enquanto Harry virava o rosto

fechando os olhos, e quando os abriu, viu Tana ali de pé com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

- Dê o fora daqui.

Com um gesto afirmativo, Tana saiu silenciosamente e fechou a porta devagar. Ouviu os soluços de Harry. Mas ele precisava ficar sozinho, Tana respeitava isso e

as lágrimas eram boas para ele.

Harrison estava à espera dela. Estava mais calmo e pareceu aliviado quando Tana sorriu.

- Ele está bem?

- Vai ficar bem. Precisava ouvir as coisas que disse a ele.

- Eu precisava dizer. Sinto-me melhor agora. Dizendo isso, segurou o braço de

Tana e desceram as

escadas. Era como se sempre tivessem sido amigos. Harrison olhou para ela com um largo sorriso.

- Para onde está indo, jovem?

- Para casa, acho. Ainda tenho todo aquele trabalho para fazer.

- Isso é uma besteira.

Ele a imitou e os dois riram.

- Que tal fugir dos estudos e ir ao cinema com um velho? Meu filho acaba de me expulsar do seu quarto e não conheço ninguém nesta cidade… estamos no Natal, que

diabo. Concorda, Tan?

Ele ouvira Harry chamála assim e Tana sorriu, querendo dizer que precisava ir para casa, mas sem coragem; queria estar com ele.

- Na verdade, eu devia ir para casa.

Mas não convenceu nenhum dos dois e estava sentindo-se feliz quando entraram na limusine.

- Ótimo. Agora que resolveu isso, onde vamos?

Tana riu como uma garotinha e ele mandou o motorista dar uma volta. Finalmente, compraram um jornal, escolheram um filme, comeram toda a pipoca que agüentaram

e depois foram ao LEtoile, para um pequeno jantar e drinques no bar. Tana sentia-se mimada só de estar com ele. E tentava se lembrar do que Harry dissera sobre

o pai, mas não acreditava mais e nunca se sentira tão feliz em toda a sua vida como quando ele a levou de volta a Berkeley, tomou-a nos braços e beijou-a naturalmente

como se estivessem esperando por aquilo a vida toda. Depois, Harrison olhou para ela, tocou os lábios de Tana com as pontas dos dedos, pensando se devia se arrepender

do que acabava de fazer, mas há anos não se sentia tão feliz e tão jovem.

- Tana, jamais conheci alguém como você antes, meu amor.

Abraçou-a carinhosamente e Tana sentiu uma segurança e um calor que desconhecia. Beijaram-se outra vez. Harrison queria que ela fosse sua pelo resto da vida, mas

perguntava também a si mesmo se não estava meio louco. Aquela era a amiga de Harry… sua namorada… mas os dois insistiam em dizer que era só amizade, contudo

ele sentia algo diferente, pelo menos da parte de Harry. Olhou profundamente nos olhos dela.

- Diga a verdade sobre uma coisa, Tan. Está apaixonada pelo meu filho?

Lentamente ela balançou a cabeça. O motorista parecia ter desaparecido. Na verdade, saíra discretamente para andar um pouco. O carro estava parado na frente da casa

de Tana.

- Não. Nunca estive apaixonada por ninguém… até agora…

Eram palavras corajosas e Tana resolveu contar a verdade logo. Harrison fora honesto com ela desde que se conheceram.

- Fui violentada há quatro anos e meio. Foi assim como se tudo tivesse parado para mim. Como se meu relógio emocional deixasse de funcionar e não funcionou até agora.

Nos dois primeiros anos não saía com ninguém, e finalmente Harry me obrigou a sair em grupos de quatro com ele. Mas não adiantou muito, e aqui em Berkeley não saio

com ninguém. Só trabalho. - Sorriu ternamente para ele.

Estava se apaixonando loucamente pelo pai do seu melhor amigo.

- Harry sabe?

- Que eu fui violentada? Ele acenou com a cabeça.

- Sim, sabe. Eu contei depois de algum tempo. Ele achava que eu era estranha e então contei por quê. Na verdade, nós vimos o cara em uma festa a que fomos juntos

e Harry adivinhou.

- Alguém que você conhecia? - Harrison parecia chocado.

- O filho do patrão da minha mãe. Amante e patrão, na verdade. Foi horrível… não - balançou a cabeça - foi pior, muito pior do que isso.

Harrison a abraçou de novo. Agora compreendia melhor as coisas. Imaginou se era por isso que Harry nunca quis ser mais do que amigo dela. Instintivamente percebia

que o desejo estava ali, embora ela nem desconfiasse do que passava pela sua cabeça. Sabia também o que ele próprio sentia por ela. Era a primeira vez que se sentia

assim, desde que conhecera sua mulher há 25 anos, e então ele pensou na diferença de idade entre eles, pensando se isso seria problema para ela. Era exatamente trinta

anos mais velho do que Tana, e muita gente ficaria chocada. Porém, o mais importante, ela também ficaria?

- E daí? - foi a resposta de Tana quando Harrison fez a pergunta. - Quem se importa com o que os outros pensam?

Dessa vez foi ela quem o beijou e sentiu que algo revivia dentro dela, algo que jamais sentira antes, uma paixão e um desejo que só ele poderia satisfazer, e naquela

noite não dormiu pensando nele, exatamente como ele estava pensando nela. No dia seguinte, Tana telefonou às sete horas e ele já estava acordado e ficou surpreso

com o telefonema. Mas teria ficado muito mais se soubesse o que Tana sentia por ele.

- O que está fazendo de pé a esta hora, garotinha?

- Pensando em você.

Harrison ficou comovido, lisonjeado e entusiasmado e milhares de outras coisas. Mas havia muito mais do que isso. Tana confiava naquele homem como nunca havia confiado

em homem nenhum, nem mesmo no filho dele, e ele representava muitas coisas para ela, até o pai que não conhecera. Era todos os homens em um só e se Harrison soubesse

teria se assustado com o que Tana esperava dele. Visitaram Harry, almoçaram e jantaram juntos naquele dia, e Harrison começava a sentir uma necessidade premente

de levá-la para a cama, mas algo lhe dizia que não era possível, que seria perigoso, que formaria um relacionamento duradouro e isso era errado. Durante duas semanas

eles se encontraram, andaram juntos, se beijaram e se tocaram e o que sentiam um pelo outro se intensificou. Visitavam Harry separadamente, temendo que ele descobrisse

e, finalmente, um dia Harrison sentou-se ao lado do filho. O assunto tinha de ser ventilado, estava se tornando muito sério para os dois e ele não queria magoar

a moça. Mas, além disso, queria oferecer a ela algo que há anos não oferecia a ninguém, seu coração, toda a sua vida. Queria se casar com ela, e precisava saber

quais eram os sentimentos de Harry agora, antes que fosse tarde demais, antes que todos saíssem magoados, especialmente a pessoa que mais gostava no mundo, seu filho.

Teria sacrificado qualquer coisa por Harry, mesmo a mulher que amava, e precisava saber.

- Quero perguntar uma coisa. Francamente. E quero que me responda.

Nas últimas duas semanas tinha havido uma certa paz entre os dois homens, graças aos esforços de Tana, e Harrison estava aproveitando essa situação.

- Do que se trata? - Harry parecia desconfiado.

- O que há entre você e essa encantadora criança? - Esforçou-se para não deixar transparecer nada, o rosto inexpressivo, os olhos calmos, rezando para que o filho

não visse nada nele, especialmente o quanto ele amava Tana, embora não pudesse imaginar como Harry não percebia. Sentia-se como se estivesse carregando um luminoso.

- Tana? - Harry ergueu os ombros.

- Eu já disse. Quero que me responda. - Toda a sua vida dependia dessa resposta agora, e a dela também.

- Por quê? Por que se interessa? - Harry estava inquieto, com uma dor no pescoço o dia todo. - Eu já disse, ela é minha amiga.

- Eu conheço você muito bem para acreditar nisso, goste ou não.

- E daí? É tudo. Nunca dormi com ela. Mas Harrison já sabia disso, porém não disse.

- Não significa coisa alguma. Podia ser por causa dela e não por sua vontade. - Não havia nenhum sinal de brincadeira nas suas palavras e nem nos seus olhos. Não

era brincadeira para ele, mas Harry riu, concordando.

- Tem razão. - E então, subitamente, recostou-se nos travesseiros e olhou para o teto, sentindo uma estranha afinidade pelo pai que jamais sentira antes. - Não sei,

papai… fiquei louco por ela quando nos conhecemos, mas Tana era fechada como uma pedra… ainda é.

Contou então a violência que ela havia sofrido e Harrison fingiu que ouvia pela primeira vez.

- Jamais conheci alguém igual a ela e acho que sempre soube que estava apaixonado, mas não queria estragar a coisa toda. Assim, ela não foge de mim. Se eu contasse,

talvez fugisse. - Seus olhos subitamente se encheram de lágrimas. - Eu não suportaria perdêla. Preciso muito dela.

O coração de Harrison se apertou mas agora precisava pensar no filho. Era só o que importava para ele, tudo com que se importaria. Acabava de encontrá-lo e não estava

disposto a perder Harry outra vez. Nem mesmo por Tana, a quem amava desesperadamente. Mas as palavras de Harry queimavam como fogo, “Preciso tanto dela…” O mais

engraçado era que o Winslow mais velho também precisava, mas não como Harry, e não podia tirar Tana dele, não nesse momento…

- Um destes dias acho que deve ter coragem para dizer a ela. Talvez ela também precise de você.

Harrison sabia o quanto Tana tinha se sentido sozinha e isolada, mas nem o próprio Harry tinha compreendido isso.

- E se eu perder?

- Não pode viver assim, filho. Com medo de perder, com medo de viver, com medo de morrer. Desse modo não pode ganhar nunca. Tana sabe disso melhor do que ninguém.

É uma coisa que pode aprender com ela. - E tantas outras coisas que Harrison tinha aprendido com ela. Coisas que teria de abandonar agora.

- Ela tem mais coragem do que qualquer outra pessoa que conheço… exceto

quando se trata de homens. - Harry balançou a cabeça. - Na verdade, ela me deixa morto

de medo.

- Dê tempo a ela. Muito tempo. - Harrison esforçava-se para manter a voz calma. Harry não devia saber. - E muito amor.

Harry ficou em silêncio por muito tempo, procurando algo nos olhos do pai. Nas duas últimas semanas estavam se descobrindo mutuamente como nunca haviam feito antes.

- Acha que ela pode me amar algum dia?

- Possivelmente. - O coração de Harrison se apertou novamente. - Você precisa pensar em muitas outras coisas. Mas quando estiver bem outra vez - evitou dizer "de

pé" - e fora do hospital, pode começar a pensar nisso.

Ambos sabiam que Harry não estava totalmente incapaz sexualmente, e o médico dissera que com alguma "criatividade" poderia ter uma vida normal algum dia até mesmo

engravidar uma mulher se quisesse, o que não entusiasmou muito Harry, não por enquanto pelo menos, mas Harrison sabia que poderia significar muito para ele no futuro.

Adoraria ter um filho com Tana. Só de pensar nisso sentiu que seus olhos se enchiam de lágrimas.

Conversaram por algum tempo e finalmente Harrison saiu. Tinha combinado jantar com Tana naquela noite, mas telefonou antes. Explicou que havia recebido uma pilha

de cabogramas que precisava responder. Encontraram-se para o almoço no dia seguinte e Harrison foi honesto com ela. Foi o pior dia da sua vida, desde a morte da

mulher. Seus olhos estavam tristes, o rosto sombrio, e assim que se encontraram

no restaurante Tana soube que as notícias não

eram boas e seu coração quase parou quando ele começou a falar assim que se sentaram. Percebeu que Harrison ia dizer alguma coisa que ela não queria ouvir.

- Falei com Harry ontem. - Lutou contra as emoções que se erguiam dentro dele. - Tive de falar, por nós dois.

- Sobre nós? - Tana estava atônita. Era tão cedo para isso. Nada tinha acontecido ainda. Não passava de um romance inocente… mas Harrison balançou a cabeça.

- Sobre ele e o que sente por você. Eu precisava saber antes de continuar com isto. - Segurou a mão dela e olhou-a nos olhos, e o coração de Tana se derreteu outra

vez. - Tana, quero que saiba que estou apaixonado por você. Só amei uma mulher em toda a minha vida da maneira como te amo, e foi minha mulher. Mas amo também meu

filho e não o magoaria por nada no mundo, não importa que ele me considere o pior pai que existe, na verdade, eu fui muitas vezes. Eu teria me casado com você…

mas não depois de saber o que Harry sente. - Não fez rodeios. - Ele te ama, Tana.

- O quê? - Ela parecia chocada. - Não é verdade.

- É sim. Só que morre de medo de assustar você. Ele me contou o seu caso, como você se sentia sobre sair com outros homens. Há anos está dando tempo ao tempo, mas

eu não tenho nenhuma dúvida. Harry tem amado você durante todos esses anos. Ele admitiu. - Os olhos de Harrison estavam tristes.

- Oh, meu Deus. - Tana estava chocada. - Mas eu não… eu não… acho que jamais poderia…

- Desconfiei disso também. Mas isso é entre vocês dois. Se ele algum dia tiver coragem de dizer o que sente, vocês terão de resolver sozinhos. O que eu queria saber

era como Harry se sentia. Sei como você se sente agora. Sabia antes de falar com ele.

As lágrimas escorriam dos olhos de Tana e dos de Harrison também. Ele apertou mais a mão dela.

- Querida, eu te amo mais do que a própria vida, mas se a levasse, se você estivesse disposta, isso mataria meu filho. Partiria seu coração e talvez destruísse algo

de que ele

precisa muito neste momento. Não posso fazer isso com ele. Você também não. Não acho realmente que possa.

Tana chorava abertamente e ele a tomou nos braços com os olhos marejados também. Não tinham nada para esconder ali ou em qualquer outro lugar, só na frente de Harry…

que era o melhor amigo de Tan, a quem ela amava, mas não daquele modo. Tana também não queria fazer nada que magoasse Harry, mas estava muito apaixonada por Harrison…

foi uma noite horrível, cheia de lágrimas e saudades. Ela queria dormir com ele de qualquer modo, mas Harrison não permitiu. Seria pior para ela.

- A primeira vez para você, depois daquela horrível experiência, deve ser com o homem certo.

Harrison foi carinhoso e atencioso, abraçando-a enquanto ela chorava e em determinado momento ele quase chorou também. E a semana seguinte foi a mais dolorosa da

vida de Tana, e finalmente ele voltou para Londres, e Tana sentiu-se como se tivesse sido abandonada na praia. Estava sozinha com seus estudos, com Harry novamente.

Ia ao hospital todos os dias, levava os livros e estava pálida e desanimada.

- Menina, você é um prazer para se olhar. Que diabo está acontecendo de errado? Está doente?

Estava quase doente por causa de Harrison, mas sabia que ele estava com a razão, por mais doloroso que fosse. Ambos tinham feito a coisa certa por alguém que amavam.

E agora agia impiedosamente com ele, obrigando-o a fazer o que as enfermeiras pediam, insistindo, insultando, animando, encorajando quando ele precisava. Era incansável

e dedicada além do que se poderia imaginar, e quando Harrison telefonava do outro lado do mundo, ela falava com ele e sentia o coração disparar, mas ele estava firme

na sua resolução. Fizera um sacrifício pelo filho e Tana era parte dele. Harrison não lhe dera escolha. Nem para ele mesmo, embora soubesse que jamais se livraria

do que sentia por ela. Só esperava que ela esquecesse. Tinha uma vida pela frente e, ele esperava, o homem certo.

Capítulo 11

O sol entrava no quarto onde Harry lia na cama. Já fizera uma hora na piscina e duas de terapia, e estava mais do que farto daquela rotina. Era sempre a mesma coisa,

um tédio insuportável. Olhou para o relógio, sabendo que Tana logo estará ali. Durante os quatro meses que passou no Letterman ela o visitava todos os dias, levando

pilhas de papéis, cadernos e montanhas de livros. Foi só pensar nela, a porta se abriu e ela entrou. Tinha emagrecido nos últimos meses. Estava estudando demais

e eram cansativas aquelas idas e vindas entre Berkeley e o hospital. O pai de Harry se oferecera para lhe dar um carro, mas Tana recusou-se até mesmo a considerar

o assunto.

- Oi, garoto, como está a dureza, ou a pergunta é indelicada? - Tana deu um largo sorriso e Harry riu.

- Você é repulsiva, Tan.

Mas pelo menos não se ressentia mais desse tipo de brincadeira. Cinco semanas atrás tinha transado com uma estudante de enfermagem, um tanto na base da

“criatividade”,

como disse ao seu terapeuta, mas com um pouco de imaginação aqui e ali, as coisas saíram bastante bem para os dois e Harry pouco se importava se ela estava noiva.

O amor não estava no seu pensamento e não pretendia tentar a sorte de principiante com Tan. Ela significava muito, muito para ele, como dissera a Harrison, e já

tinha muitos problemas.

- O que vai fazer hoje?

Tana suspirou e sentou-se com um sorriso cansado.

- O que faço sempre. Estudar a noite toda, entregar os trabalhos, fazer exames. Cristo, acho que não vou sobreviver a mais dois anos disto.

- Naturalmente que vai. - Harry sorriu. Ela era a luz da sua vida e, se não o visitasse todos os dias, Harry ia se sentir perdido.

- Por que tem tanta certeza?

Às vezes ela duvidava, mas não desistia Nunca. Não podia parar. Não podia desapontar Harry e não podia ser reprovada.

- Você tem mais coragem do que qualquer pessoa que conheço. Vai conseguir, Tan.

Era algo que um procurava dar ao outro agora - coragem, fé. Quando ficava deprimido, Tana gritava com ele até Harry ter vontade de chorar, mas conseguia fazer com

que ele tentasse tudo o que podia fazer, e quando ela pensava que não ia agüentar outro dia na Boalt, ele estudava com ela para os exames, a acordava depois de um

curto sono, marcava alguns dos textos nos livros para ela. Agora, subitamente, ele deu um largo sorriso.

- Além disso, direito não é tão difícil. Estive lendo algumas dessas coisas que você deixou aqui.

Tana sorriu. Era isso exatamente que queria. Mas voltou-se para ele calmamente.

- É mesmo, então por que não experimenta?

- Por que eu ia me arrebentar com isso?

- O que mais tem para fazer a não ser ficar sentado beliscando as ajudantes de enfermeiras? E quanto tempo isso vai durar? Vão pôr você para fora daqui em junho.

- Ainda não está certo. - Harry pareceu nervoso. Não tinha certeza de estar pronto para ir para casa. Casa, onde? Seu pai não parava em lugar nenhum e Harry não

podia acompanhá-lo agora, nem que quisesse. Podia ir para um hotel, naturalmente havia o apartamento no Pierre, em Nova York, mas parecia terrivelmente solitário

para ele.

- Não parece muito entusiasmado com a idéia de ir para casa.

Tana o observava. Há alguns dias Harrison havia telefonado de Genebra e falaram sobre o assunto. Harrison telefonava pelo menos uma vez por semana para saber notícias

de Harry e Tana sabia que ele ainda sentia o mesmo por ela e ela por ele, mas tinham tomado uma decisão e não voltariam atrás. Harrison Winslow não trairia o filho.

Tana compreendia.

- Não tenho uma casa para voltar, Tan.

Tana já havia pensado nisso, não seriamente, mas tinha uma idéia. Talvez estivesse na hora de sugerir a ele.

- Que tal ir morar comigo?

- Naquele quarto horrível? - Harry riu e fez uma cara de horror ao mesmo tempo. - Estar preso a uma cadeira de rodas já é ruim. Mas morar naquele pardieiro, acho

que me mataria. Além disso, onde eu ia dormir? No chão?

- Não, seu idiota. - Tana estava rindo e Harry fez uma careta horrível. - Podemos arranjar um lugar para nós dois, desde que seja um preço razoável e eu possa pagar

minha parte.

- Onde, por exemplo? - A idéia não se aprofundara ainda, mas tinha um certo encanto.

- Não sei… no Haight-Ashbury talvez?

O movimento hippie começava a se intensificar e Tana passara pelo Haight há poucos dias. Mas falava de brincadeira. Só se usasse sempre vestidos largos e floridos

e estivesse permanentemente ligada em LSD, seria possível viver lá.

- Falo sério. Podemos encontrar alguma coisa. E só procurar.

- Teria de ser no andar térreo. - Harry olhou pensativamente para a cadeira no canto do quarto.

- Sei disso. - E tenho outra idéia também. - Resolveu atacar com tudo de uma vez.

- O que é agora?

Harry recostou-se nos travesseiros e olhou para ela. Por mais difíceis que aqueles meses tivessem sido, algo especial

fora dado aos dois, e estavam mais unidos do que a dois seres humanos jamais poderia ser possível.

- Sabe de uma coisa? Você não me dá um momento de descanso. Tem sempre algum plano, alguma trama. Você me deixa exausto, Tan.

Mas não era uma queixa e ambos sabiam.

- É bom para você. Sabe disso. Naturalmente, mas ele não queria admitir.

- Então, o que foi que pensou agora?

- Que tal tentar entrar para a Boalt?

Tana conteve a respiração e Harry pareceu chocado.

- Eu? Está biruta! Que diabo eu ia fazer lá?

- Provavelmente colar, mas, fora isso, podia se arrebentar de estudar como eu estou fazendo todas as noites. Ia ter algo para fazer que não fosse ficar com o dedo

no nariz o tempo todo.

- Que imagem encantadora, meu bem. - Ameaçou-a de longe com um saco e ela riu. - Por que, em nome de Deus, eu ia me torturar na faculdade de direito? Não preciso

fazer uma cretinice dessas.

- Você seria ótimo. - Olhou para ele com ar de expectativa e Harry teve vontade de discutir, mas a verdade era que a idéia não o desagradava.

- Está tentando arruinar minha vida.

- Estou - ela sorriu. - Vai se inscrever?

- Provavelmente não vou entrar. Minhas notas nunca foram tão boas quanto as suas.

- Já perguntei. Pode se candidatar como veterano. Talvez até façam uma exceção para você. - Tana falou cautelosamente, mas Harry se aborreceu assim mesmo.

- Deixe para lá. Se você entrou, posso entrar também. E o mais estranho era que

ele agora queria. Pensou se

não desejava isso há muito tempo. Talvez se sentisse um pouco por fora vendo Tana estudar tanto, enquanto ele não fazia nada a não ser observar as mudanças dos turnos

das enfermeiras.

Na tarde seguinte Tana levou o formulário da faculdade e, depois de muito trabalho, preencheu-o e Tana já

estava procurando um lugar para os dois. Tinha de ser a coisa certa e funcional para ele.

Acabara de ver dois que poderiam servir quando sua mãe telefonou, no fim de maio. Era de tarde, uma hora estranha para Tana estar em casa, mas precisava fazer alguma

coisa no seu quarto e sabia que Harry estava bem. Uma das moças do corredor bateu na sua porta. Tana pensou que fosse Harry para saber onde ficavam os apartamentos.

Um deles era um Piedmont, e com todo o seu esnobismo, Tana tinha certeza de que ele ia gostar, mas ela precisava saber se ia poder pagar a metade. Não tinha a renda

de Harry, embora tivesse arranjado um bom emprego para aquele verão. Talvez depois disso…

- Alô? - O zumbido de interurbano e seu coração parou, pensando que fosse Harrison outra vez. Harry nunca desconfiou do que tinha acontecido entre eles, ou melhor,

do que poderia ter acontecido, nem do sacrifício que haviam feito. - Alô?

- Tana? Era Jean.

- Oh, oi, mamãe.

- Alguma coisa errada? Sua voz parecia estranha.

- Não. Pensei que fosse outra pessoa. Alguma coisa aconteceu?

Era uma hora estranha para Jean telefonar. Talvez Arthur tivesse tido outro enfarte. Ficara três meses em Palm Beach e Jean com ele. Ann, John e Billy haviam voltado

para Nova York e Jean ficara cuidando de Arthur mesmo depois que ele saiu do hospital. Há dois meses voltaram para Nova York e Jean devia andar muito ocupada pois

ultimamente Tana quase não tinha notícias dela.

- Não tinha certeza de te encontrar em casa a esta hora. - Parecia nervosa, como se não soubesse o que dizer.

- Geralmente estou no hospital, mas precisava fazer umas coisas aqui.

- Como vai seu amigo?

- Melhor. Vai sair mais ou menos daqui a um mês.

Eu estava procurando apartamento para ele.

Não tinha contado a Jean que estavam pensando em viver juntos. Para Tana era perfeitamente natural, mas não para Jean.

- Ele pode morar sozinho? - Jean parecia surpresa.

- Provavelmente, se precisar, mas não creio que precise.

- É mais prudente. - Jean nem desconfiava do que estavam falando, mas tinha outras coisas em mente. - Quero te contar uma coisa, querida.

- O que é?

Jean não sabia como Tana ia reagir, mas não podia mais ficar com evasivas.

- Arthur e eu vamos nos casar.

Jean segurou a respiração e no outro lado da linha Tana arregalou os olhos.

- Vocês vão o quê!

- Vamos nos casar… eu… ele acha que estamos ficando mais velhos… já fomos tolos por muito tempo… - Atrapalhou-se, repetindo algumas das palavras de Arthur,

corando furiosamente e ao mesmo tempo apavorada com a possível reação de Tana. Sabia que não gostava de Arthur, mas agora…

- Não foi você a tola nisso tudo, mamãe. O tolo foi ele. Devia ter se casado com você há 15 anos pelo menos. - Franziu a testa, pensando no que Jean acabava de dizer.

- É isso realmente que você quer, mamãe? Ele já não é muito moço, e está doente… assim como deixando o pior para você. - Era chocante mas verdadeiro, pois até

o enfarte Arthur nunca demonstrou intenção de se casar com ela. Não tinha pensado nisso durante anos, desde que a mulher voltara do hospital, há 16 anos, exatamente.

Mas de repente tudo mudou, e ele compreendeu a própria mortalidade. - Tem certeza?

- Tenho Tana, eu tenho.

Jean parecia subitamente muito calma. Era o que tinha esperado durante quase vinte anos, e não desistiria agora por nada, nem pela filha. Tana tinha sua vida, e

ela nada, sem Arthur. Era grata a ele por finalmente resolver se casar. Teriam uma vida fácil e confortável e Jean poderia finalmente descansar. Todos aqueles anos

de solidão e espera; será que ele vem, será que passa por aqui,

devo lavar a cabeça, e então, para prevenir… e ele não apareceu por duas semanas até a noite em que Tana teve uma gripe forte ou quando Jean se resfriou… tudo

acabado agora, e a vida verdadeira ia começar Afinal. Ela havia conquistado

cada minuto dela e ia desfrutar cada minuto agora.

- Tenho absoluta certeza.

- Tudo bem, então. - Mas Tana não parecia muito entusiasmada. - Acho que devia dizer parabéns ou coisa parecida. - Mas não tinha vontade. Parecia uma vida tediosa

e burguesa e, depois de todos aqueles anos de espera, Tana gostaria de ver a mãe mandar Arthur para o inferno. Mas era um pensamento jovem, não o de Jean. - Quando

vai ser o casamento?

- Em julho. Você vem, não vem, querida?

Jean parecia nervosa outra vez e Tana fez um gesto afirmativo no outro lado da linha. Havia mesmo planejado passar um mês em casa. Seu emprego de verão era em uma

firma de advocacia na cidade e eles tinham compreendido, ou pelo menos diziam compreender.

- Vou tentar. - Então teve uma idéia. - Harry pode ir?

- Em uma cadeira de rodas? - Jean parecia horrorizada e alguma coisa imediatamente gelou nos olhos de Tana.

- Naturalmente… Não é bem como se ele pudesse escolher.

- Bem, eu não sei… eu acharia que talvez fosse embaraçoso para ele… quero dizer, toda aquela gente e… tenho de perguntar a Arthur o que ele acha…

- Não se incomode. - As narinas de Tana se dilataram e teve vontade de estrangular alguém, especialmente Jean. - De qualquer modo não vai dar mesmo.

As lágrimas apareceram imediatamente nos olhos de Jean. Sabia o que acabava de fazer mas por que Tana tinha de ser sempre tão difícil? Era teimosa com tudo.

- Tana, não faça isso, por favor… é só que… por que

tem de arrastar Harry com você?

- Porque ele está no hospital há seis meses e não tem visto ninguém exceto a mim e pensei que talvez fosse bom para ele. Não pensou nisso? Para não mencionar o fato

de que isto não foi um acidente de carro, aconteceu quando ele estava defendendo um país miserável no qual não temos direito de estar afinal, e o mínimo que as pessoas

podem fazer por ele agora é demonstrar alguma gratidão e cortesia…

Tana estava mais do que furiosa e Jean ficou apavorada.

- Naturalmente… eu compreendo… não há motivo para que ele não venha… - E então, subitamente, mudando de assunto. - John e Ann vão ter outro filho, você sabe.

- O que isso tem a ver comigo? - Tana não entendia. Não adiantava mais falar com ela. As duas pareciam estar em mundos diferentes. Tana estava quase desistindo.

- Bem, você podia pensar nisso um destes dias. Não é mais tão jovem, querida. Está quase com 23 anos.

- Estou estudando direito. Tem uma idéia do que isso significa? O quanto eu trabalho, noite e dia? Pode imaginar como seria ridículo para mim estar pensando agora

em casamento e filhos?

- Sempre vai ser se perder tempo com ele, você sabe. Estava outra vez voltando ao assunto e Tana começou

a ficar furiosa.

- Pois está enganada. - Seus olhos estavam furiosos, mas a mãe não podia ver. - Sabe que ele ainda consegue ficar teso?

- Tana! - Jean estava chocada com a vulgaridade da filha. - Que coisa horrível de

se dizer!

- Mas era o que você queria saber, não era? Muito bem, pode ficar sossegada, mamãe, ele ainda funciona. Ouvi dizer que ele transou com uma enfermeira há alguns dias

e ela disse que foi formidável. - Sentia-se como um cão que se recusa a largar a presa e a mãe lá estava, dependurada pelo pescoço, incapaz de escapar. - Sente-se

melhor agora?

- Tana Roberts, alguma coisa aconteceu com você aí.

Na fração de um segundo Tana pensou nas horas cansativas de estudo, no amor impossível por Harrison, a dor de ver Harry voltar aleijado do Vietnã. Sua mãe tinha

razão. “Alguma coisa” tinha acontecido. Na verdade, muita coisa.

- Acho que cresci. Isso nem sempre é bonito, não é, mamãe?

- Não precisa ser feio e nem vulgar, exceto na Califórnia, eu suponho. A escola deve estar cheia de selvagens.

Tana riu. Sim, estavam em mundos diferentes.

- Acho que somos todos selvagens. Seja como for, parabéns, mamãe. - Pensou então que ela e Billy seriam agora meio-irmãos e a idéia quase a fez vomitar. Billy estaria

no casamento e isso era mais do que Tana podia agüentar. - Vou tentar chegar aí em tempo.

- Muito bem. - Jean suspirou, era cansativo falar com ela. - E traga Harry se é o que quer.

- Vou ver se ele está disposto. Quero primeiro que ele saia do hospital, e temos de nos mudar… - Tana fez uma careta percebendo o seu lapso e fez-se um silêncio

ensurdecedor no outro lado da linha. Isso era realmente demais.

- Você vai morar com ele? Tana respirou fundo.

- Vou. Harry não pode morar sozinho.

- Deixe que o pai contrate uma enfermeira. Ou eles vão pagar a você?

Jean podia ser tão agressiva quanto Tana, quando queria, mas a filha não se perturbou.

- Não. Vou dividir o aluguel com ele.

- Você está louca. O mínimo que ele pode fazer é se casar com você, mas eu impediria isso.

- Não, não impediria. - Tana estava estranhamente calma. - Não se eu quisesse me casar com ele, mas eu não quero. Portanto, descanse, mamãe… sei que é duro para

você, mas tenho de viver minha vida a meu modo. - Uma longa pausa e Tana sorriu. - Sei que não é fácil.

E então ouviu Jean chorando no outro lado.

- Não vê que está arruinando sua vida?

- Como? Ajudando um amigo? Que mal há nisso?

- Porque na próxima semana você vai acordar e estará com quarenta anos e tudo estará acabado, Tan. Terá desperdiçado sua mocidade, como eu fiz, mas pelo menos para

mim não foi desperdício total porque tinha você.

- E talvez algum dia eu tenha filhos. Mas não estou pensando nisso. Vou fazer o curso de direito para ter uma carreira e fazer da minha vida algo útil. Depois disso,

vou pensar nesse outro negócio. Como Ann.

Era uma provocação, mas muito tênue e Jean não percebeu.

- Não pode ter marido e carreira.

- Por que não? Quem disse que não posso?

- Acontece que é verdade, só isso.

- Besteira.

- Não, não é e se continuar por muito tempo com esse garoto Winslow vai acabar se casando com ele. E ele é um aleijado, você não precisa de tanto sofrimento. Procure

outra pessoa, um rapaz normal.

- Por quê? - O coração de Tana doeu por ele. - Ele também é humano. Na verdade, muito mais do que muita gente.

- Você quase não conhece outros rapazes. Nunca sai.

Graças ao seu querido enteado, mamãe. Mas, na verdade, ultimamente graças ao curso de direito. Desde o episódio com Harrison, Tana começara a se sentir de modo diferente

em relação aos homens, mais confiante e descontraída, mas até agora ninguém se comparava a ele. Harrison fora tão bom com ela. Seria maravilhoso encontrar alguém

igual. Mas não tinha tempo para sair agora. Entre suas visitas diárias ao hospital e estudar para os exames… todos se queixavam. A faculdade de direito destruía

qualquer relacionamento existente e começar algum era quase impossível.

- Espere mais uns dois anos, mamãe. Então serei advogada e vai se orgulhar de mim. Pelo menos eu espero.

Mas nenhuma das duas tinha muita certeza naquele momento.

- Só desejo uma vida normal para você.

- O que é normal? Sua vida foi normal, mamãe?

- Começou sendo. Não foi por minha culpa que seu pai morreu e tudo mudou.

- Talvez não, mas foi culpa sua ter esperado quase vinte anos para se casar com Arthur Durning. - E na verdade, se não fosse o enfarte ele não teria resolvido se

casar. - Você fez a escolha. Tenho direito à minha escolha também.

- Talvez, Tan.

Mas na verdade não compreendia a filha, nem fingia mais compreender. Ann Durning lhe parecia muito mais normal. Queria o que todas as mulheres querem, um marido,

uma casa, dois filhos, bonitas roupas e, se cometera um erro no passado, não ia repeti-lo. John tinha comprado para ela no Cartier o mais belo anel de safira e era

isso que Jean queria para Tana, mas a filha não ligava a mínima para essas coisas.

- Telefono logo, mamãe. E diga a Arthur que mando os parabéns para ele também. Ele é o felizardo, mas espero que você também seja feliz.

- Naturalmente que sim.

Mas não parecia feliz quando desligou. Tana a havia perturbado profundamente e Jean comentou com Arthur, e ele a aconselhou a ficar calma. A vida era muito curta

para permitir que os filhos nos perturbassem. Ele jamais se incomodara. E eles tinham outras coisas em que pensar. Jean ia redecorar a casa de Greenwich e ele queria

comprar um condomínio em Palm Beach, além de um pequeno apartamento na cidade. O apartamento em que Jean e Tana haviam morado durante anos ia ser desocupado. E Tana

ficou chocada quando soube disso.

- Que diabo, não tenho mais casa. - Estava chocada quando contou para Harry, mas ele não se impressionou.

- Há muitos anos que eu não tenho.

- Ela disse que sempre haverá um lugar para mim na casa deles. Pode imaginar eu passando a noite na casa de Greenwich, depois do que aconteceu lá? Tenho pesadelos

só de pensar. É isso aí.

Estava muito mais deprimida do que demonstrou e sabia que o casamento com Arthur era o que Jean desejava, mas de certo modo Tana achava tudo aquilo deprimente.

Era tão definitivamente classe média, tão tedioso e burguês, dizia para si mesma, mas o que a perturbava realmente era o fato de Jean continuar aos pés de Arthur

depois de todo aquele abuso que tinha agüentado durante anos. Mas quando disse isso para Harry, ele se aborreceu.

- Sabe, você está ficando muito radical e isso me preocupa, Tan.

- Já considerou o fato de que você é um pouco mais do que direitista? - Começou a ficar irritada.

- Talvez eu seja, mas não há nada de errado com isso. Acredito em certas coisas, Tan, e não são coisas radicais, e não são esquerdistas, e não são revolucionárias,

mas eu acho que são boas.

- Acho que você está cheio de conversa fiada. - Falou com certa veemência, mas já haviam discutido o Vietnã várias vezes. - Como pode defender o que aqueles cretinos

estão fazendo lá?

Tana levantou-se de um salto, Harry olhou para ela fixamente e fez-se silêncio no quarto.

- Porque eu fui um deles, por isso.

- Não, não foi. Você não passou de um joguete. Não entende isso, seu bobão de merda? Eles usaram você para uma guerra que não devíamos estar fazendo num lugar que

não devíamos estar.

A voz dele estava ameaçadoramente calma.

- Talvez eu ache que devíamos.

- Como pode dizer uma bobagem dessas? Veja o que aconteceu com você!

- Essa é a questão principal. - Inclinou-se para a frente na cama como se quisesse estrangular Tana. - Se não defender isso… se não acreditar no motivo de ter

estado lá, então para que serviu tudo isto afinal? - Seus olhos se encheram de lágrimas e ele continuou: - O que significa esta droga toda, Tan? Para que dei a eles

minhas pernas se não acredito neles? Diga! - Harry estava gritando e podia ser ouvido até o fim do corredor. - Tenho de acreditar neles, não tenho? Porque se não

acreditar, se acreditar no que você acredita, então tudo não passou de

uma farsa. Teria sido melhor ser atropelado por um trem em Dês Moines…

Virou o rosto e começou a chorar abertamente e Tana sentiu-se péssima. Então, Harry voltou-se para ela, ainda furioso.

- Agora, dê o fora do meu quarto, sua radical cretina e insensível!

Tana saiu e chorou até chegar na faculdade. Sabia que ele estava certo - para ele. - Harry não podia se dar ao luxo de pensar como Tana pensava, porém, desde que

ele voltara do Vietnã uma revolta começara a se formar dentro dela, uma espécie de fúria que nada podia apaziguar, e possivelmente nunca mais a deixaria. Falara

sobre isso com Harrison por telefone e ele atribuiu à fase da juventude, mas Tana sabia que não era só isso, era algo mais. Estava furiosa com todo o mundo porque

Harry ficara aleijado e se as pessoas estavam dispostas a correr outros riscos políticos, expor suas cabeças… Que diabo, o presidente dos Estados Unidos fora morto

há um ano e meio, como não viam o que estava acontecendo, não entendiam o que precisavam fazer… mas Tana não queria magoar Harry com tudo isso. Telefonou para

pedir desculpas mas ele não quis falar com ela. E pela primeira vez naqueles seis meses e meio, desde que ele chegara ao Letterman, Tana não o viu por três dias.

E quando afinal voltou ao hospital, enfiou um ramo de oliveira pela porta entreaberta e entrou timidamente.

- O que você quer? - Olhou zangado para ela e Tana sorriu hesitante.

- Na verdade, o aluguel.

Harry tentou evitar o sorriso. Não estava mais zangado com ela. Muito bem, Tana estava se tornando uma radical maluca. E daí? Afinal, Berkeley era isso mesmo. Ela

ia ultrapassar a fase. E estava muito mais interessado no que ela acabava de dizer.

- Encontrou o lugar?

- Pode crer. - Deu um largo sorriso. - É no Channing Way, uma casinha com dois quartos, sala e kitchenette. Térrea, portanto você vai ter de se comportar ou pedir

às suas amigas para não gritar muito - riram e Harry parecia feliz com a notícia. - Você vai adorar!

Tana bateu palmas e descreveu a casa em detalhe, e naquele fim de semana o médico permitiu que ela o levasse para ver. A última cirurgia fora feita há seis semanas;

a terapia ia bem. Já fizeram tudo o que podiam por ele. Estava na hora de ir para casa. Tana e Harry assinaram o contrato de locação assim que ele viu a casa. O

proprietário aparentemente não se impressionou com o fato de terem sobrenomes diferentes e nenhum dos dois tentou explicar. Tana e Harry trocaram um aperto de mão,

felizes, e ela o levou de volta ao Letterman. Mudaram-se duas semanas depois. Harry precisava providenciar transporte para as sessões de terapias mas Tana se ofereceu

para levá-lo. E na semana seguinte aos exames de Tana, ele recebeu uma carta da Boalt dando os parabéns por ter sido aceito na faculdade. Quando Tana chegou em casa

ele estava na cadeira de rodas com as lágrimas escorrendo pelo rosto.

- Eles me aceitaram, Tana… e a culpa é toda sua…

Abraçaram-se e beijaram-se, e Harry nunca a amou tanto como naquele momento. E Tana só pensou que ele era seu amigo mais querido e naquela noite fez um jantar e

ele abriu uma garrafa de Dom Perignon.

- Onde conseguiu isso? - Ela estava impressionada.

- Estou guardando há algum tempo.

- Para quê?

Harry estava guardando o champanhe para outra ocasião, mas resolveu que muita coisa boa tinha acontecido em um dia que merecia comemoração.

- Para você, sua boba.

Tana era maravilhosamente obtusa no que se referia aos sentimentos dele. Mas amava isso nela também. Estava tão ocupada com os estudos e os exames, mais o emprego

de verão e as idéias políticas que nem via o que estava

acontecendo na frente do nariz, pelo menos no que se referia a ele, mas era porque não estava pronta ainda. Harry continuava dando tempo ao tempo, com medo de perdêla.

- É boa à beça.

Tomou um grande gole de champanhe e sorriu para ele, parecendo alta, feliz e descontraída. Os dois gostavam muito da casa e tudo estava funcionando com perfeição,

então Tana lembrou que precisava perguntar alguma coisa. Tinha pensado em perguntar antes, mas com a mudança e tudo o mais, esqueceu.

- Escute, a propósito, detesto pedir… sei que vai ser uma chatice… mas…

- Oh, Jesus, o que é agora? Primeiro ela me obriga a entrar para a faculdade de direito e depois só Deus sabe que outras torturas tem em mente… - Fez uma cara

de pavor, mas Tana parecia sinceramente preocupada.

- Pior do que isso. Minha mãe vai se casar daqui a duas semanas. - Já contara a ele, mas não tinha pedido para acompanhá-la ao casamento. - Quer ir comigo?

- Ao casamento de sua mãe? - Harry ficou surpreso e colocou o copo na mesa. - Acha que seria apropriado?

- Não sei por que não. - Hesitou e depois continuou, os olhos imensos muito abertos. - Preciso de você lá.

- Suponho que o encantador enteado da sua mãe vai estar por perto.

- Provavelmente. E o negócio todo é demais para mim. A filha bem casada com um filho e outro a caminho, Arthur fingindo que ele e minha mãe se apaixonaram na semana

anterior.

- É isso que ele está dizendo? - Harry parecia divertido e Tana ergueu os ombros.

- Provavelmente. Não sei. Tudo isso é duro demais para mim. Não é o meu cenário.

Harry pensou no assunto, com os olhos baixos. Ainda não tinha saído e estava pensando em ir à Europa encontrarse com o pai. Podia fazer uma parada no caminho…

olhou para ela. Não negaria coisa alguma no mundo a Tana depois do que ela fizera por ele.

- Naturalmente, Tan, não é problema.

- Não vai achar muito chato?

Tana parecia extremamente agradecida e ele riu.

- Naturalmente que sim, mas você também acha. Pelo menos podemos rir juntos.

- Estou feliz por ela… só que… não sei mais fazer esses jogos hipócritas.

- Trate de se comportar quando estivermos lá. Podemos ir de avião e vou para a Europa logo depois. Pensei em me encontrar com papai no sul da França.

Era bom ouvir Harry falando assim outra vez. Era espantoso pensar que há um ano ele estava falando em só se divertir pelo resto da vida e agora, graças a Deus, ia

se divertir outra vez, pelo menos durante um mês ou dois, antes de começar a estudar no outono.

- Não sei como deixei que me convencesse.

Mas os dois estavam satisfeitos. Tudo estava funcionando perfeitamente. Dividiam os trabalhos da casa. Tana fazia as coisas que Harry não podia, e era espantoso

ver quanta coisa ele fazia. Tudo, desde lavar pratos até arrumar camas, embora quase tivesse se estrangulado tentando usar o aspirador de pó e agora esse trabalho

era de Tana. Estavam vivendo confortavelmente. Tana ia começar seu emprego de verão. Naquele verão de 65 a vida parecia maravilhosa para os dois, e Harry conquistou

duas aeromoças no vôo para Nova York em julho e Tana, ao lado dele, ria, adorando cada minuto e agradecendo a Deus por Harry Winslow IV estar vivo.

Capítulo 12

O casamento foi simples e bonito. Jean estava com um vestido de chiffon cinzento e comprara um azul-pastel para Tana, para o caso de a filha não ter tempo de fazer

compras. Não era o tipo de vestido que Tana teria escolhido e ficou horrorizada quando viu o preço na etiqueta. Jean o comprara em Bergdorfs e naturalmente era presente

de Arthur, portanto Tana não podia dizer nada.

Só a família estava presente à cerimónia, mas Tana insistiu em levar Harry, para aborrecimento dele, desde que chegaram da cidade na mesma limusine. Tana estava

com ele no Pierre. Insistiu com a mãe que ele não podia ficar sozinho. Ficou aliviada ao saber que Jean e Arthur viajariam no dia seguinte em lua-de-mel, pois assim

Harry não precisava ficar mais tempo em Nova York. Não aceitaria ficar na casa de Greenwich e ia sair de Nova York assim que Harry embarcasse para a Europa. Ele

ia para Nice se encontrar com Harrison em Saint-Jean-Cap-Ferrat, e Tana voltaria para San Francisco para seu emprego de verão. Jean e Arthur estavam ameaçando visitá-la

no outono. Sua mãe olhava fixamente para Harry cada vez que falava nisso, como esperando que ele desaparecesse no outono, e finalmente Tana não pôde deixar de rir.

- É mesmo um horror, não é?

Mas o pior foi Billy, que conseguiu se aproximar dela durante a tarde, meio bêbado, fazendo comentários sobre

o fato de ser uma pena seu amigo não conseguir ficar teso, dizendo que teria prazer em ajudá-la sempre que ela quisesse, pois lembrava que ela era uma transa regular,

mas quando Tana pensou em dar um soco na cara dele, um punho fechado passou por ela, acertou o queixo de Billy e ele cambaleou para trás até se estatelar no gramado.

Tana voltou-se e viu Harry com um largo sorriso atrás dela, na cadeira de rodas. Com um único golpe tinha posto Billy fora de circulação e estava extremamente satisfeito.

- Sabe, tive vontade de fazer isso um ano atrás.

Sorriram, mas Jean ficou escandalizada com o comportamento dos dois. E logo que lhes foi possível, Tana e Harry entraram na limusine e voltaram para Nova York. Antes

disso houve uma despedida chorosa entre mãe e filha. Pelo menos, Jean chorou e Tana estava tensa. Arthur a beijou no rosto dizendo que era sua filha agora e que

não ia mais precisar de bolsas de estudo. Mas Tana disse que não podia aceitar aquele presente e não via a hora de se livrar de todos eles, especialmente da grudenta

e muito grávida Ann, com sua voz esganiçada, suas jóias ostentosas e seu marido chato, que passou a tarde toda tentando conquistar outra mulher.

- Jesus, como podem viver daquele jeito? - disse Tana furiosa, no carro, e Harry bateu de leve no joelho dela.

- Ora, ora, algum dia vai acontecer a mesma coisa com você, garotinha.

- Ora, foda-se, Harry.

Ele riu e voltaram para o Pierre. Os dois iam viajar no dia seguinte e naquela noite Harry a levou ao 21. Todos pareciam satisfeitos por vê-lo de volta, embora sentidos

por estar na cadeira de rodas. E pelos velhos tempos, beberam champanhe demais e quando chegaram ao hotel estavam bêbados. O bastante para que Harry fizesse o que

havia prometido a si mesmo não fazer por mais um ou dois anos. Estavam na segunda garrafa de Roederer, e na verdade tinham bebido o dia todo, quando Harry voltou-se

para ela e, levantando delicadamente o queixo de Tana, beijou seus lábios.

- Sabe que eu sempre estive apaixonado por você? A princípio Tana ficou chocada, mas de repente teve

vontade de chorar.

- Está brincando.

- Não, não estou.

Sua mãe estava certa? E Harrison também?

- Mas isso é ridículo. Você não me ama. Nunca me amou. - Olhou para ele procurando fixar os olhos.

- Oh, sim, eu te amo. Sempre te amei.

Tana continuou olhando e Harry segurou a mão dela.

- Quer se casar comigo, Tan?

- Você está louco. - Tirou a mão da dele, ficou de pé e subitamente seus olhos se encheram de lágrimas. Não queria que Harry a amasse assim. Queria que fossem amigos

para sempre, apenas amigos, nada mais do que isso. E ele estava estragando tudo. - Por que está dizendo isso?

- Não pode me amar, Tan?

Agora era ele que estava com vontade de chorar e Tana estava mais sóbria do que nunca.

- Não quero estragar o que temos… é precioso demais para mim. Preciso muito de você.

- Também preciso de você. É esse justamente o caso. Se nos casarmos poderemos ficar juntos para sempre.

Mas Tana não podia se casar com ele… amava Harrison ainda… tudo aquilo era loucura… tudo… Tana soluçou a noite inteira em sua cama e Harry nem se deitou.

Estava à espera dela quando Tana saiu do quarto na manhã seguinte, pálida e cansada, com olheiras profundas. Significava tudo para ele. Podia viver sem se casar

com ela, mas não poderia suportar perdêla.

- Sinto muito o que aconteceu na noite passada, Tan.

- Eu também. - Sentou-se ao lado dele na grande sala de estar. - E como ficamos agora?

- Vamos atribuir a uma noite de bebedeira. Foi um dia cansativo para nós dois… o casamento da sua mãe… minha primeira ocasião social na cadeira de rodas… nada

importante… Podemos esquecer. Tenho certeza.

Estava rezando para que ela concordasse mas lentamente Tana balançou a cabeça e o coração de Harry se apertou.

- O que aconteceu conosco? Você realmente… sempre esteve apaixonado por mim durante todos estes anos?

Ele a encarou com franqueza.

- Parte do tempo. Às vezes eu detesto você.

Os dois riram e Tana sentiu algo do que havia compartilhado antes. Passou os braços pelo pescoço dele.

- Eu sempre vou te amar, Harry, sempre.

- Era só o que eu queria saber.

Harry sentiu que teria chorado se não se controlasse, mas logo pediram serviço de quarto, riram, brincaram tentando desesperadamente recuperar a descontração de

antes, e quando viu o avião dele levantar vôo naquela tarde, Tana estava com os olhos cheios de lágrimas. Nunca mais seria como antes, mas continuariam unidos. Trabalhariam

para isso. Ambos tinham investido muito naquela amizade para deixar que qualquer coisa a destruísse.

Quando Harry chegou a Cap Ferrat, no carro com motorista mandado por Harrison, o pai atravessou o gramado correndo para ajudar o filho a descer e o instalou na cadeira,

segurando-o pelos braços e olhando fixamente para ele.

- Está bem, filho?

Algo nos olhos de Harrison o deixou preocupado.

- Mais ou menos.

Parecia cansado. Fora uma longa viagem, dois dias longos e dessa vez não tinha brincado com as aeromoças. Pensara em Tana enquanto voava para a França. Ela seria

sempre seu grande primeiro amor, a mulher que o trouxera de volta à vida. Sentimentos como esse não podiam ser perdidos, e se ela não queria se casar com ele…

Harry não tinha escolha. Devia aceitar. Via nos olhos de Tana que ela não o amava como ele queria. E por mais doloroso que fosse, tinha de aceitar. Mas não ia ser

fácil. Esperara tanto para dizer o que sentia. E tudo estava acabado agora. Nunca ia acontecer para eles. Essa idéia fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas

e Harrison segurou os ombros do filho com suas mãos fortes.

- Como vai Tana? - Harrison apressou-se a perguntar e por um momento viu Harry hesitar e instintivamente compreendeu. Harry tinha tentado e perdera. O coração de

Harrison se apertou.

- Tana está bem… - tentou sorrir - … mas difícil. Sorriu e Harrison compreendeu imediatamente. Sabia

que tinha de acontecer aquilo algum dia.

- Ah, entendo…

Sorriu vendo Harry olhar interessado para uma mulher bonita que atravessava o gramado e que por um instante afastou Tana do seu pensamento. Então, os olhos dos dois

homens se encontraram e Harry sorriu levemente.

- Você vai se recuperar disso, filho.

Por um momento Harry sentiu outra vez uma constrição na garganta mas então, com uma risada breve, murmurou, quase para si mesmo!

- Vou tentar.

Capítulo 13

No outono Harry voltou da Europa bronzeado de sol, feliz e descansado.

Estivera com o pai em Mónaco, Itália, Madri por alguns dias, Paris, Nova York. Era a vida

agitada outra vez, a vida da qual se sentira tão excluído quando garoto e que agora tinha um lugar reservado para ele. Lindas mulheres, moças adoráveis, festas,

concertos, reuniões e eventos sociais. Na verdade estava cansado de tudo aquilo quando finalmente tomou o avião em Nova York para o oeste. Tana foi esperá-lo no

aeroporto de Oakland, tão segura de si quanto antes. Estava saudável e queimada de sol, o cabelo louro esvoaçando ao vento, tinha adorado o emprego de verão, passado

alguns dias em Malibu com companheiros de trabalho e estava falando em ir ao México nos feriados, e quando as aulas começaram estavam constantemente juntos, mas

separados. Tana o deixava na biblioteca sempre, mas tinham aulas diferentes. Ela parecia estar começando a fazer novas amizades. Com Harry fora do hospital tinha

mais tempo livre e os sobreviventes do triturado primeiro ano da faculdade pareciam muito unidos agora. Era um relacionamento mais saudável do que antes e quando

chegou perto do Natal Tana sempre via Harry na escola com a mesma garota, uma lourinha bonita da Austrália, chamada Averil. Parecia a sombra de Harry. Estava fazendo

o curso de graduação em arte, mas parecia mais interessada em acompanhar Harry por toda a parte, e ele não fazia

objeção. Tana tentou agir com naturalidade na primeira vez que Averil saiu do quarto de Harry numa tarde de sábado e então os três riram nervosamente.

- Isso significa que vocês dois estão me expulsando? - perguntou com um riso nervoso.

- Que diabo, claro que não, sua boba. Tem lugar para nós três.

E assim, no fim do seu primeiro ano na faculdade, Averil estava morando com eles. Era na verdade uma garota adorável, ajudava no serviço da casa, era alegre, agradável,

prestativa, tão doce que às vezes deixava Tana nervosa, especialmente na época dos exames, mas de um modo geral, o arranjo funcionou com perfeição. Averil naquele

verão foi à Europa com Harry para conhecer Harrison e Tana trabalhou na mesma firma de advocacia do verão anterior. Prometera à mãe ir a Nova York, mas procurava

uma desculpa para não ir, e quando Arthur teve outro enfarte, sem gravidade dessa vez, foi liberada da promessa porque Jean o levou para descansar no lago George

prometendo visitar Tana no outono. Mas Tana sabia o que isso significava. Arthur e Jean tinham estado em San Francisco no outono do ano anterior e foi um verdadeiro

pesadelo. Jean ficou “revoltada” com a casa que eles compartilhavam, “chocada” porque ela e Harry viviam ainda sob o mesmo teto, e seria muito pior quando descobrisse

que haviam adicionado outra garota. Tana riu com a idéia. Ela não tinha mesmo jeito, e o único consolo era que Ann tinha se divorciado outra vez, embora não por

culpa dela, naturalmente. Na verdade, John tivera a ousadia de abandoná-la e estava tendo um caso abertamente com a melhor amiga dela. Portanto, nada mais era perfeito

e completo nesses dias… pobre Ann… Tana sorriu.

Tana adorou passar o verão sozinha aquele ano. Gostava de Harry e de Averil, mas a pressão era tanta, além dos estudos, que era bom ficar sozinha uma vez ou outra.

E ultimamente ela e Harry estavam sempre brigando por causa de política. Ele continuava a defender a guerra no Vietnã e Tana quase enlouquecia quando falavam no

assunto, com Averil tentando desesperadamente manter a paz. Mas Harry e Tana se conheciam há muito tempo. Depois de seis anos não sentiam mais necessidade de serem

delicados um com o outro e a linguagem que usavam fazia Averil se encolher, embora soubesse que Harry jamais falaria assim com ela. Averil era muito mais dócil do

que Tana. Tana vivera sozinha por muito tempo. Com 24 anos era forte e destemida, segura das suas opiniões. Seu passo era largo e confiante e seus olhos não fugiam

a nada e a ninguém. Interessava-se por tudo que a rodeava, definida em suas idéias e corajosa o bastante para expô-las para qualquer pessoa. Isso às vezes criava

problemas, mas ela não se importava. Gostava das discussões provocadas por suas atitudes. E quando fez a matrícula naquele ano - aleluia, o último, pensou com um

grande sorriso - certo dia encontrou-se no meio de uma conversa prolongada em uma das lanchonetes. Havia umas oito ou nove pessoas falando animadamente sobre o

Vietnã, como sempre, e Tana entrou imediatamente na discussão, como sempre fazia. Era o assunto que mais a interessava, por causa de Harry, naturalmente, não importando

o que ele achava, Tana tinha suas idéias e de qualquer modo ele não estava presente. Devia estar com Averil em algum lugar, dando uma trepadinha rápida antes da

aula, como Tana costumava dizer. Os dois pareciam passar a maior parte do tempo na cama, desafiando a “criatividade” de Harry, que não parecia ter nenhum problema.

Mas Tana naquele dia estava profundamente interessada nas ideologias sobre o Vietnã e não pensava em Harry mas ficou surpresa por encontrar ao seu lado alguém mais

radical do que ela. Ele tinha uma farta cabeleira negra e crespa numa desordem quase agressiva, estava de sandálias, bluejeans, uma camiseta turquesa, tinha estranhos

e elétricos olhos azuis e um sorriso que a atingiu profundamente. Quando se levantou cada músculo parecia desenhado sob a carne e tudo nele tinha uma estranha aura

sensual. Tana sentiu uma vontade quase irreprimível de estender a mão e tocar no braço dele que estava tão perto. - Você mora por aqui?

Tana balançou a cabeça num gesto negativo.

- Não me lembro de ter visto você antes.

- Geralmente fico na biblioteca. Direito, terceiro ano.

- Puxa. - Ele parecia impressionado. - É duro.

- Você?

- Mestrado em ciência política, o que mais podia ser?

Eles riram. Era uma boa escolha e ele a levou até a biblioteca e Tana o viu se afastar com pena. Gostava das idéias dele e o achava extremamente belo e imediatamente

adivinhou que Harry não ia gostar do rapaz. Harry estava com umas idéias muito quadradas ultimamente, muito mais por causa da companhia de Averil. Era algo que Tana

reconhecia nos dois e não a incomodava. Harry podia ter deixado samambaias crescer em sua cabeça ou chifres e Tana continuaria a gostar dele. Era seu irmão e Averil

uma parte dele, portanto ela aceitava. Geralmente evitava discutir política com

eles. Facilitava muito as coisas.

Alguns dias mais tarde viu seu novo conhecido fazendo um discurso no compus sobre os mesmos assuntos que haviam discutido. Foi um confronto apaixonado e brilhante

da mente e Tana disse isso a ele quando se encontraram mais tarde. Agora sabia que o nome dele era Yael McBee. Um nome engraçado, mas ele não era um homem engraçado.

Era brilhante e intenso e sua fúria parecia se estender como um chicote atingindo aqueles que ele queria atingir. Tana admirou a habilidade dele para se dirigir

à multidão e naquele outono ouviu muitos dos seus discursos antes de Yael a convidar para jantar. Cada um pagou o seu, e depois foram para o apartamento dele para

conversar. Cerca de 12 pessoas moravam lá, alguns dormindo em colchões no chão e não tinha nada da ordem e da limpeza da casa que Tana compartilhava com Harry e

Averil. Na verdade, ficaria embaraçada se levasse Yael à sua casa. Era muito burguesa, muito suave, quase estranha para ele. E Tana gostava de ir ao apartamento

dele. De qualquer modo, ultimamente não se sentia muito à vontade em casa. Averil e Harry estavam sempre transando ou se escondendo, entrando no quarto e fechando

a porta. Tana perguntava a si mesma como

ele conseguia estudar, mas sabia que estudava pelas notas que via, surpreendentemente boas. Mas era mais divertido estar com Yael e seus amigos, e quando Harry viajou

para a Suíça nos feriados de Natal e Averil para a casa dos pais, Tana finalmente convidou Yael para visitá-la. E foi estranho vê-lo ali na casa tão arrumada, com

seus amigos barulhentos. Yael estava com um pulôver de gola alta verde-escuro Qjeans muito usadas. Botas militares de combate, embora tivesse passado um

ano na cadeia

por se recusar a ir para o Vietnã. Eles o mandaram para uma prisão no sudoeste e depois de um ano foi solto em condicional.

- Isso é incrível!

Tana estava encantada e admirada com ele, com seus olhos notáveis, quase rasputinescos, sua coragem de se opor a todas as correntes imagináveis. Havia algo de atraente

no homem e não se admirava que tivesse se deixado fascinar pelo comunismo quando era garoto. Tudo nele era estranho e fora do comum, e quando na véspera de Natal

ele a tomou nos braços e fez amor com ela, Tana achou estranho também. Só uma vez teve de tirar da mente a lembrança de Harrison Winslow. E de certo modo ele a havia

preparado para isso. Não que tivesse qualquer coisa em comum com Yael McBee. Yael conseguiu libertar o desejo de Tana de um modo que ela jamais julgara ser possível,

atingindo-a profundamente, em tudo o que ela queria e tinha negado a si própria durante tanto tempo. Ele atingiu a alma de Tana e dela retirou uma paixão e um desejo

insuspeitados até então, e deu-lhe algo que jamais sonhou que algum homem poderia dar, até sentir que estava completamente dependente de tudo o que ele podia lhe

dar. Quando Harry e Averil voltaram, Tana era quase uma escrava de Yael e geralmente dormia no apartamento dele, em um colchão no chão, encolhida, sentindo frio

até que o contato da mão dele a aquecia e a vida se tornava exótica e tropical; havia tonalidades brilhantes por toda parte. Não podia viver sem ele agora e, depois

do jantar, sentavam-se na sala de estar com os outros, falando sobre política e

fumando maconha, e Tana subitamente sentiu-se como uma mulher

adulta, uma mulher completamente desabrochada, vivendo perigosamente aos pés do seu homem.

- Onde diabo você anda o tempo todo, Tan? A gente não se vê mais. - Perguntou Harry.

- Tenho muito que fazer na biblioteca para os exames.

Faltavam cinco meses para o término do curso e os exames finais e depois, o foro, e isso de certo modo a deixava em pânico, mas na verdade passava a maior parte

do tempo com Yael e ainda não tinha falado sobre ele com Harry ou Averil. Não sabia o que dizer. Eles viviam em mundos tão diferentes que era impossível imaginá-los

no mesmo lugar, na mesma casa, na mesma faculdade.

- Está tendo um romance ou coisa parecida, Tan?

Harry começava a ficar desconfiado, não só por causa das ausências dela. Tana estava estranha, quase alheia, olhos esgazeados como se tivesse entrado para alguma

seita indiana ou como se estivesse fumando maconha o tempo todo. Mas só na Páscoa ele a viu com Yael e então ficou horrorizado. Esperou por ela depois das aulas

e foi como um pai furioso que a censurou.

- Que diabo está fazendo com aquele verme? Sabe quem é ele?

- Naturalmente que sei… eu o conheço há um ano… - Tana sabia que Harry não ia entender e disse isso a ele.

- Sabe que fama esse cara tem? É um radical violento, um comunista, um desordeiro do pior tipo. Eu vi quando foi preso no ano passado, e me disseram que já cumpriu

pena antes disso… pelo amor de Deus, Tana, acorde!

- Seu bobalhão fodido!

Estavam gritando do lado de fora da biblioteca principal e uma vez ou outra alguém olhava, mas ninguém estava se importando muito.

- Ele cumpriu pena por fugir à convocação, o que para você deve ser pior do que assassinato, mas que para mim não é.

- Sei muito bem disso. Mas acho melhor tomar conta da sua pele, do contrário não vai ter de se preocupar em fazer a prova de foro em junho. Ele vai fazer com que

seja

presa e expulsa da faculdade tão depressa que sua cabeça vai redemoinhar.

- Você não sabe do que está falando!

Mas na semana seguinte, depois dos feriados de Páscoa, Yael organizou um enorme comício na frente do prédio da administração e duas dúzias de alunos foram presos.

- Está vendo o que eu disse?

Harry não perdeu tempo em voltar ao assunto e mais uma vez Tana saiu de casa batendo a porta. Harry não estava entendendo nada. Acima de tudo, não entendia o que

Yael significava para ela. Felizmente Yael não fora preso e Tana ficou com ele naquela semana. Tudo nele a excitava. Cada sentido tomava vida quando ele entrava,

e as coisas estavam ficando muito interessantes no apartamento dele naqueles dias. Todos pareciam cada vez mais excitados nos preparativos das passeatas marcadas

para o fim do ano letivo, mas Tana estava tão preocupada com os exames que muitas vezes ficava em casa para estudar. E foi num desses dias que Harry tentou falar

com ela, calmo desta vez, apavorado com a idéia de que alguma coisa pudesse acontecer com ela, e faria tudo para evitar antes que fosse tarde demais.

- Por favor, Tan, escute… ouça o que estou dizendo… você vai se meter em encrenca com ele… está apaixonada por ele?

A idéia parecia terrível, não porque ele ainda a amasse, mas porque achava que era um destino cruel para ela. Harry detestava o cara, Yael era um grosseiro, provocador,

egoísta e selvagem, e nos últimos seis meses ouvira muita coisa a respeito dele.

O cara era violento e mais cedo ou mais tarde ia haver muita encrenca com ele. Harry

não queria que ele puxasse Tana para baixo quando ele caísse. E havia muita probabilidade disso acontecer. Se Tana permitisse. Ao que parecia, ia permitir. Estava

cegamente apaixonada pelo homem. Até a política de Yael a excitava e só em pensar nisso Harry ficava doente.

Ela insistiu em dizer que não estava apaixonada, mas Harry sabia que não era tão simples assim para ela, Yael

era o primeiro homem a quem se entregara voluntariamente depois de tantos anos de castidade que sem dúvida prejudicavam sua capacidade para julgar. Harry sabia

que se o homem certo, ou o homem errado, como nesse caso, conseguisse excitá-la como Tana jamais experimentara, ela seria presa fácil e era exatamente o que estava

acontecendo. Estava fascinada por Yael e por seu modo de vida e seus amigos não ortodoxos. E por algo que nunca vira antes: Yael tocava o corpo dela como se fosse

um violino. Era uma combinação difícil de ser derrotada. E então, pouco antes dos exames finais, seis meses depois de ter conhecido Yael, ele resolveu tomar o caso

nas mãos e pôr Tana à prova.

- Vou precisar de você na semana que vem, Tan.

- Para quê? - Tana olhou distraída sobre o ombro. Precisava ler mais duzentas páginas naquela noite.

- Só uma reunião, uma espécie… - Falou vagamente, fumando seu quinto baseado da noite. Geralmente a maconha não o afetava, mas estava muito cansado.

- Que tipo de reunião?

- Queremos enfatizar alguns fatos com as pessoas que realmente contam.

Ela sorriu.

- Quem são?

- Acho que está na hora de levarmos as coisas diretamente ao governo. Vamos à casa do prefeito.

- Cristo, vão ser presos na certa. - Mas não parecia muito preocupada. Estava acostumada, embora nunca tivesse sido presa com ele, todos os outros já tiveram a experiência.

- E daí? - Yael estava tranqüilo.

- Se eu estiver com você, for presa e ninguém pagar minha fiança, vou perder os exames.

- Oh, por favor, Tan e daí? Afinal, o que você vai ser? Uma advogadazinha de nada para defender a sociedade do jeito que ela está? Cretinice. É preciso primeiro

acabar com o que existe e só então começar a trabalhar. Pode esperar mais um ano para prestar seus exames, Tan. Isto é mais importante.

Tana olhou para ele horrorizada com o que acabava de ouvir. Se podia dizer uma coisa dessas então não a entendia nem um pouco. Quem era esse homem?

- Yael, você sabe o duro que eu dei para conseguir isto?

- Não compreende o quanto é vazio de significado? Era a primeira discussão e Yael a pressionou durante

dias, mas no fim Tana não foi. Voltou para casa para estudar, e, quando viu o noticiário naquela noite, seus olhos quase saltaram. A casa do prefeito sofrera um

atentado a bomba e dois dos seus filhos quase foram mortos. Na verdade,

estavam bem, mas todo um lado da casa fora destruído, sua mulher ficou gravemente queimada

em conseqüência de uma das bombas. “E um grupo estudantil radical da U.C. Berkeley reivindicava o crédito pelo atentado.” Sete estudantes foram presos sob acusação

de tentativa de homicídio, assalto, porte de armas e muitas outras coisas, e entre eles, Yael McBee… e se Tana tivesse dado ouvidos a ele, pensou com as pernas

bambas, toda a sua vida estaria terminada… não apenas a faculdade de direito, mas sua liberdade por muitos, muitos anos. Com uma palidez mortal ela os viu serem

recolhidos à radiopatrulha, na televisão, e Harry, observando-a, não disse nada. Depois de algum tempo Tana se levantou e olhou para ele, agradecendo o seu silêncio.

Em uma fração de segundo, tudo o que sentira por Yael explodiu em nada, como uma das suas bombas.

- Ele queria que eu fosse com ele esta noite, Harry… - começou a chorar. - Você estava certo.

Tana sentiu-se mal. Ele quase destruíra sua vida e ela estava completamente enfeitiçada. Afinal, com o quê? Uma trepada? Devia estar muito doente. Sentia-se mal

só em pensar. Nunca chegara a compreender o quanto eles estavam comprometidos com seus ideais e agora se apavorava por tê-los conhecido. Temia ser chamada para depor.

E afinal ela foi, mas não deu em nada. Tana era uma estudante que tinha dormido com Yael McBee. Não era a única. Fez os exames. Passou. Ofereceram a ela um emprego

no escritório do promotor, como advogada de acusação, e sua vida adulta começou então. Os dias das idéias radicais passaram com sua vida de estudante e com a casa

que compartilhava

com Harry e Averil. Alugou um apartamento em San Francisco e lentamente começou a fazer as malas. Tudo parecia de repente tão doloroso, tudo terminado, acabado.

- Você é a própria imagem da alegria. - Harry entrou lentamente com a cadeira no quarto dela, quando Tana acabava de colocar outra pilha de livros de direito em

uma caixa. - Acho que tenho de te chamar agora de Madame Promotora.

Tana sorriu e olhou para ele. Ainda estava chocada com o caso Yael McBee, e com o que quase tinha acontecido com ela. E deprimida ainda com a lembrança do que sentira

por ele. Então tudo começava a parecer irreal. Eles ainda não tinham ido a julgamento, mas sabia que Yael e os amigos seriam afastados por muitíssimo tempo.

- Sinto como se estivesse fugindo de casa.

- Pode voltar quando quiser, você sabe, estaremos aqui.

E de repente ele pareceu embaraçado. Tana riu. Eles se conheciam há muito tempo e não podiam esconder nada um do outro.

- O que significa essa cara? Que travessura está arquitetando?

- Eu? Nada.

- Harry… - Avançou ameaçadoramente para ele e Harry afastou a cadeira, rindo.

- Honestamente, Tan… oh, merda!

Ele bateu com a cadeira na mesa de trabalho, e Tana pôs as mãos no pescoço dele. Cada dia mais se parecia com o pai e Tana às vezes ainda sentia saudades de Harrison.

Teria sido muito mais saudável um caso com ele do que com Yael McBee.

- Está bem… está bem… Ave e eu vamos nos casar. Por um momento Tana ficou chocada. Ann Durning

acabava de se casar pela terceira vez com um grande produtor de cinema em Los Angeles. Ele dera de presente de

casamento um Rolls Royce e um anel de brilhante de vinte quilates, como Jean contara. Mas isso era coisa que gente como Ann Durning fazia. Nunca lhe passara pela

cabeça a possibilidade de Harry se casar.

- Vão mesmo? Ele sorriu.

- Achei que depois de todo esse tempo… Ela é uma garota fantástica, Tan…

- Eu sei disso, seu bobo. - Tana deu um largo sorriso. - Também morei com ela. Só que parece uma coisa tão de gente adulta. - Os três tinham 25 anos mas Tana não

se sentia preparada ainda para o casamento e perguntava a si mesma se eles estariam. Talvez tivessem tido mais sexo, pensou divertida, e então sorriu para Harry

e inclinou-se para beijar o rosto dele. - Parabéns. Quando?

- Em breve.

Então notou algo diferente nos olhos dele, um misto de embaraço e orgulho.

- Harry Winslow… não vai me dizer que… não… Tana estava rindo e Harry corando por uma das poucas vezes em sua vida.

- Sim, é isso. Ela está grávida.

- Oh, puxa vida. - Então parou de rir subitamente. - Vocês não precisam se casar, sabem disso. Ela está obrigando você?

Harry riu e Tana pensou que nunca o vira tão feliz em toda a sua vida.

- Não. Eu a estou forçando. Eu disse que vou matá-la se tirar o bebê. É nosso

filho e eu quero, e ela também quer.

- Meu Deus. - Tana caiu sentada na cama. - Casamento e filho. Jesus, vocês não perdem tempo.

- De jeito nenhum.

Harry estava a ponto de estourar de orgulho e sua futura noiva entrou no quarto com um sorriso encabulado.

- Harry está contando o que eu penso que ele é?

Tana fez um gesto afirmativo e observou os olhos deles. Havia algo tão cheio de paz e satisfação. Imaginou como seria sentir-se assim e por um momento quase os invejou.

- Ele fala demais.

Averil inclinou-se, beijouo na boca e Harry deu uma palmadinha de leve nas nádegas dela e um pouco depois saiu do quarto. Iam se casar na Austrália, onde morava

a família de Averil, e Tana foi convidada para o casamento. Depois disso, pretendiam voltar para a casa em Berkeley, mas Harry estava procurando uma outra casa em

Piedmont para morar até o fim do curso. Estava na hora do dinheiro dos Winslow ser usado. Queria que Averil morasse bem. E naquela noite, mais tarde, ele disse para

Tana:

- Sabe, se não fosse por você, Tana, eu não estaria aqui. - Dissera isso para Averil mais de cem vezes naquele ano e acreditava de todo o coração.

- Não é verdade, Harry, e você sabe. Conseguiu sozinho.

Ele segurou o braço de Tana.

- Não teria feito nada sem você. Reconheça o crédito como seu, Tana. O

hospital, o curso de direito, tudo… nem teria conhecido Ave…

Tana sorriu suavemente, comovida.

- E o bebê, obra minha também?

- Oh, sua boba…

Puxou de leve o longo cabelo louro de Tana e voltou para sua futura mulher que dormia na cama onde seu filho fora concebido. A “criatividade” dera resultado e naquela

noite, antes de dormir, Tana sorriu satisfeita. Estava feliz por ele, pelos dois. Mas de repente sentiu-se sozinha. Tinha vivido com Harry durante dois anos, com

Averil um ano, seria estranho morar sozinha agora, sem eles, e os dois teriam sua vida… tudo parecia tão estranho… por que todo mundo queria se casar… Harry…

sua mãe… Ann… qual era a mágica em tudo isso? Tudo o que havia desejado era se formar em direito e quando teve um caso com alguém foi com um desequilibrado que

estava na cadeia para o resto da vida… tudo muito estranho, pensou antes de adormecer… não tinha as respostas, nem naquele momento nem quando se mudou.

Tana alugou um apartamento pequeno e agradável em

Pacific Heights, com vista para a baía, e levava 15 minutos de casa até a prefeitura no carro de segunda mão que tinha comprado. Estava tentando economizar para

ir ao casamento de Harry e Averil, mas Harry insistiu em lhe dar a passagem de presente. O casamento foi antes de Tana começar no seu novo emprego e ela só pôde

ficar em Sydney quatro dias. Averil parecia uma bonequinha com o vestido de organza branca e a gravidez não aparecia ainda. Seus pais não sabiam que um bebê já estava

a caminho e Tana chegou até a esquecer o fato. Esqueceu tudo quando viu Harrison caminhando para ela outra vez.

- Como vai, Tan? - Beijou o rosto dela carinhosamente e Tana pensou que ia derreter.

E estava como sempre, encantador, sofisticado, atencioso mas o romance interrompido há tanto tempo não estava destinado a reviver. Conversaram durante horas e uma

noite deram um longo passeio. Harrison achou Tana diferente, mais crescida, mas para ele seria sempre a amiga de Harry e sabia que, de qualquer modo, para Harry,

Tana sempre seria sua e Harrison ainda respeitava isso.

Levou-a ao aeroporto. Harry e Averil já tinham partido para a viagem de núpcias. Harrison a beijou como no passado e cada pedaço da alma de Tana voltou-se para ele.

Entrou no avião chorando e as aeromoças não a incomodaram, pensando, intrigadas, quem seria aquele homem tão bonito. Namorado, marido? E elas olhavam para Tana com

curiosidade. Uma loura alta e bonita, com um costume simples de linho bege, movimentos seguros, cabeça orgulhosamente erguida. Mas o que elas não sabiam era que

Tana estava sentindo-se assustada e sozinha. Tudo aquilo para que estava voltando seria novo outra vez. Novo emprego, nova casa e ninguém com quem compartilhar.

Subitamente compreendeu por que pessoas como Ann Durning e sua mãe se casavam. Era mais seguro do que estar lá fora sozinha, porém, era a única vida que Tana conhecia.

E o avião a levava para casa.

Terceira Parte

A VIDA REAL

Capítulo 14

O apartamento de Tana tinha uma bonita vista para a baía e um jardinzinho nos fundos. Era de um quarto pequeno, sala, cozinha com parede de tijolos e uma pequena

janela francesa que dava para o jardim, onde ela se sentava às vezes para tomar sol. Sem pensar, tinha procurado um apartamento térreo, assim, quando Harry a visitasse,

não teria problema com a cadeira. E sentia-se bem no apartamento. Ficou surpresa com a rapidez com que se adaptou. No princípio Harry e Averil a visitavam com freqüência,

também sentiam falta dela, e Tana ficou surpresa com a rapidez com que Averil engordou. Parecia um balãozinho e tudo aquilo era desconhecido para Tana. Sua vida

se movia em outro mundo. O mundo da promotoria pública, de assassinatos, roubos e estupros. Tana só pensava nessas coisas o dia todo e a idéia de ter filhos parecia

a uma distância de anosluz, e sua mãe informou que Ann Durning estava grávida outra vez. Não que Tana se importasse. Tudo aquilo estava muito longe no passado.

Notícias sobre os Durning não tinham nenhum efeito sobre ela, a própria Jean já sabia disso mas não estava conformada. O último choque para ela foi o casamento de

Harry com aquela outra moça. Pobre Tana, tomou conta dele durante todos aqueles anos e ele se casou com outra.

- Que sujeira.

Tana assustou-se com as palavras da mãe mas depois

começou a rir. Era tão engraçado. Jean na verdade nunca acreditou que eram somente amigos.

- Naturalmente que não é. São perfeitos um para o outro.

- Mas você não se importa? - O que havia de errado com todos eles? O que pensavam nesses dias? Tana estava com 25 anos, quando ia pensar em arrumar a vida?

- Sabe que não me importo. Eu lhe disse há muitos anos, mamãe. Harry e eu somos apenas amigos. Os melhores amigos. E estou muito contente por eles.

Esperou um tempo razoável para falar do bebé, em outro telefonema.

- E você, Tan? Quando vai começar a pensar em arrumar sua vida?

Tana suspirou. Que idéia.

- Você não desiste nunca, mamãe?

- Já pensou nisso, na sua idade? Que idéia deprimente.

- Naturalmente que não. Nem comecei a pensar. Estava acabando de sair do seu caso com Yael McBee,

a última pessoa no mundo com quem poderia pensar em arrumar a vida e agora com o novo emprego não tinha tempo para pensar em romance. Estava ocupada demais aprendendo

a ser assistente do promotor público. Só depois de seis meses teve tempo para sair com alguém. Um investigador da promotoria a convidou e Tana aceitou porque ele

era interessante, mas nada mais. Depois disso, saiu com dois ou três advogados, mas sua mente estava sempre no trabalho e em fevereiro teve seu primeiro caso importante

no tribunal, com cobertura da imprensa nacional. Era como se todos os olhos estivessem voltados para ela e estava ansiosa para se sair bem. O caso era de violentação

e assassinato. A vítima, uma menina de 15 anos atraída a uma casa abandonada pelo amante da mãe. Fora violentada nove ou dez vezes, segundo a testemunha, horrivelmente

desfigurada e assassinada. Tana queria a câmara de gás para o assassino. Era um caso que falava de perto ao seu coração, embora ninguém soubesse disso, e Tana trabalhou

incansavelmente preparando o caso, estudando e reestudando as testemunhas e as provas todas as noites. O acusado era um homem atraente de 35 anos, educado, bem vestido,

e a defesa tentava usar todos os meios ao seu alcance. Tana trabalhou até duas horas todas as noites. Era quase como a defesa de tese outra vez.

- Como vão as coisas, Tan? - Perguntou Harry no telefone, tarde da noite.

Tana olhou para o relógio, surpresa por ele estar ainda acordado quase às três horas da manhã.

- Tudo bem. Aconteceu alguma coisa? Averil está bem?

- Está ótima. - Tana tinha a impressão de ver o sorriso dele. - Acabamos de ter um menino, Tan. Quatro quilos e cem gramas, e Averil é a garota mais corajosa do

mundo… eu assisti, Tana, foi tão bonito… a cabecinha apareceu e lá estava ele olhando para mim. Deram primeiro para mim… - Harry estava quase sem fôlego e

parecia chorar e rir ao mesmo tempo. - Ave está dormindo agora e pensei em telefonar para você. Estava acordada?

- Naturalmente que sim. Oh, Harry, estou tão feliz por vocês dois! - Estava com os olhos cheios de lágrimas e convidou Harry para um drinque.

Cinco minutos mais tarde ele chegou. Parecia cansado, mas o homem mais feliz do mundo. E Tana sentiu a mais estranha emoção olhando para ele, ouvindo-o contar tudo,

como se se tratasse da primeira criança nascida na terra e como se Averil fosse um milagre. Tana quase os invejou e ao mesmo tempo sentiu um vazio terrível em sua

alma, como se uma parte dela não estivesse ali, quase como se tivesse sido deixada de fora. Era como ouvir uma língua estrangeira, admirando tremendamente a pessoa

mas sem entender uma palavra do que dizia. Estava completamente no escuro, mas achava tudo aquilo maravilhoso para eles.

Harry saiu depois das cinco horas da manhã e Tana dormiu menos de duas horas antes de se levantar e sair para o tribunal e para seu grande caso. O julgamento arrastouse

por mais de três semanas e o júri esteve fora durante nove dias, depois de Tana ter apresentado seu argumento heroicamente. E quando finalmente voltou, Tana

tinha vencido. O acusado foi considerado culpado de todas as acusações e embora o juiz não tivesse sentenciado a pena capital, foi condenado à prisão perpétua e,

bem no fundo, Tana ficou satisfeita. Queria que ele pagasse pelo que tinha feito, embora o fato de ir para a prisão não restitua a vida à garota.

Os jornais comentaram que o caso foi apresentado brilhantemente pela promotoria e Harry brincou com ela a respeito, quando Tana foi visitar o bebê em Piedmont, chamando-a

de Madame Tiro Certeiro, e atormentando-a por muito tempo.

- Está bem, está bem, chega. Deixe-me ver esse prodígio que você produziu em lugar de me aborrecer.

Tana estava preparada para algo extremamente tedioso mas ficou surpresa por descobrir que o bebê era um encanto. Tudo pequenino e perfeito e ela hesitou quando Averil

tentou dá-lo para segurar no colo.

- Oh, meu Deus… tenho medo de partir o bebê em dois…

- Não seja boba.

Harry apanhou o bebê dos braços da mãe e o colocou no colo de Tana e ela ficou ali sentada, olhando para ele, admirada com tanta beleza, e, quando o devolveu, sentiu

como se estivesse perdendo alguma coisa e olhou para os dois quase com inveja, tanto que, quando ela saiu, Harry disse vitorioso para Averil:

- Acho que nós a pegamos, Ave.

E na verdade, Tana pensou muito neles naquela noite, mas na semana seguinte estava com outro grande caso de estupro nas mãos e dois casos de assassinato depois.

Afinal Harry telefonou vitorioso. Não só tinha passado na defesa de tese, como lhe ofereceram um emprego, e ele mal podia esperar para começar.

- Quem empregou você? - Tana estava feliz por ele. Harry tinha trabalhado duro.

Ele riu.

- Não vai acreditar, Tan. Vou trabalhar para o defensor público.

- No escritório do defensor público? - Ela riu também. - Quer dizer que meus casos serão julgados contra você.

Foram almoçar juntos para comemorar e só falaram do trabalho. Casamento e bebês eram as últimas coisas na mente de Tana. E antes que percebesse, o resto do ano tinha

passado e outro ia começar, com os casos de assassinatos e estupros, assaltos e outros crimes. Só uma ou duas vezes trabalhou no mesmo caso que Harry, mas almoçavam

juntos sempre que podiam e ele já estava no escritório do defensor público há dois anos quando contou a ela que Averil estava grávida outra vez.

- Tão cedo? - Tana estava surpresa. Parecia que Harrison Winslow V acabara de nascer, mas Harry sorriu.

- Ele vai fazer dois anos no mês que vem, Tan.

- Oh, meu Deus, será possível?

Tana não via muito o garoto, mas mesmo assim parecia impossível. Ia fazer dois anos. Era incrível. E ela, Tana, estava com 28, o que na verdade não parecia tão notável,

a não ser pelo fato de tudo ter passado tão depressa. Parecia que tinha sido ontem que estudara em Green Hill com Sharon Blake e dera longos passeios com ela em

Yolan. Ontem ainda Sharon estava viva e Harry podia dançar…

Averil teve uma menina, com um rostinho miúdo e rosado, boca perfeita e olhos enormes e amendoados. Parecia extremamente com o avô e Tana sentiu o velho aperto

no coração quando olhou para ela, mas também dessa vez não tinha a impressão de que se tratava de algo que desejaria fazer. Disse isso para Harry quando foram almoçar

na semana seguinte.

- Por que não, pelo amor de Deus? Você tem só 29 anos, ou pelo menos terá dentro de três meses. - Olhou muito sério para ela. - Não perca tudo isso, Tan. Para mim

foi a única coisa importante que já fiz, a única coisa que realmente me importa… meus filhos e minha mulher.

Tana ficou chocada. Pensou que a carreira devia ser mais importante e ficou mais espantada ainda quando soube que ele tinha deixado o emprego no escritório do defensor

para abrir um escritório particular.

- Está falando sério? Por quê?

- Porque não gosto de trabalhar para os outros e estou cansado de defender aqueles vagabundos. Todos eles fizeram tudo o que garantem não terem feito, pelo menos

a maioria deles, e estou cheio disso. Está na hora de mudar. Estava pensando em fazer sociedade com outro advogado que conheço.

- Não vai ser tediante para você? Lei civil comum? Do modo que Tana falou parecia uma doença e Harry

riu, balançando a cabeça.

- Não. Não preciso de tanta excitação quanto você, Tan. Não poderia dirigir as cruzadas que você dirige todos os dias. Admiro você por isso, mas ficarei completamente

feliz com um pequeno escritório, Averil e as crianças.

Harry jamais tivera altas ambições e estava feliz assim. Tana quase o invejava por isso. Havia algo mais profundo e mais faminto que ardia dentro dela. Era o que

Míriam Blake vira há dez anos, e ainda estava lá. Exigia casos mais difíceis, condenações isentas de qualquer dúvida, maiores desafios o tempo todo. Ficou extremamente

lisonjeada quando, no ano seguinte, fez parte de um grupo de advogados que debateram com o governador uma série de problemas relacionados com os processos criminais

do estado. Eram meia dúzia de advogados, todos homens exceto Tana, dois de Los Angeles, dois de San Francisco, um de Sacramento e um de San José, e foi uma das semanas

mais interessantes da sua vida. Cada dia era um novo desafio. Os advogados, juizes e políticos estendiam as conferências noite adentro, e quando Tana se deitava

finalmente, estava tão excitada com o que tinha sido discutido que levava duas horas para dormir. Ficava acordada, revendo tudo.

- Interessante, não é? - Disse o advogado ao lado dela, no segundo dia, em voz baixa, enquanto ouviam o governador falar sobre um problema que Tana discutira com

alguém na noite anterior. - Ele estava tomando exatamente a posição que Tana defendia e teve vontade de se levantar e aplaudir.

- Sim, muito interessante - respondeu também em voz baixa.

Era um dos advogados de Los Angeles. Alto, atraente e com cabelos grisalhos. No dia seguinte estavam sentados lado a lado no almoço e Tana surpreendeu-se ao descobrir

o quanto ele era liberal. Era um homem interessante, originário de Nova York, formado pela faculdade de direito de Harvard e morando agora em Los Angeles.

- Na verdade, nos últimos anos tenho estado em Washington, trabalhando para o governo, mas acabo de voltar para o oeste e estou satisfeito.

Ele sorriu. Era um sorriso franco e caloroso, e Tana gostou das idéias dele quando conversaram novamente naquela noite e no fim de semana, todos sentiam-se como

amigos. Foram dias fascinantes de trocas de idéias.

Ele estava hospedado no Huntington. E ofereceu a Tana um drinque no L'Etoile antes de sair da cidade. De todos os presentes, Tana e o advogado de Los Angeles tinham

maior número de idéias em comum, e ela achou que fora um ótimo companheiro em todos os debates que participaram. Era um trabalhador incansável e tinha uma atitude

profissional e agradável a maior parte do tempo.

- Você gosta de trabalhar no escritório do promotor público?

Aquilo o intrigava. Geralmente as mulheres que conhecia não gostavam daquele tipo de trabalho. Preferiam a vara de família ou outros aspectos da lei, mas promotoras

eram raras, por razões óbvias. Era um trabalho realmente duro e ninguém facilitava as coisas para elas.

- Eu adoro - Tana sorriu. - Não sobra muito tempo para mim, mas tudo bem. - Sorriu novamente e passou a mão pelo cabelo. Ainda o usava longo mas quando trabalhava

fazia um coque. Passara a usar costumes e blusas quando ia para o tribunal, mas em casa ainda eram os jeans. Naquele dia estava com um costume de flanela cinzenta,

com blusa de seda cinza-pérola.

- Casada? - Ele ergueu uma sobrancelha, olhou para a mão dela e Tana sorriu.

- Sem tempo pra isso também.

Houvera muitos homens em sua vida recentemente, mas nunca duravam muito. Tana os ignorava durante semanas, preparando julgamentos, e nunca tinha tempo suficiente

para eles. A falta não a preocupava muito, embora Harry insistisse em dizer que algum dia ia se arrepender. “Então faço alguma coisa.” “Quando? Quando tiver 95 anos?”

- O que você fazia para o governo, Drew? Chamava-se Drew Lands e tinha os olhos mais azuis

que ela já vira. Gostava do seu modo de sorrir, tentou imaginar quantos anos teria e adivinhou calculando mais ou menos 45.

- Fui designado para o departamento de comércio por algum tempo. Substituindo alguém que tinha morrido até arranjarem substituto permanente.

Sorriu para ela e Tana mais uma vez pensou que gostava do jeito dele, muito mais do que tinha gostado de alguém há muito tempo.

- Por algum tempo foi interessante. Há algo de incrivelmente estimulante em Washington. Tudo se desenvolve em volta do governo e das pessoas que trabalham para ele.

Quem não trabalha para o governo não é ninguém em Washington. E a sensação de poder é irresistível. É só o que importa lá, para todos. - Sorriu e era fácil perceber

que fora parte do que estava descrevendo.

- Deve ter sido difícil desistir. - Estava interessada e mais de uma vez perguntara a si mesma se gostaria de se envolver na política, mas achava que não combinava

tanto com ela como a advocacia.

- Estava na hora. Fiquei feliz por voltar para Los Angeles. - Outra vez o sorriso descontraído e ele pôs o copo de scotch na mesa, olhando para ela. - Quase parece

o lar outra vez. E você, Tana? O que é lar para você? É de San Francisco?

Ela balançou a cabeça.

- Nova York. Mas estou aqui desde que comecei a estudar na Boalt. - Oito anos desde que deixara Nova York e isso também parecia incrível. Desde 1964. - Agora, não

posso imaginar a vida em outro lugar… nem em fazer outra coisa…

Tana gostava do escritório do promotor público mais do que qualquer outra coisa. Sentia-se sempre estimulada com o trabalho e se aperfeiçoara um bocado naqueles

cinco anos. E aí estava outra vez… cinco anos como assistente do promotor público. Era tão difícil de acreditar quanto o resto… para onde vai o tempo quando

a pessoa está trabalhando? De repente a gente acorda e dez anos se

passaram… dez anos… ou cinco… ou um… depois de algum tempo, tudo parecia a mesma coisa.

Dez anos pareciam uma eternidade.

- Ficou muito séria de repente. - Ele a estava observando e trocaram um sorriso.

Tana ergueu os ombros filosoficamente.

- Estava pensando em como o tempo voa. É difícil acreditar que já estou aqui há tantos anos… e no escritório do promotor há cinco.

- Era o que eu sentia por Washington. Os três anos pareciam mais três semanas, e de repente estava na hora de voltar para casa.

- Acha que vai voltar algum dia?

Ele sorriu e Tana não soube explicar o que havia na expressão dos seus olhos.

- Por algum tempo pelo menos. Minhas filhas ainda estão lá. Não quis tirálas da escola no meio do ano letivo, e minha mulher e eu ainda não resolvemos onde elas

vão morar. Provavelmente metade do ano em cada lugar. É a única situação justa para nós, embora possa ser difícil para elas, no começo. Mas crianças se adaptam.

- Sorriu para Tana. Evidentemente acabava de se divorciar.

- Que idade elas têm?

- Treze e nove. Duas meninas. São maravilhosas e muito apegadas a Eileen, mas também a mim, e sentem-se i realmente muito mais felizes em Los Angeles do que em

Washington. A vida lá não é ideal para crianças e ela está sempre ocupada.

- O que ela faz?

- É assistente do embaixador na O.E.A. e na verdade está de olho em um cargo de embaixador. Isso tornaria impossível deixar as crianças com ela, assim ficarão

comigo.

Mas tudo está ainda muito no ar. - Sorriu outra vez, mas com alguma hesitação.

- Há quanto tempo estão divorciados?

- Na verdade, estamos nos divorciando. Não tivemos pressa em decidir enquanto estávamos em Washington, mas agora é definitivo. Vou entrar com os papéis logo que

as coisas se acalmarem. Mal desfiz as malas ainda.

Tana sorriu para ele, pensando como devia ter sido difícil, as filhas, a mulher, uma viagem de quase cinco mil quilómetros, de Washington para Los Angeles. Mas não

parecia ter abalado seu estilo. Na conferência tinha demonstrado muita eficiência e calma. Dos seis advogados presentes, Drew fora quem mais a havia impressionado.

Tana se impressionou também com a lógica do pensamento liberal dele. Desde sua experiência com Yael McBee, cinco anos atrás, seu liberalismo estava um tanto refreado.

E os cinco anos no escritório do promotor a faziam menos liberal a cada hora. De um dia para outro começou a defender leis mais severas, controles mais eficientes

e todas as idéias liberais que havia defendido por tanto tempo não faziam mais sentido mas, de certa forma, Drew Lands as estava fazendo mais condescendentes outra

vez, e mesmo que as posições reais não a agradassem, Drew não alienava ninguém expressando seus pontos de vista.

- Acho que você se saiu muito bem.

Drew ficou lisonjeado e tomaram outro drinque antes dele deixá-la de táxi na frente do seu apartamento, seguindo para o aeroporto a fim de tomar o avião para Los

Angeles.

- Posso telefonar de vez em quando? Perguntou com certa hesitação, como se pensasse que

poderia haver alguém importante na vida dela, mas no momento não havia. No ano anterior saíra com o criativo diretor de uma agência durante seis meses, mas desde

então não estava saindo com ninguém. Ele era muito ocupado

e ela também, e o caso terminou tranquilamente como havia começado. Tana começou a dizer que estava casada com o trabalho, e que era a “outra esposa” do promotor,

o que fazia seus companheiros de trabalho rirem. Drew olhou para ela na expectativa e Tana assentiu com um sorriso.

- Naturalmente, eu vou gostar.

Só Deus sabia quando ele ia estar na cidade de novo. E Tana tinha um importante caso de assassinato que tomaria dois meses pelo menos.

Mas para seu espanto ele telefonou no dia seguinte quando ela estava no escritório tomando café e redigindo as notas para a minuta da sua abordagem do caso. A imprensa

ia estar presente e não queria fazer papel de tola. Estava pensando no caso e nada mais quando atendeu o telefone e disse com voz apressada:

- Sim?

- A senhorita Roberts, por favor. - Drew nunca se surpreendia com a grosseria das pessoas que trabalhavam para o promotor público.

- Sou eu. - De repente a voz de Tana se alegrou. Estava morta de cansaço, meio atordoada. Eram quase cinco horas e não tinha saído do escritório durante o dia inteiro.

Nem para almoçar. Desde o jantar da véspera não comia nada, a não ser

toneladas de café.

- Não parecia você. - A voz dele era quase uma carícia e Tana se sobressaltou, imaginando se seria um trote.

- Quem está falando?

- Drew Lands.

- Cristo… desculpe… Estava tão absorvida no trabalho que não reconheci sua voz. Como vai?

- Bem. Achei que devia telefonar para saber como você está indo. Muito mais importante.

- Preparando um grande caso de assassinato que vai a julgamento na próxima semana.

- Parece divertido. - Os dois riram com a ironia.

- E o que faz no tempo livre?

- Trabalho.

- Foi o que pensei. Não sabe que faz mal à saúde?

- Vou ter de pensar nisso quando me aposentar. Por enquanto não tenho tempo.

- Que tal este fim de semana? Pode tirar uma folga?

- Não sei… eu… - Geralmente trabalhava nos fins de semana, especialmente agora. E a conferência tinha lhe custado duas semanas que deviam ter sido dedicadas

à preparação do caso. - Na verdade eu devia…

- Ora vamos, pode tirar algumas horas de folga. Pensei em pedir emprestado o iate de um amigo no Belvedere. Pode até trazer seu trabalho, embora seja um sacrilégio.

Mas estavam no fim de outubro e o tempo seria perfeito para uma tarde na baía,

quente e ensolarada com céu azul e brilhante. Era a melhor época do ano, e San Francisco

um verdadeiro lirismo. Tana quase se sentiu tentada a aceitar, mas não queria deixar o trabalho por fazer.

- Na verdade preciso preparar…

- Jantar então…? Almoço…?

E então, de repente, os dois riram. Há muito tempo ninguém insistia tanto e era lisonjeiro.

- Eu gostaria muito, Drew.

- Então faça. E prometo, não vou tomar seu tempo mais do que o necessário. O que é mais fácil para você?

- Aquele passeio na baía me pareceu muito bom. Eu podia até esquecer o trabalho por um dia. - A idéia de tentar ler papéis importantes lutando contra a brisa não

era muito interessante, mas o passeio com Drew Lands era.

- Estarei aí, então. Que tal domingo?

- Ideal para mim.

- Apanho você às nove. Leve agasalho para o caso de esfriar.

- Sim, senhor.

Tana sorriu e desligou, voltando ao trabalho, e às nove em ponto na manhã de domingo Drew Lands chegou, comjeans branca, tênis, uma camisa vermelho-vivo e um casaco

amarelo no braço. Seu rosto já estava bronzeado,

o cabelo brilhava como prata ao sol e os olhos azuis dançavam quando entraram no carro. Era o Porsche prateado com o qual fora de Los Angeles para San Francisco

na sextafeira à noite, explicou, mas, cumprindo o prometido, não a tinha procurado antes de domingo. Foram até o Iate Clube Saint Francis onde o barco estava ancorado

e meia hora depois estavam na baía. Drew era um ótimo marinheiro e tinham um piloto a bordo. Tana deitou-se no convés, absorvendo o sol, tentando não pensar no seu

caso de assassinato e satisfeita por ter se deixado convencer a fazer aquele passeio.

- O sol está gostoso, não está? - A voz dele era profunda e sentou-se ao lado dela.

- Está. E de repente todo o resto parece sem importância. Todas as coisas que sempre procuramos, todos os detalhes que nos parecem monumentais, de repente puf…

desaparecem.

Tana sorriu, imaginando se ele sentia muita falta das filhas e Drew aparentemente leu seu pensamento.

- Quero que conheça minhas filhas um dia destes, Tana. Elas vão ficar loucas por você.

- Não tenho tanta certeza. - Hesitou e sorriu timidamente. - Não tenho muita prática com crianças, eu acho.

O olhar de Drew era apreciativo, não acusador.

- Já quis ter filhos?

Era o tipo de homem com que se podia ser honesta e Tana balançou a cabeça.

- Não, nunca. Nem o desejo nem tenho tempo - sorriu descontraidamente então - nem o homem certo na minha vida, para não falar nas circunstâncias certas.

Drew riu.

- Isso explica tudo, não é mesmo?

- É. E você? - Tana estava se sentindo à vontade e feliz com ele. - Quer mais?

Drew balançou a cabeça e Tana teve a certeza de que era o tipo de homem que ela ia querer algum dia. Tinha trinta anos, tarde demais para ter filhos agora. De qualquer

modo, não tinha nada em comum com crianças.

- De qualquer modo, não posso, a não ser que tenha muito trabalho. Quando Julie nasceu, Eileen e eu resolvemos que era o bastante para nós. Fiz uma vasectomia.

Falou com tanta naturalidade que Tana ficou chocada. Mas o que havia de errado em não querer mais filhos? Ela não queria e não tinha nenhum.

- Isso resolve o problema, não acha?

- Resolve - ele sorriu com malícia - de mais de um

modo.

Então Tana falou de Harry, dos seus filhos, de Averil… e de quando ele voltou do Vietnã, aquele ano incrível vendo-o lutar pela vida e ser submetido a todas aquelas

operações, e da coragem dele.

- Mudou minha vida de muitos modos. Acho que depois daquilo nunca mais fui a mesma… - Olhou para a água pensativamente e Drew observou a luz do sol dançando nos

cabelos louros - …foi como se as coisas adquirissem nova importância. Tudo. Como se não pudesse mais ter nada como garantido. - Suspirou e olhou para ele.- Eu

me senti assim em outra ocasião também, antes.

- Quando foi isso?

Os olhos de Drew eram carinhosos e Tana imaginou como seria ser beijada por ele.

- Quando minha amiga de quarto na escola morreu. Estudávamos em Green Hill, no sul - explicou séria e ele sorriu.

- Eu sei onde fica.

- Oh! - Tana retribuiu o sorriso. - Ela era Sharon Blake… filha de Freeman Blake, e morreu em uma passeata com Martin Luther King nove anos atrás… Ela e Harry

mudaram minha vida mais do que qualquer outra pessoa.

- Você é uma garota muito séria, não é?

- Muito, eu acho. Talvez a palavra certa seja “intensa”. Trabalho demais, penso demais. A maior parte do tempo acho difícil me libertar disso.

Drew tinha notado, mas não se importava. Sua mulher era assim também e isso nunca o incomodou. A idéia do divórcio não partira dele. Ela quis. Estava tendo um caso

com o patrão em Washington e queria “uma folga”, como ela disse, assim Drew fez a vontade dela e voltou para Los Angeles, mas não queria entrar em detalhes sobre

o caso.

- Já viveu com alguém? Quero dizer, romanticamente, não com seu amigo veterano do Vietnã.

Era estranho ouvir falar assim de Harry, de modo tão impessoal.

- Não. Nunca tive esse tipo de relacionamento.

- Provavelmente ia ser muito bom para você. Relacionamento íntimo sem compromissos.

- Parece ideal.

- Para mim também. - Drew ficou pensativo outra vez e depois sorriu para ela quase com timidez. - É uma pena que não moramos na mesma cidade.

Uma coisa estranha para dizer em tão pouco tempo, mas tudo acontecia rapidamente com ele. Afinal ficou provado que Drew era tão intenso quanto Tana. Na semana seguinte

voou de Los Angeles duas vezes para jantar com ela e na outra semana foram velejar outra vez, embora Tana já estivesse completamente absorvida pelo caso de assassinato

e ansiosa para que tudo saísse bem. Mas na verdade Drew a acalmava, facilitando as coisas para ela, o que não deixava de surpreender Tana. E depois do segundo dia

na baía no barco do amigo de Drew ele a levou para casa e fizeram amor na frente da lareira da sala. Foi terno, romântico e muito doce, depois preparou o jantar.

Passou a noite no apartamento dela e para surpresa de Tana, não a atrapalhou em nada. Drew levantou às seis horas, tomou banho de chuveiro, vestiu-se, levou o café

na cama para ela e às 7:15h foi de táxi para o aeroporto. Tomou o avião das

8h para Los Angeles e às 9:25h estava no escritório descansado e bem disposto. E depois de algumas semanas tinha estabelecido um programa de viagens, quase sem pedir

a opinião dela, mas aconteceu com tanta facilidade e levou tanta felicidade à vida de Tana que teve a impressão de que tudo à sua volta tinha melhorado. Ele foi

duas vezes ao tribunal assistir o julgamento do caso que ela ganhou afinal.

Drew estava presente quando foi dada a sentença e saíram para comemorar. Deu a ela uma linda pulseira de ouro comprada naquele dia no Tiffany de Los Angeles e naquele

fim de semana ela foi a Los Angeles para visitá-lo. Jantaram na sexta e no

sábado no Bistro e na Ma Maison, passaram os dias fazendo compras em Rodeo Drive ou na

piscina, e, na noite de domingo, depois de um jantar tranqüilo feito por ele na sua churrasqueira, Tana tomou o avião para San Francisco sozinha. Pensou nele durante

toda a viagem de volta, em como tinha se envolvido em tão pouco tempo, e a idéia era um tanto assustadora, mas ele parecia tão seguro, tão ansioso para estabelecer

um relacionamento entre os dois. Pensou também na solidão. A casa dele era espetacular, moderna, arejada, repleta de objetos caros de arte moderna, com dois quartos

reservados para as filhas. Mas não havia ninguém lá e Drew parecia desejar estar com ela o tempo todo. No fim de semana de Ação de Graças Tana já estava acostumada

com o fato de Drew passar a metade da semana com ela em San Francisco e depois de quase dois meses isso já não parecia estranho. Na semana antes dos feriados ele

disse:

- O que vai fazer na semana que vem, querida?

- Para o dia de Ação de Graças?

A pergunta a tomou de surpresa. Na verdade nem tinha pensado. Tinha três casos de pequena importância que queria encerrar, se os acusados consentissem em fazer um

acordo. Simplificaria as coisas para ela e na verdade não valia a pena levar nenhum deles a julgamento.

- Não sei. Não tinha pensado nisso.

Há anos não ia a Nova York para o dia de Ação de Graças. Os dias com Arthur e Jean eram absolutamente insuportáveis. Ann tinha se divorciado outra vez há

alguns

anos e morava em Greenwich agora tomando conta dos filhos endiabrados. Billy ia e vinha quando não tinha nada melhor para fazer. Estava solteiro ainda. Arthur estava

mais rabugento com a idade, sua mãe mais nervosa e parecia estar sempre se lamentando, especialmente porque Tana ainda não tinha se casado e provavelmente nunca

mais se casaria. “Uma vida

desperdiçada”, era sua frase preferida e repetida quando estavam juntas, e Tana respondia “Obrigada, mamãe”. A alternativa era passar o dia de Ação de Graças com

Averil e Harry, mas por mais que gostasse deles, seus amigos de Piedmont eram extremamente chatos, com seus três filhos pequenos e suas imensas caminhonetas. Tana

sempre se sentia completamente deslocada com eles e infinitamente satisfeita por sentir-se assim. Não entendia como Harry tolerava aquela vida. Certa vez Tana e

Harrison tinham comentado o fato com bom humor. Ele também não suportava aquele tédio e raramente visitava o filho. Sabia que Harry estava feliz, bem tratado e não

precisava dele, portanto continuava com sua vida.

- Quer ir a Nova York comigo? - Drew olhou para ela esperançosamente.

- Fala sério? Por quê? - Tana estava surpresa. O que era Nova York para ele? Seus pais estavam mortos e as filhas em Washington.

- Bem - Drew tinha pensado em tudo com antecedência - podia visitar a sua família, eu podia parar em Washington para ver as meninas e depois nos encontraríamos em

Nova York. Talvez eu até possa levar as meninas. Que tal?

Tana pensou por algum tempo e lentamente assentiu com a cabeça, o cabelo emoldurando o rosto.

- Possível. - Sorriu. - Talvez até mesmo muito possível, se omitir a parte sobre minha família. Feriados com eles levam qualquer um ao suicídio.

- Não seja tão cínica - disse ele rindo - sua bruxa. Puxou levemente uma mecha dos cabelos dela e beijou-a

nos lábios. Drew era tão deliciosamente afetuoso, Tana jamais havia conhecido um homem assim e algo parecia desabrochar nela como nunca acontecera com mais ninguém.

Espantava-se com a confiança que tinha nele.

- Falando sério, acha mesmo que pode tirar umas férias?

- Na verdade, neste momento, posso. - E isso era também incomum para ela.

- Então? - Estrelas cintilavam nos olhos dele e Tana lançou-se nos seus braços.

- Você ganhou. Vou até oferecer uma visita à minha mãe como sacrifício.

- Na certa irá para o céu por causa disso. Eu providencio tudo. Podemos voar para o leste na próxima quartafeira à noite. Você passa a quinta em Connecticut e nos

encontramos em Nova York na quinta à noite com as meninas às… deixe ver… - Drew parecia indeciso e Tana riu:

- No Hotel Pierre? - ela perguntou. Pretendia se oferecer para pagar sua parte, mas ele balançou a cabeça.

- O Carlyle. Sempre que posso fico lá, especialmente com as meninas, é melhor para elas.

Era também onde ficava com Eileen nos 18 anos de casados, mas não disse isso a Tana. Drew arranjou tudo e na noite de quartafeira estavam em aviões diferentes,

a caminho do leste, Tana admirando-se por um momento com a facilidade com que deixara que Drew fizesse todos os planos. Era novidade para ela, ninguém fizera isso

antes, e com Drew tudo parecia tão simples e perfeito. Ele estava acostumado. E só quando chegou em Nova York teve consciência de estar de volta. Fazia um frio cortante

e a primeira neve já aparecia no chão na estrada que percorreu de táxi do aeroporto Kennedy até Connecticut. Pensava em Harry e no dia em que ele dera um soco na

cara de Billy. Era uma pena que ele não estivesse ali agora. Tana realmente não via com muito entusiasmo o dia de Ação de Graças com eles. Teria preferido ir a Washington

com Drew, mas não queria ser uma intrusa na comemoração dele com as meninas depois de não vê-las por dois meses. Harry a convidara para passar em Piedmont com eles,

como fazia todos os anos, mas Tana explicou que ia a Nova York.

- Meu Deus, você deve estar doente - exclamou ele

rindo.

- Ainda não. Mas vou estar quando sair de lá. Já posso ouvir minha mãe… “uma vida desperdiçada…”

- Por falar nisso, queria te apresentar ao meu sócio. Harry tinha começado sua firma de advocacia e Tana

não tivera ainda oportunidade de conhecer o sócio. Ela nunca tinha tempo e os dois também pareciam estar sempre muito ocupados, para surpresa dela. As coisas iam

bem para eles, mas de modo bastante agradável. Era o que os dois queriam e Harry sempre que falava do assunto parecia

muito feliz.

- Talvez quando eu voltar.

- É o que você sempre diz. Cristo, você nunca vai conhecer o homem, Tan, e ele é um cara tão legal.

- Ah, sinto o cheiro de algo arranjado. Estou certa? Para alguém faminto… ah, não!

Tana riu como nos velhos tempos e Harry riu também.

- Sua boba desconfiada. Pensa que todo mundo quer transar com você?

- Nada disso. Mas conheço você. Se ele tiver menos de 95 e não faz nenhuma objeção ao casamento, você quer arrumar as coisas entre nós dois. Não sabe que sou um

caso perdido, Winslow? Desista, pelo amor de Deus. Pode deixar, vou dizer para minha mãe te telefonar de Nova York.

- Não precisa se incomodar, sua boba. Mas desta vez não sabe o que está perdendo. Ele é maravilhoso, Averil também acha.

- Acredito. Arranje outra pessoa para ele.

- Por quê? Você vai se casar?

- Talvez. - Tana estava brincando, mas os ouvidos de Harry logo ficaram aguçados e Tana se arrependeu do que disse.

- É mesmo? Com quem?

- Frankenstein. Pelo amor de Deus, larga meu pé.

- Uma ova que largo. Está saindo com alguém, não está?

- Não… sim!… quero dizer, não. Merda. Estou mas não é nada sério. Certo? Está satisfeito?

- Não, que diabo. Quem é ele, Tan? É sério?

- Não. É só um cara com quem estou saindo como todos os outros. Nada mais.

Um cara legal. Boa companhia. Nada de importante.

- De onde ele é?

- Los Angeles.

- O que ele faz?

- É um violentador de mulheres. Eu o conheci no tribunal.

- Não tem graça. Tente outra vez.

Tana sentia-se como um animal acuado e ficou zangada com ele.

- É um advogado, agora chega, que diabo. Não e nada importante.

- Alguma coisa me diz que é.

Harry a conhecia bem. Drew era diferente dos outros, mas Tana não queria admitir ainda, muito menos para si

mesma.

- Então você continua desconfiado, como sempre. Agora, dê lembranças para Averil e vejo vocês dois quando voltar de Nova York.

- O que vai fazer no Natal este ano? - Era um misto de convite e curiosidade e Tana teve vontade de desligar o telefone na cara dele.

- Vou ao Sugar Bowl, está bem para você?

- Sozinha?

- Harry! Naturalmente que não.

Ela ia com Drew. Já tinham resolvido. Eileen levaria as meninas para Vermont e Drew ia estar sozinho, portanto os feriados de Natal seriam difíceis para ele. Os

dois esperavam os feriados. Mas Tana não ia contar nada disso para Harry.

- Até logo. A gente se vê.

- Espere… quero te contar mais sobre…

- Não!

Finalmente desligou na cara dele e ao chegar a Greenwich de táxi sorriu, pensando o que Harry ia achar de Drew. Tinha a impressão de que iam gostar um do outro,

embora Harry sem dúvida logo o submeteria a um interrogatório rigoroso. Por isso Tana queria esperar um pouco mais. Raramente apresentava seus amigos a Harry. Só

depois de resolver que não se interessava por eles. Mas desta vez era diferente…

Sua mãe e Arthur estavam à sua espera e Tana notou, chocada, o quanto ele tinha envelhecido. Jean tinha só 52

anos, jovem ainda, mas Arthur estava com 66 e não estava envelhecendo graciosamente. Os anos de tensão com a primeira mulher alcoólatra começavam a aparecer, bem

como a responsabilidade de dirigir a Durning International. Tivera vários enfartes e um pequeno derrame e parecia terrivelmente velho e frágil, e Jean muito nervosa,

sempre o observando. Agarrou-se a Tana como uma tábua de salvação no mar revolto e naquela noite, quando Arthur foi se deitar, foi ao quarto da filha e sentou-se

nos pés da cama. Era a primeira vez que Tana se hospedava com eles e estava no quarto recém-decorado que Jean lhe prometera. Era muito trabalhoso ficar na cidade,

ou em um hotel, e Tana sabia que a mãe ficaria muito magoada. Eles a viam muito pouco. Arthur só ia a Palm Beach para o condomínio que tinham lá, e sua mãe não queria

que ele fosse de avião a San Francisco, portanto só viam Tana quando ela ia ao leste, o que acontecia cada vez com menor freqüência.

- Está tudo bem, querida?

- Ótimo. - Estava melhor do que isso, mas não queria falar no assunto com Jean.

- Fico satisfeita. - Em geral esperava um dia para começar a lamentar a “vida desperdiçada” de Tana, mas dessa vez tinha pouco tempo e precisava se apressar. - Seu

trabalho vai bem?

- Maravilhosamente.

Tana sorriu e Jean fez uma cara triste. Sempre ficava deprimida com o fato de Tana gostar tanto do trabalho. Queria dizer que não ia desistir tão cedo. Esperava

ainda que algum dia Tana largasse tudo pelo homem certo, era difícil para Jean imaginar que não fosse acontecer. Mas não conhecia a filha. Nunca conhecera e conhecia

muito menos agora.

- Alguns novos namorados?

Era a mesma conversa de sempre e Tana em geral dizia não, mas dessa vez resolveu dar uma colher de chá.

- Um.

As sobrancelhas de Jean se ergueram.

- Sério?

l

- Ainda não. - Tana riu. Era quase uma crueldade fazer aquilo com ela. - E não fique entusiasmada, acho que nunca vai ser. É um homem bom e o relacionamento muito

confortável, mas acho que é só isso.

Porém um brilho especial nos seus olhos dizia o contrário e Jean percebeu.

- Há quanto tempo está saindo com ele?

- Dois meses.

- Por que não o trouxe ao leste?

Tana respirou fundo e abraçou os joelhos na cama de solteiro, os olhos fixos em Jean.

- Acontece que ele está visitando suas filhas em Washington.

Não contou que ia se encontrar com Drew em Nova York na noite seguinte. Deixou que Jean pensasse que ia voltar para o oeste. A visita lhe dava pontos de escoteiro

e a deixava livre para flutuar por Nova York à vontade com Drew. Não queria levá-lo para conhecer a família, especialmente com Arthur e sua prole por perto.

- Há quanto tempo ele está divorciado, Tana? - Jean parecia um tanto vaga e olhava para longe.

- Algum tempo. - Mentiu e os olhos de Jean imediatamente grudaram nela.

- Descanse, mamãe. Na verdade, estão se divorciando agora. Acabaram de dar entrada nos papéis.

- Há quanto tempo?

- Alguns meses. Pelo amor de Deus… descanse!

- Exatamente o que você não devia fazer. - Levantou-se dos pés da cama de Tana, começou a andar nervosamente pelo quarto e olhou para a filha outra vez.

- E a outra coisa que não deve fazer é sair com ele.

- Que coisa mais ridícula. Você nem conhece o homem.

- Não preciso conhecer, Tana. - Falou quase com amargura. - Conheço a síndrome. O homem não importa, às vezes. A não ser que esteja realmente divorciado, com os

papéis na mão, fique longe dele.

- A maior bobagem que já ouvi. Não confia em ninguém, não é mamãe?

- Só sou muito mais velha do que você, Tan. E por mais inteligente que pense que é, sei mais do que você. Mesmo pensando que vai se divorciar, mesmo querendo, pode

não acontecer. Pode se deixar envolver tão completamente pelos filhos que não consiga se divorciar da mulher. Daqui a seis meses pode voltar para ela, e você vai

sobrar, apaixonada por ele a essa altura, sem saída, e vai procurar se convencer a esperar mais uns dois anos… cinco anos… dez… e quando abrir os olhos vai

estar com quarenta anos, e se tiver sorte - os olhos dela estavam molhados - ele terá o primeiro enfarte e vai precisar de você… mas a mulher dele pode ainda estar

viva e então você jamais terá uma chance. Contra certas coisas não se pode lutar. E quase sempre essa é uma delas. É um elo que ninguém pode partir para ele. Se

ele o desfizer agora, ou se já o desfez, melhor para vocês dois, mas antes que você seja terrivelmente magoada, meu bem, eu gostaria que ficasse fora disso.

Sua voz era tão cheia de compaixão e tristeza que Tana teve pena dela. A vida de Jean não tinha sido muito divertida desde o casamento, mas ela conseguira finalmente,

depois de longos, árduos e desesperadamente solitários anos.

- Não quero isso para você, meu bem. Merece coisa melhor. Por que não deixa isso de lado por algum tempo para ver o que acontece com ele?

- A vida é muito curta para fazer isso, mamãe. Não tenho muito tempo para fazer jogos com ninguém. Tenho muito que fazer. E que diferença faz? De qualquer modo,

não quero me casar.

Jean suspirou e sentou-se outra vez.

- Não compreendo por quê. O que tem contra o casamento, Tan?

- Nada. Faz sentido quando se quer filhos, eu acho, ou quando não se tem uma carreira. Mas eu tenho, tenho muita coisa na minha vida e não quero depender de ninguém

e estou muito velha para ter filhos. Estou com trinta anos e acostumada à vida que levo. Não poderia virar minha vida de cabeça para baixo por ninguém. - Pensou

na casa de Harry e Averil que parecia sempre ter sido atacada

por uma equipe de demolição. - Não é para mim.

Jean pensava se seria alguma coisa que tinha feito mas era uma combinação de tudo. Sabendo como Artur tinha enganado Marie, tendo assistido o sofrimento da mãe durante

tantos anos, Tana não queria o mesmo, queria uma carreira, independência, uma vida só sua. Não queria marido e filhos, estava certa. Há muitos anos tinha certeza.

- Você está perdendo tanto. - Jean estava triste. O que deixara de dar àquela menina para que ela fosse assim?

- Não acho, mamãe. - Procurou nos olhos de Jean algo que não compreendia, mas não encontrou.

- Você é tudo o que importa para mim, Tana. Era difícil acreditar, porém, durante anos a mãe havia

sacrificado tudo por ela, até aceitando a caridade de Arthur para ter um pouco mais para a filha. O coração de Tana se apertava lembrando-se disso e pensou que devia

ser agradecida. Abraçou a mãe, lembrando-se do passado.

- Eu te amo, mamãe. Sou grata por tudo que fez por mim.

- Não quero gratidão. Quero ver você feliz, querida. E se esse homem for bom para você, ótimo, mas se está mentindo para você ou para ele mesmo, vai partir seu coração.

Não quero isso para você… nunca…

- Não foi o que aconteceu com você. - Tana tinha certeza, mas Jean não.

- Como sabe? Como pode ter certeza?

- Eu tenho. Eu o conheço.

- Depois de dois meses? Não seja tola. Não sabe coisa alguma, como eu não sabia há 22 anos. Arthur não estava mentindo para mim, estava mentindo para ele mesmo.

É isso que você quer, 17 anos de noites solitárias, Tan? Não faça isso com você mesma.

- Não vou fazer. Tenho meu trabalho.

- Não serve de substituto.

Mas no caso de Tana servia, era substituto para qualquer coisa.

- Prometa que vai pensar no que eu disse.

- Prometo. - Tana sorriu e as duas se abraçaram

outra vez, dizendo boa-noite.

Tana ficou comovida com a preocupação da mãe, mas tinha certeza de que Jean estava enganada com Drew. Dormiu com um sorriso nos lábios, pensando nele e nas duas

garotinhas. Imaginou o que ele estaria fazendo com elas. Sabia o hotel em que estavam em Washington mas não queria se impor a ele.

O jantar de Ação de Graças na casa dos Durning no dia seguinte foi como era de esperar, incrivelmente chato para todos, mas Jean estava feliz com a presença de Tana.

Arthur parecia um tanto desligado e por duas vezes adormeceu na cadeira, a empregada o acordou cuidadosamente e afinal Jean o levou para cima. Ann chegou com seus

três diabinhos, que estavam piores do que há alguns anos. Estava pensando em se casar com um magnata armador grego e Tana tentou não ouvir o que ela dizia, mas era

impossível. A única bênção do dia foi a ausência de Billy que estava na Flórida com amigos.

E às cindo horas Tana já estava consultando o relógio regularmente. Prometera a Drew estar no Carlyle às nove, e não tinham se comunicado durante todo o dia. De

repente estava morta de vontade de estar com ele, olhar nos seus olhos, tocar seu rosto, sentir suas mãos, tirar as roupas dele enquanto tirava as suas. Quando subiu

para fazer as malas sorria misteriosamente e sua mãe entrou no quarto. Os olhos das duas se encontraram no grande espelho sobre a cômoda e Jean foi a primeira a

falar.

- Vai se encontrar com ele, não vai?

Tana podia ter mentido, mas tinha trinta anos, para que mentir?

- Vou. - Voltou-se para a mãe. - Sim, eu vou.

- Você me assusta.

- Você se preocupa demais com as coisas. Não é uma repetição da sua vida, mamãe, é a minha vida. Há uma diferença.

- Nem sempre tanta quanto gostaríamos que houvesse, infelizmente.

- Desta vez está errada.

- Para o seu bem espero estar.

Mas parecia completamente dominada pela dor quando Tana finalmente chamou o táxi e chegou a Nova York às oito horas. Não conseguia tirar as palavras da mãe da cabeça

e quando entrou no hotel estava zangada com ela. Por que tinha de sobrecarregar a filha com suas experiências infelizes, seus desapontamentos, o sofrimento? Que

direito tinha? Era como uma camada de cimento que devia carregar por toda parte para provar que fora amada, muito bem, Tana não queria ser amada tanto assim. Não

precisava mais desse tipo de amor. Queria que a deixassem em paz para viver sua vida.

O Carlyle era um bonito hotel, com degraus cobertos por um espesso carpete que desciam para o saguão com piso de mármore, tapetes persas, relógios antigos, belos

quadros nas paredes e cavalheiros no balcão de recepção com paletós esporte. Tudo do outro mundo e Tana sorriu. Não era a vida da sua mãe, era a sua. Tinha certeza

agora. Deu o nome de Drew, subiu para o quarto. Ele ainda não tinha chegado, mas evidentemente era muito conhecido no hotel. O quarto era suntuoso como prometia

o saguão, com uma extensa vista do Central Park, as silhuetas dos arranhacéus cintilando como pedras preciosas, mais móveis antigos forrados de seda rosa-escuro,

cortinas pesadas de cetim e um excelente champanhe dentro do balde de gelo, oferta da gerência. “Tenha uma boa estadia”, foram as palavras do carregador e Tana sentou-se

no bonito sofá, pensando se devia preparar um banho ou esperar. Ainda não sabia se Drew ia chegar com as filhas, mas achava que sim. Não queria que ficassem chocadas

encontrando-a despida. Mas uma hora depois ainda não tinham chegado e finalmente passava das dez quando ele telefonou.

- Tana?

- Não, Sofia Loren.

- Ele riu.

- Estou desapontado. Prefiro Tana Roberts.

- Agora eu sei que você é louco, Drew.

- Sou. Louco por você.

- Onde você está? Uma pequena pausa.

- Em Washington. Julie está muito resfriada e achamos que Elizabeth está com um começo de gripe. Achei melhor esperar aqui e não levá-las a Nova York. Vou amanhã,

Tan. Está bem?

- Naturalmente. - Tana compreendia, mas notou o achamos que Elizabeth… E não gostou muito.

- O quarto é fabuloso.

- São maravilhosos, não é? Eles a atenderam bem?

- Muito bem. - Olhou o quarto. - Mas não tem graça sem você, sr. Lands. Não se esqueça disso.

- Estou aí amanhã. Eu juro.

- A que horas?

Ele pensou por um momento.

- Tomo o café com as meninas… vejo como estão… com tudo isso serão dez horas. Posso tomar o avião do meiodia… Às duas sem falta estou no hotel.

Isso significava que metade do dia estava perdida. Tana pensou em dizer alguma coisa a respeito mas achou melhor ficar calada.

- Tudo bem.

Mas não parecia satisfeita, e quando desligou o telefone teve de afastar da mente as palavras de Jean. Tomou um banho quente, viu televisão, pediu chocolate quente

e imaginou o que ele estaria fazendo em Washington e sentiu-se culpada pelo que não tinha dito a ele. Não era culpa de Drew o resfriado das meninas. Sem dúvida um

transtorno para eles, mas não era culpa de ninguém. Apanhou o telefone e pediu o número do hotel em Washington onde ele estava hospedado, mas Drew não estava lá.

Deixou recado, assistiu o último filme da televisão e dormiu com o aparelho ligado. Acordou no dia seguinte às nove horas e saiu, descobrindo que o dia estava simplesmente

glorioso. Deu um longo passeio pela Quinta Avenida e comprou alguma coisa em Bloomingdale, um lindo suéter de casimira azul para ele e presentes para as meninas,

uma boneca para Julie e uma bonita blusa para Elizabeth, e voltou para o Carlyle

para esperar por ele, mas dessa vez havia um recado. As duas meninas estavam

gravemente doentes, “chego na sexta à noite”, mas não chegou. Julie estava com 44 graus

de febre e Tana passou outra noite sozinha no Carlyle. No sábado foi ao Metropolitan e no sábado à tarde, às cinco horas, ele chegou finalmente, em tempo para fazerem

amor, pedir serviço de quarto, desculpar-se durante toda a noite e tomar o avião com ela para San Francisco no dia seguinte. Um grande fim de semana para eles em

Nova York.

- Não me deixe esquecer de repetir o programa com você algum dia - disse ela com sarcasmo, quando terminavam o jantar no avião.

- Está furiosa comigo, Tan?

Desde sua chegada a Nova York, Drew parecia estranho, consumido pela culpa, preocupado com as meninas, e falou demais, muito depressa e durante dias não parecia o

mesmo.

- Não, estou mais desapontada do que furiosa. A propósito, como vai sua ex-esposa?

- Muito bem. - Não parecia muito ansioso por falar nela e a pergunta de Tana o surpreendeu. Não era um assunto apropriado para eles, mas Tana não podia se livrar

das palavras da mãe. - Por que pergunta?

- Curiosidade. - Levou à boca um pedaço da sobremesa, e olhou para ele com expressão estranhamente fria. - Você ainda a ama?

- Naturalmente que não. Isso é ridículo. Há anos não a amo mais.

Parecia sinceramente aborrecido e Tana ficou satisfeita. Sua mãe estava errada. Como sempre.

- Talvez você não saiba, Tan - ele hesitou, estava pálido - mas acontece que estou apaixonado por você.

Entreolharam-se por longo tempo e Tana procurava ver alguma coisa no rosto dele. Finalmente ela sorriu, mas não disse nada. Beijou os lábios dele, colocou o garfo

na bandeja e depois fechou os olhos para dormir um pouco. Não havia nada que quisesse dizer a ele e Drew parecia estranhamente perturbado. Fora um fim de semana

difícil para os dois.

Capítulo 15

Dezembro passou voando, com uma série de pequenos casos na mesa de Tana e muitas festas com Drew. Para ele parecia natural voar para passar uma noite, e às vezes

só para jantar com ela. Compartilhavam de momentos deliciosos de ternura, noites tranqüilas em casa, e um tipo de intimidade que Tana jamais conhecera. Percebia

agora o quanto estivera solitária por tantos anos. Desde o caso maluco com Yael McBee há tanto tempo, tivera apenas relacionamentos casuais que iam e vinham, sem

grande significado. Mas tudo em Drew Lands era diferente. Ele era tão sensível, tão inteligente, tão atencioso nas pequenas coisas que tanto significavam para ela.

Sentia-se amparada e protegida e estavam sempre alegres., Quando chegaram os feriados de Natal, ele ficou entusiasmado porque ia ver as meninas outra vez. Elas iam

passar o Natal com ele em Los Angeles. Drew cancelou a viagem a Sugar Bowl para esquiar.

- Não quer ir a Los Angeles passar alguns dias conosco, Tan?

Ela sorriu. Sabia agora como ele era louco pelas meninas.

- Vou tentar.

Ia trabalhar em um grande caso em breve mas tinha certeza de que só iria a julgamento daí a algum tempo.

- Acho que posso.

- Faça o melhor possível. Pode ir no dia 26 e passaremos alguns dias em Malibu.

Drew tinha alugado uma casa em Malibu, mas não foi isso que surpreendeu Tana e sim a data citada… 26… compreendeu então que ele queria passar o Natal só com

as filhas.

- Concorda, Tan?

Parecia um garoto e Tana o abraçou com força, rindo.

- Está bem, está bem, eu vou. O que acha que as meninas vão querer?

- Você.

Trocaram um sorriso e se beijaram outra vez.

Drew passou a semana antes do Natal preparando tudo em Los Angeles. Tana estava tentando pôr em dia seu trabalho para tirar uma folga de alguns dias e tinha compras

para fazer. Comprou para Drew uma camisa de suedine e uma pasta muito cara que ele tinha visto e gostado, a águade-colônia que ele usava e uma gravata que tinha

certeza que ia adorar. Para as meninas comprou uma linda boneca no F.A.O. Schwarz, papel de carta, boinas, um conjunto de ginástica adorável para Elizabeth parecido

com o que Tana tinha quando era menina e um coelho de pele verdadeira para a menor. Fez todos os embrulhos e os colocou na mala. Não tinha se preocupado em armar

uma árvore, não teve tempo, e na verdade ninguém ia ver. Passou a véspera de Natal com Harry, Averil e as crianças e era repousante estar com eles. Harry estava

ótimo e Averil parecia muito feliz, enquanto o pequenino Harrison corria pela casa à espera do Papai Noel. Cortaram cenouras para as renas, deixaram perto da árvore

biscoitos de chocolate, um grande copo de leite e finalmente o levaram para a cama. A irmãzinha já estava dormindo, e quando ele afinal adormeceu também, Averil

foi na ponta dos pés até o quarto das crianças com um sorriso tranqüilo, enquanto Harry a observava e Tana observava Harry. Sentia-se bem por vê-lo assim, satisfeito

e cheio de vida. A vida dele tinha dado certo, embora não fosse exatamente o que ele pretendia. Olhou sorrindo para Tana e era como se os dois compreendessem.

- É engraçado como a vida da gente funciona, não é, Tan?

- É sim. - Sorriu.

Eles se conheciam há 12 anos, quase a metade das suas vidas. Era incrível.

- Quando conheci você calculei que estaria casada dentro de dois anos.

- E eu pensei que você ia morrer como um degenerado inconseqüente… não… - ficou pensativa com um ar divertido - …umplayboy bêbado…

Harry riu.

- Você me confundiu com meu velho.

- Acho difícil.

Tinha ainda um ponto fraco por Harrison, mas Harry nunca teve muita certeza. Certa vez chegou a suspeitar, mas nunca soube ao certo e seu pai jamais tocara no assunto.

Nem Tan.

Olhou para ela intrigado. Não esperava passar o Natal com ela nesse ano, depois das indiretas sobre Drew uma ou duas vezes. Harry tinha a estranha sensação de que

era algo muito sério para ela, muito mais do que Tana queria demonstrar.

- Onde está o seu amigo, Tan? Pensei que iam ao Sugar Bowl.

A princípio Tana pareceu não compreender, mas logo se lembrou e Harry deu um largo sorriso.

- Ora, não venha com esse negócio de “de quem está falando”. Conheço você muito bem.

Tana riu.

- Está certo, está certo. Ele está em Los Angeles com as filhas. Cancelamos Sugar Bowl porque as meninas foram passar o Natal com ele. Eu vou no dia seguinte.

Harry achou estranho mas não disse nada.

- Ele significa muito para você, não é?

Tana assentiu com um gesto cauteloso, mas não olhou nos olhos dele.

- Significa… seja lá o que isso vale.

- O que isso vale, Tan?

Ela deu um suspiro e recostou-se na cadeira.

- Só Deus sabe.

Harry pensou um pouco e finalmente perguntou.

- Por que você não está lá hoje?

- Não quis me impor. - Mas não era verdade. Drew não a havia convidado.

- Tenho certeza de que não seria uma intrusa para ele. Já conhece as meninas?

Ela balançou a cabeça.

- Depois de amanhã vou conhecer. Harry sorriu.

- Assustada? Ela riu, nervosa.

- Estou. Você não ficaria também? São as coisas mais importantes na vida dele.

- Espero que você também seja.

- Acho que sou.

E então Harry franziu a testa.

- Ele não é casado, é, Tan?

- Eu já disse, estão se divorciando.

- Então por que não passou o Natal com você?

- Como diabo vou saber? - Estava zangada com a insistência das perguntas e começou a imaginar onde estaria Averil.

- Não perguntou?

- Não. Achei perfeitamente natural - olhou furiosa para ele - até agora.

- Esse é o problema com você, Tan, está tão acostumada a estar sozinha que nem te ocorre fazer as coisas de modo diferente. Você devia estar passando o Natal com

ele. A não ser…

- A não ser o quê? - Estava furiosa. Não era da conta dele se passava ou não o Natal com Drew e respeitava a vontade dele de estar sozinho com as filhas.

Mas Harry não pretendia deixar a coisa assim.

- A não ser que ele esteja passando o Natal com a mulher.

- Oh, pelo amor de Deus… que asneira. Você é o filho da mãe mais cínico e desconfiado que conheço… e pensei que eu fosse a pior…

Estava furiosa mas algo nos seus olhos dizia que Harry tinha acertado em um ponto sensível. Mas isso era ridículo.

- Talvez você não seja suficientemente ruim. Tana levantou-se sem dizer nada. Procurou a bolsa e

quando Averil apareceu, Tana e Harry pareciam tensos, mas ela não deu muita atenção. Às vezes ficavam assim. Estava acostumada com os dois, tinham seu relacionamento

especial e às vezes brigavam como cão e gato mas não significava nada.

- O que foi que vocês dois estiveram fazendo? Se espancando outra vez? - perguntou, sorrindo.

- Estou pensando nisso. - Tana olhou para ela irritada.

- Acho que ia fazer bem a ele. Os três riram então.

- Harry está se fazendo de idiota, como sempre. Então ele deu um largo sorriso.

- Você fala como se eu tivesse me exibido pornograficamente.

Averil riu.

- Você fez isso de novo querido? E finalmente Tana se acalmou.

- Quer saber, você é o maior chato do mundo. Merece uma taça.

Ele se inclinou graciosamente na cadeira e Tana foi apanhar o casaco.

- Não precisa ir, Tana.

Harry sempre sentia quando Tana ia embora, mesmo quando brigavam. Havia

entre eles algo muito especial. Era quase como se fossem gêmeos.

- Preciso ir para casa me organizar. Levei um monte de trabalho para fazer em casa.

- No dia de Natal? - Ele parecia horrorizado, e ela sorriu.

- Tenho de fazer algum dia.

- Por que não vem para cá?

Tinham convidado alguns amigos, seu sócio e mais umas

12 pessoas, mas Tana balançou a cabeça. Não se importava de ficar sozinha em casa, ou pelo menos era o que dizia.

- Você é esquisita, Tan. - Mas beijou o rosto dela e seus olhos demonstravam o amor que sentia.

- Divirta-se em Los Angeles. - Acompanhou-a até a porta na cadeira de rodas e olhou para ela pensativamente. - Cuide-se, Tan… Talvez eu esteja errado… mas não

custa ter cuidado…

- Eu sei.

Sua voz estava suave outra vez e Tana beijou os dois. Mas, dirigindo o carro, de volta para casa, começou a pensar no que Harry tinha dito. Sabia que devia estar

errado. Drew não estava passando o Natal com a mulher… mas fosse como fosse, Tana devia estar passando com ele. Tentou se convencer de que não importava, mas importava.

E subitamente lembrou-se dos anos solitários de Jean que haviam inspirado tanta pena nela… esperando por Arthur, sentada ao lado do telefone, desejando que ele

telefonasse… nunca podiam passar as festas juntos quando Marie estava viva, e mesmo depois, ele sempre arranjava uma desculpa… os parentes da mulher, os

filhos,

o clube, os amigos… e lá ficava a pobre Jean, com lágrimas nos olhos, prendendo a respiração… esperando por ele… Tan procurou afastar esses pensamentos. Não

era assim com Drew. Não era. Tana não permitiria que fosse. Mas na tarde seguinte, enquanto trabalhava, as perguntas continuavam a atormentá-la. Drew telefonou uma

vez, um telefonema rápido e ele parecia apressado. “Tenho de voltar para as meninas”, disse afobado, desligando o telefone.

E quando Tana chegou a Los Angeles no dia seguinte, ele a esperava no aeroporto, e tomou-a nos braços, apertando tanto que Tana mal podia respirar.

- Meu Deus… espere…! Pare…!

Mas ele a apertou mais ainda e foram rindo e se beijando até o estacionamento, ele carregando a bagagem dela e Tana estava quase em êxtase por vê-lo. Afinal, foram

uns dias muito solitários sem ele. E Tana no íntimo esperava que fosse diferente nesse ano. Nem havia admitido isso para si mesma ainda, mas subitamente soube que

era verdade. E estava sendo agora, era maravilhoso estar ao lado

dele no carro, a caminho da cidade. As meninas estavam em casa com uma baby-sitter conhecida dele, para que Drew pudesse apanhá-la no aeroporto sozinho e passar

alguns minutos tranqüilos com ela.

- …antes que elas nos deixem malucos. - Olhou para ela e sorriu feliz.

- Como estão as meninas?

- Ótimas. Juro que estão com o dobro do tamanho de quatro semanas atrás. Espere até conhecer as duas, Tan.

E Tana ficou encantada com elas. Elizabeth era linda, crescida, e se parecia demais com Drew e Julie era como uma bolinha aconchegante e macia que se enrolou logo

no colo de Tana. Adoraram os presentes e aparentemente não estavam opondo nenhuma resistência a ela, embora Tana tenha percebido que Elizabeth a observava mais de

uma vez. Mas Drew conduziu tudo otimamente. Acabou com todos os abraços e aconchegos. Era como se fossem amigos passando juntos uma tarde agradável. Obviamente ele

conhecia bem Tana, mas teria sido impossível adivinhar o relacionamento dos dois pela atitude dele. E Tana imaginou se ele sempre agia assim na frente das meninas.

- O que é que você faz? - Elizabeth a estava examinando outra vez e Julie observava as duas. Tana sorriu, pondo para trás o espesso cabelo louro. Elizabeth tinha

invejado o cabelo de Tana desde o princípio.

- Sou advogada, como seu pai. Na verdade, foi assim que nos conhecemos.

- Minha mãe também - acrescentou Elizabeth imediatamente. - Ela é assistente do embaixador da O.E.A. em Washington e no ano que vem talvez receba uma embaixada.

- O posto de embaixador - corrigiu Drew, olhando para as três.

- Não quero que ela faça isso - disse Julie com cara amuada. - Quero que ela volte para cá para morar. Com papai.

Ela estendeu o lábio inferior desafiadoramente e Elizabeth disse logo:

- Ele pode ir conosco para onde a mamãe for mandada. Depende do lugar.

Tana sentiu uma sensação estranha e olhou para Drew, mas ele estava ocupado com alguma coisa e Elizabeth continuou:

- É capaz até que a mamãe queira voltar para cá, se não oferecerem um lugar bom. Pelo menos foi o que ela disse.

- Muito interessante. - Tana sentiu a boca seca e desejou que Drew controlasse a conversa outra vez, mas ele não disse nada. - Você gosta de morar em Washington?

- Muito. - Elizabeth estava sendo dolorosamente atenciosa e Julie saltou para o colo de Tana outra vez sorrindo para ela.

- Você é bonita. Quase tão bonita quanto a nossa mãe.

- Muito obrigada!

Definitivamente não era fácil falar com elas e a não ser com os filhos de Harry, Tana raramente se via em uma situação como aquela, mas tinha de fazer o esforço

por Drew.

- O que vamos fazer esta tarde? - Tana sentiu-se quase sem fôlego quando perguntou, desesperadamente para afastar a conversa da quase ex-mulher de Drew.

- Mamãe está fazendo compras em Rodeo Drive. - Julie sorriu para ela e Tana quase se engasgou.

- Ah, é? - Olhou para Drew atônita e depois para as meninas outra vez. - Isso é ótimo. Vamos ver, que tal um cinema? Já viram Sounderl - Sentia-se como se estivesse

correndo montanha acima sem chegar a lugar nenhum… Rodeo Drive… isso queria dizer que ela estivera em Los Angeles com as meninas… e por que Drew não quisera

que Tana chegasse no dia anterior? Teria afinal passado o Natal com ela? A próxima hora pareceu se arrastar enquanto Tana conversava com as meninas e afinal elas

saíram para brincar e Tana voltou-se para Drew. Seus olhos falaram tanto antes

que dissesse uma palavra.

- Então sua mulher está em Los Angeles. - Tana estava rígida e algo dentro dela pareceu ficar insensível.

- Não olhe para mim desse jeito. - Sua voz era suave e seus olhos evitavam os dela.

- Por que não? - Levantou-se e se aproximou dele. - Você passou o Natal com ela, Drew?

Agora ele não podia evitá-la, Tana estava bem na frente dele. Já sabia a resposta. Quando Drew ergueu os olhos para ela, a certeza foi solidificada, e as meninas

o haviam traído.

- Por que mentiu para mim?

- Não menti para você. Não pensei… oh, pelo amor de Deus… - Olhou para ela quase com raiva. Tana o tinha encurralado. - Não planejei as coisas assim, mas as

meninas nunca passaram um Natal sem nós dois antes, Tan… é muito difícil para elas…

- É mesmo? - Seus olhos e sua voz estavam frios, disfarçando a dor que sentia… a dor infligida pela mentira dele… - E exatamente quando pretende fazer com que

se acostumem?

- Que diabo, pensa que gosto de ver minhas filhas serem magoadas com tudo isto?

- Para mim parecem ótimas.

- Naturalmente que estão. Isso porque Eileen e eu somos civilizados. É o mínimo que podemos dar a elas. Não têm culpa das coisas não terem dado certo para nós.

Olhou para Tana com piedade e ela teve de lutar contra a vontade de sentar e

chorar, não por ele ou pelas meninas, mas por si mesma.

- Tem certeza de que não é muito tarde para salvar seu casamento?

- Não seja ridícula.

- Onde ela dormiu?

Foi como se ele tivesse recebido um choque.

- É uma pergunta deselegante, e você sabe disso.

- Oh, meu Deus… - Tana sentou-se outra vez, incapaz de acreditar que ele fosse tão denunciador. - Você dormiu com ela.

- Eu não dormi com ela.

- Dormiu, não foi? - ela estava gritando e Drew andava pela sala como um gato nervoso.

- Dormi no sofá.

- Está mentindo para mim. Não está?

- Que diabo, Tana! Não me acuse de mentir! Não é tão fácil como você pensa. Estivemos casados por quase vinte anos, que diabo… Não posso deixar tudo de um dia

para o outro, principalmente se as meninas estão envolvidas. - Olhou para ela tristemente e se aproximou devagar. - Por favor… - Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

- Eu te amo, Tan… Só preciso de algum tempo para resolver isto…

Tana foi para a outra extremidade da sala, de costas para ele.

- Já ouvi isso antes. - Voltou-se de repente e havia lágrimas nos seus olhos também. - Minha mãe passou 17 anos ouvindo essa besteira, Drew.

- Não estou dizendo nenhuma besteira, Tan. Só preciso de tempo. Isto é muito difícil para todos nós.

- Ótimo. - Apanhou o casaco e a bolsa da cadeira. - Então telefone quando tudo estiver resolvido. Acho que vou gostar muito mais.

Mas antes que ela chegasse na porta, Drew a segurou pelo braço.

- Não faça isso comigo. Por favor…

- Por que não? Eileen está na cidade. Telefone para ela. Ela pode fazer companhia para você esta noite. - Tana sorriu com ironia para esconder seu sofrimento. -

Para dormir no sofá… juntos, se quiserem.

Tana abriu a porta com violência e Drew parecia prestes a chorar.

- Eu te amo, Tan.

Mas quando ouviu aquelas palavras, Tana teve vontade de sentar e chorar. Então voltou-se para ele e toda a energia pareceu desaparecer do seu corpo.

- Não faça isso comigo, Drew. Não é justo. Você não está livre… não tem o direito de…

Mas abrira a porta do seu coração o suficiente para que ele entrasse outra vez. Sem dizer nada ele a puxou para si, beijou-a com ardor e tudo se derreteu dentro

de Tana. Quando se afastou, Tana olhou para ele.

- Isso não resolve nada.

- Não - ele parecia mais calmo agora. - Mas o tempo vai resolver. Me dê uma chance. Eu juro, não vai se arrepender. - E então disse as palavras que a apavoraram.

- Quero me casar com você algum dia, Tana.

Teve vontade de dizer a ele para parar, para voltar o filme ao ponto em que essas palavras não tinham sido ditas, mas nesse momento as meninas entraram correndo,

gritando e rindo, prontas para brincar com ele e Drew, olhando para Tana sobre

as cabeças das filhas, murmurou “por favor, fique”. Tana hesitou. Sabia que devia

ir e era o que realmente desejava. Não pertencia àquele ambiente. Ele tinha passado a noite com a mulher com quem estava casado e passaram o Natal com suas duas

filhas. Onde Tana entrava em tudo isso? Mas quando olhou para ele perdeu a vontade de partir. Queria fazer parte de tudo, pertencer a ele e às meninas, mesmo que

ele nunca se casasse com ela. Na verdade não queria isso. Só queria estar com ele, como quando se conheceram, e lentamente pôs a mala no chão, o casaco na cadeira

e olhou para ele. Drew sorriu e tudo dentro dela pareceu se derreter e Julie abraçou sua cintura enquanto Elizabeth sorria para ela.

- Onde você ia, Tan? - Elizabeth estava curiosa, parecia fascinada por tudo o que Tana dizia ou fazia.

- A lugar nenhum. - Sorriu para a bonita adolescente. - E agora, o que vocês, meninas, querem fazer?

As meninas riram, brincaram e Drew correu atrás delas na sala. Tana nunca o tinha visto tão feliz, e mais tarde foram ao cinema, comeram sacos e mais sacos de pipocas,

depois ele as levou ao La Brea Tar Pits, e ao Ferino’s para jantar, e quando finalmente chegaram em casa os quatro estavam prontos para a cama. Julie adormeceu no

colo de Drew e Elizabeth conseguiu chegar até o quarto antes de adormecer, depois, Tana e Drew sentaram-se na frente da lareira da sala, murmurando, enquanto ele

brincava suavemente com os cabelos louros que amava.

- Estou feliz por você ter ficado, querida… não queria que fosse embora…

- Também estou feliz por não ter ido.

Sorriu para ele, sentindo-se vulnerável e jovem, o que não fazia sentido para uma mulher da sua idade, pelo menos não para ela. Achava que a essa altura já devia

ser mais madura, menos sensível. Mas era mais sensível a Drew do que jamais fora para qualquer homem.

- Prometa que não vai acontecer outra vez… Não terminou a frase e ele olhou para ela com um sorriso terno.

- Meu bem, eu prometo.

Capítulo 16

A primavera foi tão idílica para Tana e Drew que mais parecia um conto de fadas. Drew ia vê-la mais ou menos três vezes por semana e Tana tomava o avião para Los

Angeles nos fins de semana. Foram a festas, velejaram na baía, conheceram seus amigos. Tana até o apresentou a Harry e Ave, e os dois homens se deram muito bem.

Harry deu sua permissão quando a levou para comemorar na semana seguinte.

- Sabe, garota, acho que afinal descobriu uma coisa boa para você. - Tana fez uma careta e ele riu. - Falo sério. Quero dizer, veja os caras com quem você costumava

andar. Lembra-se de Yael McBee?

- Harry? - Jogou o guardanapo nele, em pleno restaurante, e os dois riram. - Como pode comparar Drew com ele? Além disso, eu tinha 25 anos. Tenho quase 31 agora.

- Não é desculpa. Não está mais esperta do que antes.

- Uma ova que não estou. Você mesmo acabou de dizer…

- Deixa pra lá o que eu disse, sua boba. Agora, vai me dar um pouco de paz de espírito e se casar com o cara?

- Não.

Ela riu e a negação saiu muito rápida. Harry viu em Tana algo que nunca vira antes. Há anos procurava e, agora, ali estava. Ele via com a mesma clareza com que via

os

olhos verdes, uma expressão vulnerável e tímida que nunca havia estado no seu rosto.

- Puxa vida, é sério, não é, Tan? Vai se casar com ele, não vai?

- Ele não falou em casamento. - Parecia tão tímida que Harry deu uma gargalhada.

- Meu Deus, você quer! Espere só até eu contar para Ave!

- Harry, fique calmo. - Bateu de leve no braço dele. - Ele nem está divorciado ainda.

Mas Tana não se preocupava com isso. Sabia que Drew estava tratando do assunto. Todas as semanas ele falava sobre as conversas com os advogados, com Eileen para

apressar as coisas, e ia ao leste para visitar as meninas nas férias da Páscoa, e esperava que ela assinasse os papéis então, se ficassem prontos a tempo.

- Ele está providenciando, não está? - Harry parecia preocupado, mas tinha de admitir que gostava do cara. Era quase impossível não gostar de Drew Lands. Era calmo,

inteligente e sem dúvida estava louco por Tan.

- Naturalmente que está.

- Então, descanse, estará casada daqui a seis meses e nove meses depois vai ter um bebé nos braços. Pode estar certa. - Harry parecia entusiasmado e Tana, recostando-se

na cadeira, riu.

- Menino, você tem uma imaginação e tanto, Winslow. Para começar, ele não me pediu em casamento, pelo menos não seriamente. Depois, ele fez uma vasectomia.

- Então, vai ter de reverter o processo. Grande coisa. Conheço muitos caras que fizeram isso. - Mas a idéia o deixava um tanto nervoso.

- É só nisso que você pensa? Em engravidar as mulheres?

- Não - disse ele com um sorriso inocente. - Só a minha.

Tana riu e acabaram de comer, voltando cada um para seu trabalho. Tan estava preparando um caso enorme, talvez o maior da sua carreira. Eram três acusados de assassinato

envolvidos na mais sanguinária série de crimes cometidos recentemente no estado; havia três advogados de defesa, dois promotores, e Tana estava encarregada

do caso pelo promotor público. Ia haver muita publicidade, ela precisava estar realmente bem informada, por isso não iria para o leste com Drew visitar as meninas

nos feriados da Páscoa. Talvez fosse melhor assim. Drew naturalmente ia ficar bastante nervoso para assinar os papéis e Tana precisava cuidar do seu caso. Era mais

sensato ficar em casa e trabalhar do que esperar por ele num quarto de hotel.

Drew passou o fim de semana com ela em San Francisco antes de viajar para o leste, e na última noite ficaram durante horas deitados na frente da lareira acesa da

sala, conversando, pensando alto, dizendo tudo que lhes vinha à mente e mais uma vez ela compreendeu o quanto estava apaixonada por ele.

- Estaria disposta a pensar em casamento, Tan? Drew olhou para ela pensativamente e Tana sorriu à

luz do fogo. Estava muito bonita naquela fraca luminosidade, os traços delicados como que gravados em mármore suave, os olhos cintilando como esmeraldas.

- Nunca estive antes. - Tocou os lábios dele com a ponta dos dedos e Drew beijou as mãos dela e depois os lábios.

- Acha que poderia ser feliz comigo, Tan?

- É um pedido, senhor?

Ele parecia estar com rodeios e Tana sorriu.

- Não precisa se casar comigo, você sabe, estou feliz assim.

- Está mesmo, não é? - Drew olhou para ela de modo estranho e Tana acenou com a cabeça.

- Você não?

- Não completamente. - Seu cabelo parecia mais prateado, os olhos brilhantes azul-topázio, e Tana pensou que jamais amaria nenhum outro homem. - Quero mais do que

isto, Tan… Quero você o tempo todo…

- Eu também…

Tana murmurou as palavras e Drew tomou-a nos braços, e fizeram amor suavemente ao lado do fogo. Depois ele ficou deitado por um tempo muito longo olhando para ela

e finalmente falou, a boca encostada nos cabelos

de Tana, as mãos acariciando ainda o corpo que tanto amava.

- Vai se casar comigo quando eu estiver livre?

- Vou.

Respondeu quase sem fôlego. Jamais dissera isso para alguém, mas agora estava sendo sincera e de repente compreendeu o que as pessoas sentem quando prometem… na

saúde e na doença… até que a morte nos separe. Nunca mais queria ficar longe dele, e, quando o levou ao aeroporto no dia seguinte, estava ainda um pouco espantada

com os próprios sentimentos e olhou para ele com atenção.

- Estava falando sério a noite passada, Drew?

- Como pode fazer uma pergunta dessas? - Parecia atónito e subitamente a apertou contra o peito. - Naturalmente que sim.

O largo sorriso de Tana a fazia parecer mais uma menina de 13 anos do que a assistente do promotor público.

- Acho que isso quer dizer que estamos noivos, não é? De repente Drew riu, sentindo-se feliz como um garoto olhando para ela.

- Naturalmente que sim. Vou ver que tipo de anel posso encontrar em Washington.

- Não se incomode com isso. Apenas volte bem e a salvo.

Iam ser dez dias intermináveis de espera. E a única coisa que a ajudaria era o grande caso em que estava trabalhando.

Nos primeiros dias ele telefonava duas ou três vezes, contando tudo o que fazia desde a manhã até a noite, mas quando as coisas começaram a ficar mais difíceis com

Eileen, passou a telefonar uma vez por dia e Tana percebia o quanto estava tenso, mas havia começado a seleção do júri do seu caso e ela estava completamente envolvida

no trabalho, e quando ele voltou para Los Angeles, Tana lembrou-se de que não se falavam há mais de dois dias. Drew tinha se demorado mais do que esperava, mas fora

por “uma boa causa”, como disse, e Tana concordou, e a partir daí

mal podia pensar com clareza. Estava muito preocupada com a seleção do júri e com o procedimento que seria escolhido pela defesa, com as provas recém-confirmadas,

com o juiz designado para o caso. Tinha muito em que pensar e havia ocorrido

uma das raras situações de litígio para Drew. Quase tudo o que ele já havia resolvido

antes foi a julgamento, o que era uma rara exceção para ele, e isso o manteve afastado de Tana por quase uma semana, e, quando finalmente se encontraram, quase se

sentiram como estranhos outra vez. Ele perguntou de brincadeira se ela havia encontrado outra pessoa e fizeram amor durante toda a noite apaixonadamente.

- Quero que você chegue ao tribunal tão abatida que todo mundo vai querer saber o que aconteceu esta noite.

E conseguiu. Tana estava com sono, não conseguia tirar Drew da lembrança, só queria estar com ele. Parecia nunca ter o suficiente da sua presença e durante todo

o julgamento sentiu falta dele, mas era um caso importante demais para ser ignorado e conseguiu manter toda a atenção no seu trabalho. O julgamento foi até fins

de maio e finalmente no começo de junho foi dado o veredicto. Exatamente como Tana queria, e como sempre foi bem elogiada pela imprensa. Durante aqueles anos criara

fama de ser rígida, dura, conservadora, impiedosa no tribunal e brilhante nos casos em que trabalhava. Eram todas observações agradáveis e Harry muitas vezes sorria

lendo os elogios a Tana.

- Lendo isto não encontro nem sombra da liberal que conheci e amei, Tana - disse ele, sorrindo.

- Todo mundo tem de crescer algum dia, não é mesmo? Vou fazer 31 este ano.

- Não é desculpa para ser tão severa.

- Não sou, Harry, sou muito boa. - Tinha razão e ele sabia disso. - Essas pessoas assassinaram mulheres e crianças. Não se pode deixar que escapem do castigo.

Toda

a sociedade ia desmoronar. Alguém tem de fazer o que eu faço.

- Fico feliz por ser você e não eu, Tan. - Bateu de leve na mão dela. - Acho que ia ficar a noite inteira acordado, com medo de que algum dia eles me pegassem. -

Harry não gostava nem de falar nisso, mas muitas vezes se preocupava por ela, porém Tana parecia não se incomodar.

- A propósito, como vai Drew?

- Ótimo. Vai a Nova York a negócios na próxima semana e trará as meninas.

- Quando vocês se casam?

- Descanse. - Tana sorriu. - Nem falamos mais no assunto desde que comecei com meu caso. Na verdade, quase não tenho falado com ele.

E quando Tana contou a Drew o seu sucesso, ele teve uma reação estranha.

- Isso é ótimo.

- Bem, não fique tão entusiasmado. Pode fazer mal ao seu coração.

Ele riu.

- Tudo bem, tudo bem. Desculpe. Estava pensando em outra coisa.

- O quê?

- Nada importante.

Mas continuou assim até partir, parecia pior quando voltou do leste e quando voltou para Los Angeles não telefonou para ela. Tana chegou a pensar que havia acontecido

alguma coisa, e imaginou se seria conveniente tomar um avião, fazer uma surpresa e pôr as coisas no lugar outra vez. Só precisavam de algum tempo sozinhos para resolver

tudo, ambos tinham trabalhado muito e Tana conhecia os sintomas. Certa noite, já bem tarde, ela consultou o relógio, pensando se devia ou não tomar o último vôo,

mas resolveu telefonar. Podia ir no dia seguinte, e tinham muita coisa para pôr em dia depois daqueles dois meses de trabalho insano. Discou o número que sabia de

cor, ouviu tocar três vezes e sorriu quando alguém apanhou o telefone no outro lado, mas não por muito tempo. Uma voz de mulher atendeu.

- Alô?

O coração de Tana parou e ela ficou ali sentada olhando para a noite, depois apressadamente desligou o telefone.

Seu coração estava assustadoramente disparado, sentiu-se atordoada, desorientada, estranha. Não podia acreditar no que acabava de ouvir. Com certeza discara o número

errado, mas antes que pudesse se acalmar e tentar novamente, o telefone tocou, ouviu a voz de Drew, e então teve certeza. Ele devia saber que ela telefonara e estava

em pânico. Tana teve a impressão de que sua vida estava se acabando.

- Quem atendeu? - Ela estava quase histérica e Drew nervoso também.

- O quê?

- A mulher que atendeu seu telefone. - Procurou se acalmar mas sua voz estava descontrolada.

- Não sei do que está falando.

- Drew!… responda…! Por favor… - Estava chorando e gritando ao mesmo tempo.

- Precisamos conversar.

- Oh, meu deus… droga, o que você fez comigo?

- Pelo amor de Deus, não seja tão dramática. Ela o interrompeu com a voz esganiçada.

- Dramática? Telefono para você às onze horas da noite e uma mulher atende e ainda diz que estou sendo dramática? Gostaria que um homem atendesse quando telefonasse

para mim?

- Pare com isso, Tan. Foi Eileen.

- Naturalmente. - Tana sabia, por instinto.

- E onde estão as meninas? - Nem sabia por que tinha perguntado isso.

- Em Malibu.

- Malibu? Quer dizer que está sozinho com ela?

- Precisávamos conversar. - Subitamente a voz dele ficou inexpressiva.

- Sozinhos? A essa hora? Que diabo significa isso? Ela assinou?

- Sim, não… escute, preciso conversar com você…

- Oh, agora precisa, falar comigo… - Estava sendo cruel com ele e os dois pareciam histéricos. - Que diabo de merda está acontecendo aí?

Fez-se um longo silêncio que Drew não conseguiu quebrar. Tana desligou, chorou a noite toda e ele chegou em San Francisco no dia seguinte. Era sábado e Tana estava

em casa, como Drew sabia. Entrou usando a própria

chave e a encontrou tristonha sentada ao lado da janela, olhando para a baía. Nem virou a cabeça quando o ouviu entrar, mas falou de costas.

- Por que se deu ao trabalho de vir até aqui? Drew ajoelhou ao lado dela, tocou o pescoço de Tana

com a ponta dos dedos.

- Porque eu te amo, Tan.

- Não, não ama. - Balançou a cabeça. - Você ama Eileen. Sempre amou.

- Não é verdade… - Mas ambos sabiam que era, os três sabiam. - Na realidade, amo as duas. É uma coisa horrível, mas é a verdade. Não sei como deixar de amar Eileen,

e ao mesmo tempo estou apaixonado por você.

- Isso é doentio.

Ela continuou olhando para a baía, julgando-o, Drew puxou de leve os cabelos de Tana para fazê-la olhar para ele e então as lágrimas que viu nos seus olhos partiram

seu coração.

- Não posso controlar o que sinto. E não sei o que fazer com tudo isso. Elizabeth quase foi reprovada na escola, está muito preocupada comigo e Eileen. Julie tem

pesadelos. Eileen deixou o emprego na O.E.A., recusou o posto de embaixador e voltou para casa, para as meninas…

- Estão morando com você? - Era como se a tivessem atingido no coração. Drew assentiu com a cabeça. Não queria mais mentir para ela. - Quando foi que isso aconteceu?

- Conversamos muito sobre o assunto em Washington na semana da Páscoa… mas eu não quis aborrecer você por causa do seu trabalho, Tan…

Teve vontade de agredi-lo por essas palavras. Como lhe ocultar uma coisa dessas?

- Nada estava resolvido. Ela fez tudo sem me consultar e apareceu na última semana. Agora, o que espera que eu faça? Que as ponha para fora?

- Exatamente. Nunca devia ter permitido que entrassem.

- Ela é minha mulher e são minhas filhas.

Drew parecia a ponto de chorar, mas Tana levantou-se então.

- Acho que está tudo resolvido, não? - Foi lentamente até a porta e olhou para ele. - Adeus, Drew.

- Não vou sair daqui assim. Eu te amo.

- Então, livre-se da sua mulher. É muito simples.

- Não, não é simples, que diabo!

Estava gritando agora. Tana se recusava a entender o que ele estava passando.

- Você não sabe o que é isso… o que eu sinto… a culpa… a agonia.

Começou a chorar e Tana sentiu-se mal. Virou o rosto e com esforço falou, dominando as lágrimas na voz.

- Por favor, vá embora…

- Não, não vou.

Ele a abraçou, Tana tentou afastá-lo mas não conseguiu, e de repente, contra a vontade, sucumbiu e fizeram amor outra vez, chorando, implorando, gritando, acusando-se

mutuamente e ao destino, e quando terminou, ficaram deitados exaustos, abraçados, Tana olhando para ele.

- O que vamos fazer?

- Não sei. Dê-me um pouco de tempo. Ela suspirou dolorosamente.

- Jurei que jamais faria uma coisa dessas…

Mas não suportava a idéia de perdê-lo, nem ele suportaria a dor de perder Tana. Nos dois dias seguintes, choraram abraçados e quando Drew voltou para Los Angeles

nada estava resolvido, a não ser que nada acabara ainda. Tana concordou em dar mais tempo, Drew prometeu procurar resolver a situação e, nos seis meses seguintes,

quase enlouqueceram com promessas e ameaças, ultimatos e histeria. Tana telefonou e desligou ao ouvir a voz de Eileen uma centena de vezes. Drew pediu a ela para

não fazer nada impensado. Até as meninas perceberam o desalento do pai. E Tana começou a evitar seus conhecidos, especialmente Harry e Averil. Não suportava a interrogação

que via nos

olhos dele, o carinho de Averil, as crianças que só a faziam se lembrar de Drew. Era uma situação intolerável para todos, e Eileen estava a par de tudo, mas dizia

que não ia sair de casa outra vez. Esperaria que Drew resolvesse, não pretendia ir a parte alguma, e Tana tinha a impressão de estar enlouquecendo. Passou seu aniversário,

o Quatro de Julho, o Dia do Trabalho e de Ação de Graças sozinha, como era de esperar…

- O que espera de mim, Tana? Quer que eu simplesmente as abandone?

- Acho que sim. Talvez seja exatamente isso que espero de você. Por que eu devo ficar sempre sozinha? É importante para mim também…

- Mas eu tenho as meninas…

- Ora, foda-se.

Mas não estava falando sério até passar o Natal sozinha. Drew prometera passar com ela o Natal e o Ano-Novo, e Tana esperou a noite toda e ele não apareceu. Na véspera

do Ano-Novo ficou em casa com um vestido novo até as nove horas da manhã do dia seguinte, e então, lenta e irrevogavelmente, tirou o vestido e jogou na lata de lixo.

Ela o havia comprado só para ele. No dia seguinte mandou trocar as fechaduras das portas e apanhou tudo o que Drew havia deixado no apartamento durante aquele ano

e despachou em uma caixa sem nenhuma indicação de procedência. Depois disso, mandou um telegrama que dizia “Adeus. Não volte mais”. E chorou rios de lágrimas. Com

toda a sua coragem, o último esforço quase a aniquilou, e Drew voou para ela quando começou a receber os recados, o telegrama, a encomenda, apavorado

com a idéia

de que Tana estivesse resolvida dessa vez e, quando tentou abrir a porta, ficou certo de que estava. Foi ao escritório dela, insistindo freneticamente para vê-la;

quando o recebeu, Tana estava com os olhos muito frios e mais verdes do que nunca.

- Não tenho nada mais para dizer, Drew.

Uma parte de Tana tinha morrido. Drew a matara com esperanças jamais realizadas, as mentiras com que tentara

enganar os dois, especialmente a si mesmo. Tana agora tentava imaginar como sua mãe havia suportado todos aqueles anos sem cometer suicídio. Foi a pior tortura que

já tinha enfrentado e não queria nunca mais passar por isso, por ninguém. Muito menos por ele.

- Tana, por favor…

- Adeus.

Tana saiu do escritório para o corredor e desapareceu em uma sala de conferências. Logo depois saiu do prédio, mas durante algumas horas não foi para casa. E quando

chegou ele ainda estava à sua espera do lado de fora, sob a chuva. Tana diminuiu a marcha do carro, viu Drew ali parado e acelerou outra vez. Passou a noite em um

motel na Rua Lombard e na manhã seguinte, quando voltou, Drew estava dormindo no carro. Aparentemente escutou os passos dela, acordou e saltou para falar com ela.

- Se não me deixar em paz, chamo a polícia. Parecia fria e ameaçadora, mas o que ele não via era

como Tana se sentia, o quanto soluçou depois que ele se foi, como ficou

desesperada com a idéia de não vê-lo mais. Chegou a pensar em se atirar da ponte, mas algo

a impediu, algo que ela nem sabia o que era. Então, como por milagre, Harry sentiu que alguma coisa estava errada quando telefonou repetidamente para o apartamento

dela e ninguém atendeu. Tana pensou que fosse Drew e deitada no chão da sala soluçava, lembrando a noite em que haviam feito amor ali e ele a pedira em casamento.

Então bateram violentamente na porta e ela ouviu a voz de Harry. Parecia um trapo quando abriu a porta para ele, o rosto molhado de lágrimas, descalça, a saia cheia

de fiapos do tapete, a suéter toda amassada.

- Meu Deus, o que aconteceu com você? Parecia que ela estivera bebendo por uma semana, ou

fora espancada, ou que algo terrível tinha acontecido. Só o último item era verdadeiro.

- Tana?

Ela se desmanchou em lágrimas quando Harry olhou para ela e a abraçou e inclinou-se desajeitadamente sobre

a cadeira. Depois a fez sentar-se no sofá e contar a história.

- Tudo acabou agora… Nunca mais vou vê-lo…

- É melhor para você. - Harry estava sério. - Não pode viver assim. Nos últimos seis meses você esteve horrível. Não é justo.

- Eu sei… mas talvez se eu esperasse… acho que no fim…

Estava fraca e histérica, e subitamente pareceu desistir da sua decisão. Harry disse gritando:

- Não! Pare com isso! Ele nunca vai deixar a mulher se não deixou até agora. Ela voltou há sete meses, que diabo. Tan, ela ainda está lá. Se ele quisesse se livrar

já teria encontrado a porta a esta altura. Não se engane.

- Eu me deixei enganar durante um ano e meio.

- As coisas são assim às vezes. - Queria parecer calmo mas tinha vontade de matar o filho da mãe que tinha feito aquilo com ela. - Você agora tem de se levantar

e continuar andando.

- Ah, naturalmente… - Começou a chorar outra vez, esquecendo que estava falando com Harry. - Isso é fácil de dizer.

Harry olhou para ela longa e friamente.

- Lembra de como você me arrastou à força de volta à vida, e depois para a faculdade de direito, do mesmo modo? Lembra-se de mim? Muito bem, não venha com essa merda,

Tan. Se eu consegui, você também pode. Vai superar isso.

- Eu nunca amei ninguém assim.

Falou chorando e o coração de Harry se apertou vendo aqueles enormes olhos verdes cheios de lágrimas. Não parecia ter mais de 12 anos e ele queria fazer com que

tudo ficasse certo para ela, mas não podia dar sumiço na mulher de Drew, embora achasse que teria imenso prazer nisso. Qualquer coisa para Tan, sua melhor e mais

querida amiga.

- Vai aparecer outro. Melhor do que ele.

- Não quero outro. Não quero ninguém. Exatamente o que Harry temia mais do que tudo.

No ano seguinte Tana fez questão de provar isso. Recusava-se a sair, via apenas os colegas de trabalho. Não ia a lugar algum, não via pessoa alguma, recusou-se até

a ver Averil e Harry. Completou 32 anos sozinha, passava as noites sozinha, teria comido o peru do dia de Ação de Graças sozinha se tivesse preparado algum, o que

não fez. Trabalhava em horas extras, tempo dobrado, nas horas de lazer, trabalhava sempre, sentada à sua mesa até 11:00h da noite, aceitando mais casos do que antes

e durante um ano praticamente não teve nenhuma diversão. Raramente ria, não telefonava para ninguém, não saía com ninguém e levava semanas para retribuir os telefonemas

de Harry.

- Parabéns. - Finalmente, em fevereiro ele conseguiu falar com Tana. Há mais de um ano que ela estava de luto por Drew Lands e soubera por acaso, através de amigos

comuns, que ele e Eileen estavam juntos e tinham comprado uma bonita casa em Beverly Hills.

- Muito bem, sua bobona. - Harry estava cansado de tentar falar com ela. - O que há que não me telefona mais quando deixo recado?

- Tenho estado muito ocupada nestas últimas semanas. Não lê os jornais? Estou esperando o veredicto.

- Não ligo porra nenhuma para isso, se quer saber, e não justifica os últimos 13 meses. Você nunca me telefona. Sou sempre eu que procuro você. Será meu hálito,

meu chulé, ou meu Q.I?

Tana riu. Harry era sempre o mesmo.

- Tudo isso.

- Bobona. Vai ficar sentindo pena de você mesma o resto da vida? O cara não valia isso, Tan. E um ano inteiro é ridículo.

- Não tem nada a ver com isso.

Mas os dois sabiam que não era verdade. Tinha tudo a ver com Drew Lands e com o fato de ele não ter deixado a mulher.

- Isso também é novidade. Nunca mentiu para mim antes.

- Tudo bem, tudo bem. É mais fácil não ver ninguém.

- Por quê? Devia estar comemorando! Podia ter feito o mesmo que sua mãe e ficar esperando sentada durante

15 anos. Mas foi esperta e saiu a tempo. Então, o que foi que perdeu, Tan? Sua virgindade? Dezoito meses? E daí? Outras mulheres perdem dez anos com homens casados…

perdem os corações, a sanidade, o tempo, a vida. Você teve sorte, se quer saber.

- É.

No fundo do coração sabia que Harry estava certo, mas ainda não se sentia bem com a idéia. Talvez nunca se sentisse. Ainda alternava as fases de saudades dele com

as fases de raiva. Não era a indiferença que gostaria de sentir, e finalmente confessou isso a Harry quando aceitou o convite para almoçar com ele.

- Isso leva tempo, Tan. E muita água tem de rolar. Tem de sair com outras pessoas. Pensar em outras coisas, não só nele. Não pode só trabalhar o tempo todo. - Sorriu

ternamente, ele a amava tanto, e sabia que sempre a amaria. Não era o mesmo que sentia por Averil. Tana era mais como uma irmã, agora. Lembrava-se da paixão louca

que tivera por ela durante anos e falou sobre ela, terminando. - E eu sobrevivi.

- Não foi a mesma coisa. Droga. Drew me pediu em casamento. O único homem com quem eu quis me casar. Sabia disso?

- Sim, eu sabia. - Harry a conhecia melhor do que ninguém. - Então ele é um cretino. Já sabemos disso. E você está sendo um pouco lenta. Mas vai querer se casar

outra vez. Vai aparecer alguém.

- Era só o que faltava. - Parecia revoltada com a idéia. - Sou muito velha. Romance adolescente não é mais o meu estilo, obrigada.

- Ótimo, então procure um velho chato que ache você engraçadinha, mas não fique aí sentada desperdiçando sua vida desse jeito.

- Não estou desperdiçando, Harry. - Olhou muito séria para ele. - Tenho o meu trabalho.

- Não basta. Cristo, você é mesmo chata.

Olhou para ela e balançou a cabeça, depois convidoua para uma reunião na semana seguinte, mas Tana não apareceu. E Harry teve de começar uma campanha para tirála

de dentro da concha outra vez. Era como se tivesse sido violentada novamente. Para piorar as coisas, Tana perdeu um caso importante e ficou muito deprimida.

- Certo, certo, você não é infalível, e daí? Pelo amor de Deus, dá uma folga. Saia da cruz. Sei que é a semana da Páscoa, mas uma vez é bastante. Não é capaz de

encontrar outra coisa para fazer senão se atormentar o tempo todo? Por que não vem passar a semana conosco no Tahoe? - Tinham alugado uma casa no lago e Harry gostava

de passar tempos lá com os filhos. - Em breve não poderemos ir por algum tempo.

- Por que não?

Olhou para ele enquanto Harry pagava a conta do jantar e ele sorriu. Tana tinha

dado um trabalho enorme nos últimos meses, mas estava começando a sair do isolamento.

- Não vou poder levar Averil. Está grávida outra vez, você sabe.

Por um instante Tana ficou realmente chocada e Harry riu, depois corou.

- Já aconteceu antes, afinal… quero dizer, não é tão notável…

Mas ambos sabiam que era. E subitamente os lábios de Tana se abriram em um largo sorriso. Era como se a vida tivesse entrado em foco outra vez e subitamente Drew

Lands desapareceu e Tana queria gritar e cantar. Era como ter tido uma dor de dentes durante um ano e descobrir que havia passado miraculosamente.

- Ora, puxa vida. Vocês nunca param?

- Nem pense. Depois deste, iremos para o quarto. Quero outra menina desta vez, mas Ave quer um menino.

Tana não parou de sorrir e deu um grande abraço nele quando saíram do restaurante.

- Vou ser tia outra vez.

- Se quer saber, esse é o caminho mais fácil. Não é justo, Tan.

- Muito conveniente para mim.

Uma coisa que Tana decididamente não queria era filhos, não importava o tipo de homem que viesse a surgir em sua vida. Não tinha tempo e de qualquer modo estava

muito velha para isso. Há muito tomara essa decisão; seu filho era sua carreira. E tinha os filhos de Harry para mimar quando queria uma coisinha daquelas no colo.

Eram ambos adoráveis e estava feliz por eles com o terceiro que estava a caminho. Averil tinha partos muito fáceis e Harry ficava tão orgulhoso. Além

disso, naturalmente

podiam manter quantos filhos quisessem. Só sua mãe não aprovou quando Tana contou a novidade.

- Não me parece nada sensato. Ultimamente, Jean se opunha a tudo; filhos, viagens,

novos empregos, casas novas. Era como se quisesse passar o resto da vida cautelosamente e achasse que todos deviam fazer o mesmo. Era um sinal de idade, Tana sabia,

mas sua mãe parecia tão jovem para isso! Tinha envelhecido rapidamente depois do casamento com Arthur. Nada dera certo para ela, e, quando conseguiu o que queria,

não era o mesmo de antes. Arthur era um homem doente e estava ficando velho.

Mas Tana estava feliz por Harry e Averil, e quando no dia 25 de novembro chegou o novo bebé, Averil ganhou o que queria. Um bonito e forte menino. Deram a ele o

nome do bisavô, Andrew Harrison e Tana, sorrindo para o menininho nos braços da mãe, sentiu os olhos cheios de lágrimas. Não reagira assim aos outros, mas havia

algo tão doce e tocante na inocência do bebê, a pele rosada e perfeita, os grandes olhos redondos, os dedinhos miúdos dobrados. Tana nunca vira tanta perfeição,

e tudo tão pequenino. Olhou para Harry e trocaram um sorriso, pensando no longo caminho percorrido, e ele parecia tão orgulhoso, segurando a mão da mulher e tocando

delicadamente o filho.

Averil foi para casa no dia seguinte ao parto, e fez ela mesma o jantar de Ação de Graças, como sempre fazia, recusando qualquer ajuda e Tana olhava para ela atónita

vendo-a fazer tudo tão bem.

- Faz a gente se sentir meio idiota, não acha? Averil estava amamentando o bebé perto da janela,

olhando para a baía e Tana olhou para ela. Harry sorriu.

- Você também podia fazer, Tan, se quisesse.

- Não conte com isso. Mal sei cozinhar um ovo, quanto mais dar à luz e preparar um peru dois dias depois para minha família, como se não tivesse feito nada a semana

toda. Acho bom se agarrar nela, Harry, e não a engravidar outra vez.

Sorriu para ele e sabia que os dois nunca estiveram tão felizes. Averil irradiava felicidade e ele também.

- Vou fazer o melhor possível. A propósito, você vem para o batizado? Ave quer que seja no dia de Natal, se você estiver na cidade.

- Onde mais poderia estar? - Tana riu.

- Sei lá? Podia ir para casa, em Nova York. Eu estava pensando em levar os meninos a Gstaad para ver papai, mas ele resolveu ir a Tânger com alguns amigos, portanto

isso está fora.

- Está partindo meu coração.

Tana riu. Há anos não via Harrison, mas Harry dizia que ele estava bem. Parecia o tipo de homem que ia ser saudável e bonito pelo resto da vida. Era estranho pensar

que estava com sessenta e poucos anos agora, 63 para ser exato, Harry lembrou, embora não parecesse ter nem a metade, disse ele. Era estranho lembrar o quanto Harry

tinha odiado o pai, mas não odiava mais. Tana mudara isso tudo e Harry não se esquecia. Queria que ela fosse a madrinha outra vez, e ela ficou comovida.

- Vocês não têm outros amigos? Seus filhos vão ficar mais do que enjoados de mim quando crescerem.

- Pior para eles. Jack Hawthorne é o padrinho de Andrew. Assim vão se conhecer finalmente. Ele pensa que você o tem evitado.

Durante todos os anos da sociedade de Harry, Tana jamais o vira. Mas não tinha nenhum motivo para conhecêlo, embora estivesse curiosa agora. E quando se encontraram

pela primeira vez na igreja da Virgem Maria em Union

Street, no dia de Natal, achou que ele era quase tudo que ela esperava. Alto, louro, bonito, parecia um jogador de futebol de universidade americana, mas inteligente

também. Tinha ombros largos e mãos enormes e segurou o bebé com uma delicadeza que a deixou atónita.

Fora da igreja, quando conversava com Harry, Tana sorriu para ele.

- Você faz isso muito bem, Jack.

- Obrigado. Estou um pouco enferrujado, mas ainda posso dar uns beliscões.

- Tem filhos?

Uma conversa casual no lado de fora da igreja. A única coisa que podiam ter em comum era o direito, ou seus amigos comuns, mas era mais fácil e mais agradável falar

sobre o novo afilhado dos dois.

- Uma menina. Dez anos.

- Parece incrível.

Dez anos, parecia tanto… naturalmente Elizabeth tinha

13, mas Drew era muito mais velho do que Jack. Pelo menos parecia. Tana sabia que Jack tinha quase quarenta, mas parecia um garoto. E na festa em casa de

Harry e

Averil mais tarde, Jack contou piadas e histórias engraçadas, e todos riram, inclusive Tana. Encontrou Harry na cozinha preparando outro drinque para um convidado

e disse sorrindo:

- Não admira que você goste tanto dele. É um cara e tanto.

- Jack?

Harry não ficou surpreendido. Além de Averil e Tana, Jack Hawthorne era seu melhor amigo, e há alguns anos trabalhavam juntos. Tinham uma firma próspera e trabalhavam

do mesmo modo, não desesperadamente como Tana, mas com mais sensatez. E os dois combinavam bem.

- Ele é inteligente à beça, mas não faz questão de mostrar.

- Notei isso.

A princípio teve a impressão de que ele era muito superficial, mas depois notou que era mais observador do que a maioria das pessoas.

Finalmente, quando terminou a festa, ele se ofereceu para levá-la em casa e Tana aceitou agradecida. Seu carro ficara perto da igreja, na cidade.

- Muito bem, afinal conheci a famosa assistente do promotor público. Eles gostam mesmo de escrever a seu respeito, não é?

Tana ficou embaraçada, mas ele parecia muito à vontade.

- Só quando não têm nada mais para fazer.

Ele sorriu. Gostou da modéstia dela. Gostou também das pernas longas e bem-feitas que apareciam sob a saia de veludo negro. Tana estava com um costume comprado no

I. Magnin para o batizado.

- Harry se orgulha muito de você. É como se eu já a conhecesse. Fala de você o tempo todo.

- Comigo é a mesma coisa. Não tenho filhos, assim todos têm de ouvir histórias sobre Harry e do tempo da faculdade.

- Vocês devem ter sido a dupla de morte nesse tempo. Ele deu um largo sorriso, Tana riu.

- Mais ou menos. Nós nos divertíamos a valer a maior parte do tempo. E uma vez ou outra, tínhamos nossas brigas feias. - Sorriu com a lembrança. - Devo estar ficando

velha, toda esta nostalgia…

- É a época do ano para isso.

- Tem razão. O Natal sempre tem esse efeito em mim.

- Em mim também.

Imaginou onde estaria a filha dele, se era parte da saudade.

- Você é de Nova York, não é?

Tana assentiu com a cabeça. Isso tudo parecia há anosluz agora.

- E você?

- Sou do meio-oeste. Detroit, para ser exato. Um lugar bonito.

Sorriu e os dois riram outra vez. Ele era uma companhia agradável e pareceu inofensivo para Tana quando a convidou para sair e tomar uns drinques. Mas tudo parecia

tão

vazio e era tão deprimente ir a um bar na noite de Natal que ela acabou convidando Jack para seu apartamento e ele demonstrou ser perfeitamente agradável. Foi quase

inócuo que Tana mal o reconheceu quando se encontraram na prefeitura na semana seguinte. Jack era um daqueles homens altos, bonitos e louros que podia ser qualquer

pessoa, desde um colega de faculdade, até o marido, irmão ou o namorado de alguém, e então Tana lembrou-se de quem ele era e corou.

- Desculpe, Jack… estava distraída…

- Tem todo o direito de estar.

Jack sorriu e Tana achou divertido verificar o quanto seu trabalho o impressionava. Harry devia estar contando mais mentiras para ele. Tana sabia que ele exagerava

um bocado quando falava dela, sobre os estupradores com quem ela lutava nas celas, os golpes de judô que ela conhecia, os casos resolvidos por ela sem ajuda dos

investigadores. Nada disso verdadeiro, naturalmente. Mas Harry adorava contar histórias, especialmente sobre Tana.

- …Por que você mente desse jeito? - Ela perguntara mais de uma vez, mas ele não parecia arrependido.

- Algumas são verdadeiras.

- Uma ova que são. Encontrei um dos seus amigos na semana passada que pensa que fui esfaqueada por um traficante de cocaína em uma cela. Pelo amor de Deus, Harry,

pare com isso.

Pensou nessas histórias agora e achou que Harry devia ter inventado mais alguma. Sorriu para Jack.

- Na verdade, as coisas estão indo muito bem. E com você?

- Nada mau. Temos alguns bons casos. Harry e Ave foram passar algumas semanas em Tahoe e estou defendendo o forte sozinho.

- Ele trabalha tanto.

Os dois riram e Jack olhou para ela, hesitante. Há uma semana estava morrendo de vontade de telefonar para ela mas não tivera coragem ainda.

- Não teria tempo para almoço, teria?

Por estranho que fosse, Tana tinha tempo. Jack ficou

satisfeito quando ela disse sim e foram ao Bijou, um pequeno restaurante francês em Polk, mais pretensioso do que bom, mas foi agradável a conversa de uma hora mais

ou menos com o amigo de Harry. Há tantos anos Tana ouvia falar dele e com seu excesso de trabalho e a tempestade com Drew Lands, nunca tiveram oportunidade de se

encontrar.

- É ridículo, você sabe. Harry devia ter-nos apresentado há muitos anos.

Jack sorriu.

- Acho que ele tentou.

Não disse nada que indicasse que sabia sobre Drew, mas Tana podia falar sobre o assunto agora.

- Eu estive meio difícil durante algum tempo - ela sorriu.

- E hoje? - Sorriu para ela como o mesmo sorriso com que tinha olhado para o pequeno afilhado.

- Estou de volta ao meu péssimo eu.

- Isso é ótimo.

- Na verdade, Harry salvou minha vida desta vez.

- Sei que andou muito preocupado com você durante algum tempo.

Tana suspirou.

- Fiz um papel de idiota… acho que todos nós temos de fazer em certa época da vida.

- Eu já fiz o meu. - Ele sorriu. - Engravidei a melhor amiga da minha irmãzinha em Detroit há dez anos quando fui passar as férias em casa. Não sei o que me aconteceu,

devo ter ficado biruta ou coisa assim. Ela era uma ruivinha bonitinha… 21 anos… e pan!, quando dei por mim, estava me casando. Ela detestava esta cidade, vivia

chorando. A pobrezinha da Barb teve cólicas durante os seus seis primeiros meses de vida, e um ano depois, Kate voltou e tudo acabou. Agora tenho uma ex-esposa e

uma filha em Detroit e não sei mais quase nada sobre elas. Foi a coisa mais maluca que já fiz, e não pretendo fazer outra vez! - Parecia muito convencido do que

dizia e era fácil ver que estava sendo sincero. - Desde aquele dia nunca mais bebi rum puro. - Deu um largo sorriso e Tana riu.

- Pelo menos tem alguma coisa para mostrar. - Era mais do que ela podia dizer, não que quisesse filhos de Drew, mesmo que ele não tivesse feito a vasectomia. -

Vê sua filha às vezes?

- Ela passa comigo um mês por ano - suspirou com um sorriso cauteloso. - É um pouco difícil criar um relacionamento dessa forma! - Sempre achara injusto para a menina,

mas o que mais podia fazer? Não podia ignorá-la.

- Na verdade, somos estranhos um para o outro. Eu sou o cara esquisito que manda cartões de aniversário todos os anos e a leva aos jogos de beisebol quando ela está

aqui. Não sei o que mais fazer com ela. Ave me ajudou muito cuidando dela

durante o dia no ano passado. E me emprestaram a casa no lago Tahoe por uma semana. Ela

adorou

- Jack sorriu - e eu também. É meio desajeitado fazer amizades com uma criança de dez anos.

- Faço idéia. O relacionamento… o homem com quem estive envolvida tinha duas meninas, e era estranho para mim. Não tenho filhos e não era o mesmo que com os filhos

de Harry. De repente ali estavam aquelas duas meninas grandes olhando para mim. Foi realmente estranho.

- Você se afeiçoou a elas? - Ele parecia intrigado e Tana achou que era fácil conversar com Jack.

- Francamente não… Não houve tempo. Elas moravam no leste - lembrou-se do resto - durante um tempo.

Ele fez um gesto afirmativo e sorriu.

- Sem dúvida você conseguiu manter sua vida mais simplificada do que todos nós. - Riu suavemente. - Aposto que não bebe rum.

Tana riu também.

- Geralmente não, mas assim mesmo consegui me prejudicar bastante em outras áreas. Só que não tenho filhos para provar.

- Arrepende-se disso?

- Nem um pouco. - Foram precisos trinta e três anos para falar sobre o assunto honestamente. - Certas coisas nesta vida não são para mim e filhos é uma delas. Madrinha

é mais o meu estilo.

- Eu provavelmente devia ter ficado nisso também, pelo bem de Barb, se não fosse por mais ninguém. Pelo menos a mãe dela está casada de novo e ela tem uma figura

paterna real durante os 11 meses que não me vê.

- Isso não o aborrece? - Estava imaginando se ele se sentia possessivo em relação à filha. Drew era demais com as suas, especialmente com Elizabeth.

Mas Jack balançou a cabeça.

- Eu mal conheço a garota. Uma coisa horrível de dizer, mas é verdade. A cada ano eu tenho de conhecê-la de novo e ela vai embora, e quando volta cresceu mais um

ano e mudou tudo outra vez. É uma espécie de aventura infrutífera, mas talvez seja bom para ela. Não sei. Devo a ela pelo menos isso. E desconfio que daqui a alguns

anos vai me mandar para o inferno, dizendo que tem um namorado em Detroit e não quer mais me visitar aqui.

Talvez ele venha com ela. - Os dois riram.

- Deus me livre. Era só o que me faltava. Penso como você, algumas coisas nesta vida não quero que me sejam infligidas… malária, febre tifóide… casamento…

filhos…

Tana riu da sinceridade dele, sem dúvida não era a opinião mais popular, ou pelo menos não era o que as pessoas costumavam dizer, mas sentiam que podiam falar assim

um com o outro.

- Concordo. Acho mesmo que é impossível fazer bem o que você faz e dar o bastante a um relacionamento desse tipo.

- Isso parece nobre, minha amiga, mas ambos sabemos que não tem nada a ver. Sinceramente? Morro de medo, só o que me faltava era outra Kate de Detroit chorando a

noite toda porque não tem amigos aqui… ou uma mulher totalmente dependente sem nada para fazer o dia inteiro e que me aborreça a noite toda, ou que, depois

de

dois anos de casamento, resolva que metade da sociedade que tenho com Harry pertence a ela. Ele e eu temos a mesma opinião nesse ponto e eu não quero nada com essas

coisas. - Sorriu. - E você, minha cara, do que tem medo? Frieil

rãs, partos? Desistir da carreira? Competir por um homem? Jack era surpreendentemente astuto e Tana o admirou por isso.

- Acertou! Tudo o que foi acima citado. Talvez tenha medo de prejudicar o que construí, medo de me magoar… não sei. Acho que minhas dúvidas sobre o casamento vêm

de muitos anos atrás, embora não soubesse naquele tempo “mas espere… ainda não… tenho isto ou aquilo para fazer primeiro”. É como ser voluntário para ter a cabeça

decepada, nunca um divertimento verdadeiro.

Ele riu e Tana lembrou-se de Drew pedindo-a em casamento na frente da lareira, mas afastou a lembrança dolorosa. De um modo geral as lembranças de Drew não a feriam

muito, mas algumas eram dolorosas ainda. E essa especialmente, talvez por achar que ele a havia feito de tola. Estava disposta a abrir uma exceção, aceitara o pedido

e Drew voltara para Eileen…

Jack a observava e viu quando ela franziu a testa.

- Ninguém vale tanta tristeza, Tana.

- Velhas, velhas lembranças - ela disse, sorrindo.

- Esqueça, então. Não podem magoar você agora.

Havia algo de maravilhosamente tranqüilo e sensato naquele homem e Tana

começou a sair com ele quase sem pensar. Um cinema, um jantar cedo, um passeio em Union Street,

um jogo de futebol. Ele ia e vinha e tornou-se seu amigo, e quando finalmente, no fim da primavera, foram para a cama, parecia a coisa mais natural do mundo. Já

se conheciam há cinco meses e não foi nada de abalar a ordem das coisas, mas foi confortável. Era uma boa companhia, inteligente, e compreendia maravilhosamente

o que ela fazia, respeitava muito o trabalho dela, compartilhavam até de um melhor amigo e no verão, quando a filha dele foi visitá-lo, tudo continuou confortável.

Ela era uma garota muito doce de 11 anos, olhos, mãos e pés muito grandes e cabelo vermelho brilhante, como um filhote de setter irlandês. Eles a levaram à praia

Stimson algumas vezes, fizeram piqueniques juntos. Tana não tinha muito tempo - estava com um grande caso em julgamento na época - mas tudo foi muito agradável,

e foram

à casa de Harry, que os observou com curiosidade, procurando descobrir se havia algo de sério entre eles. Mas Averil achava que não havia e ela em geral acertava.

Não havia calor, nem paixão, nenhuma intensidade, mas também não havia sofrimento. Era um relacionamento cômodo, inteligente, divertido às vezes, e extremamente

satisfatório na cama. E no fim de um ano saindo com ele, Tana podia perfeitamente imaginar uma vida inteira com esse relacionamento. Era uma dessas coisas que acontecem

com pessoas que nunca se casaram e que nunca quiseram se casar, para desapontamento dos amigos que já haviam passado muitas vezes pelas cortes de divórcio; pessoas

que jantavam juntas em restaurantes nas noites de sábado, saíam juntas nas férias, iam juntas a festas de Natal e outras, tinham prazer uma na companhia da outra,

e mais cedo ou mais tarde acabavam na cama, e no dia seguinte cada uma ia para sua casa para encontrar as toalhas exatamente no lugar em que queriam que estivessem,

o bule de café pronto para ser usado. Era perfeito para os dois, mas deixava Harry maluco e isso também os divertia.

- Quero dizer, vejam vocês dois, tão complacentes que me dá vontade de chorar.

- Os três estavam almoçando; Tana e Jack não se preocuparam com a opinião dele.

Olhou para Jack com um sorriso. ,

- Dê um lenço para ele, meu bem.

- Ora, deixe que use a manga. Ele sempre usa.

- Vocês não sabem o que é decência? O que há com vocês?

Trocaram um olhar tranqüilo.

- Apenas decadentes, eu acho.

- Não querem filhos?

- Nunca ouviu falar em controle de natalidade? Jack olhou para ele, Harry parecia a ponto de gritar

e Tana riu.

- Desista, garoto. Não vai ganhar esta. Estamos felizes assim.

- Estão saindo juntos há um ano. Que diabo isso significa para vocês dois?

- Que temos um bocado de resistência. Eu agora sei que ele tem todos os instintos homicidas ativados se alguém tocar na seção de esportes do jornal de domingo e

detesta música clássica.

- E isso é tudo? Como podem ser tão insensíveis?

- Tudo vem naturalmente. - Tana sorriu com doçura para o amigo, e Jack riu alto.

- Encare os fatos, Harry, você está superado em número, classe e tudo o mais.

Seis meses mais tarde, quando Tana fez 35 anos, eles finalmente surpreenderam Harry.

- Vão se casar! - Harry mal ousou murmurar a palavra quando Jack disse que estavam procurando uma casa, mas Jack riu.

- Que diabo, não, não conhece sua amiga Tana se pensa que existe a mínima esperança. Estamos pensando em viver juntos.

Harry girou rapidamente a cadeira de rodas e olhou furioso para Jack.

- É a coisa mais revoltante que já ouvi. Não vou deixar que faça isso com ela.

Jack deu uma gargalhada.

- Foi idéia de Tana, e, além disso, você e Ave também fizeram.

A filha dele tinha ido para casa e ficara muito complicado ir e vir da casa de Tana para a dele durante um mês.

- A casa dela é muito pequena para dois, a minha também. E realmente tenho vontade de morar em Marin. Tana diz que também gosta.

Harry ficou triste. Queria um final feliz, com arroz, pétalas de rosa e nenhum dos dois estava cooperando com ele.

- Sabe como é complicado investir em imóveis quando não se é casado?

- Naturalmente que sei e ela também sabe. Por isso provavelmente vamos alugar.

E foi exatamente o que fizeram. Encontraram a casa que queriam com uma vista maravilhosa, em Tirburon. Tinha quatro quartos e era uma pechincha comparada com

o que devia custar para venda e cada um podia ter seu escritório, um quarto de dormir para os dois e um

quarto para Barb quando fosse visitar o pai ou para outro hóspede qualquer. Tinha um belo solário, terraço, piscina quente com a bela vista e os dois estavam mais

felizes do que nunca. Harry e Averil foram ver a casa com as crianças e tiveram de admitir que a localização era ótima, mas não era ainda l o que ele queria para

Tana, e ela riu dele. O pior de tudo era que Jack concordava plenamente com ela. Não tinha nenhuma intenção de se prender com casamento outra vez com ninguém. Estava

com 38 anos e sua pequena aventura em Detroit há 12 anos tinha custado muito caro.

Jack e Tana ofereceram o jantar de Natal naquele ano e foi uma beleza, com a baía lá embaixo e a cidade cintilando à distância.

- É como um sonho, não é, meu bem? - murmurou Jack, depois que todos já tinham se retirado.

Tinham exatamente a vida que convinha aos dois e Tana finalmente se desfez do apartamento na cidade. Conservou-o durante algum tempo por segurança, mas no fim, achou

que não precisava mais dele. Estava segura com Jack e ele cuidava muito bem dela. Quando foi operada do apêndice, Jack tirou duas semanas de folga para ficar com

ela. E no seu aniversário de 36 anos ele ofereceu uma festa no Trafalgar Room, no Trader Vic's, para 87 amigos mais íntimos e no ano seguinte a surpreendeu com um

cruzeiro pela Grécia. Tana voltou descansada e bronzeada de sol, mais feliz do que nunca. Nunca falavam em casamento, embora uma vez ou outra falassem em comprar

a casa, mas Tana não estava muito certa sobre isso e, secretamente, Jack também não estava muito entusiasmado. Nenhum dos dois queria balançar o barco no qual estavam

navegando tão confortavelmente há tanto tempo. Estavam juntos há quase dois anos e tudo era perfeito para os dois. Até outubro, depois do cruzeiro pela Grécia. Tana

tinha um grande caso para preparar e ficou até tarde da noite estudando suas anotações e os arquivos, acabando por dormir com a cabeça sobre a mesa, de frente para

a baía em Tiburon. O telefone a acordou no momento em que Jack chegava com uma xícara de chá e ela o atendeu olhando para ele.

- O quê?

Tana parecia não estar entendendo, e Jack sorriu para ela. Tana ficava exausta quando trabalhava até tarde e como se estivesse lendo os pensamentos dele, olhou para

Jack e ele viu os olhos dela se arregalarem.

- O quê? Está louco? Não estou… oh, meu Deus. Estarei aí em uma hora.

Desligou o telefone e olhou para ele. Jack colocou a xícara na mesa, preocupado.

- Alguma coisa errada?

Não podia ser nada em Nova York se ela prometera estar lá em uma hora, devia ser com o trabalho… e não era para ele.

- O que aconteceu, Tan?

Ela continuava a olhar para ele.

- Não sei… Tenho de falar com Frye.

- O promotor público?

- Não. Meu Deus. Quem diabo você pensa?

- Muito bem, e por que está tão nervosa?

Jack não entendia, mas Tana também não. Seu trabalho tinha sido fantástico. Não fazia sentido. Estava naquele emprego há anos… seus olhos estavam cheios de lágrimas

quando se voltou para Jack e se levantou, derramando o chá sobre os papéis, sem se importar.

- Ele disse que está me despedindo. - Começou a chorar e sentou-se outra vez enquanto Jack olhava para ela espantado.

- Não pode ser, Tan.

- Foi o que eu disse… o escritório do promotor público é toda a minha vida…

E o mais triste de tudo era que ambos sabiam que isso era verdade.

Capítulo 17

Tana tomou banho de chuveiro, vestiu-se e chegou de carro na cidade em uma hora, o rosto crispado, os olhos sombrios. Obviamente era uma emergência. Parecia ter

perdido alguém muito querido. Jack se ofereceu para ir com ela, mas Tana sabia que ele tinha problemas a resolver naquele dia e recentemente Harry tinha faltado

muito ao escritório, portanto estava sobrecarregado de trabalho.

- Tem certeza de que não quer que eu leve você, Tan? Não quero que sofra um acidente.

Tana o beijou vagamente nos lábios e balançou a cabeça. Era tão estranho. Viviam juntos há tanto tempo, mas eram mais amigos do que qualquer outra coisa. Jack era

alguém com quem conversar à noite, compartilhar os problemas, falar sobre seus casos, enquanto trabalhava nas suas estratégias. Ele compreendia a vida dela, suas

manias, estava contente com a vida que levavam e aparentemente exigia muito pouco de Tana. Harry dizia que não era normal, e sem dúvida era diferente do que compartilhava

com Averil. Mas agora, dando partida no carro, pensou na preocupação de Jack que a acompanhara até a porta. Ele ainda não tinha entendido o que estava acontecendo

e Tana também não. Chegou meia hora depois, atordoada, e sem bater entrou no escritório do promotor público. Não conseguia mais controlar as lágrimas que escorriam

pelo seu rosto quando olhou para ele.

- O que eu fiz para merecer isto?

Ela parecia realmente chocada e ele se arrependeu do que fizera. Achou que

seria divertido dar a notícia de modo diferente, mas nunca pensou que Tana ia ficar tão

transtornada. Isso o fez sentir mais ainda o fato de perdêla agora. Mas já estava sentindo antes.

- Você é boa demais, Tan. Pare de chorar e sente-se. Sorriu e Tana ficou mais confusa ainda.

- Então está me despedindo? - Estava ainda de pé, olhando fixamente para ele.

- Eu não disse isso. Disse que você tinha perdido o emprego.

Tana despencou na cadeira.

- Muito bem, que diabo quer dizer isso?

Tirou o lenço da bolsa e assoou o nariz. Não se envergonhava de demonstrar o que estava sentindo. Adorava o emprego desde o primeiro dia. Estava no escritório do

promotor público há 12 anos. Era uma vida de total dedicação e teria preferido desistir de qualquer outra coisa. Qualquer coisa. O promotor então teve pena dela,

deu a volta à mesa e pôs a mão no ombro de Tana.

- Ora vamos, Tana, não fique assim. Vamos sentir sua falta também, você sabe.

Outra crise de lágrimas e ele sorriu. Sentiu os olhos marejados também. Se ela aceitasse, logo iria deixálo. Olhou para ela de frente.

- Estão te oferecendo uma cátedra de juiz, meu bem. Juíza Roberts da corte municipal. Que tal?

- Oferecendo para mim? - Tana olhou para ele sem entender. - Para mim? Não estou sendo despedida? - Começou a chorar outra vez, assoou o nariz, e então chorava e

ria ao mesmo tempo. - Não estou… está brincando…

- Gostaria de estar.

Mas ele parecia satisfeito por ela e Tana então deu um pequeno grito, percebendo o que ele tinha feito.

- Oh, seu filho da mãe… pensei que ia me despedir! Ele riu.

- Peço desculpas. Achei que seria bom criar alguma excitação na sua vida.

- Droga. - Olhou para ele sem acreditar, assoou o nariz outra vez mas estava tão atônita que nem dava para se xingar. - Meu Deus, como aconteceu?

- Estou vendo os preparativos há algum tempo, Tan. Sabia que finalmente ia acontecer. Só não sabia quando. E aposto que no ano que vem nesta época estará na corte

superior. Está perfeitamente qualificada para isso depois do seu trabalho aqui.

- Oh, Larry… meu Deus… indicação para juiz… - Era quase mais do que podia imaginar. - Não posso acreditar. - Ergueu os olhos para ele. - Tenho 37 anos e nunca

nem pensei nisso.

- Bem, graças a Deus alguém pensou. - Apertou a mão dela e Tana sorriu. - Meus parabéns, Tan, você merece. Querem nomear você em três semanas.

- Tão depressa? E o meu trabalho… Cristo, tenho um caso que vai a julgamento no dia 23…

Tana franziu as sobrancelhas e Larry fez um gesto com a mão, sorrindo com magnanimidade.

- Esqueça, Tan. Por que não tira umas férias e se prepara para o novo cargo? Jogue tudo na mesa de alguém para variar. Aproveite esta semana para preparar tudo e

depois vá descansar.

- O que tenho de fazer? - Ainda parecia atordoada e ele sorriu. - Comprar togas?

- Não. - Larry riu. - Mas acho que vai ter de procurar casa. Mora ainda em Marin? - Sabia que Tana estava vivendo com alguém nos últimos dois anos mas não sabia

se tinha ou não mantido o apartamento na cidade. Ela fez um gesto afirmativo. - Vai ter de procurar casa na cidade, Tan.

- Por quê?

- É uma das condições para ser juiz em San Francisco. Pode manter a outra casa, mas a residência principal tem de ser aqui.

- Tenho mesmo de seguir essa norma? - Tana parecia preocupada.

- Tem sim. Pelo menos durante a semana.

- Cristo. - Olhou para o espaço por algum tempo, pensando em Jack. Subitamente sua vida tinha virado de cabeça para baixo. - Tenho de tomar providências.

- Vai ter muito que fazer nas próximas semanas e antes de tudo tem de responder. - Sua voz tomou o tom oficial. - Tana Roberts, aceita o cargo que lhe foi oferecido,

para servir como juíza da corte municipal na cidade e no condado de San Francisco?

Tana olhou para ele maravilhada.

- Aceito.

Ele ficou de pé e sorriu, feliz com a promoção que ela merecia.

- Boa sorte, Tan. Vamos sentir falta de você por aqui. As lágrimas inundaram os olhos dela outra vez e foi

ainda quase em estado de choque que voltou à sua mesa de trabalho. Tinha milhares de coisas para fazer. Esvaziar a mesa, examinar sua agenda de casos, preparar alguém

para continuar seu trabalho em andamento, telefonar para Harry, contar para Jack.., Jack…! subitamente olhou para o relógio e agarrou o telefone. A secretária

disse que ele estava em reunião, mas Tana pediu para chamá-lo assim mesmo.

- Oi, garota, tudo bem?

- Tudo bem. - Estava ofegante. Não sabia por onde começar. - Nem vai acreditar no que aconteceu, Jack.

- Eu fiquei imaginando que diabo podia ter acontecido para eles telefonarem para casa. O que é afinal, Tan?

Ela respirou fundo.

- Eles me ofereceram um cargo de juiz. Silêncio total no outro lado da linha.

- Na sua idade?

- Não é incrível? - Tana estava rindo. - Quero dizer, não dá para acreditar… nunca pensei…

- Estou feliz por você, Tan. - Jack parecia calmo mas satisfeito, e então Tana lembrou-se do que o promotor tinha dito. Precisava procurar uma casa na cidade, mas

não queria dizer isso a ele por telefone.

- Obrigada, meu bem. Ainda estou em estado de choque. Harry está aí?

- Não, não veio hoje.

- Ultimamente tem faltado muito, não é? O que está acontecendo?

- Acho que está em Tahoe com Ave e as crianças para um longo fim de semana. Pode telefonar para lá.

- Vou esperar que volte. Quero ver a cara dele. Mas a cara que não queria ver era a de Jack quando

disse a ele que tinha de se mudar de Marin.

- Pensei nisso quando você telefonou.

Jack ficou triste quando Tana contou, naquela noite. Naturalmente isso o aborrecia e a ela também, mas Tana estava extremamente entusiasmada. Havia até mesmo telefonado

para a mãe, e Jean ficou atónita. “Minha filha, juíza?” Ficou feliz por Tana. Talvez as coisas dessem certo agora que estava com Jack e pareciam se dar bem. Esperava

que se casassem, embora Tana fosse muito velha para ter filhos. Mas, como juíza talvez isso não fosse muito importante. Até Arthur se entusiasmou. Jean explicou

tudo para ele várias vezes.

Tana olhou para Jack.

- O que acha de morar na cidade durante a semana?

- Não muito bom. - Jack foi sincero. - É tão confortável para nós aqui.

- Pensei em procurar alguma coisa bem pequena que não nos dê trabalho. Um apartamento, condomínio, um estúdio, mesmo…

Como se pudesse fingir que não estava acontecendo, ele balançou a cabeça.

- íamos ficar loucos depois de todo este espaço. Tinham vivido como reis durante dois anos, com um

imenso quarto de dormir, um escritório para cada um, sala de estar, de jantar, quarto de hóspedes para Barb, uma vista maravilhosa da baía. Depois disso, um estúdio

ia parecer uma cela de prisão.

- Bem, temos de fazer alguma coisa, Jack, e só tenho três semanas.

Olhou para ele um pouco aborrecida, Jack não estava facilitando as coisas e Tana

imaginou se a sua nomeação

o desagradava. Seria natural, pelo menos no começo, mas Tana não teve muito tempo para pensar nisso nas semanas seguintes. Dividiu sua agenda de casos entre outros

advogados, esvaziou a mesa e começou a procurar apartamento até que no meio da segunda semana a corretora de imóveis telefonou. Tinha algo “muito especial” e queria

que Tana fosse ver, em Pacific Heights.

- Não é exatamente o que estava procurando, mas vale a pena dar uma olhada.

E quando Tana viu, era mais do que isso. Era uma casa de bonecas que quase a deixou sem fôlego, uma joiazinha, pintada de bege com montes de canela e creme. Absolutamente

impecável, assoalho de tacos, lareiras de mármore em quase todos os cômodos, imensos armários embutidos, iluminação perfeita, portas francesas duplas e vista para

a baía. Tana jamais teria pensado em procurar uma coisa assim, mas agora que estava ali, achou impossível resistir.

- Quanto é o aluguel?

Sabia que devia ser um absurdo. A casa parecia tirada de uma revista.

- Não está para alugar. - A corretora sorriu. - É para vender.

Disse o preço e Tana quase não acreditou. Perfeitamente razoável. Não era barato, mas não iria destruir suas economias e seria um bom investimento. Era irresistível

sob todos os aspectos e perfeita para ela. Um grande banheiro no andar superior, quarto de vestir com as paredes cobertas de espelhos, uma pequena sala íntima com

lareira de tijolos e, no térreo, a sala de estar grande e bonita e uma pequena

cozinha rústica que dava para um pátio emoldurado por árvores. Tana assinou o contrato,

deu o depósito e apareceu no escritório de Jack nervosa com o que acabava de fazer. Sabia que não era um erro, mas ainda assim… era um ato tão independente, tão

solitário, tão amadurecido… e não tinha pedido a opinião dele.

- Nossa Senhora, quem morreu?

Ele entrou na sala de espera, viu a cara dela e Tana riu nervosa.

- Assim é melhor. - Beijou-a no pescoço. - Está ensaiando para ser juíza? Vai deixar todo mundo morrendo de medo com essa cara.

- Acabo de fazer uma loucura. - As palavras saíram rápidas e ele sorriu.

Jack tivera um dia duro e não eram ainda duas horas da tarde.

- Muito bem, tem outra novidade? Venha cá e me conte tudo.

Tana viu que a porta do escritório de Harry estava fechada e ela não bateu. Passou diretamente para a sala grande e agradável em estilo vitoriano que tinham comprado

há cinco anos. Um bom investimento para eles. Talvez o ajudasse a compreender o que ela acabava de fazer. Jack sorriu para ela do outro lado da mesa.

- Então, o que foi que você fez?

- Acho que acabo de comprar uma casa. Parecia uma criança assustada e ele riu.

- Acha que comprou. Compreendo. E por que acha isso?

A voz dele era a mesma de sempre mas havia algo diferente nos seus olhos e Tana perguntou a si mesma o que seria.

- Na verdade, assinei os papéis… oh, Jack… espero ter feito a coisa certa.

- Você gosta dela?

- Estou apaixonada.

Jack ficou surpreso. Nenhum dos dois havia demonstrado desejo de comprar uma casa antes. Falaram a respeito várias vezes. Não precisavam de nada permanente e Jack

continuava a pensar assim. Mas aparentemente Tana mudara e ele gostaria de saber por quê. Nos últimos dez dias muita coisa parecia ter se modificado, especialmente

para ela. Nada mudara para ele.

- Não vai ser muito trabalho para você, Tan? A manutenção, uma goteira no teto e todo aquele negócio que já comentamos muitas vezes e que não queríamos?

- Não sei… acho que sim. - Olhou nervosamente

para ele. Estava na hora de perguntar. - Você vai morar lá também, não vai?

A voz de Tana era suave e assustada, e Jack sorriu. Ela era tão vulnerável e doce, ao mesmo tempo incrivelmente forte. Era o que Harry amava em Tana, isso e sua

lealdade, seu coração valoroso, a mente brilhante. Era uma mulher encantadora, juíza ou não. Parecia uma adolescente, ali sentada, olhando para ele.

- Tem lugar para mim?

Ele parecia indeciso e Tana afirmou veementemente com um gesto, o cabelo balançando para a frente e para trás. Tinha cortado na altura dos ombros há algumas semanas

e estava muito elegante e liso, como um manto louro macio.

- Naturalmente que tem.

Mas, quando viu a casa naquela noite, Jack não concordou. Sim, era bonita, mas extremamente feminina para o seu gosto.

- Como pode dizer uma coisa dessas? Só tem paredes e assoalhos.

- Não sei. É a impressão que dá, talvez por saber que é a sua casa. - Olhou para

ela e imediatamente pareceu ficar triste. - Desculpe, Tan, é muito bonita… não

quero estragar a sua felicidade.

- Está bem. Prometo que vou fazer com que fique confortável para nós dois.

Naquela noite jantaram fora e conversaram durante horas, sobre o novo cargo de Tana, a “escola de juizes” que ela devia freqüentar em Oakland durante três semanas,

hospedada em um hotel com outros recém-nomeados. Tudo parecia excitante e novo e há anos Tana não se sentia assim.

- É como recomeçar a vida, não é? Seus olhos pareciam dançar e Jack sorriu.

- Acho que sim.

Depois foram para casa, fizeram amor e nada parecia ter mudado basicamente. A semana seguinte Tana passou fazendo compras para a casa, fechando o negócio e comprou

um vestido novo para a cerimônia de recepção do cargo. Tinha até convidado Jean, mas Arthur não estava bem e ela não queria deixálo sozinho. Mas Harry estaria presente,

Averil, Jack e todos os amigos e conhecidos

de tantos anos. Afinal, haviam duzentas pessoas e, mais tarde, Harry ofereceu uma recepção no Trader Vic’s. Foi a ocasião mais festiva da vida de Tana e estava feliz

quando beijou Jack naquela tarde.

- É assim como um casamento, não é?

Ele riu e trocaram um olhar cheio de compreensão.

- Melhor ainda, graças a Deus.

Riram outra vez, dançaram e estavam ambos um pouco altos quando foram para casa e na semana seguinte ela começou o curso na “escola de juizes”.

Ficou no hotel, no quarto reservado para ela, e pretendia passar os fins de semana com Jack em Tiburon, mas sempre havia alguma coisa para fazer na nova casa, um

quadro para pendurar, lâmpadas para serem colocadas, um sofá que acabava de chegar, o jardineiro para contratar e nas duas primeiras semanas Tana dormiu na cidade

quando não estava na “escola de juizes”.

- Por que não vem dormir aqui comigo? - A voz de Tana estava queixosa e irritada.

Ele não a via há dias e não era só por causa do curso, ela tinha muitas outras coisas para fazer.

- Estou com muito trabalho. - A voz dele estava seca.

- Pode trazer para cá, meu bem. Faço uma sopa e uma salada e pode usar minha saleta.

Jack notou o possessivo minha e como tudo o mais naqueles últimos dias, ficou irritado, mas tinha outras preocupações no momento.

- Sabe o trabalho que dá levar todo o trabalho para a casa de outra pessoa?

- Não sou outra pessoa. Sou eu. E você mora aqui também.

- Desde quando?

Tana ficou magoada com ele e não disse mais nada, e até o jantar de Ação de Graças foi tenso, passado com Harry, Averil e as crianças.

- Como vai a nova casa, Tan?

Harry estava feliz com tudo o que estava acontecendo com ela, mas Tana notou que ele parecia cansado e abatido, Averil parecia tensa também. Foi um dia difícil para

todos e até as crianças estavam mais rabugentas do que nunca, e o afilhado de

Tana e Jack chorou o tempo todo. Ela deu um suspiro quando entraram no carro de volta

à cidade, e Jack ficou visivelmente menos tenso no silêncio do carro.

- Não fica feliz por não ter filhos? Olhou para ela e Tana sorriu.

- Em dias como o de hoje fico, mas quando estão todos arrumadinhos e bonitinhos, ou dormindo, e a gente vê como Harry olha para Ave… às vezes penso que seria bom

ser assim… - Suspirou e olhou para ele. - Mas acho que eu não agüentaria.

- Ia ficar uma graça como juíza tendo uma ninhada de filhos.

Estava sendo irônico e ela riu. Ultimamente Jack a vinha tratando com certa brusquidão e Tana notou que estavam indo para a cidade, não para Tiburon, e olhou para

ele surpresa.

- Não vamos para casa, meu bem?

- Naturalmente… Pensei que queria voltar para sua casa…

- Não faço nenhuma questão… eu… - Respirou fundo. Tinha de dizer. - Está zangado comigo por ter comprado a casa, não está?

Jack ergueu os ombros e continuou dirigindo, prestando atenção na estrada.

- Acho que era algo que você tinha de fazer. Só que não imaginei que fizesse.

- Tudo o que fiz foi comprar uma casa porque preciso ter residência na cidade.

- Eu nunca pensei que você quisesse possuir alguma coisa, Tan.

- Que diferença faz se é minha ou alugada? É um bom investimento. Temos falado em fazer alguma coisa assim.

- É, e resolvemos não fazer. Por que se prender a uma coisa permanente? - A idéia quase lhe dava arrepios. Estava feliz com a casa alugada de Tiburon. - Você

não

pensava assim antes.

- Às vezes as coisas mudam. Isto me pareceu ter sentido agora e eu me apaixonei pela casa.

- Sei disso. Talvez seja exatamente o que me preocupa. É tão “sua”,

não “nossa”.

- Preferia ter comprado alguma coisa junto comigo? Mas Tana sabia que não. Jack balançou a cabeça.

- Só ia servir para complicar nossas vidas. Sabe disso.

- Não se pode manter tudo simples o tempo todo. E por falar nisso, acho que nos saímos muito bem. Somos as pessoas com menor número de responsabilidades do mundo.

E tinham feito de propósito. Nada era permanente, gravado em pedra. Toda a vida dos dois podia ser desfeita em uma questão de horas, pelo menos pensavam assim, era

o que vinham dizendo a si mesmos há anos.

Tana continuou.

- Que diabo, eu sempre tive um apartamento na cidade. O que há de errado nisso?

Mas não era a casa, era seu cargo. Começara a desconfiar disso há algumas semanas. A agitação, a imprensa que ele havia tolerado antes porque Tana era apenas assistente

do promotor público, agora o incomodavam, agora que ela era uma juíza… Meritíssima… Juíza Roberts, Tana vira a expressão de Jack toda vez que ouvia essas palavras.

- Quer saber, não é justo pôr a culpa em mim, Jack. Não posso fazer nada. Uma

coisa maravilhosa aconteceu e agora temos de aprender a viver com ela. Podia ter acontecido

com você. O sapato podia estar em outro pé, você sabe.

- Acho que eu teria feito as coisas de outro modo.

- Como? - Tana ficou magoada com as palavras dele.

- Na verdade - Jack olhou para ela como quem acusa, a irritação entre eles finalmente posta em palavras, como uma sinfonia com coral, mas era um alívio - acho que

teria recusado. É uma coisa extremamente pomposa.

- Pomposa? Que coisa horrível. Acha que estou sendo pomposa por aceitar o cargo que me ofereceram?

- Depende de como você o trata. - Respondeu ele enigmaticamente.

- Então?

Pararam no sinal e Jack olhou para ela, depois subitamente desviou os olhos.

- Olhe… deixe para lá… só que não gosto das mudanças que trouxe para nós. Não gosto do fato de você morar na cidade. Não gosto da sua maldita casa, não gosto

de nada disso.

- Então vai me castigar, é isso? Cristo, estou fazendo o melhor possível para resolver tudo delicadamente, me dê uma chance. Um tempo para pensar. É uma grande mudança

para mim também, você sabe.

- Pois pelo seu jeito não parece. Está no auge da felicidade.

- Naturalmente, estou feliz. - Tana foi sincera com ele. - É maravilhoso, lisonjeiro e interessante, e gosto da minha carreira. É tudo muito excitante para mim,

mas é também novo e assustador, e não sei ainda como manejar a situação e não quero magoar você…

- Não se preocupe com isso.

- O que quer dizer com não se preocupe? Eu te amo, Jack. Não quero que isto nos destrua.

- Então não destruirá.

Ele ergueu os ombros e continuou a dirigir, mas nenhum dos dois estava convencido, e nas semanas seguintes Jack esteve impossível. Tana fazia questão de passar a

noite em Tiburon sempre que podia, e procurava agradá-lo de todos os modos, mas Jack estava zangado com ela e o Natal que passaram na casa dela foi horrível. Jack

fez questão de demonstrar que detestava tudo na casa e no dia seguinte saiu às oito horas, dizendo que tinha muito que fazer. Nos meses seguintes, tornou a vida

de Tana muito difícil, e, apesar disso, ela estava gostando do trabalho. A

única coisa que a desagradava eram as longas horas que ele exigia. Às vezes ficava na sala de juíza até meianoite, mas tinha tanto que aprender, tanta coisa sobre

direito para ler e procurar referências para cada caso. Tanta coisa dependia dela que ficou cega para tudo o mais, tanto que não percebeu que Harry não estava bem,

que estava faltando muito ao trabalho, e no fim de abril Jack voltou-se para ela e gritou:

- O que há com você, está cega? Ele está morrendo, pelo amor de Deus! Está assim há seis meses, Tan. Você não liga a mínima para ninguém?

As palavras de Jack foram um choque e Tana olhou para ele horrorizada.

- Não é verdade… ele não pode estar… - Mas então lembrou-se do rosto pálido, os olhos sem vida e tudo de repente fazia sentido. Mas por que Harry não tinha dito

a ela? Por quê? Olhou para Jack acusadora. - Por que não me disse alguma coisa?

- Você não teria escutado. Está tão fodida com sua importância ultimamente que não vê mais nada do que acontece.

Acusações amargas, palavras duras, e Tana saiu de Tiburon naquela noite sem dizer nada, foi para sua casa na cidade, telefonou para Harry e antes que pudesse dizer

qualquer coisa, começou a chorar.

- O que há, Tan?

A voz dele estava cansada e o coração de Tana parecia que ia se partir.

- Eu não posso… eu… oh, meu Deus, Harry…

Todas as pressões dos últimos meses fecharam o cerco, a zanga de Jack, o que ele dissera sobre Harry. Tana não podia acreditar que ele estivesse morrendo, mas quando

no dia seguinte se encontraram para almoçar, ele calmamente, olhando para ela, disse que era verdade. Tana sentiu como se sua respiração tivesse sido abafada e olhou

para ele.

- Mas não pode ser verdade… não é justo… Soluçou como uma criança, incapaz de reconfortar o

amigo, desolada, sentindo muita dor para poder ajudar quem quer que fosse e Harry aproximou a cadeira de rodas da dela e pôs o braço em volta dos seus ombros. Os

olhos dele estavam também cheios de lágrimas, mas Harry parecia

estranhamente calmo. Sabia há quase um ano, e já lhe haviam dito há muito tempo: seus ferimentos

podiam abreviar sua vida, e era o que estava acontecendo. Estava com hidronefrose, que o estava devorando aos poucos por deficiência renal. Já haviam tentado de

tudo, mas seu corpo estava simplesmente desistindo. Tana olhou para ele aterrorizada.

- Não posso viver sem você.

- Pode sim. - Harry estava mais preocupado com Averil e as crianças. Sabia que Tana sobreviveria. Ela o salvara uma vez. Nunca ia desistir. - Quero que faça uma

coisa para mim. Que providencie para que Averil fique bem. As crianças estão protegidas e ela tem tudo o que precisa, mas não é como você, Tan… sempre foi tão

dependente de mim.

Tana olhou demoradamente para ele.

- Seu pai sabe? Harry balançou a cabeça.

- Ninguém sabe, a não ser Jack e Ave, e agora você. - Ficou aborrecido por Jack ter contado a ela, especialmente num momento de raiva, mas queria uma promessa de

Tana agora. - Promete que vai olhar por ela?

- Naturalmente que vou.

Era horrível. Harry falava como se estivesse se preparando para uma viagem. Vinte anos de amor passaram pela mente dela… a festa onde tinham se conhecido… os

anos em Harvard e na U.B… a ida para o oeste… Vietnã… o hospital… a faculdade de direito… o apartamento que tinham compartilhado… a noite em

que o primeiro

filho dele nasceu… era incrível, impossível. A vida de Harry não tinha terminado ainda, não podia ter acabado. Ela precisava tanto dele. Mas então lembrou-se dos

vários casos de infecções da bexiga e de repente soube - ele estava morrendo. Começou a chorar outra vez e ele a abraçou com

força. Então, Tana ergueu os olhos e disse soluçando:

- Por quê?… Não é justo.

- Pouca coisa na vida é justa.

Sorriu, um sorriso leve, tristonho, gelado. Harry não se importava tanto com ele mesmo, preocupava-se com a mulher e os filhos. Há meses só pensava neles e estava

tentando ensinar Averil a fazer tudo sozinha, mas sem sucesso. Ela estava completamente histérica e se recusava a aprender qualquer coisa, como se com isso pudesse

evitar o que tinha de acontecer, mas nada podia evitar agora. Harry estava ficando cada dia mais fraco e sabia disso. Só ia ao escritório uma ou duas vezes por semana;

por isso nunca estava lá quando Tana passava para ver Jack e ela falou sobre isso.

- Ele está começando a me odiar agora.

Ela parecia tão deprimida que Harry se assustou. Nunca a vira assim. Tempos difíceis para todos eles. Harry ainda não podia acreditar que ia morrer, mas sabia que

era verdade. Era como o enchimento saindo de uma boneca de trapo, tinha a impressão de estar desaparecendo lentamente até deixar de existir. Só isso. Eles iam acordar

um dia e ele não estaria mais lá. Tranqüilamente. Sem os gritos, a força e o esforço com que se nasce, mas com uma lágrima, um suspiro, passando para a outra vida,

se é que isso existe realmente. Harry já nem sabia mais, e aparentemente não se importava. Estava muito preocupado com as pessoas que ia deixar, o sócio, a mulher,

os filhos, os amigos. Todos pareciam estar apoiados nele e isso o exauria. Mas de certa forma era também o que o mantinha vivo, como agora, com Tana. Sentia que

precisava compartilhar alguma coisa com ela, antes de partir. Algo que fosse importante para ela. Queria que ela mudasse seu modo de viver antes que fosse tarde

demais. Tinha dito a mesma coisa para Jack, mas ele não queria ouvir.

- Ele não a odeia, Tan. Escute, o trabalho é uma ameaça para ele. Além disso, está preocupado comigo há alguns meses.

- Pelo menos podia ter dito alguma coisa.

- Eu o fiz jurar que não diria, não pode pôr a culpa nele. Quanto ao resto, você agora é uma mulher importante, Tan. Seu trabalho é mais importante do que o dele.

Assim são as coisas. É difícil para os dois e ele terá de se ajustar.

- Vá dizer isso a ele.

- Já disse.

- Ele está me castigando pelo que aconteceu. Ele detesta a minha casa, não é mais o mesmo homem.

- É, sim. - Até demais para o gosto de Harry. Continuava apegado às mesmas coisas ridículas; não ter compromissos, uma falta total de obrigações emocionais ou permanência.

Uma vida vazia, Harry estava cansado de dizer isso a ele, mas Jack limitava-se a erguer os ombros. Gostava da vida que tinha escolhido, pelo menos até aparecer a

nomeação de Tana. Isso o estava incomodando demais, e ele não escondia o fato de Harry. - Talvez esteja com inveja de você. Não é bonito, mas é possível, e afinal

de contas, ele é humano.

- Então, quando vai crescer? Ou vou ter de renunciar ao cargo?

Era um alívio falar sobre as coisas de todos os dias, como se o pesadelo não estivesse acontecendo, como se ela pudesse fazer com que parasse falando de coisas diferentes

com ele. Como nos velhos tempos… tinha sido tão bom… seus olhos se encheram de lágrimas recordando…

- Naturalmente que não. Só dê a ele algum tempo. - Então olhou para Tana, pensando em outra coisa. - Quero dizer uma coisa para você, Tana. Duas coisas. - O olhar

de Harry era tão intenso que ela sentia a força das palavras penetrando em sua alma e todo seu corpo parecia estar em chamas. - Não sei nunca como será o amanhã,

se vou estar aqui… se… quero dizer duas coisas e é tudo o que tenho para deixar para você, minha amiga. Preste atenção. A primeira é muito obrigado por tudo

o que fez por mim. Os últimos

16 anos da minha vida foram uma dádiva sua, não do meu médico, de ninguém, mas de você. Você me obrigou a viver novamente, a continuar… se não fosse por você eu

jamais teria conhecido Averil, não teria tido meus filhos…

As lágrimas corriam pelo rosto dele também. Tana ficou feliz por estarem almoçando na sua sala. Precisavam estar sozinhos.

- E isso me leva à segunda coisa. Você está se enganando, Tan. Não sabe o que está perdendo e nunca vai saber enquanto não chegar lá. Está se privando do casamento,

de um compromisso, do verdadeiro amor… não emprestado ou alugado, ou temporário, ou coisa assim. Sei que aquele bobo está apaixonado por você e você o ama, mas

ele faz questão de “ficar sempre em liberdade”, para não cometer outro erro e esse é o maior erro de todos. Deve se casar, Tan… ter filhos… é a única coisa que

tem sentido na vida… a única coisa que me interessa… a única coisa importante que vou deixar… não importa quem sejamos ou o que somos, se não tivermos isso,

se não formos isso, não dermos isso, não somos nada e ninguém… estaremos apenas meio vivos… Tana, não engane a si mesma… por favor…

Harry chorava abertamente. Ele a amara por tanto tempo e não queria que se privasse do que ele e Averil compartilhavam. E enquanto ele falava Tana lembrou-se dos

incontáveis olhares que eles trocavam, a alegria tranqüila, o riso que nunca parecia acabar… e que logo acabaria, e no fundo do coração sempre soubera que Harry

estava dizendo a verdade, de certa forma tinha desejado para ela mesma, mas por outro lado tinha medo… e os homens da sua vida nunca tinham sido os homens certos

para isso… Yael McBee… Drew Lands… e agora Jack… e os outros sem importância nos intervalos. Nunca alguém que tivesse sequer chegado perto. Talvez o pai

de Harry, mas isso fora há tanto tempo…

- Se aparecer a oportunidade, não a deixe escapar, Tan. Deixe tudo se for preciso. Mas se for a coisa certa, não vai precisar fazer isso.

- O que me aconselha? Sair pela rua com um cartaz! “Case-se comigo. Vamos ter filhos.”

Riram juntos por um momento como nos velhos tempos.

- É isso aí, sua boba, por que não?

- Eu te amo, Harry. - As palavras saíam naturalmente, ela começou a chorar outra vez e Harry a abraçou.

- Eu nunca vou desaparecer para sempre, Tana. Você sabe disso. Nós dois sempre tivemos muito entre nós… como Averil e eu, de um modo diferente, e isso não desaparece.

Estarei aqui, tomando conta das coisas.

Estavam chorando juntos e Tana pensava que não poderia viver sem ele. E podia imaginar o que Averil devia estar sentindo. Foi a época mais dolorosa de suas vidas

e nos três meses seguintes elas o viram definhar lentamente até que em um quente dia de verão, com o sol alto no céu, ela recebeu o telefonema. Era de Jack. Havia

lágrimas na voz dele e o coração de Tana parou. Tinha estado com Harry na noite anterior. Ela o visitava todos os dias, sem falta, na hora do almoço ou à noite,

ou às vezes antes de começar seu dia de trabalho. Podia estar com uma porção de compromissos mas não deixava de ir vê-lo. E ele tinha sorrido e segurado a mão dela

como antes. Mal podia falar, mas Tana beijara o rosto dele e de repente pensou no hospital há tanto tempo. Queria obrigar Harry a viver de novo, fazer com que lutasse

pelo que tinha sido, mas ele não podia mais fazer isso, e era mais fácil partir agora.

- Ele simplesmente morreu.

A voz de Jack se embargou e Tana começou a chorar. Queria vê-lo mais uma vez… ouvir seu riso… ver aqueles olhos… Ficou sem poder falar por um minuto e depois

fez um gesto afirmativo com a cabeça, respirando fundo para controlar os soluços.

- Como está Ave?

- Parece que está bem.

Harrison tinha chegado na semana anterior e estava com ela. Tana consultou o relógio.

- Vou para lá imediatamente. De qualquer modo pedi um intervalo para esta tarde.

Teve a impressão de ver Jack ficar tenso, como se ela estivesse se fazendo de importante. Mas era verdade. Era juíza da corte municipal e tinha determinado o recesso.

- Onde você está?

- No escritório. O pai dele telefonou.

- Fico feliz por ele estar lá. Está indo para lá?

- Não posso neste momento.

Tana fez um gesto afirmativo, pensando que se ela tivesse dito isso Jack teria dado uma resposta desagradável, alguma coisa sobre o quanto ela se julgava importante.

Não dava para competir com ele agora e Harry não conseguira convencê-lo de que devia fazer um esforço, por mais que tivesse tentado. Tinha muito que dizer, muito

a compartilhar com aqueles que amava. E tudo acabou tão depressa. Tan atravessou de carro a Bay Bridge com as lágrimas correndo pelo rosto e então, de repente, era

como se ele estivesse ao seu lado e ela sorriu. Harry tinha partido mas estava em toda parte agora. Com ela, com Ave, com o pai, com os filhos…

“Oi, garota.” Tana sorriu enquanto dirigia e as lágrimas continuaram copiosas, e quando chegou já o tinham levado. Harrison estava na sala de estar, completamente

atordoado. De repente parecia ter envelhecido e Tana lembrou que devia ter quase setenta anos. E com a dor gravada no rosto bonito, parecia ter muito mais. Tana

não disse nada, apenas se aproximou dele e se abraçaram demoradamente, e depois Averil entrou na sala, com um vestido negro simples, o cabelo louro penteado para

trás e a aliança na mão esquerda. Em todos aqueles anos Harry havia dado belos presentes para ela, mas Averil não estava usando nenhum agora - só a dor, o orgulho

e o amor, ali rodeada pela vida, pelo lar e pelos filhos que tinham compartilhado. Parecia estranhamente bela e de certa forma Tana a invejou. Ela e Harry tinham

compartilhado por muito tempo algo que poucas pessoas têm, e valia tudo para eles. E então, pela primeira vez em sua vida, Tana sentiu o vazio. Sentia não ter se

casado com ele… ou com outro há muito tempo… tido filhos… era um vazio doloroso que se recusava a ser preenchido. Durante todo o tempo do funeral, no cemitério

e depois, quando estava sozinha outra vez, Tana sentiu algo que não poderia explicar para ninguém, e

quando tentou contar a Jack, ele balançou a cabeça e olhou para ela sem compreender.

- Não vá ficar louca, Tan, só porque Harry morreu. Subitamente Tana dissera que achava a vida vazia porque não tinha se casado e tido filhos.

- Eu já fiz as duas coisas, e acredite, não muda coisa nenhuma. Não procure se

enganar, nem todo mundo tem o que eles dois tinham. Na verdade, nunca conheci ninguém,

a não ser Harry e Averil. E se você se casar procurando a mesma coisa vai ficar desapontada, porque não estará lá.

- Como é que você sabe? Pode acontecer. Estava desapontada com as palavras dele.

- Acredite, dou minha palavra.

- Não pode julgar uma coisa dessas. Você engravidou uma garota de 21 anos e se casou obrigado. Isso é diferente de uma escolha inteligente na nossa idade.

- Está tentando me pressionar, Tan? - Subitamente olhou zangado para ela, e toda aquela beleza loura parecia gasta e cansada. A perda de Harry fora um golpe duro

para ele também. - Não faça isso comigo agora. Não é o momento certo.

- Só estou dizendo o que sinto.

- Está se sentindo como merda porque seu melhor amigo acaba de morrer. Mas não comece a ficar toda romântica com isso, e pensando que o segredo da vida está no casamento

e nos filhos. Pode acreditar, não está.

- Como diabo você sabe? Só pode decidir por você mesmo. Não queira avaliar as coisas para mim, Jack - tudo o que sentia veio à tona - você tem tanto medo de se importar

com as pessoas que chega a gritar quando alguém se aproxima demais. E quer saber de uma coisa? Estou mais do que cheia desse negócio de me punir o tempo todo porque

me fizeram juíza no ano passado!

- É isso que pensa que eu estou fazendo?

Era um alívio para os dois poder gritar um pouco, mas havia muita verdade nas palavras dela e o atingiram com tanta força que Jack saiu da casa dela batendo a porta,

e Tana não o viu por três semanas. O mais longo período que

ficaram sem se ver voluntariamente, mas ele não telefonou e ela também não. Tana só teve notícias dele quando a filha de Jack chegou à cidade para a visita anual

e Tana a convidou para ficar na sua casa. Barb gostou da idéia e quando chegou sozinha na tarde seguinte, Tana ficou atónita ao ver o quanto ela tinha mudado. Acabara

de fazer

15 anos e parecia uma mulher, corpo bem-feito de linhas longas, cadeiras bonitas, olhos azuis grandes e os cabelos ruivos.

- Está ótima, Barb.

- Obrigada, você também.

Ficou com Tana cinco dias e assistiu até a uma sessão do tribunal, mas só no fim da semana finalmente falaram de Jack e de como as coisas entre eles tinham mudado.

- Agora ele grita comigo o tempo todo. - Barbara tinha notado também e não foi muito bom o tempo que passou com o pai. - Minha mãe diz que ele sempre foi assim,

mas eu nunca tinha visto quando estava com você, Tana.

- Acho que ultimamente ele tem andado muito nervoso.

Estava procurando desculpas para Jack por causa de Barb, para que a menina não pensasse que era sua culpa, mas na verdade os motivos eram vários: Tana, Harry, pressões

do trabalho. Nada parecia estar dando certo para ele e quando Tana tentou combinar um jantar, depois que Barb voltou para Detroit, tudo acabou em mais discussão.

Começaram a discutir sobre o que Averil devia fazer com a casa. Ele achava que devia vender e se mudar para a cidade e Tana não concordava.

- A casa significa muito para ela; moraram lá por muitos anos.

- Ela precisa de uma mudança, Tan. Não se pode ficar agarrado ao passado.

- Por que diabo você tem tanto medo de ficar agarrado a alguma coisa? É quase como se tivesse medo de se preocupar.

Ultimamente tinha notado mais essa característica nele. Sempre queria ficar livre

e sem compromissos, nunca ligado a nada e a ninguém. Era um milagre que seu relacionamento

tivesse durado tanto e evidentemente não ia muito bem agora e então, no fim do verão, o destino desfechou

outro golpe. Como haviam dito quando lhe ofereceram o cargo no tribunal municipal há um ano, foi aberta uma vaga e Tana ia ser promovida para o tribunal superior.

Estava sem coragem de contar para Jack, mas não queria que ele soubesse por outra pessoa. Cautelosamente telefonou para ele uma noite. Estava na sua casinha acolhedora,

lendo alguns livros de direito para verificar alguns antigos estatutos do código penal e prendeu a respiração quando ouviu a voz dele.

- Oi, Tan, o que há?

Parecia mais calmo do que nos últimos meses e Tana não queria estragar seu bom humor, o que sabia que ia acontecer. Estava certa. Quando Tana disse que ia ser promovida

a juíza do tribunal superior foi como se tivesse dado um soco no estômago de Jack.

- Isso é ótimo. Quando? - Falou como se Tana tivesse depositado uma cobra aos seus pés.

- Em duas semanas. Vai à minha posse ou prefere não estar presente?

- Uma coisa muito esquisita para dizer. Acho que prefere que eu não vá.

Jack era sensível demais, o que tornava difícil falar com ele.

- Eu não disse isso. Mas sei como fica tenso quando se fala no meu trabalho.

- Por que pensa isso?

- Oh, por favor, Jack… não vamos mais falar nisso. - Estava muito cansada

depois de um longo dia e tudo parecia mais difícil e mais triste agora sem Harry. E com

o desmoronamento de sua relação com Jack, não estava sendo o tempo mais feliz de sua vida. - Espero que você vá.

- Isso quer dizer que não vou ver você até a posse?

- Naturalmente que não. Pode me ver quando quiser.

- Que tal amanhã à noite? - Era quase como se a estivesse pondo à prova.

- Ótimo. Sua casa ou a minha? - Tana riu, mas Jack não.

- A sua me dá claustrofobia. Te apanho na frente do tribunal às seis.

- Sim, senhor.

Falou em tom marcial, de brincadeira, mas ele não riu, e quando se encontraram no dia seguinte, ambos estavam sombrios. Sentiam uma falta terrível de Harry e a única

diferença era que Tana falava nele e Jack não. Fizera sociedade com outro advogado e ao que parecia estavam se dando bem. Falou muito sobre a nova sociedade, dizendo

que o sócio era um advogado muito bem-sucedido, que iam ganhar muito dinheiro. Era evidente que estava ainda ressentido com o cargo de Tana e na manhã seguinte foi

um alívio para os dois quando ele a deixou na frente do tribunal. Jack ia passar o fim de semana jogando golfe em Pebble Beach com uns amigos e não convidou Tana,

e ela suspirou de alívio quando subiu os degraus do edifício do tribunal. Jack não estava facilitando a vida para ele ultimamente e uma vez ou outra Tana lembrava

o que Harry tinha dito. Mas era inútil pensar em qualquer coisa permanente com Jack. Ele não era esse tipo de homem. E Tana não se iludia mais. Não era esse tipo

de mulher. Provavelmente por isso tinham se dado bem por tanto tempo. Mas nada disso se aplicava agora. O conflito entre os dois era demais para ela e ficou satisfeita

quando soube que Jack estaria em Chicago, em viagem de negócios, no dia da sua posse no novo cargo.

Dessa vez foi uma cerimônia pequena e simples presidida pelo juiz da corte superior. Uma meia dúzia de juizes estava presente e seu velho amigo, o promotor público,

que disse, feliz “Eu te disse, não foi?”, além de alguns outros amigos. Averil estava na Europa com Harrison e as crianças. Tinha resolvido passar o inverno em Londres

naquele ano, para sair um pouco, e as crianças estavam matriculadas em uma escola londrina. Harrison a havia convencido e parecia feliz quando partiu com os netos.

Um pouco antes da viagem tiveram um doloroso momento a sós, e Harrison escondendo o rosto nas mãos chorou, perguntando

se Harry tinha finalmente compreendido o quanto ele o amava e Tana insistiu em dizer que sim. Tomar conta da nora e dos netos ajudava a aliviar a dor e o seu sentimento

de culpa pelos primeiros anos. Mas não era a mesma coisa para Tana sem a presença deles, e era estranho não ver Jack também.

O juramento de posse do cargo foi feito perante um juiz da corte de apelações, um homem que Tana conhecia e que tinha visto uma ou duas vezes antes. Tinha cabelos

pretos espessos, olhos escuros e ferozes, uma expressão que assustaria qualquer um, mais alto do que todos aqueles homens com togas negras, mas tinha também uma

risada franca, mente privilegiada e uma delicadeza surpreendente. Era muito conhecido especialmente por algumas das suas decisões controvertidas, comentadas na imprensa

nacional, com mais detalhes no New York Times, Washington Post Q Chronicle. Tana já lera muito sobre ele e imaginava até onde iria a ferocidade daquele juiz, mas

com surpresa via agora que ele era muito menos leão e mais cordeiro, ou pelo menos pareceu no dia da sua posse. Conversaram durante algum tempo sobre o trabalho

dele na corte superior e ela sabia também que ele dirigia a maior firma de advocacia da cidade antes de ser juiz. Sua carreira era interessante, embora não aparentasse

ter mais de 48 ou 49 anos. Por muito tempo fora uma espécie de wunderkind e Tana gostou muito dele quando apertou sua mão dando novamente os parabéns a ela antes

de sair.

- Estou impressionado - disse seu velho amigo, o promotor público, sorrindo. - É a primeira vez que vejo Russell Carver em uma cerimônia de posse de juiz. Está ficando

muito importante, minha amiga.

- Provavelmente ele teve de pagar as multas de estacionamento irregular lá embaixo e alguém o recrutou.

Eles riram. Na verdade, Russell era muito amigo do juiz que presidia a cerimônia e havia oferecido seus serviços para aquele dia. E ficava muito bem no papel, com

o cabelo negro e o rosto sério.

- Devia ver Russell quando presidia os julgamentos

aqui, Tan. Certa vez mandou nosso promotor público para a cadeia por três semanas por desacato ao tribunal e não consegui tirar o pobre coitado de lá. Tana riu imaginando

a cena.

- Acho que tenho sorte por isso nunca ter acontecido comigo.

- Nunca teve Russell como juiz de um dos seus casos?

- Só duas vezes. Ele está há muito tempo na corte de apelação?

- É, acho que sim. Mas não é muito velho, se bem me lembro. Quarenta e nove, cinqüenta, por aí… uma coisa assim…

- De quem estão falando? - O juiz que havia presidido a cerimônia aproximou-se deles e apertou a mão de Tana novamente.

Tinha sido um bom dia para ela e subitamente ficou satisfeita por Jack não estar ali. Era muito mais fácil assim, não precisava ficar tensa nem pedir desculpas a

ele.

- Estávamos falando sobre o juiz Carver.

- Russ? Ele tem 49 anos. Estudamos juntos em Stanford - o juiz presidente sorriu -, embora tenha de admitir que ele estava alguns anos mais atrasado do que eu. -

Na verdade, Russ era calouro quando o juiz presidente se formou em direito, mas as famílias dos dois eram amigas. - Ele é um cara muito bom, excepcionalmente inteligente.

- Tem de ser - disse Tana com admiração.

Havia ainda outra promoção a ser considerada. O tribunal de apelação. Que idéia. Talvez em outra década ou duas. E enquanto isso, ela ia gostar muito de tudo aquilo.

O tribunal superior ia ser exatamente o que servia para ela. Logo estaria julgando casos criminais, sua especialidade.

- Foi muita bondade dele presidir meu juramento hoje. - Ela sorriu para todos.

- Ele é uma pessoa formidável.

Todos diziam isso dele e Tana mandou uma pequena nota de agradecimento por ter feito da sua posse um evento muito mais importante com sua presença e no

dia seguinte

ele telefonou e havia riso em sua voz.

- Você é terrivelmente delicada. Há uns vinte anos não recebo uma carta desse tipo.

Tana riu embaraçada e agradeceu o telefonema.

- Fez uma coisa muito delicada para mim. Foi como ter o papa presente quando se faz os votos religiosos.

- Oh, meu Deus… que idéia. Era isso que estava fazendo na semana passada? Pois retiro tudo agora…

Riram e conversaram por algum tempo. Tana o convidou para passar pelo seu tribunal quando estivesse por perto e sentiu o calor agradável da confraria para a qual

acabava de entrar, juizes e magistrados, todos trabalhando juntos. Era como ter chegado finalmente ao Monte Olimpo e de certa forma era muito mais fácil do que seus

casos contra estupradores assassinos, preparar a acusação e argumentos, embora gostasse disso também. Agora tinha de estar sempre com a mente clara, ter uma visão

objetiva e nunca estudara tanto em sua vida. Estava escondida atrás de pilhas de livros no seu escritório, duas semanas mais tarde quando o juiz Carver, aceitando

o convite, entrou.

- Foi a isto que a condenei? - Ficou de pé na porta sorrindo.

Seu auxiliar já tinha saído e Tana estava concentrada sobre seis livros abertos sobre a mesa, comparando estatutos e precedentes quando ele entrou e ela ergueu os

olhos com um sorriso.

- Que surpresa agradável! - Levantou-se rapidamente e estendeu a mão para uma poltrona de couro grande e confortável. - Sente-se, por favor.

O juiz Carver sentou e Tana olhou para ele. Era bonito, tranqüilo, viril e intelectual. Não era o mesmo tipo de beleza de Jack. Muito mais discreta e mais forte,

como ele parecia ser em vários aspectos.

- Quer tomar alguma coisa? - Tana tinha um pequeno bar escondido para ocasiões como aquela.

- Não, obrigado. Tenho muito que fazer esta noite.

- Você também? Como dá conta de tudo?

- Não dou. Às vezes tenho vontade de sentar e chorar, mas no fim a gente chega lá. Em que está trabalhando?

Tana descreveu o caso para ele com a maior brevidade possível e ele balançou a cabeça pensativamente.

- Acho que vai ser interessante. É capaz até de vir parar na minha mão, no fim.

Ela riu.

- Não é exatamente um voto de confiança se pensa que podem apelar da minha decisão.

- Não, não - ele explicou imediatamente - só que você é nova nesta área e seja qual for sua decisão, se não gostarem, vão apelar. Podem até tentar subverter o caso.

Tenha cuidado para não lhes dar motivos para isso.

Era um bom conselho e conversaram durante algum tempo. Os olhos dele, escuros e pensativos, davam ao rosto uma expressão quase sensual que não combinava com a sua

seriedade. Era um homem cheio de contrastes e Tana estava intrigada. Saíram

juntos e ele ajudou a carregar os livros até o carro de Tana, depois, pareceu hesitar.

- Não posso convencer você a me acompanhar em um hambúrguer por aí, posso?

Tana sorriu. Gostava daquele homem. Nunca havia conhecido alguém igual.

- Talvez possa, se prometer me levar para casa bem cedo, com tempo para trabalhar.

Escolheram BilPs Place na Clement. Era um ambiente simples e saudável, de hambúrgueres e batatas fritas, milkshakes e garotada, e ninguém teria adivinhado quem eles

eram, a importância dos seus cargos, enquanto conversavam sobre casos que tinham dado muito trabalho no passado, comparando Stanford com Boalt, e, finalmente, Tana

deu uma risada.

- Está certo, está certo, concordo. Sua faculdade é melhor do que a minha.

- Eu não disse isso - ele riu. - Disse que tínhamos um time de futebol muito melhor.

- Bem, pelo menos isso não é culpa minha. Não tive nada a ver.

- Foi o que imaginei.

Era muito repousante estar com ele. Tinham interesses em comum, amigos comuns e o tempo passou voando. Russ a levou em casa e ia se despedir quando Tana o convidou

para um drinque e ele ficou surpreso com a beleza

da pequena casa, achou a decoração de bom gosto. Era um paraíso realmente, que dava até vontade de se deitar na frente do fogo e ficar por algum tempo.

- Estou feliz aqui.

E era verdade, sempre que estava sozinha. Só quando Jack estava com ela a casa

ficava desconfortável. Mas especialmente agora, com Russ ali sentado, a casa parecia

maravilhosa para Tana. Russ acendeu o fogo e Tana o serviu de vinho tinto, e conversaram durante algum tempo sobre suas famílias, suas vidas. Tana ficou sabendo

que ele perdera a mulher há dez anos e tinha duas filhas casadas.

- Pelo menos ainda não sou avô - Russell Carver sorriu para ela. - Beth está na escola de arquitetura em Yale, enquanto o marido estuda direito, e Lee é desenhista

de modas em Nova York. Ela é na verdade muito boa na profissão e eu me orgulho das duas… mas netos - ele quase deu um gemido e Tana sorriu - ainda não estou preparado

para eles.

- Alguma vez pensou em se casar de novo? - Tana estava curiosa. Era um homem interessante.

- Não. Ninguém tão importante apareceu, eu acho. - Olhou em volta e depois para ela. - Sabe como são essas coisas, a gente acaba se acostumando a um certo modo de

vida. É difícil mudar tudo por outra pessoa.

Tana sorriu.

- Suponho que sim. Na verdade nunca tentei. Falta de coragem, eu acho.

Ultimamente às vezes se arrependia e se Jack tivesse insistido antes das coisas entre eles começarem a desmoronar… Olhou para Russ e sorriu:

- O casamento sempre me deixou morta de medo.

- Com razão. É uma operação extremamente delicada na melhor das hipóteses. Mas quando dá certo, é maravilhoso. - Seus olhos brilharam e era fácil adivinhar que tinha

sido feliz. - Só tenho boas lembranças do casamento. - E os dois sabiam que isso tornava mais difícil para ele se casar outra vez. - E minhas filhas são ótimas.

Precisa conhecê-las algum dia.

- Gostaria muito.

Conversaram, ele terminou o vinho e partiu. Tana foi para seu pequeno escritório com os livros que ele ajudara a carregar e trabalhou até tarde e no dia seguinte

riu quando um mensageiro do tribunal apareceu com um envelope na mão. Russ tinha escrito uma carta delicada muito parecida com a que Tana escrevera para ele, e ela

telefonou e os dois riram comentando. Foi uma conversa muito mais fácil do que a que teve com Jack mais tarde naquele mesmo dia. Ele estava em pé de guerra novamente

e começaram a discutir sobre os planos para o fim de semana e brigaram tanto que Tana acabou desistindo, e ficou pacificamente em casa no sábado. Estava olhando

algumas velhas fotografias quando tocaram a campainha. Russel Carver estava ali de pé, olhando para ela como quem se desculpa, com um buquê de rosas na mão.

- Isto é uma coisa extremamente indelicada, e peço desculpas antes de tudo.

Estava muito bonito com paletó de tweed e suéter de gola alta; Tana sorriu satisfeita.

- Nunca ouvi dizer que dar rosas fosse indelicado.

- Isso é para compensar a visita de surpresa, o que é indelicado, mas estava pensando em você e não tenho o número do seu telefone em casa. Suponho que não conste

na lista, portanto arrisquei… - Sorriu com certa timidez e Tana o convidou a entrar.

- Eu não tinha nada para fazer e estou feliz por você ter vindo.

- Estou surpreso por encontrar você em casa. Estava quase certo de que tinha saído.

Ela ofereceu um copo de vinho e sentaram-se no sofá.

- Na verdade, tinha feito planos, mas cancelei. As coisas estavam impossíveis com Jack e Tana não

sabia como ia resolver. Mais cedo ou mais tarde teriam de ajeitá-las ou desistir, mas ela não queria enfrentar isso agora,

e de qualquer modo ele estava viajando.

- Pois fico satisfeito com isso - Russ Carver sorriu. - Gostaria de ir ao Butterfield’s comigo?

- O leiloeiro?

Tana ficou curiosa e meia hora mais tarde estavam andando entre antiguidades e obras de arte orientais, conversando sobre vários assuntos. Russ tinha um modo calmo

que Tana achou repousante e tinham pontos de vista similares sobre quase tudo. Ela até tentou explicar sua mãe para ele.

- Acho que essa é em grande parte a razão pela qual eu nunca quis me casar. Estava sempre pensando nela ali sentada à espera do telefonema dele… - Até agora a

lembrança era dolorosa.

- Pois acho que é mais uma razão para se casar e ter segurança.

- Mas eu sabia que ele estava enganando a mulher naquele tempo. Eu jamais quis ser nenhuma das duas… nem minha mãe… nem a mulher enganada.

- Deve ter sido difícil para você, Tana.

Ele parecia compreender tanta coisa. E ela falou sobre Harry na tarde em que

passearam por Union Street. Contou a amizade que os unia, os anos na faculdade, o hospital,

e como era solitária sem ele agora. Seus olhos se encheram de lágrimas mas havia também algo muito suave no seu rosto quando ergueu os olhos para ele.

- Deve ter sido uma ótima pessoa.

A voz de Russ a tocou como uma carícia e ela sorriu.

- Era muito mais do que isso. Foi o melhor amigo que eu tive. Era notável… mesmo quando morreu, deu alguma coisa para todos, uma parte dele mesmo… - Olhou para

Russ outra vez. - Gostaria que você o tivesse conhecido.

- Eu também. - Olhou para ela ternamente então. - Estava apaixonada por ele?

Tana balançou a cabeça, depois sorriu, lembrando.

- Ele teve uma paixão por mim quando éramos garotos. Mas Averil foi perfeita para Harry.

- E você, Tana? - Russell Carver olhou atentamente para ela. - Quem foi perfeito para você? Quem aconteceu na sua vida? Quem foi seu grande amor?

Uma pergunta estranha, mas Russ tinha a impressão de que devia ter havido alguém. Era impossível que uma mulher como Tana não estivesse ligada a ninguém. Havia algum

mistério e Russ não sabia a resposta para ele.

- Ninguém. - Ela sorriu. - Alguns acertos, alguns erros… a pessoa errada na maior parte das vezes. Não tenho tido muito tempo.

Ele fez um gesto afirmativo. Compreendia isso também.

- Paga-se um preço para chegar onde estamos. Pode ser um lugar muito solitário às vezes.

Russ imaginou se seria para ela também. Tana parecia contente. Conjecturou

quem existiria na vida dela agora, e perguntou diretamente.

- Tenho saído com alguém nos últimos anos, na verdade, mais do que isso, eu acho. Vivemos juntos durante algum tempo. E ainda nos vemos - sorriu olhando para os

olhos escuros de Russ - mas as coisas não são mais como antes. “O preço que se paga”, como você disse. As coisas mudaram desde que fui nomeada juíza no ano passado…

e então Harry morreu… isso nos deixou muitas cicatrizes.

- Um relacionamento sério? - Ele parecia preocupado e curioso.

- Foi, durante muito tempo, mas está claudicando. Acho que continuamos juntos por uma questão de lealdade.

- Então ainda estão juntos?

Ele a observou atentamente e Tana fez que sim com a cabeça. Ela e Jack nunca haviam realmente dado o caso por terminado. Pelo menos, não ainda, embora nenhum dos

dois soubesse o que o futuro lhes reservava.

- Estamos por enquanto. Foi conveniente para nós dois durante muito tempo. Tínhamos a mesma filosofia. Nada de casamento, nada de filhos. E enquanto nós dois concordávamos

com isso, tudo foi muito bem…

- E agora?

Os grandes olhos escuros perscrutavam os dela e Tana

subitamente desejou que ele a tocasse, faminta por suas mãos, seus lábios. Era o homem mais atraente que já tinha conhecido, mas censurou o que estava sentindo.

Ainda pertencia a Jack… não pertencia? Já não tinha tanta certeza.

- Não sei. As coisas mudaram para mim depois da morte de Harry. Alguma coisa que ele disse me fez pensar sobre a vida que tenho levado. - Olhou fixamente para Russ.

- Quero dizer, isto será tudo? Eu continuo aqui, com meu trabalho… com ou sem Jack - Russ compreendeu o que ela queria dizer - e isso é tudo? Talvez eu queira

mais do futuro do que isso. Nunca me senti assim antes, e de repente é o que sinto. Ou pelo menos no que penso às vezes.

- Acho que você está no caminho certo.

Russ parecia muito experiente e muito sensato e de certa forma a fez lembrar de Harrison. Sorriu para ele.

- Harry teria dito isso. - Suspirou. - Quem sabe, talvez não tenha importância agora. De repente tudo está acabado, e então quem se importa, desaparecemos…

- Importa mais ainda então, Tana. Eu me senti assim também depois da morte de minha mulher há dez anos. É difícil se ajustar a uma coisa como essa, obriga-nos a

entender que temos de enfrentar nossa mortalidade algum dia. Tudo conta, cada ano, cada dia, cada relacionamento, se os estamos desperdiçando, se estamos infelizes,

um dia despertamos e está na hora de pagar a conta. Assim, durante esse tempo, o melhor é sermos felizes onde estamos. - Esperou um momento e depois olhou para ela.

- Está feliz?

- Feliz? - Tana hesitou por um longo tempo e depois olhou para ele. - No meu trabalho estou.

- E o resto?

- Não muito, neste momento. É um período difícil para nós.

- Estou perturbando então?

Russ queria saber tudo e às vezes era difícil dar uma resposta.

Tana balançou a cabeça e fitou os olhos castanho-escuros que começava a conhecer tão bem.

- Não, não está.

- Você vê ainda seu amigo… aquele com quem viveu durante algum tempo?

Ele sorriu e parecia extremamente sofisticado e amadurecido. Tana sentiu-se quase como uma criança.

- Vejo, uma vez ou outra.

- Eu queria saber como estão as coisas com você. Tana queria perguntar por quê, mas não teve coragem.

Foram até a casa dele então. No momento em que entraram no vestíbulo, Tana quase perdeu o fôlego. Nada em Russ fazia imaginar aquele tipo de riqueza. Ele era simples,

descontraído, vestia-se discretamente bem, mas vendo sua casa é que se compreendia quem ele era. Ficava na Broadway, no último quarteirão antes do presídio, tinha

um pequeno jardim bem cuidado, vestíbulo de mármore verde-escuro e branco reluzente, altas colunas de mármore, uma arca Luiz XV com tampa de mármore e uma bandeja

de prata para cartões de visita, espelhos com molduras douradas, parquete, cortinas de cetim que iam até o chão. O andar principal era formado por uma série de luxuosas

salas de recepção. O segundo andar era mais confortável, com um grande quarto de dormir, uma bonita biblioteca com as paredes forradas de madeira, uma aconchegante

salinha íntima com lareira de mármore e no terceiro andar ficavam os quartos das meninas, não mais usados.

- Não faz muito sentido para mim agora, mas estou aqui há tanto tempo, detesto a idéia de me mudar…

Tana não pôde deixar de rir quando se sentou e olhou para ele.

- Acho que depois disto vou pôr fogo na minha casa. Mas sentia-se bem ali também. Era outra vida, outro

mundo. Ele precisava daquilo, ela não. Lembrou-se de ter ouvido falar na enorme fortuna pessoal de Russ, sabia que tivera uma firma de advocacia muito bem-sucedida.

O homem fizera muito na vida e não tinha nada a temer. Tana não queria nada de material dele. Russ mostrou orgulhosamente todos os cómodos da casa, a sala de bilhar

e a sala de ginástica no subsolo, as vitrinas com armas que ele usava para caçar patos. Era um homem completo, com muitos interesses e atividades. E quando voltaram

para o andar térreo, voltou-se para ela e segurou sua mão com

um sorriso cauteloso.

- Estou gostando muito de você, Tana… gostaria de vê-la mais vezes, mas não quero complicar sua vida justamente agora. Promete me avisar quando estiver livre?

Tana fez um gesto afirmativo, atônita com o que tinha visto e ouvido. Um pouco depois ele a levou para casa e Tana ficou até tarde na sala, olhando para o fogo.

Russ era o tipo de homem dos romances ou das revistas. E de repente ali estava ele, no limiar da sua vida, dizendo que gostava dela, levando-lhe rosas, passeando

com ela no Butterfield’s. Não sabia o que pensar, mas sabia de uma coisa, também “estava gostando” muito dele.

Isso dificultou as coisas com Jack nas semanas seguintes. Tana tentou passar várias noites em Tiburon, quase por um sentimento de culpa, e só podia pensar

em Russ,

especialmente quando faziam amor. Estava começando a ficar tão irritada com Jack quanto ele com ela, e quando chegaram os feriados de Ação de Graças ela estava arrasada.

Russ fora para o leste visitar a filha Lee e convidara Tana, mas teria sido desonesto para com Jack. Precisava resolver a situação com ele, mas quando chegaram os

feriados, ficava histérica cada vez que pensava nele. Só queria estar com Russ, para aquelas conversas tranqüilas, as longas caminhadas no presídio, os passeios

pelas lojas de antigüidades, galerias de arte, as longas horas de almoço nas pequenas lanchonetes e pequenos restaurantes. Russ levara para a vida dela algo que

jamais existira e que ela desejava agora, e sempre que surgia um problema era a Russ que recorria, não a Jack. Jack só fazia gritar com ela. Tinha ainda necessidade

de castigá-la, e isso começava a ficar exaustivo. Tana não se sentia culpada o suficiente para continuar agüentando.

- Por que continua com ele? - Russ perguntou certo dia.

- Não sei. - Tana olhou com ar tristonho para ele.

Estavam almoçando. O tribunal estava em recesso por causa dos feriados.

- Talvez porque em sua mente ele está ligado ao seu amigo.

Era uma idéia nova para Tana, mas uma possibilidade.

- Você o ama, Tan?

- Não é isso… é que estivemos juntos durante tanto tempo.

- Não é desculpa. Pelo que diz não é feliz com ele.

- Eu sei. Essa é a parte maluca. Talvez por ter me sentido tão segura.

- Por quê?

Às vezes ele era insistente, mas isso era bom para ela.

- Jack e eu sempre desejamos as mesmas coisas… nada de compromissos, nada de casamento, nada de filhos…

- É disso que tem medo agora? Tana respirou fundo e olhou para ele.

- É… acho que é…

- Tana - segurou a mão dela. - Tem medo de mim? Lentamente ela balançou a cabeça e então ele disse o

que ambos mais temiam e mais desejavam. Tana tinha desejado desde que o conhecera, desde a primeira vez que olhara nos olhos dele.

- Quero me casar com você. Sabe disso?

Tana balançou a cabeça, parou e fez um gesto afirmativo e os dois riram, ela com lágrimas nos olhos.

- Não sei o que dizer.

- Não precisa dizer nada. Só queria esclarecer as coisas para você. E agora você precisa esclarecer a outra situação, para sua paz de espírito, seja o que for que

decida sobre nós.

- Suas filhas não vão se opor?

- É a minha vida, não a delas, não é? Além disso, são ótimas moças, não há nenhuma razão para fazer objeções à minha felicidade.

Tana fez um gesto afirmativo com a cabeça. Era como se estivesse vivendo um sonho.

- Fala sério?

- Nunca falei tão sério em minha vida. - Fitou os olhos dela. - Eu te amo muito.

Ele sequer a havia beijado ainda e Tana tinha a impressão de estar se derretendo para ele. Quando saíram do restaurante, Russ a puxou suavemente para ele e beijou-a

na boca, e Tana teve a impressão de que seu coração ia se desmanchar.

- Eu te amo, Russ. - Subitamente as palavras eram tão fáceis para ela. - Eu te amo tanto.

Olhou para ele com lágrimas nos olhos e Russ sorriu para ela.

- Eu te amo também. Agora vá acertar sua vida como uma boa menina.

- Pode levar algum tempo.

Caminharam lentamente na direção do tribunal. Tana tinha de voltar ao trabalho.

- Tudo bem. Que tal dois dias? - Eles riram. - Podemos passar os feriados no México.

Tana ficou tensa. Prometera a Jack esquiar com ele nos feriados. Mas precisava fazer alguma coisa agora.

- Dê-me até o início do ano e prometo ter tudo arrumado.

- Então talvez eu vá sozinho ao México.

Ele franziu a testa pensativamente e Tana ficou preocupada.

- O que a preocupa, pequenina?

- Tenho medo que se apaixone por outra pessoa qualquer.

- Então apresse-se.

Ele riu e beijou-a de novo antes de Tana entrar no tribunal. E durante toda aquela tarde Tana presidiu o julgamento com uma estranha expressão nos olhos e o sorrisinho

nos lábios. Não conseguia se concentrar e, quando viu Jack naquela noite, ficava sem fôlego cada vez que olhava para ele. Jack queria saber se tinha todos os

apetrechos

para esquiar. O condomínio estava alugado e eles iam com alguns amigos, e então, no meio da conversa, Tana levantou-se e olhou para ele.

- O que aconteceu, Tan?

- Nada… tudo… - Fechou os olhos. - Preciso ir.

- Agora? - Jack ficou furioso. - Vai voltar para a cidade?

- Não.

Sentou-se outra vez e começou a chorar. Por onde devia começar? O que podia dizer. Finalmente Jack a havia afastado, ressentido com seu trabalho e seu sucesso, sua

amargura, sua má vontade para se ajustar. Tana queria algo que ele não tinha para dar e sabia que estava fazendo a coisa certa, mas era muito difícil. Olhou tristemente

para ele, certa do que estava fazendo. Quase podia sentir Russ ao seu lado e Harry também, aplaudindo.

- Não posso.

Olhou para Jack e ele olhou fixamente para ela.

- Não pode o quê? - Estava atónito. Tana não estava falando sensatamente e isso não era comum.

- Não posso continuar assim.

- Por que não?

- Porque não é bom para nenhum de nós. Você tem estado furioso comigo há um ano e eu tenho me sentido miserável… - Levantou-se e começou a andar pela sala olhando

para os objetos familiares. Aquela casa tinha sido parte dela durante dois anos e agora parecia a casa de um estranho. - Quero mais do que isto, Jack.

- Oh, Cristo. - Ele sentou-se, furioso. - O quê, por exemplo?

- Alguma coisa permanente, como o que Harry e Averil tinham.

- Eu já disse, nunca vai encontrar nada como aquilo. Eram os dois. E você não é como Averil, Tan.

- Não é desculpa para desistir. Ainda quero alguém para o resto da vida que seja meu, que esteja disposto a se comprometer perante Deus e os homens a me tomar para

si pelo resto da minha vida…

Jack olhou para ela horrorizado.

- Quer que eu me case com você? Pensei que tínhamos concordado…

Tana balançou a cabeça e sentou-se outra vez.

- Descanse, concordamos e não é isso que quero de você. Quero terminar, Jack, acho que está na hora.

Ele ficou em silêncio por um tempo muito longo. Já sabia disso, mas assim mesmo era doloroso. E estragava seus planos para os feriados.

Ergueu os olhos para ela.

- Por isso é que eu penso desse modo. Cedo ou tarde chega o fim. E assim é mais fácil. Eu faço minha mala, você faz a sua, dizemos adeus e sofremos por algum tempo,

mas pelo menos não mentimos um para o outro, e não estamos arrastando uma ninhada de garotos.

- Nem sei mesmo se seria tão terrível. Pelo menos saberíamos o quanto tínhamos nos amado.

Tana estava triste, como se tivesse perdido alguém muito querido, e na verdade era o que estava acontecendo. Durante muito tempo tinha gostado dele.

- Nós nos gostamos muito, Tan. E foi bom. - Estava com os olhos cheios de

lágrimas e sentou-se ao lado dela. - Se eu achasse que era a coisa certa eu me casaria

com você.

- Não seria certo para você. - Olhou para ele.

- De qualquer modo, você nunca seria feliz no casamento, Tan.

- Por que não? - Não queria que ele dissesse isso. Não agora. Não com Russ nos bastidores, esperando para se casar com ela. Era como uma maldição.

- Por que diz isso?

- Porque não é do seu feitio. É forte demais. Era mais forte do que ele, Tana sabia. Mas só tinha

compreendido isso há pouco tempo, especialmente depois de conhecer Russ. Ele era tão diferente de Jack. Tão mais forte do que qualquer pessoa que Tana já conhecera.

E mais forte do que ela Finalmente.

- Afinal, você não precisa do casamento - ele sorriu com amargura. - Você está casada com sua profissão. É um caso amoroso de tempo integral.

- Não é possível ter as duas coisas?

- Algumas pessoas podem. Você não.

- Jack, será que eu te magoei tanto assim? Olhou tristemente para ele. Jack se levantou, abriu uma

garrafa de vinho, deu um copo para ela e de certa forma Tana teve a impressão de nunca ter conhecido aquele homem. Tudo tão amargo, tão superficial. Nada nele era

profundo, e perguntou a si mesma como pudera viver com ele durante tanto tempo, mas tinha sido conveniente para ela. Durante aqueles anos ela não queria nada muito

profundo. Queria ser tão livre quanto ele. Mas afinal crescera, e por mais que o desafio oferecido por Russ a apavorasse, ela o desejava, desejava mais do que qualquer

coisa que já tinha feito antes. Olhou nos olhos de Jack e sorriu enquanto ele a brindava.

- A você, Tan. Boa sorte.

Tana tomou o vinho, e um momento mais tarde colocou o copo na mesa e olhou para ele.

- Vou agora.

- Certo. Telefone algum dia.

Jack deu as costas a ela e Tana sentiu como se tivesse sido ferida com uma lâmina aguda. Quis estender a mão para ele, mas era tarde demais. Para os dois. Tocou

as costas de Jack levemente e murmurou uma única palavra.

- Adeus.

Entrou no carro e foi para casa o mais depressa possível, tomou banho, lavou a cabeça, como se estivesse lavando os desapontamentos e as lágrimas. Estava com 38

anos e ia começar tudo de novo, mas de um modo diferente, com um homem diferente de todos os que conhecera. Pensou em telefonar para ele naquela noite mas seu pensamento

estava em Jack, e de repente teve medo de dizer a Russ que estava livre. Não disse nada até o almoço nas vésperas de ele ir para o México e, então, olhou para ele

sorrindo misteriosamente.

- Por que está sorrindo, carinha engraçada?

- Rindo da vida, eu acho.

- E isso a diverte?

- Às vezes. Eu… bem… é…

Ele estava rindo e Tana corou furiosamente.

- Oh, droga. Não faça as coisas difíceis para mim. Russ segurou a mão dela e sorriu.

- O que está tentando dizer? - Nunca a vira tão hesitante antes.

Tana respirou fundo.

- Arrumei as coisas esta semana.

- Com Jack? - Russ ficou atônito e Tana fez um gesto afirmativo, sorrindo

com timidez. - Tão depressa?

- Eu não podia continuar assim.

- Ele ficou muito aborrecido? - Russ parecia preocupado.

Tana fez que sim com a cabeça, com olhar triste.

- Ficou, mas não quis admitir. Gosta de manter tudo fácil e livre. - Suspirou profundamente. - Ele disse que nunca serei feliz se me casar.

- Quanta gentileza - Russ sorriu, perfeitamente despreocupado. - Quando se mudar não esqueça de pôr fogo na casa. É um antigo costume para alguns homens. Acredite,

não significa coisa alguma. Muito obrigado, mas vou correr o risco. - Sorriu feliz.

- Ainda quer se casar comigo?

Tana não podia acreditar que aquilo estivesse acontecendo com ela e por um minuto… só um minuto… sentiu-se tentada a correr para a vida de antes, mas

não era

mais o que ela queria. Queria isto… e ele… queria o casamento e a carreira, por mais assustador que fosse. Era um risco que tinha de correr. Estava pronta agora.

Levara muito tempo, mas chegara e estava orgulhosa por isso.

- O que acha? Naturalmente que quero. — Garantiu com os olhos sorridentes nos dela.

- Tem certeza?

- E você? Isso é mais importante.

- Talvez seja melhor conversarmos sobre isso.

De repente Tana sentiu-se muito nervosa com a idéia e ele riu.

- Por quanto tempo? Seis meses? Um ano? Dez anos?

- Talvez assim uns cinco…

Ela estava rindo também e então subitamente olhou para ele.

- Você não quer filhos, quer?

Tana não tinha ido tão longe. Era muito velha para isso, mas ele apenas balançou a cabeça com um largo sorriso.

- Você se preocupa com tudo, não é mesmo? Não, eu não quero filhos. Vou fazer cinqüenta anos no próximo mês e já tenho duas filhas. E não, não vou fazer uma vasectomia,

obrigado, mas farei qualquer outra coisa para garantir que não vou engravidar você. Certo? Quer que assine com sangue?

- Quero.

Estavam rindo e ele pagou a conta e saíram, e ele a abraçou como nenhum homem a abraçara antes, levando o coração dela para o íntimo de sua alma e Tana nunca foi

tão feliz. Então, ele consultou o relógio e a levou apressadamente na direção do carro.

- O que está fazendo?

- Precisamos tomar um avião.

- Precisamos? Mas não posso… não estou…

- Seu tribunal não entra em recesso nos feriados?

- Entra, mas…

- Seu passaporte está em ordem?

- Eu… está… acho que está…

- Vamos verificar quando chegarmos na sua casa… você vai comigo… podemos planejar o casamento lá… telefono para as meninas… que tal fevereiro… digamos,

daqui a seis semanas?… Dia dos namorados?… Suficientemente piegas para você, Tan?

Ele era doido e Tana estava doida por ele. Tomaram o avião para o México naquela noite e passaram uma semana encantada ao sol e fazendo amor, enfim. Russ havia esperado

que ela terminasse completamente com Jack. E quando voltaram, ele comprou um anel de noivado e participaram a todos os amigos. Jack telefonou quando leu a notícia

nos jornais e o que ele disse a ofendeu dolorosamente.

- Então era esse o negócio? Por que não me disse que estava dormindo com outro homem? Um juiz ainda por cima. Deve ser mais um degrau para você.

- É uma coisa imunda que está dizendo… e eu não estava dormindo com ele.

- Vá dizer isso para outro. Pensando bem - ele riu amargamente - vá dizer ao juiz.

- Quer saber de uma coisa, você tem estado tão ocupado em não se envolver com ninguém durante toda a vida que não distingue mais seu eu de um buraco no chão.

- Pelo menos eu sei quando estou enganando alguém, Tan.

- Eu não estava te enganando.

- O que estava fazendo então, fodendo com o juiz na hora do almoço, ou antes das seis horas não conta?

Tana desligou o telefone, sentindo que tivesse acabado daquele jeito. Escreveu para Barbara explicando que seu casamento com Russ fora um tanto precipitado mas que

ele era um ótimo homem e quando fosse visitar o pai, no ano seguinte, a sua casa estaria à disposição como antes. Não queria que a menina pensasse que estava sendo

afastada dela. E tinha tantas outras coisas para fazer. Escreveu para Averil em Londres e sua mãe quase teve um ataque cardíaco quando telefonou para ela.

- Você está sentada?

- Oh, Tana, alguma coisa aconteceu com você. Jean parecia a ponto de chorar. Tinha apenas sessenta

anos, mas mentalmente tinha o dobro, e Arthur estava ficando senil com 74, o que era difícil para ela.

- Uma coisa boa, mamãe. Uma coisa que você está esperando há muito tempo.

Jean olhou sem entender para a parede, segurando o fone.

- Não posso imaginar.

- Vou me casar daqui a três semanas.

- Você vai fazer o quêl Com quem? Aquele homem com quem viveu durante todos esses anos?

Jean não gostava muito dele mas já era tempo de tomarem uma posição decente no mundo, especialmente agora que Tana era uma juíza. Mas Jean ia levar um choque.

- Não. Outra pessoa. Um magistrado do tribunal de apelação. O nome dele é Russell Carver, mamãe.

Contou o resto e Jean chorou, sorriu, riu e chorou um pouco mais.

- Oh, meu bem… esperei tanto por isto.

- Eu também. - Tana estava rindo e chorando também. - E valeu a pena esperar, mamãe. Espere até conhecer Russ. Você vem ao casamento? Vai ser no dia 14 de fevereiro.

- Dia dos namorados… oh, que beleza…

A data ainda deixava Tana embaraçada, mas ela e Russ achavam que seria interessante.

- Eu não perderia por nada deste mundo. Acho que Arthur não vai poder, por isso não posso me demorar.

Tinha milhares de coisas para providenciar antes da viagem e mal podia esperar para deixar o telefone. Ann acabava de se casar pela quinta vez e quem se importava

com isso agora? Tana ia se casar! E com um magistrado do tribunal de apelação! E ela disse que ele era bonito também. Jean andou pela casa pelo resto da tarde, completamente

atordoada e teria de ir ao Saks no dia seguinte. Precisava de um vestido… não… talvez um costume… não podia acreditar que ia acontecer afinal. E naquela noite

murmurou preces de agradecimento.

Capítulo 18

O casamento foi lindíssimo, na casa de Russ, com um piano e dois violinos tocando Brahms quando Tana desceu lentamente a escadaria, usando um vestido simples de

crepeda-china creme. Seus cabelos louros estavam soltos, cobertos por um chapéu de abas largas, uma mera sugestão de véu e sapatos de cetim cor de marfim. Havia

mais ou menos uma centena de pessoas e Jean ficou em um canto e chorou quase histericamente o dia todo.

- Feliz, meu amor? - Russ olhou para Tana e o coração dela pareceu criar asas.

Parecia impossível ter tido a sorte de encontrar um homem como ele e jamais sonhara com tudo aquilo que compartilhava com Russ. Era como se tivesse nascido para

pertencer a ele e caminhando pela passagem pensou em Harry. “Tudo bem, seu bobão? Fiz a coisa certa?” Sorriu entre as lágrimas.

Certíssima! Sabia que Harry teria gostado muito de Russ e a simpatia teria sido mútua. Harry estava muito vivo e ao lado dela. Harrison e Averil mandaram um telegrama.

As filhas de Russ estavam também presentes. Eram ambas esguias, atraentes, agradáveis, e Tana gostou dos maridos delas. Um grupo fácil de ser amado e fizeram de

tudo para acolher bem Tana no seu meio. Lee foi especialmente calorosa com a nova madrasta e a diferença de idade entre as duas era apenas de 12 anos.

- Graças a Deus ele teve o bom senso de esperar que estivéssemos crescidas para se casar de novo - disse Lee, rindo. - Para começar, a casa está muito mais tranqüila

agora e, além disso, você não vai ter de nos aturar. Ele ficou solteiro durante tanto tempo que Beth e eu estamos gratas a você por se casar com ele. Não gosto de

pensar nele sozinho nesta casa.

Lee era um tanto amalucada e maravilhosamente bem vestida com roupas desenhadas por ela mesma. Evidentemente era louca por Russ, louca pelo marido, e Beth muito

dedicada à própria família. Um grupo ideal, e olhando para eles Jean agradeceu o fato de Tana não ter se apaixonado por Billy no tempo em que ela procurava fazer

com que ela se interessasse pelo filho de Arthur. Como tinha sido sensata em esperar por esse homem maravilhoso. E que vida. A casa era o lugar mais bonito que já

tinha visto. E Tana parecia completamente à vontade com o mordomo e a empregada que estavam há anos com Russ. Ela flutuava de sala em sala, conversando com os amigos,

muitos a chamavam de “Meritíssima” e alguém citou um poema engraçado sobre o magistrado e a juíza.

Uma tarde maravilhosa e Tana e Russ voltaram para o México para a lua-de-mel, retornando por La Jolla e Los Angeles. Tana havia tirado um mês de licença e quando

voltou sorria cada vez que dizia o próprio título: Juíza Carver… Tana Carver… Tana Roberts Carver. Adotara o sobrenome dele para tudo, nada dessa bobagem de

libertação da mulher. Esperara 38 anos por Russ, quase 39, e resistiu ao casamento por quase quatro décadas e se afinal se resolvera a dar o mergulho, estava resolvida

a gozar de todos os benefícios. Chegava em casa à noite descansada e feliz por estar com ele. Tanto que certo dia ele disse brincando:

- Quando vai começar a agir como uma verdadeira esposa e me atormentar um pouco?

- Acho que me esqueci.

Sorriram e falaram outra vez sobre a casa dela. Tana estava pensando em alugá-

la. Era tão bonitinha que não queria vender, mas tinha certeza de que nunca mais ia

morar nela.

- Talvez seja melhor vender, afinal.

- Que tal alugar para mim, para Beth e John quando estiverem na cidade?

- Seria maravilhoso - Tana sorriu. - Deixe ver… o aluguel pode ser dois beijos e… uma viagem ao México…

Ele riu e finalmente resolveram ficar com a casa e alugá-la; Tana nunca fora tão feliz em toda a sua vida. Era um daqueles raros períodos em que tudo parecia sob

controle, tudo caminhando exatamente como desejava, até se encontrar por acaso com alguém certo dia. Estava saindo apressada do tribunal para almoçar com Russ e

subitamente viu-se à frente de Drew Lands. A expressão dele, quando a viu, era de quem acabava de encontrar petróleo no jardim da sua casa e conversaram amigavelmente

por uns dois minutos. Era incrível pensar o quanto tinha sofrido por ele. Vendo-o agora, mal podia acreditar. Mais incrível ainda era o fato de Julie e Elizabeth

estarem agora com 18 e 21 anos.

- Meu Deus! Será que faz tanto tempo assim?

- Deve fazer, Tan.

A voz de Drew era suave e de repente Tana ficou aborrecida com ele. Podia ver pelos seus olhos que Drew estava presumindo coisas fora de propósito, coisas que há

muito tempo não eram mais possíveis.

- Eileen e eu estamos divorciados há seis anos. Como se atrevia a dizer isso para

Tana… como tivera

a coragem de se divorciar depois de tê-la magoado tanto por causa de Eileen…

- É uma pena. - Sua voz estava fria e começava a perder interesse na conversa. Não queria se atrasar para o almoço com Russ. Sabia que ele estava trabalhando em

um caso muito importante.

- Puxa… eu estava pensando se… talvez a gente possa se ver de vez em quando. Estou morando em San Francisco agora…

Tana sorriu.

- Gostaríamos de ver você algum dia. Mas meu marido está ocupado com um caso muito importante no momento. - Sorriu, quase maldosamente, acenou com algumas palavras

de despedida e foi embora.

E Russ notou a expressão de vitória nos olhos dela quando se encontraram no Hayes Street Grill para almoçar. Era um dos seus lugares favoritos e sempre se encontravam

ali, para um beijo em uma mesa de canto e um namoro feliz durante o almoço, enquanto as outras pessoas sorriam para eles.

- Por que está com essa cara tão satisfeita? - Ele a conhecia muito bem.

- Nada… - Mas então, Tana não tinha segredos para ele, não poderia ter, mesmo que quisesse. - Acabo de encontrar Drew Lands pela primeira vez em quase sete anos.

Que idiota ele é. Acho que sempre foi, o cretino sem força de vontade.

- Ora, ora, o que ele fez para merecer todos esses nomes?

- Drew é o homem casado sobre o qual já falei…

- Ah! - Russ achou divertida a zanga dela. Não corria perigo de perdêla para

qualquer outra pessoa, não por estar muito seguro de si mesmo, mas por saber que tipo

de amor compartilhavam. Uma daquelas coisas raras, muito raras na vida, e ele era profundamente grato por isso. Jamais tivera um amor assim com ninguém em toda a

sua vida.

- E quer saber mais? Ele finalmente se divorciou.

- Previsível - Russ sorriu. - E agora ele queria sair com você outra vez. Certo?

Ela riu.

- Eu disse que teríamos prazer em vê-lo algum dia, e depois saí de fininho.

- Você é Uma feiticeira. Mas te amo assim mesmo. Como foi o tribunal hoje?

- Nada mau. Vou julgar um caso interessante, um caso industrial. Vai ser desagradável mas traz à tona alguns pontos e problemas técnicos interessantes. Como vai

seu caso monstro?

Ele sorriu.

- Finalmente estou trancando-o de volta na jaula. - Olhou para ela com uma expressão estranha. - Lee me telefonou.

- Como vai ela?

- Ótima. - Entreolharam-se. Havia algo diferente no ar.

- Russ, o que aconteceu? - Tana ficou preocupada, ele parecia tão estranho.

- Aconteceu. Finalmente fizeram isso comigo. Vou ser avô.

Parecia satisfeito e aborrecido ao mesmo tempo. Tana riu.

- Oh, não! Como é que ela pôde fazer uma coisa dessas com você?

- Exatamente o que eu disse a ela! - Então, ele sorriu outra vez. - Pode imaginar?

- Com dificuldade. Vamos ter de comprar uma cabeleira branca para você. Quando vai ser?

- Janeiro. Aparentemente perto do meu aniversário. Ou véspera de Ano-Novo ou coisa assim.

Afinal o bebê nasceu no dia de Ano-Novo e Russ e Tana concordaram que seria uma agradável aventura voar até Nova York para visitar a criança. Russ queria ver sua

primeira neta, outra menina como as duas filhas que tinha. Reservou uma suíte para os dois no Sherry Netherland. Lee estava no Hospital Lying-in em Nova

York, com

todo conforto, no melhor quarto que tinham, e a menininha era rosada e fofa. Russell fez todos os ruídos apropriados e quando voltaram para o hotel, Tana e ele fizeram

amor apaixonadamente.

- Pelo menos não estou ainda completamente acabado. Que tal fazer amor com um avô, meu amor?

- Melhor ainda do que antes.

Mas havia algo estranho nos olhos dela e Russ percebeu. Ficou muito quieto, abraçou-a com força, os corpos nus se tocando, ele sentindo a sensualidade da pele macia

de Tana, mas preocupado com ela. Às vezes, quando alguma coisa a preocupava muito, Tana se fechava, como estava fazendo agora.

- O que há, minha querida? - Murmurou perto do ouvido dela e Tana voltou-se surpresa.

- Por que pensa que há alguma coisa?

- Eu sei muito bem. Não pode enganar um velho como eu. Pelo menos não quando ele te ama tanto quanto te amo.

Tana tentou negar por muito tempo e então, para espanto dele, cedeu e começou a chorar nos braços do marido. Algo na visita a Lee e à criança a tinha envolvido em

uma dor imensa… um vazio… mais terrível do que todos os que já havia sentido. Russ olhou para ela, atônito com as emoções que estavam surgindo, e Tana mais espantada

do que ele. Nunca, nunca se sentira assim, antes.

- Você quer um filho, Tan?

- Não sei… Nunca senti isto antes… tenho quase quarenta anos… muito velha para começar… - Mas subitamente desejou um filho mais do que tudo no mundo e as

palavras de Harry voltaram à sua mente outra vez.

- Por que não pensa no assunto e conversamos outra vez?

E durante o mês seguinte a visão de Lee com a filha perseguiu Tana. E de repente, depois que voltaram para casa, ela começou a ver mulheres grávidas por toda parte

e bebês em carrinhos em cada esquina; era como se o mundo todo tivesse filhos, menos ela… e sentia uma inveja e uma solidão que nem podia descrever. Russell percebeu

mas não tocou mais no assunto até seu aniversário de casamento, e então Tana respondeu bruscamente, o que não era comum. Era como se fosse doloroso demais para ela

falar sobre aquilo.

- Você disse que está muito velho para isso. E eu também.

- Não se realmente quiser. Pode parecer um tanto tolo para mim, a princípio, mas

tenho certeza de que posso me ajustar. Outros homens formam uma segunda família

na minha idade, mais velhos até… muito mais velhos - disse ele sorrindo.

Russ também se surpreendeu com a própria reação ao

bebê nos braços de Lee e depois nos dele. Não se importaria absolutamente. E um filho de Tana significaria um mundo para ele. Mas ela ficava cada vez mais sensível

ao assunto e Russ desistiu de falar a respeito. Em março foram novamente ao México e tiveram uns feriados fabulosos. Nadaram, pescaram e tomaram banho de sol na

praia. Tana simplesmente se transformou em turista dessa vez, embora não estivesse se sentindo muito bem quando voltaram.

- Acho que você anda trabalhando demais.

Ela teve gripe durante quase três semanas e finalmente Russ insistiu para que consultasse um médico.

- Não tenho tempo para isso.

Mas andava muito cansada e desanimada e com tanto enjôo que foi ao médico e recebeu o maior choque da sua vida. Era o que ela tão desesperadamente desejava, e agora,

de repente, estava ali. Tana ficou apavorada. Não tinha tempo para aquilo. Tinha um cargo importante. Ia ficar ridícula… jamais quis aquilo… Russ ia ficar preocupado

com ela… Tana ficou tão atordoada que só foi para casa depois das sete horas naquela noite e Russ percebeu que havia alguma coisa muito errada assim que a viu.

Mas deixou que ela se descontraísse um pouco, preparou uma bebida, abriu uma garrafa de Château Latour para jantar, mas Tana não tomou nem um gole e estava tensa

ainda quando subiram para a sala de estar, com uma expressão estranha nos olhos. Russ estava começando a ficar extremamente preocupado e assim que Tana se sentou,

ele sentou-se ao lado dela.

- Muito bem, agora conte o que aconteceu com você hoje. Perdeu o emprego ou seu melhor amigo?

Tana sorriu timidamente e se descontraiu visivelmente quando Russ segurou a mão dela.

- Você me conhece muito bem.

- Então faça o favor de confiar em mim.

- Não posso.

Tana tinha resolvido. Não ia ter o filho. Mas Russ não ia deixar as coisas assim. Sua voz se ergueu ameaçadora, apareceu o famoso franzido na testa e seus joelhos

teriam

tremido se não o conhecesse como conhecia. Tana riu.

- Sabe de uma coisa, você fica assustador quando faz essa cara.

Russ riu impaciente.

- É justamente essa minha intenção. Agora, fale comigo, que diabo. O que está acontecendo com você?

Tana olhou fixamente para o marido por um longo tempo, abaixou os olhos, ergueu-os outra vez.

- Não vai acreditar, meu bem.

- Você quer o divórcio?

- Não. Naturalmente que não - Tana sorriu. De certo modo ele sempre fazia com que tudo parecesse menos terrível. Estivera histérica o dia todo e agora Russ a fazia

rir.

- Está tendo um caso?

- Errado outra vez.

- Foi expulsa do cargo?

- Pior do que isso. - Tana estava começando a ficar séria outra vez porque, para ela, significava a mesma coisa. Como ia poder ficar no cargo com aquilo? Então seus

olhos se encheram de lágrimas e olhou para ele. - Estou grávida, Russ…

Por um momento tudo parou em volta deles e de repente ele a tomou nos braços, rindo e sorrindo, como se fosse motivo de comemoração e não de suicídio.

- Oh, minha querida… estou tão contente.

Russ era a própria imagem da felicidade e Tana arregalou os olhos.

- Está mesmo? Pensei que não queria filhos. - Estava atónita. - Nós concordamos…

- Deixe isso. Nosso bebé vai ser tão bonito… uma menininha igual a você.

Russ nunca tinha sentido tanta felicidade e a abraçou com força enquanto Tana franzia a testa muito infeliz. Era o que queria, mas agora que estava acontecendo não

conseguia imaginar tudo aquilo, a não ser sob o pior ângulo.

- Mas vai estragar tudo.

Tana estava quase chorando outra vez e Russ ansioso para consolá-la.

- O quê, por exemplo?

- Meu emprego. Como posso ser juíza amamentando um bebé?

Russ riu imaginando a cena.

- Seja prática. Você trabalha até o último dia e depois tira seis meses de licença. Arranjamos uma boa enfermeira e você volta ao trabalho.

- Fácil assim? - Tana estava chocada.

- Pode ser fácil se você quiser, meu amor. Não há nenhuma razão para não ter uma carreira e uma família. Pode dar um pouco de trabalho às vezes, mas pode ser feito

com um pouco de criatividade.

Sorriu para ela e um longo sorriso começou a aparecer nos olhos de Tana. Talvez ele estivesse certo e se estivesse… se fosse possível… era o que Tana desejava

mais do que qualquer coisa no mundo, e ela queria as duas coisas. Durante anos tinha pensado que só podia ter uma delas… Mas agora, queria algo mais do que seu

trabalho… queria Russ… queria o filho dele… queria tudo… e subitamente, o vazio que vinha sentindo há meses, aquela dor, aquele vácuo terrível, desapareceu…

- Tenho tanto orgulho de você, minha querida. Tana olhou para ele e as lágrimas correram pelo seu

rosto.

- Tudo vai dar certo, você sabe… e você vai ficar maravilhosa.

- Ah! - Tana riu. - Já engordei três quilos.

- Onde?

Fazendo cócegas e brincando com ela, Russ começou a procurar os três quilos e Tana ria nos braços dele.

Capítulo 19

A juíza caminhou lentamente para sua cadeira, sentou-se cautelosamente, bateu duas vezes com o martelo e mandou prosseguir com a agenda daquela manhã. Seu assistente

levou-lhe uma xícara de chá às dez horas, e quando se levantou para o recesso, ao meiodia, mal conseguiu andar até sua sala particular. O bebé já estava nove dias

atrasado. Tana tinha planejado parar de trabalhar duas semanas atrás, mas estava com tudo tão organizado em casa que resolveu ir até o fim. Seu marido a apanhou

na porta do tribunal naquela noite, abrindo a porta e sorrindo para ela.

- Como passou hoje?

O orgulho era visível nos seus olhos e Tana sorriu. Fora um período muito bonito para eles, mesmo os nove dias extras. Tana aproveitou a oportunidade para

passar

mais tempo sozinha com ele, embora tivesse de admitir que se sentia terrivelmente desconfortável. Seus tornozelos pareciam postes de luz às quatro horas daquela

tarde e era difícil ficar sentada tanto tempo, mas não tinha nada melhor para fazer.

Tana suspirou.

- Bem, o veredicto foi dado. Acho que devo desistir no fim desta semana, quer o bebé chegue ou não. O que acha?

Russ sorriu, dirigindo o Jaguar que acabava de comprar.

- Acho que é uma ótima idéia, Tan. Pode ficar descansando durante alguns dias.

- Imagine só.

Mas não teve tempo para descansar. A bolsa de água se rompeu às oito horas daquela noite e Tana subitamente voltou-se para Russ, apavorada. Sabia que ia acontecer,

mas estava acontecendo agora e Tana teve uma vontade enorme de fugir, mas não tinha para onde. Seu corpo a acompanharia por toda parte. Mas Russ percebeu o que ela

estava sentindo e procurou tranqüilizá-la.

- Tudo vai dar certo.

- Como você sabe? - Tana perguntou agressiva. - E se eu precisar fazer uma cesariana? Cristo, tenho cem anos de idade, pelo amor de Deus.

Tana tinha quarenta anos e quatro meses. De repente olhou para Russell e começou a chorar. Estava apavorada e as contrações começaram quase imediatamente depois

da ruptura da bolsa.

- Quer se deitar aqui por algum tempo, Tana, ou prefere ir para o hospital?

- Quero ficar aqui.

Russ telefonou para o médico, deu a ela um copo de refrigerante, ligou a televisão nos pés da cama e sorriu. Ia ser uma grande noite para eles, e esperava que tudo

corresse bem. Tinha confiança e estava muito nervoso. Tana insistira em fazer com ele o treinamento de parto sem dor, e embora ele não tivesse assistido ao nascimento

das suas filhas há tantos anos, estaria com Tana agora. Tinha prometido e mal podia esperar. Tana fizera aminiocentese há cinco meses, mas não quiseram saber o sexo

da criança. E Russ sentia uma excitação crescente nos dois. À meianoite Tana já tinha dormido um pouco e estava controlada outra vez. Sorriu para ele e Russ começou

a marcar o tempo de intervalo entre as dores e às duas horas telefonou para o médico novamente e dessa vez ele os mandou ir para o hospital. Russ apanhou no armário

a maleta de Tana que estava arrumada há semanas, ajudou-a a entrar no carro e a descer no hospital. Tana mal podia andar e as contrações tomavam toda a sua atenção

e exigiam toda ajuda dele, mas nem se comparavam com o que sentiu três horas

mais tarde quando passou para a fase de transição. Estava se contorcendo de dor na cama, agarrando-se ao braço dele e Russ sentiu que o pânico o dominava. Não esperava

que fosse assim, uma agonia tão grande, e às oito horas da manhã o bebé ainda não tinha nascido. O sol estava alto no céu, e Tana estava ali ofegante, olhos apavorados,

fixos nele, como se Russ pudesse fazer alguma coisa. Mas tudo o que podia fazer era respirar com ela e segurar sua mão e dizer o quanto se orgulhava dela e

então,

às nove horas, todo mundo começou a correr de um lado para o outro. Tana foi levada para a sala de parto, ergueram suas pernas, prenderam-nas à mesa e Tana gritou

com o recomeço da dor. Era a pior dor que já sentira e tinha a impressão de estar mergulhando na água enquanto se agarrava a Russ e o médico dizia para ajudar, e

Russell chorava e Tana compreendeu que não podia suportar mais. Queria morrer… morrer… mor…

- Estou vendo a cabeça… oh, meu Deus… querida… ele está aqui…

E de repente um rostinho vermelho apareceu, Russell soltou uma exclamação, Tana olhou para ele e fez uma força feroz, empurrando o bebé para fora do seu ventre,

e o médico o segurou e aquela coisinha começou a chorar. Cortaram o cordão, ataram, limparam o bebé rapidamente, aspiraram seu nariz, enrolaram-no em um cobertor

bem quente e o entregaram para Russ.

- Seu filho, Russ.

O médico sorriu para os dois. Tinham trabalhado tanto por tanto tempo e Tana sorriu vitoriosamente para ele.

- Você foi maravilhoso, querido. - A voz de Tana estava rouca e o rosto pálido e Russ a beijou ternamente.

- Eu fui maravilhoso?

Estava profundamente impressionado com o que tinha visto. O maior milagre que já assistira. E com quarenta anos, Tana tinha tudo agora. Olhou para ele. Tudo que

havia desejado… tudo… seus olhos se encheram de lágrimas, estendeu a mão e

Russ colocou o bebé gentilmente nos braços dela, como o havia posto no seu ventre.

- Oh, ele é tão bonito…

- Não. - Russell sorriu para ela através das lágrimas. - Você é bonita, Tan. É a mulher mais bonita do mundo. - Olhou para o filho. - Mas ele é engraçadinho.

Harrison Winslow Carver. Tinham concordado há muito tempo. Ele chegou ao mundo abençoado pelo nome, pela vida, pelo amor.

Tana foi levada de volta ao quarto um pouco antes do meiodia e estava certa de que nunca mais ia querer passar por aquilo, mas estava contente por ter conseguido

dessa vez. Russell ficou com ela até adormecer, o bebê no bercinho ao seu lado e Tana, limpa agora, sonolenta e cheia de amor por ele. Abriu os olhos, saindo da

sonolência provocada pela injeção contra a dor que tomara depois do parto.

- Eu te amo tanto, Russ…

Ele assentiu com a cabeça, sorriu, seu coração para sempre dela depois daquela noite.

- Quietinha… durma agora… eu também te amo…

Capítulo 20

Quando o pequenino Harry fez seis meses, Tana olhou para sua agenda com desespero. Precisava voltar ao trabalho na semana seguinte. Havia prometido e estava quase

na hora, mas o bebê era tão fofo e ela adorava passar as tardes com ele. Davam longos passeios, ela ria quando ele sorria. Até visitaram Russ no escritório certo

dia. Era uma vida de lazer que Tana não conhecia e detestava ter de deixá-la, mas não estava preparada ainda para deixar a carreira.

E, quando voltou, ficou satisfeita por não ter desistido. Era bom estar de volta. Os casos, os veredictos, o júri, as decisões, a rotina. Era incrível como os dias

passavam depressa e como ficava ansiosa para chegar em casa à noite para Harry e Russ. Às vezes encontrava Russ já em casa com o filho, brincando no tapete da sala.

Harry era um prazer para os dois e como se fosse a primeira criança nascida no mundo para eles. Lee comentou, brincando, quando foi visitá-los com Francesca, sua

filha, e ela já estava esperando outro:

- E você, Tan?

- Escute, na minha idade? Harry já chegou como milagre. Não vamos abusar da sorte, muito obrigada.

E embora a gravidez tivesse sido fácil, o parto fora muito pior que ela esperava. Porém, com o tempo, nem isso parecia tão terrível. E estavam perfeitamente felizes

com o bebê.

- Se eu tivesse a sua idade, talvez tentasse, Lee, mas mesmo assim… não se pode ter tudo, a carreira e dez filhos.

Mas isso não assustava Lee. Continuava trabalhando e, mesmo com o segundo a caminho, pretendia trabalhar até o fim e voltar depois de algum tempo. Acabava de ganhar

o prêmio Coty e não ia desistir agora. Não via razão para isso. Podia fazer as duas coisas, então, por que não?

- Como foi o seu dia, querido?

Jogou a pasta na cadeira e se inclinou para beijar Russ que estava com o bebê nos braços, e Tana olhou para o relógio. Estava ainda amamentando três vezes por dia.

De manhã, no fim da tarde e à noite e queria saber quando ele tinha tomado a última refeição. Gostava daquela aproximação com o filho, os momentos silenciosos no

quarto dele às três horas da manhã, quando só ela e Harry estavam acordados. Tinha a sensação de estar colaborando para o bem-estar dele, além dos outros benefícios

da amamentação.

— Acha que teria importância se eu o amamentasse até os 12 anos? - Perguntara a Russ certo dia e ele riu.

Levavam uma vida tão boa juntos. Valeu a pena ter esperado, não importava por quanto tempo. Pelo menos era o que Tana pensava agora. Estava com 41 anos e Russ com

52.

- Sabe, você parece cansada, Tan. - Russ olhou atentamente para ela. - Talvez a amamentação seja demais para você, agora que está trabalhando.

Tana lutou contra a idéia mas concordou com ele e nas próximas semanas, aos poucos, seu leite foi secando. Era como se seu corpo não quisesse mais amamentar Harry.

E quando foi ao médico para um checkup, ele a pesou, examinou, apalpou seus seios e então pediu um exame de sangue.

- Alguma coisa errada? - Tana olhou para o relógio. Precisava estar no tribunal às duas horas.

- Só quero verificar uma coisa. Telefono esta tarde. De um modo geral o médico achou que ela estava bem

e Tana não se preocupou. Voltou correndo para o tribunal e, quando às cinco horas o assistente a chamou, lembrou-se de que esperava o telefonema do médico.

- Ele disse que quer falar com a senhora.

- Obrigada.

Apanhou o telefone, riscando algumas linhas que acabava de escrever e ouviu o que ele dizia, então ficou imóvel. Não podia ser. Ele devia estar enganado. Tinha amamentado

até a semana anterior… não tinha… sentou na cadeira bruscamente, agradeceu ao médico e desligou. Estava grávida outra vez. E Harry era maravilhoso mas Tana não

queria outro. Estava muito velha para isso… Tinha sua carreira… desta vez tinha de se livrar… era impossível… não sabia o que fazer. Naturalmente tinha uma

escolha, mas o que ia dizer para Russ? Que tinha abortado o filho dele? Não podia. Não dormiu naquela noite, resistindo cada vez que ele perguntava o que a estava

preocupando. Desta vez não podia contar. Estava tudo errado… era velha demais… a carreira significava muito para ela… mas

ela ia continuar com sua carreira

depois do segundo filho… ou isso não significava nada? Devia renunciar ao cargo de juiz? Será que no fim as crianças iam ser muito mais importantes para ela? Sentia-se

dividida entre mil pensamentos e quando acordou parecia um verdadeiro pesadelo. Russ olhou para ela na hora do café e a princípio não disse nada. Então, um pouco

antes de sair, perguntou:

- Tem compromisso para o almoço hoje, Tan?

- Não… não que eu saiba… - Mas não queria almoçar com ele. Precisava pensar.
- Tenho de ver alguns papéis que estão na minha mesa. - Evitou os olhos dele.

- Mas precisa comer. Eu levo uns sanduíches.

- Ótimo.

Tana sentia-se como uma traidora por não contar a ele, e foi para o trabalho com o coração pesado como chumbo. Ocupou-se com uma porção de coisas, dentro e fora

do tribunal, e às 11:00h ergueu os olhos e viu à sua frente um homem de olhar selvagem, uma juba de cabelos grisalhos despenteados que pareciam molas partidas. Ele

tinha colocado uma bomba na frente de um consulado estrangeiro e o caso precisava ser preparado para julgamento. Tana começou o procedimento de rotina e então, vendo

o nome dele,

ergueu os olhos com largo sorriso. E por motivos que ninguém entendeu no tribunal, declarou-se não qualificada para julgar aquele caso. O nome do homem era Yael

McBee, o amante radical e selvagem do seu último ano na Boalt. O garoto que tinha ido para a prisão por ter posto uma bomba na casa do prefeito. Tana verificou por

sua história que Yael estivera preso duas vezes. Como a vida era estranha. Há tanto tempo… imediatamente pensou em Harry… e a casinha engraçada onde tinham morado

juntos… e Averil tão jovem então… e a comunidade hippie que tinha visitado com Yael. Olhou para ele. Tinha envelhecido. Com 46 anos era um homem velho. Um homem.

E ainda lutando por suas causas de modo desordenado. O longo caminho que todos eles tinham percorrido… aquele homem com suas ideias malucas. Os documentos diziam

que era um terrorista. Um terrorista. E ela era uma juíza. Um caminho sem fim… e Harry tinha partido, e todas as suas idéias brilhantes um tanto apagadas, algumas

esquecidas, tantos que não existiam mais… Sharon… Harry… e novas vidas nos seus lugares… seu filho, o pequeno Harry, que tinha o nome do seu amigo, e

agora

este novo bebé no seu ventre… era estranho como a vida continuava, o quanto tinham caminhado, todos eles… Ergueu os olhos e viu o marido ali de pé, olhando para

ela, e Tana sorriu para ele e mandou retirar o caso de Yael McBee da sua corte, determinou o recesso para almoço e foi para sua sala particular com ele.

- Quem era ele? - Russ parecia divertido. Os dias de Tana tinham sido sem dúvida mais animados do que os dele e ela começou a rir.

- Chama-se Yael McBee, se significa alguma coisa para você. Eu o conheci na Boalt.

- Amigo seu? - Russ olhou para ela ironicamente e Tana riu.

- Acredite ou não, foi meu amigo.

- Você trilhou um longo caminho desde então, meu amor.

- Exatamente o que eu estava pensando. - Então, lembrou-se de outra coisa. Olhou para ele hesitante, imaginando qual seria sua reação. - Tenho uma coisa para te

contar.

Russ sorriu ternamente.

- Você está grávida outra vez. Tana arregalou os olhos e ele riu.

- Como sabe? Telefonou para o médico?

- Não, sou mais esperto do que isso. Descobri a noite passada e achei que ia me contar algum dia. Naturalmente está pensando agora que sua carreira terminou, que

vamos ter de entregar a casa, vou perder meu emprego, ou nós dois vamos perder nossos empregos…

Tana riu e seus olhos se encheram de lágrimas. Russ sorriu.

- Estou certo?

- Completamente…

- E já pensou por acaso que se pode ser juíza com um filho, pode ser juíza com dois? E uma boa juíza por sinal.

- Isso me ocorreu quando você entrou na sala.

- Ora, ora. - Ele se inclinou para beijá-la e trocaram um olhar que só a eles pertencia. - Vejam só…

Russ a beijou, o assistente entrou na sala e saiu depressa, sorrindo, e Tana silenciosamente agradeceu a suas estrelas pelo caminho que tinha percorrido, pelo homem

que tinha encontrado… pelas decisões que tinha tomado… de uma carreira sem um homem, sem filho, para tudo, o homem, a carreira e o filho. Tinha acrescentado

cada um deles como flores em um buquê, e agora ali estava com as mãos cheias, o coração repleto, fechando o círculo afinal.

fim do livro

*